

A AUSÊNCIA

MARY WESTMACOTT

(AGATHA CHRISTIE)

EDITORA NOVA FRONTEIRA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A AUSÊNCIA

MARY WESTMACOTT

(AGATHA CHRISTIE)

EDITORA NOVA FRONTEIRA

A Ausência

Agatha Christie escrevendo sob o nome
Mary Westmacott

Tradução de GUILHERME JOSÉ ABRAÃO

Título original em inglês ABSENT IN THE SPRING

EDITORA NOVA FRONTEIRA

Um

Joan Scudamore movia os olhos de um lado para o outro perscrutando atentamente, através da penumbra, o refeitório daquela casa de pernoite.

— Sem dúvida ela está aqui!... Não está... Mas tenho certeza de que ela deve estar aqui. Oh, ei-la aí, Blanche Haggard!

Interessante! Deu-lhe na cabeça sair deserto afora simplesmente para ver se, favorecida pelo acaso, se encontraria com uma sua amiga dos tempos de colégio que fazia tantos anos — oh, seguramente uns quinze — não via.

Inicialmente Joan ficou encantada com esse encontro. Sua índole natural era de mulher sociável que sempre encontrava prazer em acercar-se dos amigos e das pessoas das suas relações. Entretanto, logo em seguida começou a pensar consigo mesma: “Ela aparenta ter mais idade do que realmente tem. E aqui o vocábulo idade deve ser tomado na sua acepção literal porque a sua aparência de pessoa idosa era, de certa forma, acentuada. Em última análise: qual seria mesmo a idade dela? Quarenta e oito anos?”

Foi em decorrência natural desse pensamento que ela procurou, como que impelida a fazer um confronto, fixar os olhos sobre a sua própria figura, contemplando-se num espelho que, coincidentemente, pendia da parede ao lado da mesa.

O que ela viu chegou até a deixá-la mais bem humorada.

Até que estou bem conservada! — pensou Joan Scudamore.

De fato, diante do espelho surgiu a imagem de uma fina e elegante mulher de meia-idade, com a face completamente sem rugas e uns olhos azuis que inculcavam no seu semblante uma expressão bem agradável.

Joan vestia saia e um casaquinho simples e leve, bem apropriado para aquele clima. Levava consigo um tipo de mala com espaço capaz de conter as coisas imprescindíveis para uma viagem.

Joan Scudamore estava agora empreendendo a sua viagem de volta de Bagdá para Londres, seguindo até então por via terrestre. Ela chegara de trem na noite anterior. Era de sua intenção nesta noite dormir na casa de pernoite da própria estação ferroviária e prosseguir de carro sua viagem na manhã do dia seguinte.

Foi precisamente a súbita doença da sua jovem filha que motivou a sua saída a toda pressa da Inglaterra, pois ela sabia perfeitamente que William (seu genro) era muito indócil e intratável. Além disso, tinha ela uma exata compreensão do caos que surgiria num lar desprovido de eficiente orientação.

Felizmente agora tudo tinha ficado bem de novo. A criancinha, William e

Bárbara, que já estava em franca convalescença, entraram numa nova fase sem mais nenhum problema de monta, pois as coisas foram por Joan dispostas de maneira que a vida deles pudesse seguir o seu ritmo normal.

Graças à minha bondade — pensou Joan. — Eu sempre tenho que ter alguma preocupação pesando nos meus ombros.

William e Bárbara nem sabiam como expressar-lhe sua imensa gratidão. Insistiram para que ela ficasse e não se apressasse a voltar à Inglaterra. Mas ela, sempre sorridente, recusou, embora reprimindo os suspiros que a comoção lhe provocava. É que ela não podia deixar de levar em consideração também o pobre velho Rodney que ficara lá em Crayminster tão cheio de serviço que não tinha tempo nem para se coçar. Não havia ninguém que cuidasse dele a não ser os criados.

E, falando a pura verdade — pensou Joan — o que são os criados?

Bárbara dissera-lhe: “Seus criados, mamã, são excelentes. A senhora sabe escolhê-los e nunca descura do aperfeiçoamento deles”.

Ela sorriu modestamente, mas é claro que tais palavras lhe agradaram muito. Toda pessoa que faz ou diz algo gosta de ouvir a apreciação dos outros. E, às vezes, Joan se admirava pelo fato de sua família presumir que ela dirigia a casa com desembaraço, demonstrando sempre muito cuidado e zelo. Evidentemente, ela não tinha nenhuma crítica a fazer com relação à sua atitude. Tony, Averil e Bárbara sempre foram crianças encantadoras. Com muita razão Rodney e ela sentiam uma grande alegria com a educação dos seus filhos e com o progresso que eles haviam feito na vida.

Tony possuía grandes plantações de laranja na Rodésia. Averil, depois de ter dado aos pais uma certa preocupação passageira, firmou sua vida, tornando-se esposa de um rico e fascinante corretor da Bolsa.

O marido de Bárbara tinha um bom cargo no Departamento de Serviços Públicos do Iraque.

Seus filhos sempre foram lindas crianças, de aspecto sadio e de maneiras educadas e afáveis. Joan e Rodney bem que se sentiam felizes com a situação dos filhos e ela, intimamente, não deixava de pensar que, em grande parte, o sucesso deles era devido a ambos. No fim de contas, foram eles, os pais, que os criaram e educaram, tendo tido sempre um enorme cuidado para escolher, quando eles eram pequenos, as babás e as governantas. Depois, quando se tornaram maiores, os cuidados paternos redobraram na escolha de bons colégios. Ambos nunca deixaram de preocupar-se com a saúde, o bem-estar e a felicidade dos filhos.

Joan sentiu-se como que radiante de dignidade quando virou as costas para o espelho e passou a refletir: “Bem... é muito lindo e agradável para uma pessoa

quando ela nota que teve sucesso no seu trabalho. Eu nunca na minha vida quis seguir uma carreira ou coisa semelhante. Sempre me contentei em ser esposa e mãe. Casei-me com o homem que eu amava e ele fez progressos no seu serviço. E quem sabe se o sucesso dele não foi em grande parte devido a mim? É sabido que uma pessoa bem influenciada vai longe... Querido Rodney!" E seu coração pulsava de ansiedade simplesmente em pensar que bem breve ela estaria novamente vendo Rodney. Antes, ela nunca permanecera tanto tempo assim longe dele. Que vida feliz e tranquila eles sempre tiveram!

Tranquila... Bem, esta palavra talvez seja um tanto exagerada.

Numa família a vida não corre nunca com absoluta tranquilidade: férias, doenças infecciosas, encanamentos quebrados no inverno...

Sempre aparece alguma coisinha para atrapalhar. Mas que é a vida senão uma sequência de pequenos dramas?

Rodney sempre trabalhou em demasia. Talvez mais do que seria permitido pela sua saúde. Há seis anos ele esteve muito mal, completamente enfraquecido. Ele, nestes últimos tempos, não se encontra tão bem conservado como Joan, a qual sempre se lembra disto com um sincero sentimento de compaixão. Caminha um pouco curvado e muitos fios de cabelos brancos despontam na sua cabeça. A expressão do seu rosto é a de um homem cansado.

Mas, apesar de tudo, a vida deles foi uma vida calma. E, agora, com os filhos já casados e com os negócios da firma correndo bem (pois o novo sócio entrou com a sua parte em dinheiro), Rodney poderá levar a coisa com mais facilidade. Ambos terão tempo para divertir-se. É claro que eles também devem ter algum entretimento ou prazer na vida: passar, por exemplo, de tempos em tempos, uma ou duas semanas em Londres. Depois, Rodney poderá talvez dedicar-se ao golfe. Sim... ela nem pode imaginar por que, antes, não o aconselhou a praticar o golfe.

É um esporte tão saudável, especialmente para quem trabalha muito como ele.

Depois de ter a sua mente ruminado todos esses pensamentos, a senhora Scudamore fitou mais uma vez detidamente, através da penumbra do refeitório, a mulher que ela julgava ter sido sua antiga colega de colégio.

Blanche Haggard... Oh, como ela gostava de Blanche Haggard naqueles tempos em que ambas estavam no Colégio St. Anne. Não havia quem não fosse louco por Blanche. Ela sempre fora tão ousada, tão divertida... Até parece um ridículo contra-senso lembrar isto agora contemplando essa mulher magra e intranquila que foi envelhecendo no maior desleixo, negligenciando até os mínimos cuidados para melhorar a sua aparência. E dizer que usava outrora vestidos tão finos! Ei-la agora ali parecendo ter mais de sessenta anos.

Evidentemente — pensou Joan — ela sempre teve uma vida muito infeliz.

Nesse instante, uma súbita inquietação invadiu o seu espírito: tudo, naquele

ambiente, dava-lhe a impressão de não ser outra coisa senão um brinquedo sórdido e lúgubre. Surge de novo na sua mente a figura de Blanche com vinte e um anos, tendo o mundo a seus pés: boa aparência, boa posição, tudo o que desejasse. E não é que o destino lançou na sua vida, para sua desgraça, aquele indivíduo execrável: um veterinário... sim, parece-me, ele era veterinário. Um veterinário casado, o que era pior. As pessoas da sua família, com relação a este namoro, haviam-se comportado com uma louvável atitude de firme oposição. No intuito de desviá-la daquele sujeito levaram Blanche para fazer um agradável cruzeiro pelo mundo. E Blanche o que fez? Num porto qualquer, na Argélia ou em Nápoles, escapou do navio e voltou para juntar-se com o seu veterinário. Por essa época, sem dúvida, ele já tinha perdido a sua aptidão profissional e começara a beber. Sua esposa não quis divorciar-se dele. Então saíram de Crayminster e, durante muitos anos, Joan não mais ouviu falar de Blanche.

Certo dia, casualmente, uma cruzou pela outra na loja Harrods em Londres, quando entravam na seção de calçados. Após um dialogozinho discreto (discreto apenas da parte de Joan, pois Blanche nunca soube guardar discrição) ela ficou sabendo que Blanche, a esta altura, estava casada com um homem chamado Holliday, que trabalhava numa companhia de seguros.

Entretanto Blanche achava que muito breve ele iria deixar este serviço porque pretendia escrever um livro sobre Warren Hasting.

Queria dedicar integralmente o seu tempo a essa obra e não somente as horas que lhe sobrassem ao chegar em casa de volta do escritório. Joan disse-lhe, a título de simples comentário, que era de supor ter ele feito boa economia ou, então, já possuir recursos próprios de monta.

Blanche, entretanto, replicou-lhe cordialmente que seu marido não economizara nem um centavo sequer e que não possuía nada. Joan, portanto, passou a ponderar que, em tal hipótese, não achava muito prudente a sua saída do emprego, a menos que ele tivesse absoluta certeza do sucesso do livro que pretendia escrever. Recebeu ele o encargo de escrever essa obra? “Oh, coitada de mim! — respondeu Blanche sempre falando num tom de cordialidade. Não, ele não foi incumbido por ninguém.” Adiantou mais que ela; na realidade, não acreditava no êxito do livro, pois que, embora Tom fosse muito sagaz e concentrasse toda a sua habilidade nessa tarefa, na verdade não sabia escrever bem. Ante tal afirmativa de Blanche, Joan aconselhou-a, com certa veemência, a que firmasse pé, procurando dissuadi-lo desta idéia.

Blanche arregalou os olhos e declarou simplesmente: “Mas o pobrezinho quer escrever esse livro. É o seu maior desejo neste mundo”.

Joan, como que insistindo no seu conselho, prosseguiu: “Há momentos em que uma pessoa tem que ter sabedoria para duas”.

Blanche, sorrindo, declarou: “Jamais consegui ter sabedoria para mim própria”.

Refletindo sobre estas últimas palavras da amiga, Joan pôde certificar-se de que ela, infelizmente, dissera a pura verdade.

Um ano depois ela viu Blanche num restaurante, acompanhada de certa mulher de aspecto vistoso e de dois homens de aparência deslumbrante. A partir daí, então, só teve notícias de Blanche cinco anos mais tarde, quando ela lhe escreveu pedindo um empréstimo de cinquenta libras. Alegou ela que seu menino teria que submeter-se a uma intervenção cirúrgica. Joan remeteu-lhe vinte e cinco libras e escreveu-lhe uma carta amável, pedindo informações acerca da doença do menino. A resposta veio num cartão-postal em que ela rabiscara as seguintes palavras: “Tudo de bom para você, Joan! Eu tinha certeza de que você não me deixaria de mão abanando”.

Em certo sentido, eram palavras de gratidão, mas — convenhamos — não plenamente satisfatórias. Depois disso, silêncio!

Finalmente, agora, nesta casa de pernoite de uma estação ferroviária do Oriente Próximo, à luz da chama bruxuleante de um lampião a querosene naquele refeitório invadido pelo cheiro fétido de gordura rançosa de carneiro misturado com o cheiro de petróleo e do inseticida que havia sido borrifado, eis que se encontra diante de mim a minha amiga de tantos anos atrás, incrivelmente envelhecida, usando uma roupa que tornava a sua aparência tão grosseira.

Blanche, primeiro, terminou o seu jantar. Exatamente quando se aprestava para sair foi que viu Joan. Chegou quase a cair pelo impacto da surpresa.

— Santo Moisés, é Joan!

Passados alguns segundos, Blanche puxou uma cadeira para perto de Joan e ficaram as duas batendo um papo. Disse Blanche:

— Como você está bem conservada, minha querida! Você não aparenta ter mais de trinta anos. Onde esteve durante todos esses anos? Conservada numa câmara fria?

— Ora, não fale assim, Blanche. Eu sempre estive em Crayminster.

— Nascida, criada, casada e enterrada em Crayminster.

— Acha você que isto revela um péssimo destino? — perguntou Joan com um sorriso nos lábios.

Blanche, com o semblante sério, sacudiu a cabeça respondendo:

— Não, absolutamente. Eu diria mesmo que é um destino muito lindo. Mas... como vão as suas crianças? Você tem filhos, não é verdade?

— Sim, três. Um homem e duas mulheres. O filho está na Rodésia. As filhas já estão casadas. Uma delas mora em Londres. Estou exatamente regressando da visita que fiz à outra minha filha que reside em Bagdá. O nome dela é Wray —

Bárbara Wray.

Blanche, fazendo um expressivo movimento com a cabeça, diz:

— Eu já a tenho visto. É uma bela criatura. Mas casou-se muito jovem, você não acha?

— Não penso assim — retrucou Joan, resoluta. — Todos nós gostamos muito de William e eles são felizes na sua vida conjugal.

— Sim. Parece que agora eles estão firmes e bem equilibrados na vida. O filhinho deles sem dúvida muito cooperou para que eles sentassem a cabeça. A existência de filhos sempre contribui para que as pessoas se tornem mais ajuizadas e regradas na vida. (Neste ponto Blanche passou a se expressar com mais ponderação, como que pesando as palavras.) Isto não quer dizer que a existência de filhos me tenha feito criar juízo, tornando-me uma pessoa mais equilibrada. Eu gostava muito das minhas duas crianças — Len e Mary. Mas, apesar disso, quando Johnnie Pelham veio ter comigo eu fui embora com ele, abandonando as crianças sem pensar duas vezes.

Joan encarou-a com um ar de desaprovação, passando a falar-lhe com certa veemência nas palavras:

— Francamente, Blanche... Como pôde você fazer isso?

— Sou uma mulher ruim e podre, não é? Na verdade, eu sabia que as crianças ficariam muito bem com Tom. Ele sempre as adorou. E ele tinha-se casado com boa mulher, muito dedicada ao lar. Ela se adaptava a ele melhor do que eu. Procurava fazer boa comida e remendava as camisas e as cuecas dele. Meu querido Tom! Ele nunca passou de um pobre bicho. Depois disso tudo, durante alguns anos ainda, ele me enviava os cartõezinhos de Natal e de Páscoa. Era uma gentileza da parte dele, você não acha?

Joan não lhe deu resposta. Estava com o cérebro abarrotado de pensamentos que produziam na sua mente um verdadeiro conflito. O principal desses pensamentos, o que a deixava deveras numa angustiosa situação de dúvida, era saber se esta — sim, esta mulher que ali estava conversando com ela — seria de fato Blanche Haggard, aquela moça tão espirituosa e alegre que tivera tão boa educação e que sempre se sobressaíra no Colégio St. Anne. Seria mesmo Blanche Haggard esta mulher desleixada e porca que ali falava com ela revelando, sem nenhum escrúpulo nem vergonha, os fatos mais sórdidos da sua vida com uma linguagem tão baixa? Como poderia ela ser Blanche Haggard, a moça que conquistara um prêmio no St. Anne pelos seus conhecimentos de inglês?

Blanche retomou o fio da conversa:

— Vejam só... Então a pequena Bárbara Wray é sua filha, Joan? Isto realmente demonstra como as pessoas podem, às vezes, considerar erradamente os fatos.

Qualquer criatura teria metido dentro do crânio a idéia de que Bárbara era tão infeliz na sua casa paterna que se casou com o primeiro homem que lhe apareceu convidando-a para ir embora.

— Que coisa ridícula! De onde surgiu esta conversa?

— Nem posso fazer a mínima idéia. Só sei dizer que tenho certeza de uma coisa, Joan: você tem sido sempre uma admirável e zelosa mãe. Jamais poderia conceber você como mulher áspera e sem carinho.

— É bondade da sua parte, Blanche. Todavia, julgo poder afirmar, com satisfação e alegria, que sempre temos procurado dar aos nossos filhos um lar bem feliz e que nunca descuramos do bem-estar deles. Eu acredito ser muito importante que uma pessoa seja amiga dos seus filhos. Você me compreende, não é?

— Seria uma coisa muito bela. Mas é preciso ver se todas as pessoas podem realmente ser amigas dos seus filhos.

— Oh, que dúvida! Eu acho que pode, sim. Basta que você relembre a sua mocidade e se coloque no lugar deles.

Joan, curvando-se um pouco, aproximou o rosto fascinante ao da sua amiga de outros tempos, dizendo-lhe séria:

— Eu e Rodney sempre temos procurado fazer isso, — Rodney?! Deixe-me pensar... Você casou-se com um solicitador judicial, não é? De fato, agora estou me lembrando: estive uma vez no escritório dele. Foi na época em que Harry estava tentando divorciar-se da sua horripilante esposa. Acho que foi o seu marido quem nos atendeu... Sim, Rodney Scudamore. Era um homem extraordinariamente simpático, amável e dotado de muita compreensão. E você continuou vivendo com ele todos esses anos? Não há nenhum casinho recente? Algum novo amor fresquinho?

Joan retrucou-lhe resoluta, não ocultando uma certa aspereza em suas palavras:

— Nenhum de nós nunca desejou ter um novo amor fresquinho.

Rodney e eu sempre temos nos contentado perfeitamente um com o outro.

— É claro!... Você foi sempre tão fria como um peixe. Joan. Contudo eu diria que seu marido possui um olhar irrequieto de galanteador.

— De fato, Blanche. Ele é assim mesmo.

Joan chegou a ficar com a face enrubescida de tanta raiva. Ora vejam só! Um olhar irrequieto de galanteador. Rodney!

De inopino e de modo destoante, perpassou-lhe pela mente, num lampejo, o vislumbre daquelas palavras inscritas numa estreita faixa que ela percebera, numa visão, ainda ontem, a cruzar serpenteante os trilhos empoeirados diante do seu vagão. Este seu súbito pensamento fluiu com a mesma rapidez daquelas

letras entrelaçadas, de um verde reluzente, as quais, vistas de esguelha, desapareceram antes que pudessem ser totalmente lidas. Ela notara nitidamente três palavras: A JOVEM RANDOLPH...

A rapidez com que a faixa passou não permitiu observar as restantes palavras da frase.

Blanche, agora, demonstrava estar visivelmente arrependida do que dissera.

— Sinto muito, Joan. Perdoe-me. Vamos tomar um café na outra sala. Como você bem sabe, eu sempre tive pensamentos vulgares.

— Oh, não! — protestou Joan visivelmente melindrada. Blanche parecia estar alegre.

— Oh, sim, minhas idéias sempre foram vulgares. Você não se lembra daquela vez que eu saí furtivamente para me encontrar com o filho do padeiro?

Joan chegou a estremecer ficando como que em sobressalto. Ela até já havia esquecido este incidente. Na época parecia ter sido uma façanha ousada... e até mesmo romântica. Mas, na realidade, não passava de um episódio vulgar e desagradável.

Blanche, depois de ter sentado numa cadeira de vime e de ter pedido ao garçom que trouxesse o café, ficou rindo consigo mesma.

— Eu devo ter sido um espécime horrivelmente precoce. Sempre gostei demasiadamente de homens. É só escolhi canalhas e borra-botas. Primeiro, foi Harry. Até que não me dei muito mal com ele, apesar da sua aparência medonha. Depois veio Tom, que nunca teve muita importância para mim, embora eu gostasse dele em certo sentido, Johnnie Pelham... este sim me proporcionou alguma felicidade enquanto vivemos juntos. Gerald não foi muito bom nem...

Nisto chega o rapaz que trazia o café, interrompendo esta conversa que Joan não podia conceber senão como um desfiar de nomes que evocavam detestáveis e repugnantes aventuras amorosas.

Blanche deu-se conta da inconveniência de sua atitude.

— Desculpe-me, Joan, pelo espanto que lhe causei. Você ainda se acha imbuída de puritanismo, não é?

— Oh, espero estar sempre pronta a ter um ponto de vista bem tolerante.

Joan forçou um sorriso amável e, um tanto desconcertada, acrescentou:

— Eu apenas quis dizer que sinto... que sinto tanta pena...

— Pena de mim?

Blanche quase teve vontade de gracejar ante tal idéia.

— É muita gentileza da sua parte, querida, mas não se inculque nenhum sentimento de piedade com relação à minha pessoa. Tenho me divertido muito durante toda a minha vida.

Joan não pôde deixar de, com um súbito olhar, fitá-la de soslaio. Teria

Blanche alguma noção consciente da sua deplorável aparência? Do seu penteado mal feito? Das suas roupas quase imundas? Do seu rosto envelhecido? Será que ela não percebia que era uma velha vincada por uma ignominiosa vida de cigana?

Repentinamente, Blanche tomou um ar sério e começou a falar com certo comedimento nas palavras:

— Sim, você está perfeitamente certa, Joan. Você fez progresso na sua vida. E eu... Bem, eu, com a minha, só fiz atrapalhadas. Eu decaí muito na vida e você... Não, você ficou onde estava!... Uma aluna do St. Anne, que se casou com o tipo de homem adequado. Você continua sendo um padrão de glória da velha escola!

Tentando fazer, agora, com que o diálogo se concentrasse no único ponto que ambas tinham em comum, Joan prosseguiu:

— Eram bons tempos aqueles, não é verdade?

— Mais ou menos. — Blanche não parecia muito propensa a prodigalizar elogios ao seu passado. — Eu às vezes vivia chateada. Na verdade tudo era muito vistoso e alegre. Mas eu queria sair e conhecer o mundo. Bem... — Torceu sarcasticamente a boca. — E eu o fiquei conhecendo, de fato!

Só neste momento Joan percebeu o motivo da presença de Blanche naquela casa de pernoite.

— Está você voltando para a Inglaterra, Blanche? Vai partir amanhã cedo pelo trem?

Ao formular-lhe esta pergunta, seu coração acelerou um pouco.

Na verdade ela não queria Blanche como companheira de viagem. Para um encontro rápido e ocasional, vá lá... Entretanto ela não tinha muita certeza de poder continuar simulando essa atitude de franca amizade durante todo o percurso da viagem de regresso à Europa. É claro que o diletantismo ocasionado pela evocação dos velhos tempos se dissiparia logo, como que diluído.

Blanche sorriu-lhe.

— Não, minha viagem é em sentido contrário. Vou a Bagdá para me encontrar com meu marido.

— Seu marido?!

Joan ficou deveras surpreendida por ter Blanche falado em algo tão respeitável quanto um marido.

— Meu marido, sim! Ele é engenheiro da estrada de ferro.

Donovan é o seu nome.

— Donovan? — Joan balançou a cabeça. — Não creio ter eu alguma vez me deparado com ele, ainda que por acaso.

Blanche sorriu novamente.

— E você não poderia mesmo nunca ter-se encontrado com ele, querida... pois

ele pertence a um nível social diferente do seu. Bebe como uma esponja. Mas tem um coração de criança. Poderá até causar-lhe espanto o que vou lhe segredar agora: ele sempre diz, com toda a sinceridade, que eu sou tudo para ele na vida.

— E ele deve dizer isso mesmo — retrucou Joan com lealdade e polidez.

— Minha velha Joan... Sempre fazendo o seu joguinho com pau de dois bicos, não é? Você deve estar sumamente satisfeita pelo fato de eu não lhe fazer companhia durante o resto da sua viagem. Eu poderia mesmo quebrar o seu espírito cristão, viajando em sua companhia durante cinco dias. Não tenha o constrangimento de querer contestar. Eu bem compreendo a transformação que sofri: tornei-me grosseira e sem refinamento espiritual. É exatamente isto que você pensa de mim. Bem, paciência ... Neste mundo há coisas ainda piores...

Joan intimamente duvidava de que pudesse haver algo pior do que o estado de Blanche. Para ela a decadência da sua velha amiga caracterizava-se como uma verdadeira tragédia.

Blanche prosseguiu:

— Desejo-lhe que faça uma boa viagem, embora eu tenha lá minhas dúvidas... Parece-me que as chuvas vão começar. Se isto acontecer, você forçosamente ficará retida durante dias a milhas de distância da mais próxima localidade de relativa importância.

— Que isto não me aconteça, pois transtornará o prosseguimento da minha viagem no trem em que já tenho as passagens reservadas.

— Sem dúvida. Mas deve-se considerar, também, que as viagens através do deserto raramente podem ser efetuadas com a estrita observância dos horários. Depois que você tiver atravessado os leitos dos rios, que nesta época do ano fazem vau, tudo correrá bem e será mais fácil a viagem. Os condutores do carro, evidentemente, deverão estar bem abastecidos de alimentos e de água. Todavia, não deixam de ser momentos incômodos aqueles que a gente tem de passar retida num lugar onde não se tem outra coisa a fazer senão meditar.

Joan sorrindo, respondeu:

— Deve ser até bem divertida essa mudança no ritmo de vida de uma pessoa. Você bem sabe que quem toma conta de uma casa quase nunca tem tempo para descansar à vontade. Várias vezes desejei passar pelo menos uma semana sem fazer nada.

— Ora, e eu que pensava que você podia ter seu descanso quando bem quisesse!

— Não, não, querida. Sou mulher muito atarefada no pequeno âmbito das minhas atividades. Sou a secretária da Associação dos Jardins do País. Como membro efetivo, faço parte da comissão do hospital da nossa cidade. Há, também, a instituição... as reuniões do conselho. Tudo isso sem levar em conta a

minha participação ativa na política. E ainda mais: tenho que dirigir e administrar a casa. Sempre acompanho Rodney nas imprescindíveis visitas de cortesia, pois ambos passeamos bastante. Temos, também, os parentes que nos visitam com muita frequência. Eu sempre achei que é muito bom para um advogado formar um amplo círculo de relações sociais. Não posso omitir que gosto muito do meu jardim, preferindo eu mesma fazer nele quase todos os serviços necessários. Acredite-me, Blanche, dificilmente eu disponho de um tempinho para me sentar e descansar, a não ser durante uns quinze minutos antes do jantar. E você bem compreende que entreter-se com a leitura de papéis e documentos constitui também uma boa tarefa, por si só.

— E você demonstra enfrentar muito bem todas essas obrigações — comentou Blanche fitando a face lisa da sua amiga.

— Bem... Eu sempre digo que é melhor desgastar-se com o trabalho do que enferrujar-se ou corromper-se na ociosidade! É bem verdade que eu sempre tive uma saúde excelente. Devo agradecer a Deus por este benefício. Mas, mesmo assim, como seria maravilhoso ficar um dia ou dois sem ter outra coisa a fazer senão pensar!

— Eu me surpreendo com esta sua idéia. Em que iria pensar você?

Joan soltou uma risadinha com um timbre na voz que parecia retinir suavemente.

— Há sempre muitas coisas em que se pode pensar, não é?

Blanche respondeu-lhe sorrindo, com os dentes à mostra:

— Cada qual pode, pelo menos, pensar nos seus pecados!

— Isso mesmo, é verdade! — concordou Joan falando polidamente, embora sem demonstrar nenhuma satisfação.

Depois de uma certa pausa, Blanche, encarando-a com os olhos aguçados, concluiu:

— Só que com este pensamento você não perderia muito tempo. (Blanche, agora, franzindo as sobrancelhas, revela uma expressão carrancuda.) Você fugiria logo dele para pensar nos seus feitos, nas suas bênçãos e na sua felicidade! Huuuum, não sei! Seria talvez um pensamento um tanto obtuso e enfadonho... É bem provável até que você ficasse muito surpreendida... (Blanche interrompeu-se, fazendo uma pequena pausa)... Se você ficar dias e mais dias não tendo outra coisa a fazer senão pensar em você mesma, talvez ficasse muito surpreendida com o que viesse a descobrir com relação à sua pessoa.

Joan fitou-a com ceticismo, demonstrando pouco agrado.

— Ora, pode alguém descobrir, com relação à sua própria pessoa, algo de que nunca teve conhecimento antes?

— Creio que pode... (Um súbito arrepio perpassou-lhe pelo corpo.) Eu, de

minha parte, não gostaria de tentar.

— Há pessoas — retrucou Joan — que, na verdade, têm uma impulsiva tendência para dedicar-se à vida contemplativa. Eu própria nunca pude compreender, na sua essência, o que significa isso. Os pontos de vista místicos são muito difíceis de analisar. Acho que não tenho absolutamente tal espécie de pendor religioso. Parece-me que a vida contemplativa é um tanto radical e severa. Não sei se você compreende o que eu quero dizer...

— Compreendo, sim. Você não gosta de perder muito tempo com meditações dessa espécie... É sempre fácil fazer-se uso da oração mais curta que se conhece.

Depois, como que respondendo ao olhar inquiridor de Joan, acrescentou:

— "Que Deus se apiede de mim, uma pecadora!" — é, por exemplo, uma súplica que se aplica facilmente a qualquer espécie de falta cometida.

Joan sentiu-se visivelmente embaraçada:

— Sim. É, de fato, uma súplica muito boa. — Blanche teve que rir.

— No seu caso, Joan, toda a dificuldade, reside no fato de que você não é uma pecadora. Esta circunstância exclui você da necessidade da oração. Quanto a mim, encontro-me sempre com o espírito preparado. Tenho a impressão de que, durante toda a minha vida, nunca deixei de fazer precisamente aquilo que eu não deveria ter feito.

Joan permaneceu calada, pois não sabia realmente o que responder.

Blanche, depois de um certo tempinho, retomou o fio do diálogo, Prosseguindo com clareza na voz:

— Oh, mas o mundo é assim mesmo! Na maioria das vezes a gente foge do lugar certo onde deveria permanecer; a gente se apega às coisas que, para o próprio bem, deveria abandonar; um momento de prazer é tão agradável que a gente chega a ter a impressão de que ele não pertence à realidade da vida. E, logo depois do gozo de qualquer prazer transitório, a gente se precipita de novo num verdadeiro inferno de misérias e de sofrimento. Quando as coisas correm bem, a gente supõe que elas duram eternamente, o que é impossível porque o bem não dura para sempre. Quando a gente baqueia na vida, tem-se a dolorosa impressão de que nunca mais se levantará nem voltará a descansar o espírito. Mas a vida é assim mesmo, não é verdade?

Tais idéias eram totalmente incompatíveis com a concepção que Joan tinha da vida e se revelavam em franco antagonismo com os conhecimentos que ela adquirira. No momento, entretanto, julgava-se incapaz de dar uma resposta que, do seu ponto de vista, pudesse ser considerada satisfatória.

Com um movimento brusco, Blanche tocou nos seus pés:

— Você está quase dormindo, Joan. Eu também estou com sono. Ambas nos levantamos muito cedo hoje. Foi um grande prazer ter encontrado você!

As duas mulheres permaneceram de pé alguns momentos, apertando-se as mãos. Blanche diz-lhe, falando ligeiro e com um acento de ternura na voz:

— Não se preocupe com a sua Bárbara. Vai ficar tudo bem de novo com ela, estou certa. Bill Wray é um bom indivíduo... E, além do mais, existe a criança. Tudo aconteceu porque ela era muito jovem e mesmo porque o sistema de vida nesta região... Bem, às vezes entra cada coisa na cabeça das mulheres jovens...

Joan, com a mente confusa, não entendia nada do que a outra dizia. Respondeu-lhe com vivacidade:

— Não sei o que você quer insinuar, Blanche.

Esta fitou-a com um ar de admiração, Prosseguindo:

— Como você está imbuída do espírito moral e religioso da velha escola! Nunca admite nada. Realmente você não mudou nem um pouquinho, Joan. Aproveite esta ocasião para declarar que lhe devo vinte e cinco libras. Nunca pensei nesta dívida até este momento.

— Oh, não se aflija com isso!

— Não tenha medo de que eu vá me afligir com isso (Blanche soltou uma risadinha). Acho que era da minha intenção pagar-lhe este débito... mas, pensando bem, quem empresta dinheiro a outra pessoa já fica sabendo que jamais o terá de volta. Por isso, nunca me preocupei muito. Você sempre foi uma boa amiga, Joan, e este dinheiro, para mim, foi como que uma dádiva do céu, creia-me.

— Um dos seus filhinhos deveria submeter-se a uma intervenção cirúrgica, não é verdade?

— Assim pensavam os médicos. Mas depois acharam que não era necessária esta operação. Então gastamos o dinheiro, parte numa farra e parte na compra de uma cadeira giratória para a escrivaninha de Tom. Ele a conservou por muito tempo.

Movida por uma súbita lembrança, Joan perguntou-lhe:

— Chegou ele a escrever aquele livro sobre a vida de Warren Hasting?

— Engraçado! Você ainda se lembra deste fato. Sim, ele chegou a escrever umas cento e vinte mil palavras.

— Foi publicado o livro?

— Claro que não! Depois disso, Tom resolveu escrever a vida de Benjamin Franklin. Este trabalho foi ainda pior do que o outro. Que gosto extravagante o dele, não é? Se eu tivesse que escrever a vida de alguém, escolheria pessoas como Cleópatra — um verdadeiro espécime de erotismo e de sexualidade. Ou, então, um Casanova — o que vale dizer um tipo elegante e vistoso. Mas nós neste mundo não podemos nunca ter as mesmas idéias. Tom encontrou novamente trabalho num escritório, mas um trabalho que não era tão rendoso e

bom como o outro. Apesar de tudo, sinto-me feliz por ele ter satisfeito o seu desejo. É muito importante para as pessoas fazerem aquilo, que realmente gostam, você não acha?

— Sempre depende um pouco das circunstâncias. Ao tomar qualquer iniciativa a gente deve levar em conta, também, as possíveis consequências.

— Você não fez sempre o que quis?

— Eu?! — exclamou Joan como que colhida de surpresa com esta pergunta.

— Sim, você mesma! Você quis casar-se com Rodney Scudamore e não se casou? Você não quis ter filhos? Você não desejou possuir um lar confortável?

Blanche riu e acrescentou:

— E você deseja, depois de tudo isso, também viver feliz no outro mundo por toda a eternidade, Amém!

Joan teve que rir também, já mais aliviada, com o tom suave e quase jocoso da conversa.

— Não seja ridícula! Eu, de fato, reconheço que tenho sido muito feliz na minha vida.

Temendo que estas suas últimas palavras talvez tivessem sido pronunciadas com falta de tato ante o estado de decadência e a triste sorte de Blanche, apressou-se em acrescentar logo:

— Eu realmente devo subir para o meu quarto, agora. Boa-noite! Foi maravilhoso ter encontrado você de novo.

Ela apertou calorosamente a mão de Blanche (será que Blanche esperaria receber dela um beijo? Certamente, não) e dirigiu-se em seguida até a escada cujos degraus subiu com passos leves, indo para o seu quarto.

“Pobre Blanche” — pensou Joan depois de ter tirado a roupa e enquanto, comodamente e com elegância, dobrava o vestido e tirava da mala um par de meias fresquinhas para usá-las na manhã seguinte.

“Pobre Blanche! É realmente trágica a sua vida!” Enfiou o pijama e começou a ajeitar os cabelos.

“Pobre Blanche! Como ela anda tão desajeitada e com uma aparência tão grosseira!”

Joan já estava pronta para deitar-se, mas parecia não querer atirar-se na cama. Na verdade, ninguém deve ir para a cama sem antes fazer suas orações. Contudo, fazia tanto tempo que Joan não rezava nenhuma oração de qualquer espécie. E, ultimamente, ela até mesmo deixava muitas vezes de frequentar a igreja.

Mas é claro que a gente deve ter fé.

Inopinadamente ela sentiu um desejo esquisito de postar-se de joelhos à beira daquela cama de aspecto pouco confortável. (Os lençóis de algodão estavam imundos. Por sorte ela havia trazido com ela o seu travesseiro macio e liso...)

Sentiu o desejo de ajoelhar-se e rezar alguma oração... mesmo que fosse de um modo simples como rezam as criancinhas.

Este pensamento, todavia, fez com que ela se sentisse um pouco esquiva, assustada e menos confortável.

Atirou-se logo na cama e puxou o cobertor. Pegou um livro que ela colocara sobre a mesinha de cabeceira — As Memórias de Lady Catherine Dysart — realmente uma obra interessante contendo uma história humorística dos meados da época vitoriana. Leu duas ou três linhas, mas não pôde concentrar o seu pensamento.

“Estou muito cansada” — pensou ela.

Pôs novamente o livro sobre a mesinha e apagou a luz.

Mais uma vez a idéia de rezar invadiu a sua mente. Que significariam aquelas palavras de Blanche ao dizer-lhe de maneira ultrajante e afrontosa: “Esta circunstância exclui você da necessidade da oração?”

Joan, com facilidade, formou na sua mente uma oração — uma espécie de reza composta de palavras isoladas e enfileiradas uma após outra.

“Meu Deus — Agradeço-vos — Pobre Blanche! — Dou-vos graças por não ser como ela — Infinitos agradecimentos — Todas as minhas bênçãos — especialmente por não ser igual à pobre Blanche — Pobre Blanche! — Realmente medonha — Sua própria culpa, naturalmente — horrível — chocante — Graças a Deus sou diferente — Pobre Blanche...” E, assim, Joan adormeceu...

Dois

Estava chovendo quando Joan Scudamore, na manhã do dia seguinte, deixou a casa de pernoite. Caía uma chuva fininha, fenômeno que não era lá muito comum naquela parte do mundo.

Ela percebeu logo ser a única pessoa que, nesse dia, viajava para o Ocidente — uma ocorrência que parecia deveras extraordinária, embora o tráfego rodoviário, nessa época do ano, não fosse muito intenso. Na sexta-feira anterior havia partido um veículo bem amplo.

Um tipo de carro apropriado para viagens turísticas, desses que pareciam sacudir bastante, estava aguardando a hora da partida, com o respectivo motorista, um europeu, e o seu ajudante-substituto, um nativo.

O gerente da casa de pernoite estava de pé desde a madrugada.

Despertou Joan e ficou gritando com os árabes que ali trabalhavam para que eles ajeitassem as bagagens a seu inteiro contento. Depois, desejou à Mademoiselle (era assim que ele chamava todas as senhoras, suas hóspedes) uma feliz e confortável viagem. Curvando-se respeitosamente entregou a Joan uma embalagem de papelão contendo o seu almoço.

O motorista, revelando boa disposição de espírito, começou a gritar enquanto se aprestava para partir:

— Bai-Bai, Satan! Até amanhã de noite ou até a próxima semana!... Mas parece que é mais acertado dizer: “Até a próxima semana!”

O carro arrancou. Não demorou muito começou a serpear através dos meandros formados por aquelas ruas e vielas irregulares, com as características próprias das cidades do Oriente Médio, onde se viam, também, de maneira inesperada, blocos de edificações construídas de acordo com a arquitetura ocidental.

A buzina não parava de tocar. Jumentos espantados se desviavam para a beira do caminho e crianças fugiam correndo. O carro seguia na direção do portão ocidental da cidade, penetrando numa estrada irregularmente pavimentada que, pela sua importância, parecia conduzir até o fim do mundo.

Depois de um percurso de cerca de dois quilômetros, a estrada larga terminou, surgindo em seu lugar uma rodovia estreita, um caminho muito irregular e pedregoso.

Joan sabia que, com bom tempo, levariam mais ou menos sete horas para chegar em Tell Abu Hamid, que era o ponto terminal da estrada de ferro turca. O trem, vindo de Estambul, havia chegado de manhã e regressaria às oito e meia da

noite. Havia em Tell Abu Hamid uma pequena casa de pernoite destinada aos passageiros, onde lhes eram servidas as refeições.

As pessoas desembarcadas do trem, que prosseguiam a viagem, deveriam encontrar-se com a condução vinda do lado oriental mais ou menos na metade dessa rodovia. O caminho ia-se tornando cada vez mais escabroso e acidentado. O carro dava fortes solavancos. Joan era arremessada para cima e para baixo, no seu assento. O motorista virava-se dizendo sempre, à guisa de desculpa, que esperava que ela se estivesse sentindo bem. Explicou que o trecho de estrada por onde passavam era acidentado e cheio de buracos. Entretanto, ele tinha que acelerar a marcha do carro o máximo possível a fim de conseguir atravessar o leito dos rios, que formam vau, antes das chuvas ocasionarem dificuldades.

De tempos em tempos ela observava ansiosamente o céu. A chuva ia-se tornando gradativamente mais intensa e o veículo às vezes patinava, ziguezagueando de um lado para o outro, chegando mesmo quase a derrapar.

Faltava pouco para as onze quando atingiram o primeiro leito de rio. Já havia água nele. Depois de uma pequena ameaça de ficar atolado no barranco da ribanceira da margem oposta, o carro, arrancando com ímpeto, conseguiu transpor o obstáculo. Dois quilômetros mais adiante o veículo começou a rodar sobre um chão liso e mole, de natureza pantanosa, sendo forçado a parar com as rodas atoladas.

Joan enfiou o seu casaco impermeável de borracha e saiu do veículo. Abriu a caixinha de papelão contendo o seu almoço. Enquanto comia, caminhava de um lado para o outro e observava os dois homens que trabalhavam cavando a terra com pás, arremessando peças do macaco um para o outro e colocando debaixo das rodas as pranchas que haviam trazido junto.

Eles praguejavam, fazendo um esforço danado. As rodas suspensas pelos macacos giravam furiosamente, mas o veículo não avançava. Para Joan esta situação parecia uma das mais difíceis, mas o motorista garantiu-lhe que o trecho de estrada em que estavam não era dos piores.

Finalmente, depois de muito esforço, as rodas se desenterraram com uma rapidez enervante e o carro avançou, indo parar sobre um chão mais seco e mais duro.

Um pouco mais adiante, encontraram-se com dois carros. Todos os veículos pararam e os motoristas se consultaram reciprocamente a fim de obterem informes sobre as condições da estrada. Nos outros dois carros viajavam uma mulher com uma criancinha de colo, um jovem oficial francês, um velho de nacionalidade armênia e dois ingleses que pareciam ser comerciantes. Depois desta pequena parada, o carro prosseguiu. As rodas atolaram mais duas vezes ainda. Foi preciso, cada vez, executar os mesmos pesados trabalhos de levantar

as rodas com o macaco e de escavar a terra com as pás. O segundo leito de rio foi mais difícil de atravessar que o primeiro. Já estava escurecendo quando atingiram a sua margem e a água ali corria com certo ímpeto.

Joan, demonstrando muita ansiedade, interrogou o motorista:

— Será que o trem esperará nossa chegada?

— Ele habitualmente espera durante uma hora. Este atraso pode ser tirado depois com o aumento da velocidade, mas nunca parte depois das nove e meia da noite. Felizmente, daqui para diante a estrada é melhor, pois as condições do terreno são bem diferentes. Já estamos penetrando numa região aberta de deserto.

Os motoristas gastaram muito tempo limpando o leito do rio, pois as bordas mais afastadas das ribanceiras continham puro lodo escorregadio.

Já era noite quando o veículo começou a rodar sobre o terreno seco.

Realmente, depois de haver sido transposto o segundo leito de rio, a viagem transcorreu sem nenhum transtorno mas, mesmo assim, o carro só conseguiu chegar em Tell Abu Hamid quinze minutos depois das dez da noite e o trem com destino a Estambul já havia partido.

Joan estava tão exausta que quase não podia notar nada do que havia em seu redor. Meio cambaleante, entrou no refeitório da casa de pernoite onde se viam as mesas em forma de tripeças. Recusou alimento, mas pediu um chá. Em seguida dirigiu-se ao seu quarto, com as paredes quase desconjuntadas e fracamente iluminado por uma luz pálida. Haviam sido colocadas ali três camas de ferro. Tirou da mala as coisas estritamente necessárias e atirou-se numa das camas, pegando no sono imediatamente.

Na manhã seguinte, vencido o abatimento da véspera, ela despertou o seu espírito egocêntrico retomando a calma que lhe era habitual e o interesse pelas coisas. Sentou-se na cama e olhou a hora no seu relógio. Os ponteiros marcavam nove e meia da manhã.

Levantou-se, vestiu-se e foi direto ao refeitório. Um hindu, com um artístico turbante enrolado na cabeça, se apresentou na sua frente e ela pediu que ele lhe servisse a refeição matinal. Depois dirigiu-se até a porta e ficou olhando para fora. Percebeu logo que esta viagem de regresso levaria quase o dobro do tempo da viagem de ida.

Na sua vinda ela viajara do Cairo a Bagdá, rota que lhe era totalmente desconhecida. Na realidade, leva-se de Londres a Bagdá sete dias: três dias de trem de Londres a Estambul e, partindo desta cidade, mais dois dias até atingir Aleppo. De Aleppo até o ponto terminal da via férrea em Tell Abu Hamid viaja-se de noite. Dali, então, de carro, roda-se durante mais um dia, com descanso noturno numa casa de pernoite.

Continua-se depois, durante mais um dia, de carro, até Kirkuk, onde se toma o trem que chega a Bagdá no mesmo dia.

Não havia sinal de chuva nessa manhã. O céu estava azul e sem nuvens. A própria areia, por ali em torno, apresentava uma tonalidade dourado-escura. Ao lado da casa de pernoite havia um emaranhado de arame farpado cercando uma área dentro da qual se via um montão de latas vazias, atiradas ao lixo. Dentro desse cercado umas galinhas magras corriam de um lado para outro cacarejando fortemente. Nuvens de moscas pousavam sobre as latinhas que ainda continham resíduos de alimento já em vias de putrefação. Algo que parecia um monte de trapo repentinamente se levanta, deixando ver que se tratava de um jovem árabe.

Um pouco mais adiante, contornada por outra cerca de arame farpado, via-se uma casinha acaçapada que mais parecia a toca de um bicho. Tratava-se, sem dúvida, da estação ferroviária local. Ao lado dessa casinha Joan observou algo que parecia um poço artesiano ou um enorme tanque de água. Na direção norte divisava-se, como que adentrando no longínquo horizonte, o perfil de uma cordilheira.

Afora isto, nada mais se via ali: nenhum marco divisório, nenhuma vegetação, nenhuma criatura humana.

Uma estaçãozinha, os trilhos da ferrovia, algumas galinhas, aquilo que parecia ser um emaranhado de fios de arame farpado — eis tudo o que havia naquele lugar.

Joan achou até muito engraçado o fato de manterem um local nessas condições.

O criado hindu aproximou-se dela e anunciou que a refeição da Memsahib estava pronta. Joan entra no refeitório. Predominava ali aquela ambiência bem típica das casas de pernoite: sala escura, cheiros de gordura de carneiro, de petróleo e de inseticidas. Tudo isto ocasionava-lhe uma sensação não muito agradável.

A refeição consistia de café com leite (leite enlatado), um prato de ovos fritos, algumas fatias de pão torrado, bem duro, um prato de doces de frutas e um pouco de ameixas secas, de aspecto um tanto duvidoso.

Joan comia com grande apetite. Nesse instante reaparece o criado hindu perguntando a que hora Memsahib desejaria ter o seu almoço.

Joan respondeu-lhe que não queria que o almoço retardasse muito.

Concordaram, então, em que seria servido à uma e meia da tarde.

Como Joan sabia muito bem, o trem partia daquele lugarejo três vezes por semana: às segundas, às quartas e às sextas-feiras. Era terça-feira de manhã. Portanto ela só poderia prosseguir a sua viagem no dia seguinte, à noite. Para certificar-se melhor, perguntou ao hindu se este horário estava certo e ele

respondeu-lhe confirmando:

— Muito certo. Memsahib perdeu trem noite passada. Muito infeliz. Estrada muito ruim. Esta noite choveu muito. Carro não pode ir a Mosul nem vir de Mosul, por alguns dias.

— Mas o trem pode trafegar normalmente, não é verdade? — interrogou Joan que, afinal, não tinha nenhum interesse em saber acerca das condições da estrada para Mosul.

— Oh, sim. Trem vai chegar amanhã cedo. Depois vai partir de noite.

Joan acenou-lhe afirmativamente com a cabeça, demonstrando ter entendido. Perguntou então onde estava o carro que a trouxera no dia anterior.

— Partiu hoje muito cedo. Motorista espera conseguir atravessar rios ainda sem dificuldade. Mas acho que não. Acho que carro vai ficar atolado durante um ou dois dias.

Joan também achou que isto seria muito provável, embora sem demonstrar nenhum interesse pelo caso. O criado continuou prestando informações:

— Ali está a estação, Memsahib.

Joan respondeu-lhe que, de fato, já havia suposto ser aquela casinha a estação.

— Estação turca. Ela está na Turquia. Estrada de ferro turca. Está do outro lado da cerca de arame, veja. Cerca marca fronteira.

Joan observou aquela cerca demarcatória da fronteira e começou a imaginar como são esquisitas as fronteiras.

— Almoço à uma e meia exatamente! — declarou mais uma vez o hindu, com uma expressão de alegria no semblante e saiu correndo para o interior da casa. Alguns momentos após, lá nos fundos, estava ele gritando bem alto. Duas outras vozes faziam coro com a dele. Um verdadeiro turbilhão de palavras árabes, pronunciadas com irritação, inundava o ar.

Joan admirou-se pelo fato de, naquelas regiões, serem incumbidos de tomar conta das casas de pernoite somente hindus.

Talvez fosse porque eles conhecem melhor os hábitos dos europeus.

Bem, mas este era um assunto que pouco lhe interessava agora. Que poderia ela fazer para passar o tempo nessa manhã? Poderia ler o divertido livro As Memórias de Lady Catherine Dysart ou bem que ela poderia escrever algumas cartas... Ser-lhe-ia fácil colocá-las no correio quando o trem chegasse a Aleppo. Ela trazia consigo um bloco de papel e alguns envelopes. Mas ao transpor o limiar da casa de pernoite hesitou: lá dentro não havia muita claridade e o mau cheiro invadia todas as salas. Talvez fosse melhor dar uma caminhada. Foi buscar o seu chapéu grosso de feltro embora o sol, nesta época do ano, não ocasionasse nenhum mal. Entretanto, é sempre bom tomar alguma precaução.

Colocou os óculos escuros e enfiou na bolsa o bloco de cartas e a caneta-

tinteiro.

Então, caminhando em sentido oposto à estação rodoviária e passando ligeiro por perto do monturo de lixo e de latas vazias, limitou-se a andar um pouco por ali mesmo sem transpor a fronteira a fim de evitar qualquer complicação internacional.

Pensou consigo mesma: “Como é estranho fazer-se uma caminhada aqui!... Não há nenhum lugar para onde se dirigir”.

Seria até original e interessante a idéia de caminhar sobre dunas, de atravessar charnecas, de fazer um percurso ao longo duma praia, de percorrer uma estrada. Evidentemente, isto é possível só nos lugares onde se pode escolher objetivos assim caracterizados. Não causaria nenhum espanto e seria até muito corriqueiro dizer-se: “Vou até o topo daquela colina, até aquele capão ou até aquela touceira de capim. Vou descer aquele atalho que conduz à fazenda, vou caminhar pela estrada principal até o próximo povoado, vou contornar as sinuosidades daquele vale estreito na costa do morro...”

Mas aqui... nada disso se podia dizer: tinha-se a única opção de sair de um lugar designado... para um nada! Podia-se dizer, por exemplo, sem maiores detalhes acerca de pontos de referência: “Vou sair da casa de pernoite”. Só isto. Pelo lado direito, pelo lado esquerdo, diretamente em frente — ou na direção da parte do horizonte que está escura.

Ela caminhava ao léu por ali, não se sentindo muito animada. O ar estava agradável. Faria calor, mas não um calor excessivo. Ela achava que um termômetro marcaria cerca de 21 graus. Soprava uma brisa muito fraca.

Andou uns dez minutos sem virar a cabeça. A casa de pernoite com aquele seu cercado imundo ficara a uma distância ainda bem cômoda para ser percorrida. Dali onde Joan se encontrava agora a casa tinha até um aspecto agradável. Lá do outro lado via-se a estação ferroviária que parecia um monumento sepulcral feito de pedras.

Joan não parava de sorrir enquanto fazia o seu passeio vagando ao acaso. Como o ar estava delicioso! Um ar puro e fresco. A atmosfera não era viciada nem trazia o mínimo resquício da poluição que existe nos ambientes civilizados. O sol, o céu, o chão de areia, eis tudo o que havia ali. E, mesmo assim, ela tinha a impressão de inebriar-se ao respirar em fortes haustos aquele ar puro. Na verdade ela se divertia com tudo aquilo. Até parecia que estava vivendo momentos de uma grande aventura surgida oportunamente para quebrar a monotonia da sua vida rotineira. Chegou até a achar muito bom ter perdido o trem. Só assim ela poderia passar vinte e quatro horas em absoluta calma e paz, o que era muito bom para ela. Não havia lá aquela grande necessidade do seu imediato regresso. Ela poderia telefonar a Rodney, de Estambul, explicando-lhe

o motivo da demora.

Pobre velho Rodney! Teria ele a curiosidade de saber o que ela estava fazendo? Não. Realmente não! Tinha ela outras coisas com que se preocupar. Quanto a Rodney, ela sabia perfeitamente o que ele fazia.

Passava o dia sentado em seu escritório em Alderman, sob a razão social Scudamore & Witney, numa sala muito linda localizada no primeiro andar, com vista para o Market Square. Ele transferira seu escritório para lá logo após a morte do velho Witney. Rodney gostava imensamente daquela sala.

Joan começou a lembrar-se de um certo dia em que entrara naquela sala, tendo encontrado o marido de pé, à janela, completamente absorto na contemplação do movimento do mercado (era dia de funcionamento da feira). Ela entrara no exato momento em que uma tropa de bois ia sendo conduzida para dentro.

— Linda tropa de shorthorns! — exclamou ele. (Talvez nem fossem da raça shorthorn aqueles bois; na verdade, Joan não era perita na classificação das raças de gado mas, de qualquer forma, vale a citação pela semelhança.)

Sem mais delongas disse ela ao marido:

— Quanto à caldeira do aquecimento central, acho que o orçamento calculado por Golbraith é muito alto. Não seria interessante que eu procurasse saber qual seria a estimativa de Chamberlain?

Estava bem nítida na lembrança de Joan a maneira como Rodney, com um ar tão distraído, parecendo não ter percebido a sua presença, embora encarando-a frontalmente, indagou-lhe:

“Caldeira?!”

Pronunciou esta palavra dando a impressão de estar falando de um objeto vago de que nunca ouvira falar antes, e, em seguida, obtemperou — falando de maneira realmente um tanto desconexa:

— Acredito que Hoddesdon está propenso a vender aquele touro da sua fazenda. Acho que ele precisa de dinheiro.

Ela notou que Rodney não ocultava um certo quê de simpatia por Hoddesdon ao demonstrar interesse pela fazenda Lower Mad, de propriedade do pobre velho que, como todo mundo sabia e comentava, já estava indo à breca. E, falando a pura verdade, muito agradaria a Joan que Rodney fosse mais esperto sem dar excessivo crédito a tudo que lhe entrava pelos ouvidos. Não há dúvida de que toda gente espera que um advogado seja sempre esperto e vigilante. Se Rodney passasse a atender os seus clientes daquela maneira vaga e indecisa, claro está que ele lhes causaria péssima impressão. Por isso, falou-lhe com impaciência, embora conservando nas suas palavras o tom carinhoso:

— Deixe desses devaneios, Rodney! É sobre a caldeira que estou falando: a caldeira para o aquecimento central do nosso apartamento.

Rodney apenas obtemperou que certamente ela poderia obter um novo orçamento, contudo os gastos seriam sempre altos, pois são os próprios vendedores que fazem os cálculos ao seu arbítrio.

Então ele passou a observar, de relance, a enorme pilha de papéis que se formara sobre sua mesa. Ela se lembrava perfeitamente de ter-lhe dito que não mais iria interrompê-lo pois que, conforme ela própria verificara, a tarefa do marido se apresentava bem volumosa nesse dia.

Rodney, sorrindo, explicou-lhe que não havia feito outra coisa senão amontoar papéis, pois perdera muito tempo observando o movimento da feira.

— É por isso que eu gosto desta sala. Durante a semana só fico esperando a chegada da quinta-feira a fim de poder presenciar o movimento do mercado. Escute!... Escute bem, agora!

Com o dedo em riste ele apontou para fora. Então, ela passou a ouvir mugidos de vacas, berros de touros e balidos de ovelhas. Uma desagradável e barulhenta confusão de berreiros que, mesmo assim, parecia encantar os ouvidos de Rodney. E ele, postado de pé à janela, inclinou um pouco a cabeça para o lado e começou a sorrir de tanta satisfação...

Oh, mas também hoje não é dia de feira lá no mercado. Portanto, não tendo tais distrações, Rodney só poderá estar sentado à sua mesa de trabalho, dando andamento nos papéis encaminhados. Além disso, sinceramente não tem fundamento algum o temor dela de que os clientes possam pensar que Rodney seja um homem indeciso, sempre absorto em imaginações desvairadas. Já faz muito tempo que ele é reputado como o sócio da firma que mais goza da estima geral. Todo mundo gosta dele e esta circunstância, na carreira de um solicitador judicial, significa meia batalha ganha.

“E dizer que se não fosse por minha causa (pensou Joan com uma irreprimível satisfação íntima) ele teria rejeitado precisamente a proposta que lhe propiciou este progresso na vida, afugentando a própria sorte!”

Foi pensando nisso que ela começou a evocar na sua lembrança aquele dia em que Rodney lhe falara acerca da oferta do seu tio.

Tratava-se da proposta para participação de Rodney na antiga organização da família que se encontrava em florescente prosperidade.

A admissão de Rodney no negócio ficara desde muito tempo condicionada à conclusão dos seus exames do curso jurídico.

Indiscutivelmente essa proposta do tio Harry, oferecendo-lhe sociedade na empresa, mediante condições tão excelentes, foi um inesperado acontecimento feliz. A própria Joan lhe expressara sua grande satisfação, congratulando-se efusivamente com ele. Mas ela notou logo que ele absolutamente não compartilhava da sua alegria. Naquele momento ele proferiu estas palavras

quase inacreditáveis para ela: “Se eu aceitar...”

Joan, espantada e aflita, exclamou: “Mas Rodney!” Ela ainda conservava bem nítida na memória a lembrança da maneira como Rodney se virou para ela com uma rígida expressão no semblante.

Antes, jamais pudera imaginar que Rodney fosse tão irritadiço. Suas mãos tremiam enquanto ele maquinalmente colhia folhas de plantas de um vaso. Seus olhos escuros pareciam exprimir uma estranha súplica, de um modo realmente esquisito. Começando a falar, disse ele a Joan:

— Eu odeio a vida de escritório. Só sei dizer que não gosto desse trabalho!

Joan apressou-se a mudar, o tom de voz, demonstrando admitir, embora muito sentida, a aversão do marido a esse tipo de trabalho.

— Oh, eu bem compreendo, queridinho, que se trata de uma atividade tremendamente enfadonha e cansativa. É uma verdadeira amolação. É um trabalho até mesmo pouco interessante. Mas uma participação direta como sócio é coisa muito diferente. Acho que você terá grande vantagem, especialmente se lhe couber, como suponho, uma parte nos rendimentos globais de todos os serviços.

— Sim, terei parte nos emolumentos provenientes da elaboração de contratos de arrendamento e de locação de casas de moradia, com suas dependências ou servidões, bem como da elaboração de escrituras públicas referentes a vendas imobiliárias e convênios, enfim de todos os documentos tais como os que invariavelmente começam com as palavras: considerando que, visto que, etc.

Foi assim que ele, com um sorriso nos lábios, respondeu-lhe desfiando uma trapalhada de vocábulos enquadrados na terminologia jurídica, num evidente exibicionismo de seus conhecimentos. Contudo, dos seus olhos não se dissipava aquela expressão de súplica... Uma súplica persistente. Ele só queria forçar Joan a concordar com ele... E como ela amava Rodney!

— Você bem sabe que não é de hoje que ficou combinado que você iria participar da firma depois de formado.

— Eu sei... eu sei. Mas como poderia eu ter previsto então que iria detestar esse tipo de atividade?

— Mas... é simplesmente uma indagação... a não ser deste tipo que outra espécie de atividade pretenderá você?

Ele respondeu-lhe falando rapidamente, parecendo estar expelindo com ímpeto as palavras para fora da boca:

— Eu quero dedicar-me à agricultura. A fazenda Little Mead está sendo posta à venda. Atualmente ela se encontra em péssimas condições, pois o pessoal de Horley não cuidava bem dela. Mas é por isso mesmo que se pode adquiri-la por preço bem barato. A terra é boa e note bem que...

Então passou ele a falar com açodamento sobre os seus planos, empregando tantos termos técnicos que ela chegou quase a ficar tonta.

Na verdade, que poderia ela saber a respeito da plantação e colheita de trigo e cevada, mediante processo de culturas rotativas, ou sobre criação e tratamento do gado leiteiro?

Dominada pela timidez, ela conseguiu apenas retrucar-lhe, com a voz quase sumida:

— Little Mead... Mas esta lavoura fica lá nos cafundós... tão longe...

— Mas a terra é boa, Joan. E o lugar também serve.

E, em nova investida, prosseguiu na sua tagarelice, ressaltando as vantagens na compra daquele sítio. Joan jamais poderia ter imaginado que a propensão de Rodney para a vida ao campo fosse tão grande assim a ponto de compeli-lo a falar o assunto sempre com exagerado entusiasmo. Ela, sem poder ocultar seu ceticismo quanto a essas propaladas vantagens, indagou-lhe:

— Mas, queridinho, você pretende, mesmo adquirindo esse sítio, possuir também uma casa de moradia noutro lugar?

— Uma casa? Oh, sim... Uma casa noutro lugar, embora mal mobiliada, teremos que montar de qualquer forma.

— É exatamente isto que me preocupa. Dizem que a lavoura nem sempre rende muito dinheiro.

— Bem, lá isso é verdade. A não ser que se tenha uma sorte danada ou que se disponha logo no início de um grande capital, os rendimentos da agricultura nunca são de grande monta...

— Então, veja bem... Não me parece que essa atividade seja de grande proveito para nós.

— Oh, mas não há dúvida de que o negócio é bem promissor, Joan. Eu já fiz uma certa reserva em dinheiro, lembra-se? Depois, com o sítio produzindo seus rendimentos e deixando margem para alguma economia, tudo nos correrá bem. E pense na vida maravilhosa que teremos! Como é esplêndido viver num sítio!

— Não creio que você tenha grandes conhecimentos com relação à agricultura...

— Mas é claro que eu conheço os serviços da lavoura! Será que você já se esqueceu de que meu avô materno foi um grande fazendeiro em Devonshire? Era lá que nós passávamos sempre as nossas férias quando éramos crianças. Nunca me diverti tanto na minha vida como naqueles tempos.

“É bem certo o ditado que afirma serem os homens exatamente como as crianças” — pensou Joan consigo mesma e continuou a ponderar ao marido:

— Não nego o que você afirma. Entretanto é preciso considerar que o decurso de uma vida toda não pode ser comparado com os minguados períodos de férias.

Devemos pensar no nosso futuro, Rodney. Lembre-se de que temos Tony.

Tony, nessa época, era um bebê de onze meses. Joan acrescentou:

— E poderemos ter ainda outros filhos.

Ele fitou-a com uma certa expressão de vivacidade nos olhos e ela sorriu, meneando a cabeça.

— Mas será mesmo que você não vê, Joan, que com este negócio tudo ficará melhor? Um sítio como aquele é que é bom para as crianças. É um lugar saudável. Elas terão sempre ovos frescos e leite, poderão correr livremente pelo campo e, além do mais, aprenderão como se cuida dos animais.

— Oh, Rodney, mas resta uma porção de coisas que devemos considerar. O colégio para as crianças, por exemplo. Elas terão que frequentar um bom colégio e isto sai caro. E não haverá outro remédio senão fazer gastos: sapatos, uniformes, dentistas, médicos... Além disso teremos que zelar para que nossos filhos façam boas amizades. É exatamente por isso que eu acho que você não deve fazer esse negócio. Quem tem filhos não pode nunca deixar de pensar neles. É, sem dúvida alguma, obrigação dos pais zelar pela felicidade dos filhos.

Rodney prosseguiu falando com obstinação, mas a partir desse momento notava-se nas suas palavras uma espécie de dúvida que começava a invadir-lhe o cérebro.

— Eles serão felizes...

— Não, Rodney, sinceramente não acho vantajosa a exploração de uma lavoura. Você deve refletir que, participando como sócio da organização de seu tio, chegará uma época em que você poderá ganhar mais de duas mil libras por ano.

— Sem dúvida. Tio Harry já está ganhando mais do que isso.

— E então? Que é que você tem na cabeça, homem? De forma alguma você poderá recusar uma proposta dessas. Seria uma grande loucura!

A esta altura do diálogo ela começou a falar num tom bem incisivo. Agora, forçosamente ela teria que ser firme e positiva na sua argumentação. Ela deveria ter sabedoria para os dois. Se Rodney, com a mente empanada, não podia vislumbrar as coisas que seriam mais convenientes para a família, é evidente que ela tinha que assumir a responsabilidade de orientá-lo. Realmente, não deixava de ser ridícula e boba esta sua idéia de dedicar-se à exploração da agricultura. Ele estava se comportando exatamente como um menino. Ela se vira na contingência de tomar uma atitude maternal, indicando-lhe com firmeza o rumo certo.

— Não pense que eu não tenha compreendido você, Rodney. Admito mesmo que a vida no sítio poderá ser agradável. Não discutamos sobre este aspecto. Mas, convenhamos, trata-se de um negócio que foge às perspectivas da

realidade...

Ele interrompeu-a bruscamente para retrucar-lhe que a exploração de uma lavoura era uma atividade bem promissora, nada havendo de fantasioso no seu plano.

Ela voltou a insistir:

— Pode ser... Mas o negócio que você pretende realizar absolutamente não condiz com a imagem delineada pela nossa situação atual. Pense bem: você, agora, tem a possibilidade de participar de um promissor negócio de família que lhe abrirá as portas para um esplendoroso futuro! A proposta de seu tio foi imensamente generosa.

— Oh, eu sei... Foi melhor do que eu poderia esperar.

— Por isso você não deve recusá-la. Simplesmente você não pode e não deve recusá-la. Do contrário, terá que se lamentar durante toda a sua vida pela atitude tomada. E dificilmente você poderá livrar-se de um terrível sentimento de culpa.

Ele resmungou:

— Aquele maldito escritório!

— Oh, Rodney, creia-me, você não detesta o escritório tanto assim como pensa.

— Detesto, sim, e muito! Lembre-se de que já vão cinco anos que eu trabalho lá. Forçosamente devo saber o que sinto.

— Mas você vai se acostumar com o trabalho, especialmente nessa nova fase em que tudo será diferente. Muito diferente. Você será um sócio. E não há dúvida de que acabará adquirindo interesse pelo serviço bem como pela gente com a qual você terá que lidar. Estou certa, Rodney, de que você, mais tarde, se sentirá perfeitamente feliz.

Ele fitou-a durante um bom tempo com os olhos tristes, refletindo amor e desespero ao mesmo tempo e parecendo tentar exprimir algo indefinível que talvez outra coisa não fosse senão o último resquício de esperança...

— Como pode você ter certeza de que eu me sentirei perfeitamente feliz? — perguntou ele a Joan que lhe respondeu com vivacidade:

— Não tenho dúvidas, Rodney, de que você será feliz. Você verá!

Ela meneou a cabeça, dando ênfase a esta sua afirmativa. Ele, então, depois de ter dado um suspiro, exclamou:

— Bem... Está certo. Vou seguir o seu conselho... “Sim, foi por um tris que escapamos de cair numa triste situação” — pensou Joan consigo mesma. E que felicidade foi ter ela se oposto com firmeza à decisão de Rodney, não permitindo que ele estragasse a sua carreira simplesmente por causa de um capricho momentâneo. Bem que ela sabia que os homens, se não fossem as mulheres, só fazem besteiras...

As mulheres sempre têm a idéia mais assentada e possuem melhor compreensão da realidade...

Não se discute que foi uma sorte para Rodney tê-la ao seu lado...

Depois dessas elucubrações, a primeira coisa que fez foi dar uma olhada no mostrador do seu relógio de pulso. Os ponteiros marcavam dez e meia. Ela não achou conveniente ir mais longe nesta sua caminhada, mesmo porque não havia nenhum lugar para onde ela pudesse dirigir-se. Pensando nisso teve que sorrir. Levantando bem o busto, lançou o olhar em redor. A casa de pernoite, por incrível que pareça, já estava quase fora do alcance da vista. Parecia ter-se afundado tanto a ponto de ser difícil divisá-la nos contornos daquela paisagem. Joan bem que compreendeu que deveria tomar cuidado não se distanciando muito do seu único ponto de referência. Facilmente poderia perder-se. Este pensamento lhe pareceu ridículo — Não! Talvez não devesse ser considerado tão ridículo assim depois de tudo o que lhe acontecera.

Aquelas montanhas que ela antes vira bem longe, como que adentradas nos limites do horizonte, confundiam-se, agora, com as próprias nuvens.

A estação sumira da sua vista. Admirada, continuou a olhar em seu redor: não havia nada para contemplar. Então, deixou-se cair suavemente sobre aquele chão de areia. Abriu a sua sacola tirando um bloco de cartas e uma caneta-tinteiro. Ela poderia escrever algumas cartas. Era até bem interessante e divertido comunicar a outras pessoas as sensações que ela estava vivendo no momento. Mas escrever a quem? A Lionel West? A Janet Annesmore? A Dorothea? Bem, talvez seja melhor começar com Janet.

“Minha querida Janet.

Você nem pode imaginar de onde estou lhe escrevendo esta carta!

É precisamente do meio do deserto. Encontro-me vagando nesta região como uma criatura abandonada. Aqui só existem uma casa de pernoite, um hindu que toma conta dela, uma porção de galinhas, alguns árabes com as suas maneiras bem típicas e... eu. Não há nenhuma pessoa com a qual eu possa conversar e nada tenho para me entreter. Contudo nem posso lhe dizer como estou gostando deste lugar, O ar do deserto é maravilhoso e fresquinho. Dificilmente você poderia compreender a sensação de calma e de tranquilidade que invade a gente. Posso dizer que esta é a primeira vez na minha vida que disponho de tempo para pensar e meditar. Em casa sempre se tem uma vida tão atarefada que não há tempo para descanso. Quando não é uma coisa é outra que aparece para tomar o tempo da gente. Eu bem sei que não se pode deixar de cumprir todas as obrigações, mas acho que cada qual deveria reservar periodicamente um pouco do seu tempo para meditar e revigorar o espírito. O decurso de tempo em que estou parada aqui não ultrapassa a metade de um dia, mas já me sinto realmente

muito melhor. Afora os empregados da casa de pernoite, não se vê vivalma. Antes eu jamais poderia ter imaginado que fosse tão grande assim o meu desejo de ficar isolada das pessoas. É deveras reconfortante para os nervos saber-se que em redor da gente, num raio de centenas de milhas, não existe outra coisa senão areia e sol...” A pena da caneta deslizava suavemente sobre o papel.

Três

Joan parou bruscamente de escrever e olhou o mostrador do seu relógio. Passava um quarto do meio-dia.

Já havia escrito três cartas e a tinta da sua caneta secara. Só então foi que ela se deu conta de que havia quase terminado com o seu bloco de cartas. Esta ocorrência lhe causou um pouco de desgosto.

Havia ainda muitas outras pessoas para as quais ela poderia escrever.

Entretanto, pensando bem, se tornava monótono demais, depois de um certo tempo, só ficar escrevendo: “Aqui há sol e areia. E que delícia ter tempo para descansar e meditar!” O que ela dizia era a pura verdade mas não há quem não se canse de tentar exprimir por meio de palavras sempre a mesma coisa de maneira diferente... Pois, na verdade, as condições do ambiente não propiciavam nada mais de importante para descrever-se.

Bocejou. O sol a havia deixado um pouco sonolenta. Depois do almoço iria deitar-se para dormir. Levantou-se e, devagarinho, foi caminhando de volta à casa de pernoite. Desejaria saber o que Blanche estaria fazendo a estas horas. Sem dúvida ela já deveria ter chegado a Bagdá e se juntado ao seu marido. A expressão seu marido, no caso, lhe soava de maneira até repulsiva.

Pobre Blanche! Como ela decaiu horrivelmente na vida perdendo a sua posição social e estando metida, agora, nesta parte do mundo. Se aquele Sujeitinho de boa aparência, aquele tal Harry Marston, o veterinário, nunca tivesse cruzado na sua vida e se ela tivesse encontrado um homem bom e atraente como Rodney, muito outra seria a sua situação... Blanche mesma não disse que Rodney era muito charmoso? Sim ela disse isso ou coisa parecida. Como foi mesmo que ela disse? Parecia que ela comentou que Rodney tinha o olhar sempre “irrequieto de galanteador”. Que bobagem! O que ela disse não tinha fundamento. Rodney nunca foi assim. Nunca. Onde já se viu Rodney com o olhar irrequieto de um conquistador!

Nesse instante perpassou-lhe pela mente a mesma visão que ela tivera na noite passada, parecendo vislumbrar aquela faixa atravessando-se na sua frente, só que desta vez serpenteando mais devagar.

A JOVEM RANDOLPH...

“Realmente — pensou Joan um tanto perturbada e procurando acelerar os seus passos, como se quisesse tomar a dianteira a algum pensamento importuno que insistisse em acompanhá-la — não posso nem imaginar o motivo por que me vem este pensamento da jovem Randolph! Não há razão alguma para isso. Eu é

que fico imaginando coisas como se Rodney...”

“Não, é melhor não dizer mais nada. A minha idéia não tem nenhum fundamento. Nunca houve nada.”

Acontece simplesmente que Myrna Randolph era um tipo de moça que... que inspira cuidados à mulher que zela pelo que lhe pertence.

Era um tipo de morena de porte bem avantajado e de aspecto exuberante, que, quando agradava de algum homem, não tinha pejo em propalar o fato.

Falando a pura verdade, ela havia feito alguns galanteios a Rodney, tentando requestá-lo. Foi logo dizendo que era maravilhoso e encantador. Ela sempre queria tê-lo como companheiro no jogo de tênis.

Nas reuniões sociais tinha o hábito de ficar parada durante longo tempo, devorando-o com os olhos.

Como é natural, Rodney não deixava de sentir-se lisonjeado com a atitude dela. E qual é o homem que não se sente lisonjeado em tais circunstâncias? Realmente teria sido até muito ridículo se Rodney não tivesse ficado orgulhoso e desvanecido com as atenções que lhe dispensava essa moça, que tinha alguns anos menos do que ele e que era considerada a jovem de mais bela aparência na cidade.

Joan começou a pensar com os seus botões: “Se eu não tivesse usado de esperteza e de tato desde o princípio...” Passou, então, a rememorar com uma crítica retrospectiva a atitude que tomara para contornar a situação. E não há dúvida de que ela se saiu muito bem.

Toca a campainha.

— Sua amiguinha está esperando por você, Rodney. Não a deixe ficar esperando muito tempo... Myrna Randolph, evidentemente... Oh, queridinho ela é assim... Realmente em certas ocasiões ela se torna até ridícula.

Rodney murmurou:

— Não quero jogar tênis com essa moça. Ela que procure tomar parte noutra equipe...

— Mas agora não seja indelicado, Rodney. Você tem que jogar com ela.

Exatamente esta é que era a maneira mais acertada de lidar com eles. Delicadamente. Brincando. Demonstrando compreender que a atitude deles não devia ser levada a sério.

Mas é claro que não deixariam de ser agradáveis para Rodney as investidas da moça, embora ele fingidamente dissesse que as reprovava.

Às vezes ele até chegava a rosnar simulando irritação...

Myrna Randolph era o tipo de jovem que praticamente todos os homens achavam atraente. Ela era inconstante e até mesmo tratava seus admiradores com desprezo. Dizia-lhes palavras ásperas e depois procurava atraí-los de novo para

perto de si, lançando-lhes, de esguelha, um rápido olhar brejeiro.

Realmente — assim pensava Joan — ela, por causa do seu ardor sensual fora do comum, deve ser considerada a moça mais detestável daquele meio.

Ela tinha feito todo o possível para estragar a vida conjugal de Joan.

Entretanto, ela não culpava Rodney pelo que acontecera, não! A moça é que era culpada de tudo... Ora, os homens, quando embalados pela lisonja, não podem conter a explosão de uma certa empáfia.

O período de dez anos é considerado pelos escritores entendidos no assunto a fase mais perigosa da vida conjugal. É a fase em que tanto o marido como a mulher podem manifestar ressaltada tendência para sair dos trilhos. E quanto tempo fazia, então, que Rodney estava casado? Dez anos? Onze anos? O casal estava ainda dentro dessa fase braba que deve ser levada com muita cautela.

Só envidando o máximo de esforços para superar as dificuldades surgidas é que o casal conseguirá restabelecer o equilíbrio e a tranquilidade no lar.

Ela e Rodney tiveram...

Não... Ela nem deve falar. Na verdade ela nunca o culpou nem mesmo naquele dia em que ela surpreendeu a ambos beijando-se...

Isto aconteceu debaixo do caramanchão de visgueiros.

E a moça teve o descaramento de dizer, logo que entrou no gabinete de Rodney.

— Estávamos inaugurando o caramanchão, Sra. Scudamore. Suponho que a senhora não se importa...

Joan se lembrava perfeitamente de como não perdeu a cabeça naquele momento e nada deixou transparecer.

— Bem, agora solte o meu homem, Myrna, e vá procurar outro bonitão por aí afora...

Então, rindo, ela foi empurrando Myrna para fora da sala, dando a impressão de estar levando tudo na brincadeira.

Depois que Myrna saiu, Rodney lhe disse:

— Sinto muito, Joan, mas ela não passa de uma rapariga que só possui alguns atrativos. E estamos no dia de Natal...

Ele continuou na sala rindo e zombando da moça. Desse modo ele procurava desculpar-se. Mas não demonstrava absolutamente estar embaraçado ou perturbado. Procurava dar a entender que o caso realmente não passava disso...

E disso não passaria de forma alguma dali por diante. Esta foi a resolução que ela tomara energicamente, Joan faria tudo para evitar que Myrna Randolph se atravessasse no seu caminho. Quando chegou a Páscoa, Myrna já havia ficado noiva do jovem Arlihgton.

Desse modo, todo o incidente deu exatamente em nada. Talvez o caso tivesse

sido divertido só para Rodney. Mas não teve maiores consequências. Pobre velho Rodney! Ele precisava realmente de um pouco de divertimento. Ele trabalhava tanto...

Dez anos! É indubitavelmente uma fase perigosa... tanto assim que até ela própria teve um casinho que lhe trouxe algumas inquietações. Como ela se lembra direitinho de tudo!

Foi com aquele jovem de aspecto romântico, aquele pintor. Como era mesmo o nome dele? Ela já não se lembrava mais. Não teria ela, de fato, começado a se apaixonar pelo jovem?

Joan, pensando nesta ocorrência, teve que admitir ter sido um pouco imprudente...

O pintor ficara deveras apaixonado. Então passou a fitá-la com um olhar cheio de ternura. Lá um belo dia ele perguntou se Joan não queria posar para ele no seu estúdio. Era um pretexto, evidentemente.

Ele chegou a fazer um ou dois retratos dela a crayon, depois rasgou-os dizendo que não devia conservar o seu semblante para exibição aos fregueses.

Como Joan se sentira lisonjeada com isso!

“Pobre rapaz, como ele está ficando caído de amor por mim!” — pensou Joan.

Sim, não há como negar, ela teve a oportunidade de sentir, durante um mês inteirinho, uma grande satisfação íntima, muito embora este seu casinho tivesse tido um epílogo meio embaraçoso...

Nada saiu conforme ela esperava.

De fato, Michael Callaway (exatamente este era o seu nome: Callaway!) revelou-se um tipo de indivíduo que não era lá muito satisfatório.

Eles haviam saído para fazer juntos uma caminhada em Harling Woods, ao longo do Medaway que, provindo das elevações de Asheldown, fazia o seu curso dando muitas voltas. Ela não poderá esquecer tão facilmente assim o momento em que Michael Callaway lhe fez o convite para esse passeio, com uma voz rouca, demonstrando acanhamento e desconfiança.

Ela, é claro, começou logo a fazer prognósticos sobre a provável conversa que surgiria entre ambos. Talvez ele quisesse dizer a Joan que a amava. Ela forçosamente teria que ser delicada, gentil e compreensiva para com ele, embora sem deixar de mostrar-se um pouco — um pouquinho só! — pesarosa e arrependida. Ela pensou logo em tantas coisas encantadoras para dizer a Michael... coisas que, no futuro, ele sempre haveria de lembrar prazerosamente.

Entretanto este encontro não foi como ela esperava. Saiu tudo às avessas.

Michael Callaway, de repente, sem mais nem menos, agarrou-a fortemente, beijando-a com uma violência tão impetuosa e brutal que quase a sufocou. Depois de largá-la, exclamou em voz baixa como que a exprimir sua satisfação:

— Meu Deus, como eu desejei isso!

Em seguida começou a encher o seu cachimbo numa atitude que denotava absoluta tranquilidade e indiferença, permanecendo aparentemente insensível às censuras de Joan, que lhe falava indignada e cheia de raiva.

Mas ele, bocejando e espreguiçando-se com os braços esticados, respondeu simplesmente:

— Agora, estou me sentindo melhor.

Joan se lembrava muito bem de que ele pronunciou esta frase cheio de alívio, como um indivíduo sedento depois de ter bebido um copo de cerveja num dia de calor abrasante.

Após esta cena ambos voltaram para casa em silêncio — ou, melhor dizendo, só Joan estava silenciosa e quieta, porque ele fazia um verdadeiro alarido, experimentando cantarolar uma melodia qualquer.

Foi somente quando atingiram a orla da floresta, um pouco antes de surgir a estrada alta para Crayminster Market Way, que ele se deteve um pouco e passou a examiná-la calmamente, dizendo-lhe:

— Você sabia que é o tipo de mulher que deve ser violentamente arrebatada? Isto lhe faz muito bem...

E, enquanto ela permanecia na sua frente enfurecida e perplexa, sem pronunciar uma palavra sequer, ele continuou:

— Até que eu gostaria mesmo de tê-la raptado, para ver se você depois iria mudar, embora ficando diferente só um pouquinho.

Dito isto, ele saiu caminhando em direção à estrada alta e, tendo desistido de cantarolar, principiou a assobiar, satisfeito e alegre.

Evidentemente, depois desta ocorrência ela nunca mais falou com ele. Alguns dias mais tarde ele saiu de Crayminster. O que houve foi, sem dúvida alguma, um incidente desagradável que poderia ter-lhe trazido algumas inquietações.

Além do mais, não se tratava de um incidente que Joan tivesse interesse em recordar. Pelo contrário, ela até estava admirada de ter-se lembrado do fato precisamente agora, numa situação dessas.

Foi um acontecimento horrível. Bem que ela queria extirpá-lo da memória para sempre. Afinal, quem gostaria de rememorar coisas desagradáveis, dispondo de sol e areia para fazer um descanso reparador? Havia tantas coisas agradáveis e estimulantes em que ela poderia pensar.

O almoço talvez já estivesse pronto. Ela olhou mais uma vez o relógio, mas faltava ainda um quarto para uma.

Logo que chegou à casa de pernoite, dirigiu-se imediatamente ao seu quarto a fim de verificar se, na sua valise, ainda havia alguns papéis de carta. Não havia mais nada. Oh, não tinha a menor importância! Ela já estava cansada de tanto

escrever. Não havia muita coisa para contar. Qualquer pessoa se enfada facilmente quando fica a repetir sempre as mesmas frases. Quais os livros que ela havia trazido na mala? Lady Catherine, naturalmente. E uma estória policial que William lhe dera antes da despedida. Foi muita gentileza da parte dele, mas ela realmente não se interessava em estórias desse gênero. Além desses dois, ela havia trazido, também, The Power House, escrito por Buchan. Seguramente era um livro muito antigo. Já fazia anos que ela o havia lido.

Bem... mas ela poderia comprar mais alguns livros na estação de Aleppo.

O almoço consistiu de omelete (um pouco dura e frita demais), ovos preparados num molho de especiarias, um prato de salmão (enlatado), feijão cozido no fogão da casa e pêssegos (enlatados).

Tratava-se de uma refeição um pouco pesada para digerir.

Depois do almoço Joan foi deitar-se.

Dormiu durante uns três quartos de hora. Logo que despertou começou a ler o livro de Lady Catherine Dysart. Ficou entretida com essa leitura até a hora do chá.

Tomou o chá com leite (enlatado), acompanhado de biscoitos.

Depois saiu para espairecer um pouco, caminhando ali por perto, mas em seguida voltou a entreter-se com a leitura do livro de Lady Catherine Dysart.

Mais tarde foi lhe servido o jantar: omelete, salmão cozido no forno com arroz, um prato de ovos e damascos enlatados. Só aí foi que ela começou a ler a estória policial. Terminou de ler completamente o livro um pouco antes de ir para a cama.

O hindu apareceu na porta do quarto com o semblante alegre.

— Boa noite, Memsahib! Trem chega amanhã de manhã às sete e meia, mas não partirá antes da noite. Às oito e meia.

Era mais um dia que ela teria de passar naquele local. Ela dispunha ainda do The Power House para ler. Pena que fosse um livro tão pequeno. Então ocorreu-lhe perguntar ao hindu:

— Chegarão alguns passageiros com o trem? Mas eles sem dúvida seguirão imediatamente para Mosul, não é verdade?

O homem balançou a cabeça.

— Não amanhã. Eu acho que não. Nenhum carro chega hoje. Acho que estrada para Mosul está muito ruim. Carros ficam atolados muitos dias.

Joan sentiu um vislumbre de alegria, recobrando um pouco o ânimo. Só assim os passageiros teriam que descer do trem e hospedar-se também na casa de pernoite. Não deixava de ser uma circunstância agradável, pois desse modo certamente ela encontraria alguém com quem pudesse conversar.

Deitou-se sentindo-se mais disposta do que estava dez minutos antes. No

quarto, o ar estava impregnado de um cheiro fétido quase insuportável. Só podia ser o horripilante cheiro de gordura rançosa.

Na manhã seguinte ela despertou às oito horas. Levantou-se logo em seguida e vestiu-se. Foi diretinho ao refeitório. Uma única mesa havia sido posta. Ela chamou o hindu, que apareceu logo. Sem poder ocultar o seu nervosismo, ele foi logo dizendo:

— Trem não vem, Memsahib.

— Não vem?! Você quer dizer que ele está atrasado?

— Trem parou de fazer viagem. Fortes chuvaradas caíram sobre os trilhos. Na outra banda de Nissibin. Estrada de ferro está coberta pela água. Trem não pode rodar durante três, quatro, cinco... talvez seis dias.

Joan encarou-o aflita.

— Mas então que é que eu devo fazer?

— A senhora fica aqui, Memsahib. Bastante comida, bastante cerveja, bastante chá. Tudo muito lindo. A senhora fica aqui até trem vir.

"Santo Deus, como são esses orientais! O tempo não significa nada para eles" — pensou Joan. Ela perguntou-lhe:

— Será que eu não poderia conseguir um carro? — Ele pareceu até ter achado engraçada esta pergunta.

— Automóvel? Como pode a senhora conseguir automóvel? Estrada para Mosul muito ruim. Carro fica atolado no rio.

— Será que você não poderia telefonar?

— Telefone onde? Só na linha turca. Turco é povo difícil para lidar. Não faz nada. Turco só conduz trem.

Joan, agora fazendo troça de si própria por haver achado agradável o lugar, começou a convencer-se de que ela se encontrava num ambiente completamente isolado da civilização. Não havia telefones, nem telégrafo, nem carros.

O hindu, tentando confortá-la, ponderou:

— Tempo muito lindo! Bastante comida. Tudo muito confortável.

Realmente — refletiu Joan — o tempo é muito agradável. E isto constitui uma felicidade. Como seria horrível se ela durante todo o dia só tivesse que ficar dentro de casa.

Como se tivesse lido o pensamento dela o hindu prosseguiu:

— Tempo sempre bom aqui. Chuvas muito raras. Só chove perto de Mosul. Lá chuva tapa estrada de ferro.

Joan sentou-se na mesinha que estava posta e ficou esperando que lhe trouxessem a refeição. Já tinha superado aquela aflição ocasionada pelo impacto da notícia. Nada adiantaria ficar nervosa e fazer espalhafato. Um transtorno desses realmente não era de se esperar. Entretanto já não se podia mais evitar

que houvesse perda de tempo.

Joan, com os lábios distendidos num sorriso inexpressivo, pensou consigo mesma: “Até parece que está acontecendo exatamente como eu dissera a Blanche que gostaria que acontecesse. Lembro-me de que eu lhe declarei que ficaria muito satisfeita se viesse a ter um prolongado período de descanso para acalmar os meus nervos. E não é que esta oportunidade me surge agora! Aqui não há nada para fazer. Nem mesmo livro algum para ler. Certamente esta situação deve ser boa para mim. Terei a oportunidade de fazer uma cura repousando no deserto”.

A lembrança de Blanche evocava-lhe por associação de idéias um pensamento desagradável... Algo que ela definitivamente não queria recordar.

Afinal, por que ficar pensando em Blanche, agora?

Depois da refeição ela saiu da casa. Como da outra vez, caminhando, percorreu uma razoável distância e depois sentou-se naquele chão de areia. Ficou sentada durante um bom tempinho em absoluta calma, conservando os olhos semicerrados.

É maravilhoso — pensou ela — sentir esta paz e esta calma como que a inundar a alma. Joan simplesmente sentia o bem que isso estava lhe fazendo. O ar saudável, o agradável calor do sol, a calma reinante, tudo lhe propiciava uma grande satisfação.

Permaneceu assim bastante tempo. Depois olhou o mostrador do relógio. Passavam dez minutos das dez. Como a manhã estava passando ligeiro!

Não seria bom que ela escrevesse algumas linhas a Bárbara?

Realmente, como foi que ela não teve idéia de escrever a Bárbara ontem ao invés de rabiscar aquelas cartas tolas e sem fundamento para as suas amigas na Inglaterra?

Pegou o bloco e a caneta e começou a escrever:

“Querida Bárbara.

A minha viagem não está sendo muito feliz. Perdi o trem que deveria partir na noite de segunda-feira e agora, ao que parece, terei que permanecer aqui durante dias. É um lugar muito calmo e o sol é agradável. Por isso eu me sinto bem feliz...”

Fez uma pausa. Que mais deveria ela dizer? Algo acerca do bebê?

Falar sobre William? Mas que será que Blanche quis insinuar quando disse: “Não fique preocupada com Bárbara?” Era exatamente por isso que Joan não queria pensar em Blanche. Blanche fez certos comentários a respeito de Bárbara de maneira tão esquisita... Ela falou como se Joan, a mãe de Blanche, não soubesse de tudo o que se passava com a sua própria filha.

“Estou certa de que tudo vai ficar bem agora.“

Esta frase não significará que de fato houve algo de anormal? Mas como? Parece que Blanche comentou que Bárbara se casara muito jovem ainda. Joan, apreensiva, começou a agitar-se. Ela se lembrou de que na época do casamento de Bárbara, Rodney havia dito algo parecido. Ele, subitamente e de maneira pouco habitual, declarou peremptoriamente:

— Não estou contente com este casamento, Joan.

— Oh, Rodney, mas por quê? William é tão amável e ambos parecem combinar muito bem.

— Não digo o contrário. Ele é um rapaz amável e bastante jovem mas Bárbara não o ama, Joan!

Ela chegou a ficar perplexa, completamente estupefata ante tal afirmativa do marido.

— Rodney, sinceramente, que ridícula é essa idéia! É evidente que ela o ama. Se não fosse assim por que então ela se decidiu a casar com ele?

Rodney passou a responder-lhe de maneira um tanto obscura:

— É exatamente por isso que eu tenho medo. Por causa dessa decisão que ela tomou.

— Mas, queridinho, será que você não está sendo um pouco ridículo?

Parecendo não ter percebido o tom de voz brando e delicado com que Joan propositadamente se expressara, ele retrucou:

— Se ela não o ama, não deve absolutamente casar-se com ele.

Bárbara é muito jovem para isso e, também, excessivamente temperamental.

— Bem, Rodney, que é que você sabe com relação ao temperamento das pessoas?

Nada adiantou ter ela procurado tornar-se alegre e divertida, pois Rodney nem sequer fez esboço de um sorriso. Ele continuou:

— Muitas vezes as moças se casam só para poderem sair de casa.

Ante tal afirmativa, Joan não pôde conter uma risadinha e retrucou-lhe:

— Mas não de uma casa como a de Bárbara! E digo isso porque moça alguma jamais teve um lar tão feliz como o de Bárbara.

— Você realmente pensa assim, Joan?

— Por que deveria eu pensar o contrário? Aqui fazemos tudo o que é possível para a felicidade de nossos filhos.

— Não me parece que nossos filhos tenham o prazer de convidar seus amigos com muita frequência...

— Ora, queridinho, eu sempre faço reuniões aqui em casa e convido os jovens. Coloco um ponto final nesta conversa dizendo que era Bárbara que não gostava que eu fizesse recepções e não queria que eu convidasse as pessoas...

Rodney sacudiu a cabeça denotando descontentamento. Mais tarde, ainda

nesse mesmo dia, Joan entrou no quarto de Bárbara e ouviu que ela exclamava impaciente:

— Não dá, papai! Já resolvi ir embora. Não posso ficar aqui por mais tempo. E não me aconselhe a sair para procurar trabalho nalgum outro lugar que eu não gosto disso!

— Mas, afinal, por que todo esse barulho? — perguntou Joan.

Após uma diminuta pausa, Bárbara, com a face enrubescida, passou a explicar-lhe:

— Eu estava gritando porque papai sempre acha que compreende a minha situação melhor do que eu. Ele quer que eu prolongue o meu noivado por alguns anos. Respondi-lhe que eu não posso fazer isso e que eu quero me casar com William a fim de ir embora para Bagdá. Acho que lá é uma verdadeira maravilha.

— Oh, minha querida — respondeu-lhe Joan —, eu não queria que você fosse tão longe assim. Gostaria de ter você sob os meus olhos como sempre a tive até agora.

— Oh, mamã!

— Bem compreendo, queridinha, o seu desejo... Mas você nem pode fazer idéia de como é tão jovem ainda... e tão inexperiente. Eu poderia ajudá-la muito se você não fosse, morar tão longe.

Bárbara sorriu e respondeu-lhe:

— Bem, eu própria terei que remar para conduzir o meu barco, sem poder valer-me da sua experiência e da sua sabedoria...

E enquanto Rodney, devagarinho, ia saindo do quarto, ela correu apressada para perto dele. Abraçou-o fortemente dizendo-lhe:

— Papaizinho querido.

Querido, querido, querido... Realmente — este foi o raciocínio de Joan —, a menina está se tornando muito efusiva na demonstração do seu afeto. Mas de qualquer forma ficou provado que a suposição de Rodney estava errada. Bárbara regozijava-se com a idéia de ir para o Oriente Próximo, acompanhando o seu querido William. E como era comovente observar o lindo par enamorado fazendo os seus planos para o futuro!

Era até bem surpreendente e estranho o fato de se ter propalado através de toda Bagdá o comentário de que Bárbara havia sido infeliz no seu lar. Mas Bagdá parece ser uma cidade onde os boatos sem fundamento se propalam com muita facilidade. São tantos os falatórios, que dificilmente uma pessoa gosta de referir-se a qualquer outra.

O major Reid, por exemplo.

Joan, pessoalmente, nunca se encontrara com o major Reid, mas ele era

sempre muito citado nas cartas que Bárbara lhe escrevia. “Major Reid esteve aqui em casa jantando conosco. Fomos praticar tiro ao alvo com o major Reid” — e assim por diante.

Bárbara, durante os meses de verão, passou em Arkandous. Lá ela e outra jovem senhora casada alugaram um chalé em sociedade. O major Reid na mesma época também se dirigiu àquela localidade. Eles tiveram uma competição de tênis em Arkandous. Por fim, Bárbara e ele, no clube local, venceram a dupla formada por sócios da própria entidade.

Desse modo nada havia de espantoso no fato de Joan ter feito indagações acerca do major Reid. Tanto ela ouvira falar a respeito dele que já não mais podia conter a sua ânsia de conhecê-lo.

Foi realmente ridículo e absurdo o embaraço causado por esta sua pergunta.

Bárbara empalideceu bruscamente e William enrubesceu. Decorridos alguns segundos, ele respondeu com um tom de voz bem esquisito, parecendo estar grunhindo:

— Nada sabemos a respeito dele agora.

A maneira como ele se expressou foi tão estranha que Joan resolveu não mais prosseguir com suas indagações. Contudo, mais tarde, depois que Bárbara já havia ido para a cama, ela voltou ao assunto dizendo sorridente e com um certo fingimento que lhe parecia ter feito momentos antes uma pergunta com relação ao major Reid, o qual ela julgava ser um amigo íntimo da família.

William levantou-se da cadeira e, como que maquinalmente, começou a bater de leve no seu cachimbo.

— Nada sei — respondeu ele vagamente. — Apenas praticamos juntos tiro ao alvo algumas vezes e nada mais. Já faz muito tempo que não ouvimos falar a respeito dele.

Joan percebeu imediatamente ter havido entre eles algo que não deu certo. Ela sorriu ao ver como os homens deixam transparecer tudo facilmente. Chegou até a achar engraçada e bem antiquada a atitude reticente de William. Provavelmente ele supunha — pensou Joan — que ela fosse uma mulher excessivamente austera e imbuída do espírito de um rígido puritanismo — enfim, que ela fosse uma verdadeira sogra cônscia do seu papel.

Então disse ela:

— Já sei. Houve algum escândalo.

—Que é que a senhora quer insinuar? — perguntou William voltando-se para ela sem poder ocultar a sua irritação.

— Meu caro rapaz (Joan sorriu-lhe), a gente nota logo pela sua maneira de expressar-se. Acho que você descobriu, a respeito desse homem, algo que o forçou a interromper suas relações com ele. Oh, não mais farei perguntas a

respeito dele. Eu bem sei que às vezes surgem casos que são constrangedores.

William passou a falar lentamente, como que pesando as próprias palavras:

— Sim... sim, a senhora tem razão. Há casos que são de fato constrangedores.

Joan prosseguiu:

— A gente sempre deve procurar os amigos levando em conta o valor e a dignidade que eles possuem. Mas sei que é realmente desagradável quando se descobre que uma determinada pessoa considerada amiga não presta.

— Ele já saiu deste país, felizmente. Foi para a África Oriental.

Subitamente Joan se lembrou de alguns fragmentos de conversa que ouvira no Alwyah Club. Era uma conversa que se relacionava com a ida de Nobby Reid para Uganda.

Disse uma das mulheres que estavam ali conversando:

— Coitado do Nobby! Ele não tem culpa de ser perseguido por essas jovens idiotas que correm atrás dele procurando requestá-lo à força com seus galanteios.

Uma outra mulher mais idosa soltou uma gargalhada e retrucou cheia de rancor:

— Ele levou junto para Uganda uma boa carga de culpas na consciência. De jovens meigas e ingênuas é que ele gosta. Dessas pobres mulheres recém-casadas, jovens e inexperientes ainda. Mas devo admitir que ele emprega uma técnica admirável. Torna-se terrivelmente simpático e sedutor. A jovem fica pensando que ele de fato a ama apaixonadamente. Mas enquanto a inocente bobinha pensa que ele anda caído de amores para o lado dela, ele já anda tratando de encontrar uma outra ingênua para iludir.

— Bem, seja lá como for — obtemperou a primeira mulher —, nós todas vamos sentir falta dele. Ele era tão divertido!

A outra interlocutora soltou uma nova gargalhada e disse:

— Há aqui nesta cidade um marido ou dois que não ficaram nada aborrecidos com a saída do simpático conquistador. Falando a pura verdade, quase nenhum homem gostava dele.

— Realmente, nesta cidade ninguém o suportava.

— Púúú!! — fez a segunda mulher e começou a falar baixinho como se estivesse segredando algum fato sigiloso à outra. Dali por diante Joan não pôde entender mais nada.

Ela, naquele dia, não ligou muita importância a essa conversa que, agora, inesperadamente lhe surgia na lembrança. Se William nada quis responder quando ela indagou a respeito do major Reid, Bárbara devia ter-se mostrado menos reticente. Entretanto foi a própria Bárbara, demonstrando um certo desagrado no seu tom de voz, que declarou:

— Eu não quero falar a respeito dele, mamã. A senhora me entendeu?

Joan passou a refletir que Bárbara, enquanto ela permaneceu na casa dela, não quis nunca falar a respeito de nada. Sua filha fora incrivelmente reservada quanto à doença que a prostrara e mostrava-se sensível e irritadiça quando Joan lhe indagava sobre a possível causa dos seus incômodos.

Respondia quase sempre com evasivas dizendo apenas que tudo começara com uma espécie de envenenamento. Joan naturalmente supôs que se tratava de envenenamento ocasionado por alimentos deteriorados ou coisa semelhante, mesmo porque as intoxicações pela ptomaína são muito comuns nos climas quentes. Mas tanto William como Bárbara se esquivavam de entrar em maiores detalhes. Até o próprio médico ao qual ela se dirigira na sua qualidade de mãe de Bárbara se mostrou taciturno, reservado e pouco comunicativo. O principal cuidado do médico era salientar, empregando veemência nas suas palavras, que a Sra. Wray não devia ser interrogada acerca dos seus incômodos e nem forçada a falar sobre eles.

— Ela só precisa, agora, de muito carinho para recuperar-se. Nada adianta querer saber o porquê dos seus males. Insistir com tais indagações não seria nada bom para a doente. Esta é apenas uma sugestão que eu lhe estou dando, Sra. Scudamore.

Joan achou que o médico fora pouco amável mostrando-se inflexível. Ele devia ser mais compreensivo para uma devotada mãe que, ao saber da doença da filha, se abalara a toda pressa de lá da Inglaterra.

Oh, sim, mas em todo caso Bárbara ficou muito agradecida à sua mãe. Pelo menos esta era a suposição de Joan. Sua filha lhe externara seus agradecimentos com palavras ternas.

Quando Joan disse que gostaria de ficar com eles mais alguns dias, William respondeu-lhe que este era seu desejo também. Foi ela própria que pediu que eles não insistissem com ela para ficar porque, embora muito desejasse passar o inverno em Bagdá, ela não poderia esquecer-se de que havia também o pai de Bárbara. Não seria correto deixá-lo sozinho na Inglaterra.

Bárbara, com uma voz lânguida, quase sumida, exclamou:

— Querido papai!

Só depois de decorridos alguns segundos foi que ela disse:

— Escute, mamãe; por que é que a senhora não fica?

— Pense também no seu pai, queridinha!

Bárbara retrucou com um tom de voz um tanto áspero — como era, aliás, do seu hábito fazer às vezes — que ela nunca deixava de pensar nele.

Aí, então, Joan ponderou mais uma vez que ela não podia deixar o pobre Rodney entregue aos criados.

Alguns dias antes da sua partida da casa de Bárbara, houve um momento em

que Joan quase mudara de idéia tendo resolvido permanecer ali pelo menos mais um mês. Mas William lhe fez muitas ponderações enumerando as dificuldades que poderia acarretar-lhe uma viagem através do deserto, feita durante a estação chuvosa. Então ela ficou pressurosa e achou que seria melhor mesmo iniciar a viagem de regresso no dia marcado anteriormente. Depois disso, William e Bárbara passaram a cercá-la de tantas amabilidades que ela quase esteve a ponto de mudar de idéia novamente — mas não chegou a revelar esta sua intenção.

Por mais atraso que ela tivesse tido em sair de Bagdá nada de pior do que esta situação lhe poderia acontecer.

Joan deu mais uma olhada no seu relógio. Faltavam cinco minutos para as onze. Pareceu-lhe até ser quase impossível que alguém pudesse rememorar tantas coisas em tão pouco tempo.

Ela, naquele instante, lamentou não ter trazido junto The Power House. Entretanto, como era o único livro de que ela dispunha para ler, achou melhor deixá-lo de reserva.

Faltavam ainda duas horas para o almoço. Ela havia dito que desejava nesse dia almoçar à uma hora. Talvez seria melhor que ela caminhasse um pouco. Mas também que estupidez ficar andando por ali a esmo sem ter nenhum lugar designado para onde dirigir-se.

E o sol já estava bem quente.

Bem... mas quantas vezes não desejara poder dispor de um pouco de tempo para dedicar-se exclusivamente a si própria, meditando sobre a sua vida. E agora — melhor do que nunca — lhe surgiu esta oportunidade. Quais seriam as coisas nas quais preferentemente ela gostaria de pensar?

Joan começou a repassar o arquivo da sua memória, mas os assuntos que surgiam pareciam-lhe ter apenas um interesse que se limitava às vivências do seu ambiente — como, por exemplo, lembrar-se onde ela havia colocado isto ou aquilo, decidir sobre qual seria a melhor maneira de conceder as férias de verão aos criados, fazer projetos sobre a nova decoração da velha sala da escola.

Todas essas coisas, agora, não lhe pareciam ser de muita importância e não requeriam tanta urgência.

Novembro ainda se achava um pouco longe para que ela se preocupasse desde já com as férias dos seus empregados. Ademais, ela teria que saber em que dia irá cair a festa de Pentecostes e ver o que marca o calendário do próximo ano. Entretanto ela poderia tomar algumas decisões com relação à sala de aula. Que tal, para as paredes, um revestimento com as nuanças do bege e da cor da papa feita com farinha de aveia? E umas lindas almofadas com tonalidades vivas?

Ficaria muito bem, sem dúvida.

Já passavam dez minutos das onze. Até que para renovar a decoração da sala

de aula não levou muito tempo. Em seguida Joan começou a refletir: — Se eu soubesse o que iria me acontecer, teria trazido algum livro interessante que versasse sobre a ciência moderna e sobre as mais recentes descobertas científicas. Um livro que explanasse a teoria dos quanta, por exemplo.

Depois ela própria, admirada, ficou imaginando como lhe poderia ter surgido na mente esta idéia da teoria quântica.

Deve ter sido evidentemente por causa do revestimento da parede e da Sra. Sherston. Pois ela se lembrou de que certo dia estivera discutindo o tão debatido problema dos tecidos de chita e de cretone com a Sra. Sherston, esposa do gerente do banco, e ela, bem no meio da conversa, declarou inopinadamente:

— Como eu desejaria ter inteligência bastante para poder compreender a teoria dos quanta. É um assunto sumamente fascinante, não é? Dizer que toda a energia se acha armazenada em diminutas partículas!

Joan fitou-a com ar de surpresa, pois não podia entender o que é que uma teoria científica tinha a ver com chitas e cretones. A Sra. Sherston ficou um pouco vermelha e exclamou:

— Que imbecil que eu sou! Mas você compreende, não é? Muitas vezes uma idéia entra no crânio subitamente, sem mais nem menos. E esta é uma idéia interessante, você não acha?

Joan pessoalmente não achou que a idéia fosse lá muito fascinante e a conversa sobre este assunto parou aí mesmo. Joan então fixou a sua mente na lembrança dos cretones da Sra. Sherston — ou, melhor dizendo, dos seus revestimentos de linho estampados a mão mostrando desenhos de folhagens com as cores castanhas, cinza e vermelha.

Joan disse à amiga:

— Estas cores não são muito comuns. Saíram muito caros estes revestimentos?

A Sra. Sherston respondeu que realmente eles foram dispendiosos, acrescentando que ela os havia adquirido só porque gostava imensamente de árvores e de folhagens e que o seu maior sonho na vida seria ir para algum lugar como Burma ou Malaia, onde as árvores medram realmente depressa. E as palavras realmente depressa ela pronunciou com um tom de voz que revelava ansiedade, fazendo com as mãos um gesto disforme para exprimir a sua impaciência.

Esse tecido de linho deveria ter custado, no mínimo, dezoito libras e seis xelins a jarda, calculou Joan. Era um preço verdadeiramente exorbitante para aquela época. Bastava apenas que se procurasse saber a quantia que o capitão Sherston entregava à sua esposa para a manutenção da casa e para os gastos pessoais a fim de se ter uma idéia do que estava por acontecer mais tarde...

Na verdade, Joan pessoalmente nunca pôde gostar daquele homem. Ela se recordava de tê-lo visto uma vez no seu gabinete lá no banco discutindo planos de investimentos de ações. Sherston estava sentado na sua mesa de trabalho, em frente dela. Ele era um tipo corpulento e cheio de vivacidade que parecia exsudar bonomia. Tinha maneiras excessivamente afetadas.

— Eu sou um homem do mundo, distinta senhora. Não faça uma idéia de mim como se eu fosse simplesmente uma inexaurível máquina de fabricar dinheiro, Eu gosto de jogar tênis e golfe, de dançar e de me entreter numa rodinha de bridge. As verdadeiras características da minha personalidade a senhora encontrará, por exemplo, no camarada alegre que toma parte nas reuniões sociais e não no funcionário categorizado de um banco que, às vezes, se vê obrigado a dizer: “Chega de saques a descoberto daqui para diante”.

Ele não passava de um saco cheio de ar, de um paroleiro qualquer metido a rompante e inflado de orgulho. Este foi o juízo que Joan fez dele. Devia ter sido nessa mesma época que ele começou a falsificar a escrita e a fazer trapaças.

E dizer que todo mundo gostava dele! Afirmavam que ele era um gerente de banco muito diferente dos outros.

Pensando bem, esta afirmativa tinha, de fato, um certo viso de verdade: só um gerente de banco muito diferente dos outros é que seria capaz de apropriar-se fraudulentamente do dinheiro da sua instituição.

Bem, de qualquer forma Leslie Sherston conseguiu os revestimentos de linho estampado. Não que se queira insinuar com isso que ela tenha compelido Sherston a praticar atos desonestos por ser uma esposa extravagante e descontrolada nos gastos. Pelo contrário, qualquer pessoa, observando Leslie Sherston, perceberia logo que ela particularmente pouco proveito tirou desse dinheiro. Na verdade, para ela o dinheiro não tinha grande significação. Coitada dela, quase sempre usando o mesmo vestido de pano de lã axadrezado, já meio gasto e puído, e capinando seu jardim. Quando saía para dar uma voltinha pela redondeza, só andava a pé. Também nunca se preocupou muito com a roupa dos filhos. Joan lembrou-se de uma tarde em que Leslie Sherston servira o chá na sua casa, trazendo um pão bem grande, um pacotinho de manteiga, doce de frutas feito em casa, as xícaras e o bule de chá, tudo desordenadamente dentro de uma bandeja.

Ela era um tipo de mulher negligente que se descuidava da sua aparência, mas andava sempre alegre e jovial. Quando caminhava, dava a impressão de ter postura só de um lado. Da mesma forma ela parecia mostrar feitio de face só num lado do rosto. Mesmo assim, aquele seu sorriso unilateral era amável e toda gente gostava muito dela.

Oh, sim, a pobre Sra. Sherston tinha uma vida triste e atribulada!

Joan fez um brusco movimento. Como foi que surgiu na sua mente esta expressão: Vida triste e atribulada?

Estas palavras forçavam-na a evocar a lembrança de Blanche Haggard (embora a desta última fosse um tipo de vida triste muito diferente).

E pensando em Blanche, ela inevitavelmente via-se compelida a rememorar as circunstâncias que envolveram a doença de Bárbara e isto poderia levá-la a um rumo inesperado capaz de lhe ocasionar aflições.

Ela olhou de novo o mostrador do seu relógio. Os tecidos de linho e a pobre Sra. Sherston fizeram com que Joan despendesse meia hora, no mínimo. E, agora, em que deveria ela pensar? Teria que ser algo agradável e não bobagens que só causam perturbação de espírito.

Rodney poderia servir de assunto naquele momento. E era sempre com grande prazer que a mente de Joan evocava a figura do seu marido. Ela parecia vê-lo postado na gare da estação Vitória dando-lhe adeus no instante da partida.

Sim, o querido Rodney. Lá na plataforma ele permanecia observando-a, com o sol batendo em cheio na sua face. Notavam-se nos seus olhos sulcos profundos que se entrelaçavam nas extremidades das pálpebras. Ele tinha os olhos de uma pessoa cansada. Olhos que exprimiam profunda melancolia. (Não que Rodney fosse triste — pensou Joan. Trata-se simplesmente de um artifício de linguagem para facilitar a construção da frase. A gente não diz também que alguns animais têm os olhos tristes?) Ele habitualmente usava óculos e por isso não se podia notar a tristeza nos seus olhos. E não havia dúvida de que a sua aparência era a de um homem cansado. Também não era para menos.

“Ele trabalhou tanto na vida. Praticamente ele nunca faltou ao serviço nem um dia. Quando eu chegar de volta em casa vou modificar tudo. Rodney deve dispor de mais tempo de lazer. Bem que eu deveria ter pensado nisso antes!”

Rodney, observado agora sob a intensa claridade da luz do sol, parecia muito mais velho. Antes da partida do trem eles ficaram se olhando durante um bom tempinho e depois trocaram as últimas palavras que habitualmente se empregam para a estúpida saudação de despedida.

— Eu acho que em Callais você não precisará passar pelo posto da alfândega.

— Também acho que não. É bem provável que os passageiros passem logo para o expresso de Simpson.

— E lembre-se do transporte em Brindisi. Espero que o Mediterrâneo esteja calmo e lhe propicie uma viagem agradável.

— Como eu gostaria de passar um ou dois dias no Cairo.

— E por que você não passa?

— Queridinho, você bem sabe que eu não posso demorar por causa de Bárbara. Existe serviço aéreo somente uma vez por semana.

— É verdade. Eu me havia esquecido disso. — Soou o apito. Ele sorriu para ela. — Cuide-se bem, minha pequena Joan!

— Goodbye! E que você não sinta muito minha ausência.

O trem arrancou, dando um solavanco. Joan puxou a cabeça para dentro. Rodney acenava-lhe abanando o braço. Depois, com a agilidade de um atleta, rodopiou na ponta dos pés, virando-se para ir embora.

Joan não pôde conter o impulso de debruçar-se mais uma vez sobre a janela para observá-lo. Nesse instante ele estava subindo a passos largos, bem empertigado, os degraus da escada da plataforma.

Ela sentiu um súbito tremor: pareceu-lhe que Rodney, de um momento para outro, sofrera uma brusca mudança ficando muito mais jovem. Caminhava com desenvoltura, a cabeça erguida e o busto bem ereto. Ela quase teve um choque...

Teve a impressão de ter visto um jovem despreocupado e feliz subindo os degraus da plataforma e não o pobre Rodney com a carcaça toda encarquilhada.

Este fato trouxe-lhe à lembrança o primeiro encontro que ela tivera com Rodney Scudamore. Ela havia sido apresentada a ele num jogo de tênis. Não demorou muito e eles penetraram na quadra para a competição.

Ele perguntou-lhe:

— Sou eu quem vai jogar junto à rede?

Foi aí que ela, observando-o atentamente, viu como ele se movimentava a passos largos, bem empertigado. Achou que Rodney tinha um lindo dorso de atleta... Admirava a sua maneira de andar, o formato da sua cabeça e do seu pescoço.

Lá na quadra de tênis, de repente ela ficou nervosa: cometera duas faltas no jogo e começou a sentir calor e a ficar aborrecida.

Rodney virou a cabeça e procurou encorajá-la, sorrindo-lhe com aquele sorriso amável que lhe era tão peculiar.

Que jovem atraente era ele!

Foi assim que Joan começou a enamorar-se dele.

Observando da janela do trem já em movimento a desenvoltura com que Rodney caminhava até desaparecer no meio da multidão, forçosamente Joan não podia deixar de evocar aquele dia de verão em que tivera o seu primeiro encontro com ele na quadra de tênis. Fazia já tantos anos!

Mas... agora Rodney, de um momento para outro, inesperadamente, passou a caminhar com agilidade, parecendo até que o peso dos anos fora sacudido e que ele se tornara novamente um jovem esbelto e vaidoso.

Parecendo até que o peso dos anos fora sacudido do seu lombo!

Subitamente ela, em pleno deserto, com o sol abrasador batendo-lhe em cheio, sentiu um calafrio a perpassar-lhe pelo corpo...

“Não... não quero mais continuar pensando nisso...” — exclamou ela como que monologando.

Vejam só! Rodney subindo os degraus da plataforma a passos largos, bem empertigado, com a agilidade de um atleta. Até parecia que a sua corcova tivesse desaparecido como que por encanto, deixando-o aliviado de uma pesada carga.

Pensando bem, por que deveria ela estar rememorando ali esse fato? É claro que ela só estava imaginando coisas... coisas sem fundamento. Foram seus olhos que a enganaram, pregando-lhe uma peça...

Mas por que será que ele não esperou o trem tomar uma certa distância? Bem, em todo caso...

Será que ele poderia mesmo ter permanecido um pouquinho mais na gare? Também é preciso dizer que ele tinha alguns negócios urgentes para resolver em Londres. E além disso há gente que não gosta de presenciar a partida de um trem quando viaja uma pessoa amada.

Mas seria possível que qualquer criatura fixasse melhor do que ela a postura elegante do dorso de Rodney e a sua agilidade?

Bobagem! Pura imaginação!

Ponto final! Não é pensando agora no caso que ela poderia melhorar a situação.

Quem imagina coisas assim é porque já tinha na cabeça idéias desvirtuadas da realidade.

Nada do que ela imaginava podia ser verdade. Ela estava tirando certas conclusões que absolutamente não tinham nenhum fundamento.

Era como se ela própria dissesse a si mesma (então não era ela própria que imaginava tudo isso?!) que Rodney se sentia alegre e satisfeito porque ela estava indo embora.

E isso absolutamente não podia ser verdade!

Quatro

Joan chegou à casa de pernoite quase sufocada pelo calor.

Inconscientemente havia acelerado os passos como que procurando tomar a dianteira a esses pensamentos importunos que não queriam se despregar da sua mente.

O hindu fitou-a com certa curiosidade e perguntou-lhe:

— Memsahib caminha muito ligeiro. Por que caminha ligeiro? Tem muito tempo aqui.

— Oh, Santo Deus! — exclamou Joan. — Realmente disponho de muito tempo aqui!

O hindu, a casa de pernoite, as galinhas, as latas velhas no monturo de lixo e a cerca de arame farpado — tudo isso começava a irritá-la fortemente, deixando-a atacada dos nervos.

Dirigiu-se ao seu quarto e pegou o The Power House. Abriu o livro e começou a ler. Leu a metade do livro até a hora de ir ao refeitório.

O almoço constava de omelete com feijão cozido no forno, salmão com arroz e damascos enlatados.

Joan comeu só um pouquinho.

Voltou em seguida ao quarto e deitou-se. Era muito bom repousar um pouco depois de ter caminhado apressadamente sob o sol abrasador.

Fechou os olhos, mas o sono não veio. Ela permanecia bem desperta prestando atenção em tudo.

Levantou-se, tomou três aspirinas e deitou-se de novo. Cada vez que ela fechava os olhos via o lindo dorso de Rodney que, empertigado e ágil, saía da gare da estação. Isto até já estava se tornando insuportável.

Então abriu um pouco à cortina da janela para deixar entrar um pouco de sol e começou a ler novamente The Power House. Faltando algumas páginas para terminar o livro, pegou no sono.

Então sonhou que ia participar de um torneio com Rodney. Eles tiveram muita dificuldade em encontrar as bolas. Finalmente, depois de um certo tempo, se encontravam no meio da quadra. Exatamente quando ela começava a sacar verificou que estava jogando contra Rodney e a jovem Randolph. Dali por diante não fez outra coisa senão cometer faltas.

“Rodney vai me ajudar” — pensou ela. Mas qual nada! Quando ela procurou ver onde ele estava, já havia sumido. Todo mundo já tinha ido embora e começou a ficar escuro.

“Estou completamente só! Estou completamente só!” Ela despertou num sobressalto.

— Estou completamente só — repetiu baixinho.

Ela não conseguiu livrar-se logo dos reflexos desse sonho.

Pareceu-lhe que as palavras que acabara de pronunciar eram realmente aterradoras.

Repetiu outra vez ainda:

— Estou completamente só.

O hindu enfiou a cabeça no quarto.

— Memsahib está chamando?

— Sim. Traga-me um pouco de chá.

— Memsahib quer chá? Só às três horas.

— Eu quero o chá agora.

Ele saiu imediatamente e ela ouviu-o gritar: “Chai-chai”.

Ela levantou-se e foi postar-se diante daquele espelho todo sarapintado e poluído pelas moscas a fim de verificar se o seu aspecto era normal.

Joan começou a falar consigo mesma enquanto se contemplava no espelho: “Será que você não vai adoecer? Seu comportamento anda muito esquisito”.

Não teria sido por causa do sol?

Quando o hindu lhe trouxe o chá, ela já tinha quase voltado ao seu estado normal. Na verdade tudo o que se estava passando com ela não deixava de ser estranho e engraçado. Ora, onde é que já se viu, ela, Joan Scudamore, atacada dos nervos!! É claro que não se tratava de nervosismo. Só podia ser o efeito daquele sol abrasante... Ela não mais faria as suas caminhadas enquanto o sol não estivesse quase a ponto de sumir-se no horizonte.

Ela tomou uma xícara de chá e comeu alguns biscoitos. Depois acabou de ler The Power House. Logo que fechou o livro um incontrolável receio invadiu-lhe o espírito.

E, agora, nada mais tenho para ler — pensou ela.

E de fato nada mais tinha para ler. O bloco de cartas também já havia terminado. Nem mesmo com alguma costura ela podia entreter-se, como era de seu hábito. Outra coisa ela, agora, não podia fazer senão aguardar a chegada de um problemático trem que, talvez, só viesse alguns dias mais tarde.

Quando o hindu entrou para levar o aparelho de chá, ela perguntou-lhe:

— Que é que você está fazendo aqui?

O homem ficou surpreso com esta pergunta.

— Sou eu que atendo hóspedes passageiros, Memsahib.

— Sim, eu sei (ela procurou conter-se, controlando a sua impaciência e o seu nervosismo). Mas você gasta todo o seu tempo só atendendo as pessoas?

— Eu dou a refeição da manhã, o almoço, o chá...

— Não, não quero me referir a isso. Você não tem ajudantes?

— Jovem árabe. Muito estúpido, muito preguiçoso, muito sujo. Eu é que tenho que providenciar tudo. Não confio nele. Ele só traz água para banho e depois retira a água suja usada no banho...

— Mas vocês aqui são três: você, o cozinheiro e o rapaz árabe. Você deve ter muito tempo de sobra, não é verdade? Você sabe ler?

— Ler? Ler o quê?

— Livros.

— Eu não sei ler.

— Então que é que você faz quando não está trabalhando?

— Fico esperando até que apareça serviço.

É inútil conversar com eles — refletiu Joan. — Eles nunca compreendem o significado da conversa da gente. Esse indivíduo permanece sempre aqui, meses após meses. Lá uma vez ou outra — assim era de supor-se — ele tira umas pequenas férias e vai à cidade para comprar alguma coisa e visitar os amigos. Afora isso, ele não arreda pé deste lugar. É bem verdade que tem a companhia do cozinheiro e do rapaz árabe... O árabe, quando não carrega água, deita-se ao sol e fica dormindo. Assim, ele vai levando a vida mais fácil deste mundo.

Joan pensou:

“Eles não me agradam nada. O único assunto sobre o qual o hindu sabe falar, em inglês, se refere a comida e bebida. Da sua boca não sai outra frase senão: ‘Tempo muito lindo!’” O hindu se retirou. Joan, nervosa, movimentava-se no quarto de um canto ao outro.

— Sou capaz até de ficar louca. Tenho que procurar fazer algo... tenho que achar algum entretimento para passar o tempo... Seria bom até que eu me decidisse a pensar... pensar... pensar em mim própria. De forma alguma eu devo... Bem — falando com clareza — não devo permitir que o medo me domine nem devo ficar atrapalhada nesta situação. A verdade é que sempre levei uma vida atarefada, ocupando todo o meu tempo. E sempre me dediquei muito ao meu trabalho. Mas tratava-se de uma vida num meio civilizado.

Fazendo, agora, um confronto entre os dois sistemas de vida, conclui-se logo que uma pessoa operosa terá que sentir-se completamente desalentada e desajeitada ao ter que passar tanto tempo assim sem fazer absolutamente nada.

Isso não quer dizer que não haja pessoas que, mesmo estando em casa, não possam descansar, passando horas e horas sem fazer nada.

Provavelmente se sentem muito felizes com a vida que levam. Até a própria Sra. Sherston, que normalmente devia trabalhar por dois, às vezes encontrava tempo suficiente para ficar sentada, sem fazer nada.

Isto ela fazia principalmente quando saía para dar as suas caminhadas despendendo muita energia. Então sentava-se ela sobre um tronco de árvore ou atirava-se sobre o chão coberto de grama e ali permanecia durante um longo tempo contemplando como que absorta o espaço em redor.

Foi precisamente num dia em que a Sra. Sherston estava sentada dessa maneira, lançando seus olhos para longe, numa atitude de profunda meditação, que Joan teve a impressão de ter vislumbrado, numa visão fugidia, o vulto da jovem Randolph...

Ao recordar este fato, Joan ficou com as faces um tanto ruborizadas. E, na verdade, ela não podia dizer que não esteve bancando a espiã. Por isso, agora, sentiu-se envergonhada... Ela não era absolutamente desse tipo de mulher.

Mas, Santo Deus, por que terá ela que preocupar-se de novo com Myrna Randolph? Por quê? Um tipo de moça que não possui nenhum senso de moral.

Joan, então, não pôde resistir à tentação de relembrar como foi mesmo que ela se decidiu a espionar a Sra. Sherston. Tudo aconteceu num dia em que Joan estivera comprando flores da velha Sra. Garnett.

Precisamente no momento em que ela saía daquela casinha de campo, ouviu a voz de Rodney que passava na estrada, no outro lado da cerca de sebe. A voz dele e uma voz feminina que lhe respondia.

Joan apressou-se em dizer adeus a Sra. Garnett e saiu caminhando em direção à estrada. Em seguida conseguiu divisar os vultos de Rodney e da jovem Randolph, quase no instante em que ambos iam atingindo a volta da estrada que conduzia a Asheldown.

Neste ponto, é bom que se frise de novo: ela não ficou muito satisfeita com o que fez nesse dia... Não era do seu hábito proceder assim. Mas o fato é que ela não pôde resistir a procurar certificar-se do que havia entre eles. Absolutamente ela não culpava Rodney. Todo mundo sabia que tipo de mulher era Myrna Randolph.

Joan tomou o caminho que subia através de Haling Wood e veio sair na estrada limpa, completamente desprovida de vegetação, que se estendia até Asheldown. Aí, então, ela pôde divisar, com os contornos mais bem definidos, os vultos de ambos — duas criaturas sentadas à beira do caminho, contemplando absortas e imóveis o panorama que se descortinava lá embaixo, naquela região Campestre profusamente iluminada por um sol radiante.

Que alívio sentiu Joan quando verificou que não era Myrna Randolph que ali estava com Rodney, mas sim a Sra. Sherston. Eles até que não estavam sentados muito perto um do outro. Havia um espaço de, pelo menos, quatro pés entre ambos. Realmente uma distância dificilmente aceitável para pessoas amigas... Mas naquela época Leslie Sherston não era ainda uma pessoa muito achegada a

eles. Não se podia dizer, portanto, que entre as duas famílias houvesse uma amizade já consolidada. E além disso a Sra. Sherston certamente não podia ser tida por uma fascinante e tentadora sereia. Tal suposição seria simplesmente ridícula. Não...

Talvez ela tivesse saído para dar uma das suas costumeiras caminhadas pelo campo, tendo sido alcançada por Rodney que, então, passou a acompanhá-la por simples cortesia como era do seu hábito fazer.

Sem dúvida eles, depois de terem subido aquela estrada íngreme, caminhando sem parar até atingir a crista de Ashel down Ridge, resolveram fazer uma pequena pausa e contemplar o panorama encantador que ali se vislumbrava.

Todavia realmente espantoso era o fato de permanecerem ambos imóveis e calados. Não era uma atitude muito sociável — pensou Joan.

Oh, mas certamente cada qual tinha os seus próprios pensamentos para ruminar. Talvez eles tivessem compreendido que seria melhor um não importunar o outro com conversa enquanto ambos estivessem absortos nas suas reflexões.

Foi precisamente por essa época que os Scudamores ficaram conhecendo melhor Leslie Sherston.

A descoberta dos desfalques de Sherston explodiu sobre a consternada Crayminster como uma verdadeira bomba. Sherston foi para a cadeia, a fim de cumprir sua sentença. Rodney foi o advogado que atuou em sua defesa perante o tribunal, tendo também sido o advogado de Leslie. Ele tinha muita pena da pobre mulher, desamparada, com duas crianças pequenas e sem dinheiro.

Todo mundo em Crayminster, considerando-se as circunstâncias do caso, estava propenso a ter pena da Sra. Sherston... E se aquela gente, algum tempo depois, não continuou a manifestar com a mesma intensidade a sua compaixão para com ela, isto aconteceu exclusivamente por culpa da própria Sra. Sherston. A sua expansiva alegria chocou um pouco muitas pessoas.

Joan disse a Rodney:

— Acho que ela não é lá muito sentimental...

Ele apenas respondeu-lhe, com certa aspereza, que Leslie Sherston tinha mais coragem do que qualquer outra pessoa com a qual ele tivesse tratado até então.

Joan voltou a argumentar:

— Oh, sim... coragem! Mas coragem não é tudo.

— Então coragem não é tudo? — repetiu Rodney com uma expressão esquisita no semblante e, em seguida, saiu para o seu escritório.

Coragem era uma virtude que certamente ninguém podia dizer que faltava a Leslie Sherston. De fato, ela se viu na contingência de ter que enfrentar sérios problemas, mantendo-se a si mesma e duas crianças sem que tivesse lá muito

boas qualificações para a espécie de trabalho em que se envolvera.

Ela foi trabalhar numa chácara que fornecia verduras para o mercado, tendo sido obrigada a aceitar, nesse meio tempo, a ajuda de uma tia e a viver com os seus dois filhinhos num quarto. Quando Sherston saiu da cadeia, ele a encontrou trabalhando num meio muito diferente, produzindo hortaliças e legumes para vender no mercado. Ela escolhera uma localidade distante. Ele mesmo transportava os produtos para as cidades próximas e os meninos o ajudavam. Eles procuravam levar a coisa da melhor forma possível e amenizar as asperezas do trabalho. Não há dúvida de que a Sra. Sherston se esforçou como uma verdadeira heroína e sua ação teve um mérito todo especial porque foi exatamente por essa época que ela começou a sofrer da doença que, depois de muitas dores e sofrimentos, deu cabo da sua existência.

Oh, bem — pensou Joan — certamente ela amava o seu marido.

Sherston era tido como um indivíduo de boa aparência que atraía as mulheres. Na prisão, seu aspecto mudara bastante. Joan, depois que ele saiu da cadeia, teve oportunidade de vê-lo só uma vez. Chegou quase a ficar chocada com a mudança que se operara na sua aparência.

Ele continuava com os mesmos olhos astutos de um velhaco incorrigível, mas já muito abatido. Mostrava-se um tanto rompante, mas já não passava de um destroço humano. Depois que ele saiu da cadeia, sua mulher continuou a amá-lo como antes. Nunca o abandonou nem deixou de ampará-lo. Era precisamente por isso que Joan respeitava Leslie Sherston sempre reverenciando a sua memória.

Por outro lado, Joan achava que Leslie procedera de maneira absolutamente errada com relação aos seus filhinhos. Aquela mesma sua tia que lhe prestara auxílio financeiro quando Sherston foi condenado, fez-lhe uma proposta muito digna de acatamento. Isto se deu na época em que o marido estava quase para sair da cadeia.

A tia lhe propusera adotar legalmente o menor dos dois meninos e lhe declarara que havia persuadido um outro tio de Leslie a custear o colégio do seu filhinho mais velho. Os meninos poderiam passar as férias com ela e adotariam, mediante um ato legal, o sobrenome do tio.

Assegurou-lhe ainda esta sua tia que ela e o tio de Leslie assumiriam a responsabilidade de, para o futuro, garantir às duas crianças o indispensável amparo financeiro.

Leslie Sherston recusou terminantemente esta proposta. Joan achou que com tal atitude ela se mostrara muito orgulhosa. Por causa da sua obstinação os meninos perderam a oportunidade de ter uma vida muito melhor e de livrar-se da nódoa de uma ignominiosa vergonha. Por mais que ela amasse as suas crianças, Leslie deveria ter pensado, antes de mais nada, no futuro delas. Esta era a

opinião de Joan com a qual Rodney também concordava.

Mas Leslie foi inflexível na sua recusa e Rodney, então, na qualidade de seu advogado lavou as mãos eximindo-se de toda e qualquer responsabilidade.

Naquela ocasião, Rodney, dando um profundo suspiro, confidenciou a Joan que se vira forçado a admitir que a Sra. Sherston indubitavelmente deveria conhecer as particularidades da sua própria vida melhor do que ele. Joan retrucou-lhe dizendo que achava Leslie uma criatura obstinada.

Movimentando-se agitada de um lado para outro na casa de pernoite, Joan não conseguia de forma alguma afugentar da sua mente a lembrança de como vira a amiga naquele dia, sentada no topo da colina em Asheldown Ridge.

Ela estava sentada com o tronco encurvado para a frente, cotovelos apoiados sobre os joelhos, segurando o queixo com as mãos.

Permanecia imóvel. Contemplava, como que extasiada, toda aquela vasta região agreste, com as terras aradas, que os carvalhos e as frondosas faias da floresta de Little Havering haviam feito adquirir uma tonalidade vermelho-dourada.

Ela e Rodney sentados ali! Tão calados e em completa imobilidade. Contemplando o panorama que se descortinava na frente de ambos.

Joan até nem podia explicar a razão por que não foi falar com eles ou mesmo juntar-se a eles para fazer a sua caminhada de volta para casa. Não teria sido porque a sua consciência denotava a culpa de ter suspeitado malevolamente de Myrna Randolph?

Mas seja lá como for, ela não falou nada. Pelo contrário, ela prosseguiu sozinha o seu caminho para casa, passando através das árvores de copas frondosas a fim de ocultar-se deles.

Foi, de fato, um incidente que ela não gostava de relembrar, tanto assim que nunca o mencionou a Rodney. Ele poderia ter pensado que ela, Joan, tivesse alguma idéia estrambótica a respeito dele... A respeito dele e de Myrna Randolph, naturalmente...

Rodney, todo empertigado, caminhando com desenvoltura e a passos largos sobre a plataforma da estação Vitória!

“Oh, Santo Deus, será que vai começar tudo de novo, encordoando sempre as mesmas idéias e lembranças?“

Mas como foi, diabo, que esses pensamentos se introduziram no seu cérebro? Que motivos tinha ela para pensar que Rodney (que sempre lhe fora devotado) estaria agora desinibidamente gozando a vida, satisfeito com a ausência dela? Que pensamento bobo! Como se ela simplesmente pela maneira de Rodney caminhar pudesse depreender tudo isso! Teria que tirar da cabeça todas essas ridículas fantasias.

Não mais devia pensar em Rodney... imaginando essas coisas bobas a respeito dele. Até agora ela nunca tinha sido uma mulher propensa a imaginar coisas fantásticas.

“Deve ser o efeito do sol.”

Cinco

A tarde passava com uma lentidão horrível.

Joan não queria sair para dar uma nova caminhada antes que o sol não estivesse bem baixo no horizonte. Por isso tinha que ficar sentada dentro da casa de pernoite.

Depois de passada mais ou menos meia hora, achou que se tornava insuportável só permanecer ali sentada numa cadeira. Ela foi, então, ao seu quarto e começou a desempacotar as suas coisas para depois empacotá-las de novo, ajeitando tudo direitinho, já que os embrulhos lhe pareceram ter sido mal preparados antes. Só assim foi que conseguiu achar um bom servicinho para entreter-se.

Executou este trabalho prazerosamente e com desembaraço.

Bem, finalmente chegou a hora em que ela poderia sair sem maiores transtornos. Dentro da casa de pernoite o ambiente era muito depressivo. Se, pelo menos, ela tivesse algo para ler... ou até mesmo algum quebra-cabeça... qualquer brinquedo de armar para passar o tempo.

Lá fora ela olhou com repugnância para as latas amontoadas, para as galinhas e para o arame farpado. Que lugar horrível era esse onde ela se encontrava! Extremamente horrível.

No intuito de variar um pouco passou a caminhar desta vez numa direção paralela à estrada de ferro, margeando a fronteira turca. Com esta simples variação chegou a ter uma sensação momentânea de agradável novidade... Entretanto, depois de decorridos uns quinze minutos, voltou a ter a mesma impressão que tinha antes. Os trilhos da via férrea estendendo-se a uma distância de cerca de um quarto de milha à sua direita não podiam ser considerados uma boa companhia.

Nada mais havia senão silêncio... Silêncio e luz solar.

Ocorreu, então, a Joan que ela poderia recitar alguma poesia.

Ela sempre fora tida, no seu tempo de colégio, como uma aluna que lia e declamava poesias muito bem... Não deixava de ser interessante verificar quais as poesias que ela poderia rememorar depois de tantos anos... Houve uma época em que sabia de cor uma boa porção de versos.

“O nobre atributo de compaixão e clemência não pode ser conseguido à força / Ele cai do céu tão suavemente como a chuva mansa que traz refrigério.” (The quality of mercy is not strained / It droppeth as the gentle rain from heaven)

Que é que vem depois? “Que bobinha que eu sou!” — Simplesmente ela não

se lembrava do resto...

“Não mais temas o sufocante calor de um sol abrasador.” De qualquer forma ela começou bem. Será que ela conseguiria recitar toda a poesia?

“Nem tampouco a violenta fúria do inverno inclemente / Tu, completada a tua tarefa terrena Voltas para casa depois de ter recebido a tua recompensa. / Florescentes rapazes e meninas deverão vir, quais limpadores de chaminés para tirar o pó”. (Fear no more the heat of the sun Nor the furious winter’s rages Thou thy wordly task has done Home art gone and ta’en thy wages Golden lads and girls all must / As chimney sweepers come to dust)

Não, esta poesia não é lá muito agradável. Será que ela se lembraria de algum soneto? Ela sempre teve o hábito de recitar sonetos.

O soneto “A união de duas almas autênticas” e aquele outro que certa vez Rodney pedira que ela recitasse seriam importantes.

Foi até bem engraçada a maneira como ele inopinadamente lhe disse:

— “E o teu eterno verão jamais acabará”. Este é de Shakespeare, não é?

— Sim, é um dos sonetos dele. — Então ele passou a citar outro soneto.

— “Que eu nunca admita que haja impedimento para a união de duas almas autênticas.” Você não quer recitar este?

— Não. Acho melhor recitar aquele que começa assim:

“Comparar-te-ei a um dia de verão”.

Ela, então, recitou-lhe o soneto inteiro, até mesmo com certa finura nos gestos e com uma expressão bem própria para dar ênfase à sua interpretação.

Quando ela terminou, ele, ao invés de dar-lhe a sua aprovação, simplesmente passou a repetir, com sentimento:

“O vento borrascoso sacode impetuosamente os tenros raminhos de maio...” (Rough winds do shake the darlings buds of May...)

— Mas não estamos em maio, estamos em outubro, não é verdade?

Ele então fez menção de ter uma coisa importante para perguntar-lhe. Ela fitou-o.

— Mas você não sabe aquele outro soneto? Aquele sobre a união de almas autênticas?

— Claro que sei.

Ela fez uma pequena pausa e começou a recitá-lo:

Que eu não veja empecilhos na sincera
União de duas almas.
Não amor
É o que encontrando alterações se altera
Ou diminui se o atinge o desamor.
Oh, não! amor é ponto assaz constante

Que ileso os bravos temporais defronta.
É a estrela guia do baixei errante,
De brilho certo, mas valor sem conta.
O Amor não é jogral do Tempo, embora
Em seu declínio os lábios nos entorte.
O Amor não muda com o dia e a hora,
Mas persevera ao limiar da Morte.
E, se se prova que num erro estou,
Nunca fiz versos nem jamais se amou.

(Let me not to the marriage of true minds / Admit impediments. / Love is not love Which alters where it alteration finds, / Or bends with the remover to remove: / O, no, it is an ever-fixed mark / That looks on tempests and is never shaken / It is the star to every wandering bark / Whose worth's unknowun, although his height be taken Love's not Fime's fool, though rosy and cheeks Within his bending sickle's compass come; / Love alters not with his brief hours and weeks, / But bears it out even to the edge of doom. / If this be error, and upon me prov'd / I never writ, nor no man ever lov'd).

Ela terminou dando ênfase aos últimos versos, com uma expressão dramática.

— Você não acha que eu recito Shakespeare regularmente? No meu tempo de colégio todo mundo dizia que eu recitava bem e declamava com bastante expressão.

Entretanto Rodney, como que absorto, respondeu simplesmente:

— Eu não preciso da expressão. Bastam-me as palavras.

Ela deu um suspiro e murmurou:

— Shakespeare é maravilhoso, você não acha?

— O que há de realmente maravilhoso é o fato de ter sido ele um pobre diabo como qualquer um de nós.

— Rodney, que coisas extraordinárias você está dizendo!

Então ele sorriu para ela, como se naquele instante se tivesse despertado de um devaneio.

— Você acha que eu disse coisas extraordinárias?

Ele levantou-se e, depois de ter saído da sala, começou a andar de um lado para outro, recitando enquanto caminhava: "O vento borrascoso sacode impetuosamente os tenros raminhos de maio / E o verão tem uma duração tão curta." (Hough winds do shake the darling buds of May / And summer's lease hath all to short a date).

"Por que será que ele disse: 'Mas não estamos em maio, estamos em outubro?' Que estaria ele insinuando com isso?"

Outubro era de fato um mês lindo e de tempo ameno.

Engraçado... agora, pensando no mês de outubro ela se lembrou de que a tarde em que Rodney lhe pedira para recitar os sonetos, era a tarde do mesmo dia em que ela o havia visto sentado em companhia da Sra. Sherston, em Asheldown.

Talvez a Sra. Sherston lhe tivesse declamado alguns sonetos de Shakespeare... mas não era muito provável. Afinal, Leslie Sherston não era uma mulher intelectual — pensou Joan.

Naquele ano, o mês de outubro transcorreu maravilhosamente.

Ela se lembrou de que alguns dias mais tarde Rodney, como que perplexo, lhe perguntara:

— Será que isso ali vai brotar nesta época do ano?

Ele estava apontando para um rododendro que era de uma espécie que floresce muito cedo e que normalmente em março ou até mesmo nos fins de fevereiro já está em plena florescência. A planta mostrava uma linda flor vermelho-sanguínea e seus brotos já tinham começado a despontar.

Joan respondeu-lhe:

— Não. A época da florescência do rododendro é a primavera. Todavia, algumas vezes acontece que os brotos despontam no outono mesmo, quando faz calor e o tempo é calmo.

Ele tocou suavemente um dos raminhos com os dedos e exclamou:

— Os tenros raminhos de maio...

— De março e não de maio — retrucou ela.

— Parece sangue. Sangue do coração!

Como Rodney estava diferente! Tão interessado em flores!

A partir desse dia ele ficou gostando especialmente desse rododendro.

Ela se lembrou, também, de que alguns anos depois, ele quis, certo dia, usar uma flor de rododendro enfiada na casa de um dos botões do seu casaco. Era um raminho relativamente grande. Nesse mesmo dia Joan presenciou esta florzinha cair no chão em determinado lugar.

Eles estiveram no cemitério paroquial, o local mais extraordinário da cidade.

Quando já se apresentavam para sair do cemitério, passando por perto da igreja, ela avistou Rodney e foi se juntar a ele.

— Que é que você estava fazendo, Rodney?

Ele, sorrindo, respondeu-lhe:

— Eu estava meditando sobre o fim da minha vida e imaginando qual a espécie de lousa que deverá ser colocada sobre o meu túmulo. Não quero granito. É muito liso. Também não quero um anjo de mármore.

Ambos, então, lançaram seus olhos para uma sepultura recente, que estava na frente deles e sobre cuja lousa lia-se o nome de Leslie Sherston.

Rodney, bem devagarinho, começou a ler o epitáfio: — “Leslie Adeline

Sherston, muito amada esposa de Charles Edward Sherston. Ela entrou na paz eterna em 11 de maio de 1930. Deus enxugará as suas lágrimas".

Depois de uma pequena pausa comentou ele:

— Até parece uma estupidez desconcertante pensar que Leslie Sherston está debaixo de uma fria lousa de mármore como esta. Só um idiota congênito como Sherston poderia escolher um epitáfio assim. Eu não acredito que Leslie tenha chorado durante a sua vida.

Joan interroga-lhe (sentindo-se evidentemente um tanto chocada por julgar blasfêmia esta pergunta feita num tom jocoso):

— Qual o epitáfio que você escolheria então?

— Para ela?... Nem sei... Será que não existe nada nos salmos que se adapte melhor? "Na vossa presença está a plenitude da alegria!" Ou quaisquer outras palavras semelhantes...

— Realmente, este epitáfio eu acharia bom para você.

— Ah... para mim?

Ele fez uma pausa como se estivesse meditando. Depois, sorrindo, prosseguiu:

— "O Senhor é o meu pastor. Ele me conduz às verdes pastagens." Este epitáfio serve para mim.

— Mas estas palavras parecem dar uma idéia bastante melancólica do paraíso...

— Ora, qual é, então, a sua idéia acerca do paraíso, Joan?

— Bem... Acho que lá não existem nem porta nem caminho de ouro, como dizem. E evidentemente também nada há que seja matéria. Eu prefiro pensar no paraíso como sendo um estado, uma situação, um lugar onde cada qual anda sempre ocupado em trabalhar para que, de qualquer maneira misteriosa, este mundo se torne mais belo e mais feliz. Trabalho constante — esta é a idéia que eu faço do paraíso.

— Que pavorosa sabichona você é, Joan!

Ele sorriu, com o visível intuito de amenizar a aguda mordacidade destas suas palavras. Depois prosseguiu:

— Não, o paraíso não pode ser assim, Joan. Ele deve ser como um vale bem verde: Desse jeito, sim, me agrada bastante. Um vale coberto de verdes pastagens onde as ovelhas seguem o seu pastor quando vão para o redil ao cair da tarde fria.

Ele fez uma pausa um pouco prolongada; depois, continuou:

— Parece até que tenho uma fantasiosa imaginação, Joan, pois algumas vezes procuro me entreter com uma idéia bastante estranha. Quando estou indo para o escritório, ao passar através de High Street, volto para penetrar em Bell Walk, exclusivamente com o intuito de caminhar através daquela avenida ajardinada.

Então, tenho a nítida impressão de ter penetrado não numa avenida, mas sim num vale misterioso, coberto de verdes pastagens, tendo do outro lado colinas agradáveis e amenas, sombreadas por árvores como num bosque. A impressão que eu tenho é de que esse vale sempre existiu naquele mesmo lugar, secretamente conservado no coração da cidade. A gente que sai da movimentada High Street e penetra nele sente-se como que perdida e confusa. E se eu pergunto: — Onde estou? — explicam-me (naturalmente com muita amabilidade) que eu já estou morto...

— Rodney! — exclamou ela cheia de pasmo e assustada. — Você... você até parece que anda doente, homem. Você não pode estar bem.

Este foi o primeiro indício do estado de abatimento em que ele se encontrava e que lhe causaria, alguns dias mais tarde, uma prostração nervosa. Ele teve que se internar num sanatório em Cornwall, onde ele parecia estar satisfeito por ser um ambiente calmo e silencioso. Passava horas e horas ouvindo as gaivotas e contemplando o mar, lançando seus olhos por cima daquelas colinas descalvadas.

Até o dia em que tiveram esta conversa no cemitério paroquial, ela não podia imaginar que ele havia trabalhado tanto a ponto de estar sofrendo de um esgotamento nervoso.

Foi precisamente quando resolveram voltar para casa que Joan, com um braço em torno dos ombros de Rodney, forçando-o a caminhar, viu cair sobre a sepultura de Leslie a flor de rododendro que se achava enfiada na casa do botão do seu casaco.

— Olhe... veja ali! — disse ela.

E, quando fez menção de se abaixar para apanhá-la, ele impediu-a dizendo:

— Deixe que a flor fique ali. Para Leslie Sherston. Afinal... ela era nossa amiga.

Inopinadamente ocorreu a Joan a idéia de, no dia seguinte, trazer um ramalhete bem grande de crisântemos amarelos para colocar na sepultura da amiga.

Ela chegou até a ficar um pouco assustada com o sorriso esquisito que o marido fez quando ela lhe explicou esta sua intenção.

Realmente... Bem que ela percebeu que havia algo de anormal com Rodney nessa tarde. Ela não imaginava evidentemente que ele estivesse quase à beira de um colapso... mas percebeu claramente que, fosse lá qual fosse a razão do seu comportamento, ele parecia muito diferente...

Ela insistiu com as suas perguntas durante todo o caminho até chegarem em casa mas ele não dava respostas satisfatórias. Sempre repetia a mesma coisa:

— Estou exausto... Estou muito cansado, Joan.

Só uma vez, de maneira inesperada e incompreensível para ela, exclamou:

— Nem todos nós podemos ser valentes.

Foi só uma semana mais tarde que ele, certa manhã, declarou de maneira vaga, como se estivesse delirando:

— Hoje não vou me levantar...

E continuou na cama sem falar nem prestar atenção em nada. Permanecia quieto com um sorriso indefinível nos lábios.

Em seguida foram chamados os médicos e as enfermeiras. Providenciou-se tudo para que ele pudesse ir a Trevelyan a fim de repousar e de recuperar-se. Não lhe permitiram receber cartas nem telegramas nem visitas.

Até mesmo a visita de Joan, sua esposa, fora proibida.

Foi uma fase terrível e cheia de confusão para a família. E os filhos, também, ocasionaram muitas dificuldades. Não auxiliaram muito. Eles se comportaram como se tudo tivesse acontecido por culpa dela, Joan.

— Escravizando-o cada vez mais. Sempre deixando-o trabalhar no seu escritório como um escravo. A senhora sabia muito bem, mamã, que papai vinha trabalhando demais desde muitos anos.

— Eu bem sabia, meus queridinhos, mas que poderia eu fazer?

— A senhora há muitos anos já devia tê-lo forçado a deixar esse serviço. Então a senhora não sabe que ele odeia aquele escritório? Será que a senhora nada sabe a respeito de papai?

— Basta, Tony! É claro que eu sei tudo a respeito do seu pai. Sei mesmo muito mais do que você.

— Bem... Há momentos em que eu não penso assim. Às vezes tenho a impressão de que a senhora não sabe nada a respeito de ninguém.

— Tony!

— Pare com isso Tony! — (Era Averil que falava agora.) — Que adianta essa discussão?

Averil era assim. Seca, fleumática e impermeável às emoções.

Frequentemente valia-se do seu cinismo e manifestava seus pontos de vista desapaixonadamente, encarando as coisas com uma visão tal que dava a impressão de ter muito mais idade.

Joan às vezes achava que Averil não tinha coração. Ela habitualmente desprezava carinhos e ficava insensível aos apelos que lhe eram feitos para o seu próprio bem.

— Papai queridinho! (Agora era Bárbara que vinha com as suas lamúrias. Ela, sendo a caçula da casa, não tinha tanta força para controlar as suas emoções.) — A senhora é que é a culpada de tudo, mamã! A senhora sempre foi cruel para ele. Sim, cruel... Sempre.

— Bárbara! — Joan já tinha perdido a paciência. — Você sabe o que está dizendo? Se há uma pessoa que apareceu primeiro nesta casa, só pode ter sido seu pai. Então vocês todos acham que poderiam receber educação, roupas e alimentos se o pai de vocês não tivesse trabalhado? Ele sacrificou-se por vocês — e isto é o que os pais devem fazer. E é realmente o que fazem sem espalhafato nem alarde.

Disse Averil:

— Permita-me que eu aproveite esta oportunidade para agradecer-lhe todos os sacrifícios que a senhora tem feito por nós, mamã.

Joan fitou a filha com um ar de hesitação. Ela duvidava da sinceridade de Averil. Mas a menina não podia ser tão incoerente assim...

Tony desviou a atenção de Joan perguntando-lhe:

— Não é verdade que certa vez o papai quis ser agricultor?

— Agricultor?! Não! Isto é... Acho que há muitos anos... ele teve uma espécie de fantasia da juventude. Mas a família dele sempre foi uma família de advogados. Existe uma organização da família muito famosa nesta parte da Inglaterra. E você mesmo deve ficar muito satisfeito com isso porque irá participar também dessa organização.

— Absolutamente, eu não quero participar dela, mamã. Eu pretendo ir para a África Oriental a fim de me dedicar à agricultura em larga escala.

— É um absurdo, Tony! Não venha com essa idéia tola como fez seu pai anos atrás. É claro que você terá que participar da firma. Você é o único filho homem.

— Mas eu não quero tornar-me um advogado, mamã. Papai já sabe disso e prometeu me dar apoio.

Ela, como que colhida de surpresa por esta decisão do rapaz, deixou-se afundar na cadeira. As lágrimas começaram a brotar dos seus olhos. Como eram cruéis os seus filhos, procurando humilhá-la desse jeito!

— Não sei o que está acontecendo com todos vocês para me falarem desse modo. Se o pai de vocês estivesse aqui! Acho que estão se comportando muito mal...

Tony, como que resmungando, pronunciou algumas palavras ininteligíveis e, virando-se displicentemente, saiu da sala. Averil, com sua voz seca, disse:

— Tony está decidido a dedicar-se à agricultura, mamã. Ele pretende frequentar uma escola superior de agronomia. Realmente acho maluca essa idéia dele. Se eu fosse homem, eu preferiria tornar-me um advogado. Acho que o estudo das leis é muito bonito e interessante.

Joan, com a voz entrecortada de soluços, obtemperou:

— Nunca pensei que meus filhos pudessem ser tão ingratos assim para mim.

Averil deu um profundo suspiro.

Bárbara, que ainda estava soluçando histericamente num canto da sala, inopinadamente começou a gritar:

— Eu sei que papai vai morrer! Ele vai morrer, coitadinho... e então ficaremos sós neste mundo. Eu não posso mais suportar isso! É triste demais esse pensamento!

Averil suspirou outra vez e, com visível desagrado, deslocou seu olhar da irmã que soluçava freneticamente para a mãe que soluçava de maneira mais comedida e moderada. Depois disse:

— Bem... já que não há nada que eu possa fazer...

E retirou-se tranquilamente. Assim era Averil.

Tratava-se de uma cena deveras pungente que Joan não rememorava desde muito tempo. E era bem compreensível sua atitude em procurar esquecê-la. O súbito choque emocional ocasionado pela doença do pai e o misterioso efeito produzido pela expressão colapso nervoso levaram os filhos a procurar uma espécie de derivativo culpando alguém por tudo o que acontecera. E para tanto fizeram da sua mãe um verdadeiro bode expiatório, pois ela era a pessoa que, no momento, se achava ali junto com eles. Mais tarde, Tony e Bárbara pediram desculpas a Joan. Averil achou que não tinha nada de que se desculpar e sem dúvida, consoante a sua maneira de ver, tinha razão.

Falando a pura verdade, a pobre menina não era culpada de ter nascido com um coração empedernido.

Foi indiscutivelmente uma fase terrível e difícil para Joan aquela em que Rodney esteve doente. Os filhos andavam sempre emburrados e de mau humor. Tanto quanto possível, procuravam conservar-se afastados dela, circunstância esta que lhe dava a curiosa impressão de sentir-se solitária. Entretanto ela própria achava que tal impressão não passava do efeito da sua melancolia e tristeza.

Sabia que seus filhos a amavam ternamente. E era de levar em consideração, além do mais, que todos eles se encontravam numa idade difícil. Bárbara ainda frequentava a escola. Tony passava a maior parte do seu tempo numa fazenda agrícola da redondeza, sempre aborrecendo a mãe com aquela idéia estúpida de dedicar-se à agricultura, naturalmente encorajado por Rodney.

— Oh, Santo Deus! — pensou Joan consigo mesma — como é desagradável quando a gente tem que tomar certas atitudes... Se existem tantas mocinhas distintas na casa da Srta. Harley por que será que Bárbara só procura fazer amizades com certos espécimes desprezíveis de moças? Devo esclarecer a ela, falando sem rodeios, que ela só poderá convidar para virem aqui em casa as meninas com as quais eu concordar que ela se junte. Naturalmente vai haver um novo banzé, com choros e zangas. Averil certamente não me ajudará tomando uma atitude a meu favor e, além disso, eu odeio aquela sua maneira debochada e

esquisita de falar. Isto soa muito mal para as pessoas de fora. Oh, sim, criar filhos é uma tarefa ingrata! Ninguém realmente pode avaliar como é difícil esta tarefa. Que habilidade a gente tem que ter, conservando ao mesmo tempo o bom humor! Procurar saber exatamente quando se pode usar de rigidez e quando se pode afrouxar um pouquinho. Ninguém realmente imagina quanto eu sofri durante todo o tempo em que Rodney esteve doente — refletiu Joan.

Nesse instante seu corpo experimentou uma ligeira contração: este pensamento evocou-lhe uma observação feita certa vez pelo Dr. Mc Queen, asseverando que, em qualquer roda de conversa, nunca falta uma pessoa que mais cedo ou mais tarde venha a dizer: “Ninguém pode imaginar quanto eu sofri naquele tempo”. Todo mundo teve que rir, concordando com ele.

— Bem — prosseguiu ela nos seus devaneios, enquanto torcia e retorcia, inquieta, as pontas dos dedos dos pés, pois a areia do deserto penetrara nos seus sapatos, incomodando-a —, é bem acertada a afirmação do Dr. Mc Queen. Ninguém sabe quanto eu sofri naquela época. Nem mesmo Rodney ficou sabendo, pois quando ele veio do hospital tudo em casa voltou à normalidade, para consolo e alívio da família. Os filhos tornaram-se de novo aquelas criaturas alegres e amáveis de sempre. Restabeleceu-se a harmonia no lar. Isso prova que o que realmente houve foi uma grande angústia. Só a angústia podia tê-la feito perder o equilíbrio emocional. Essa angústia fez com que seus filhos se tornassem nervosos e de mau humor.

Mas ela não podia de forma alguma atinar com a razão de estar recordando todas essas tristes ocorrências logo agora quando o que ela desejava de fato era evocar acontecimentos alegres.

Tudo começou — como foi mesmo que começou? — ah, sim, foi quando ela procurava verificar se ainda sabia recitar de cor as poesias que havia aprendido. Mas, pensando bem, nada pode ser mais ridículo do que imaginar-se alguém andando pelo deserto a declamar poesias! Pouca diferença faria declamar ou deixar de reclamar, pois não havia ninguém para ouvir.

Não se via vivalma. Ninguém. Mas ela prometera a si própria não se deixar tomar de pânico. Que bobagem ficar dominada pelo temor! Ela estava simplesmente um pouco nervosa. Virou-se rapidamente e começou a percorrer o caminho de volta para a casa de pernoite.

Então percebeu que estava fazendo um enorme esforço para não desandar a correr.

Nada havia que temer pelo fato de estar sozinha. Absolutamente nada. Talvez ela fosse uma pessoa que sofresse de... Bem, como é mesmo o termo apropriado? Não é claustrofobia, pois esta palavra significa o terror de ficar num compartimento bem fechado. Tem que ser uma palavra precisamente com o

sentido oposto a claustrofobia. Esta palavra começa com a letra A e significa o horror ao espaço aberto.

Trata-se de um caso que pode ser explicado cientificamente.

Todavia uma explicação científica, embora pudesse confirmar o acerto da sua suposição, de nada adiantaria no momento.

É muito fácil dizer a si própria que tudo o que acontece é perfeitamente lógico e racional, mas notem bem que não é lá muito fácil controlar toda essa miuçalha de pensamentos fragmentados que entra e sai da cabeça como um lagarto entra na toca e torna a sair.

Myrna Randolph, semelhante a uma cobra, e os seus pensamentos semelhantes aos lagartos. Joan tinha cada idéia!

Espaços abertos... Ora, toda a sua vida até a época presente ela passou, pode-se dizer, dentro de uma caixa. Sim, uma caixa com crianças de brinquedo, com um marido de brinquedo e com criados de brinquedo.

Não, Joan! Que é que você está dizendo? Como é que você pode ser tão boba assim? Seus filhos são reais.

As crianças eram reais. Também Cook e Agnes. Da mesma forma Rodney.

— Mas será que eu existo realmente? — pensou ela. — Quem sabe se eu não sou uma esposa e mãe de brinquedo? Oh, Santo Deus! Esta idéia é horrível. E muito incoerente. Talvez fosse melhor recitar mais algumas poesias. O fato é que ela não podia deixar de estar pensando nalguma coisa.

E subitamente, com um entusiasmo fora do comum, exclamou:

— Longe de você, eu estive ausente na primavera.

No momento ela não conseguiu lembrar-se do resto nem forçou muito a memória para tanto. Este verso já era bem expressivo por si só.

Já servia para explicar tudo, não é verdade? Rodney... Rodney... Longe de você eu estive ausente na primavera! A única coisa destoante — refletiu ela — e que não é primavera. É novembro.

E como se tivesse sentido uma espécie de abalo, exclamou:

— Mas foi exatamente este verso que ele recitou... naquela tarde...

Devia haver uma certa conexão nessas palavras... Uma ligação qualquer que sem dúvida lhe forneceria uma pista para descobrir algo que ela procurava saber a todo transe e que ficara imerso num profundo silêncio.

E só podia ser algo de que ela desejava fugir.

Mas como pode uma pessoa fugir dos lagartos que, por toda parte, estão se precipitando para fora das suas tocas?

A gente não deve ficar pensando tantas coisas assim. Bárbara, Bagdá e Blanche. (Tudo começando pela letra B. Interessante!) E Rodney e a plataforma da estação Vitória. E Averil, Tony e Bárbara, todos indelicados para com ela.

De fato, Joan estava se exasperando. Por que é que ela não pensava só em coisas agradáveis? Existem tantos acontecimentos cuja evocação causa um enorme prazer. Tantos fatos alegres para lembrar!... Por exemplo, o seu vestido de noiva, com aquela linda tonalidade de concha de ostra... E Averil no seu bercinho guarnecido com musselina cor-de-rosa e ornado com bandas contendo cravos desenhados. Ela era um lindo bebê. Sempre tão comportada! Averil sempre foi uma criança polida e de boas maneiras.

— Seu bebê é bonitinho e a senhora o educa tão bem, Sra. Scudamore.

Sim, Averil foi uma criatura que nunca deu trabalho. Pelo menos perante pessoas estranhas.

Em casa ela não parava de discutir e fitava a mãe de maneira desconcertante, como se quisesse saber como era realmente o íntimo de Joan.

Esta não era, em todo caso, a maneira apropriada de uma criança agir com relação à sua mãe. Contudo, ela se mostrava, também, uma criatura amável.

Tony também lhe dava sempre muita atenção perante as pessoas estranhas, embora em casa sempre fosse distraído e até mesmo displicente em certas circunstâncias. Bárbara foi a única que trouxe uma certa dificuldade para a família por causa dos seus acessos de cólera e das suas choradeiras.

Falando de um modo geral, suas crianças sempre foram amáveis, dotadas de boas maneiras e bem educadas.

Pena é que os filhos, depois de crescidos, sempre ocasionam certos dissabores aos pais. Mas ela agora não iria refletir sobre este aspecto. Melhor seria evocar a infância deles. Averil frequentando a escola de balé, com seu encantador vestidinho cor-de-rosa. Bárbara com o seu gracioso vestidinho trabalhado em ponto de malha, comprado na loja Liberty. Tony trajando a sua roupinha infantil, caprichosamente modelada por Nannie...

Certamente ela devia pensar em qualquer outra coisa, fosse lá o que fosse, mas não nas roupinhas que as suas crianças usavam.

Pensar, por exemplo, no que seus filhinhos lhe diziam, com palavras cheias de afeto...

Não seria oportuno rememorar alguns dos agradáveis momentos na intimidade? Considerar o sacrifício feito para o bem dos filhos?

Eis aí outro lagarto saindo da toca!

Averil, certo dia, polidamente e com ares de quem já raciocina como gente grande, fez uma daquelas suas perguntas que quase sempre perturbavam Joan:

— O que é que realmente a senhora faz por nós, mamã? Não é a senhora que nos dá banho, não é verdade?

— Não...

— E não é a senhora que nos dá as refeições nem penteia os nossos

cabelinhos. É Nannie que faz tudo isso. É ela que nos leva para a cama e nos desperta de manhã cedo. Também não é a senhora que costura os nossos vestidos. É Nannie. E é ela quem sempre nos leva a passear...

— Sim, queridinha, eu empreguei Nannie para cuidar de vocês. Isto significa que eu pago para ela um bom ordenado.

— Eu pensei que fosse o papai quem pagava o ordenado dela. Não é o papai que faz todos os pagamentos aqui em casa?

— De certo modo é ele, queridinha. Mas é tudo a mesma coisa.

— Mas não é a senhora que vai para o escritório todas as manhãs. É só o papai. Por que é que a senhora também não vai trabalhar no escritório?

— Porque eu cuido da casa.

— Mas Kate, Cook, e...

— Basta, Averil!

Quando se dava uma ordem a Averil ela obedecia imediatamente.

Nunca retrucava. Este seu espírito de submissão talvez lhe ocasionasse muitas vezes mais intranquilidades do que um ato de rebeldia.

Rodney, rindo, certa vez disse que para Averil o veredicto era sempre: faltam provas.

— Eu não acho que isto seja motivo para rir, Rodney. Não me parece normal que uma criança da idade de Averil deva possuir um senso crítico tão desenvolvido assim.

— Então você acha que ela é muito criança ainda para ter a noção da evidência?

— Não. Mas sinceramente acho que é uma falta de respeito.

— Eu tenho Averil na conta de uma criança excessivamente delicada e gentil para a sua idade. Não existe nela nada daquela habitual candura e franqueza agressiva das crianças. Ela não é nenhuma bobinha.

Joan teve que admitir que isto era verdade. Bárbara num dos seus momentos de exasperação berrou:

— Como a senhora é repulsiva! A senhora é horrível! Eu a odeio! Eu preferia estar morta. A senhora teria que sentir muito se eu morresse!

Joan ponderou ao marido:

— Com as crianças a gente sempre deve se conter. Elas, depois que fazem as suas diabruras, logo se arrependem.

— É... Os pobres diabinhos na maioria das vezes não sabem o que dizem. Mas Averil sempre teve um faro instintivo para descobrir os embustes.

Joan, um tanto agastada com tais palavras, ficou com a face enrubescida.

— Embuste?! Não compreendo o que você quer dizer.

— Oh, procure entender-me, Joan. Estou me referindo a essa coisa da qual nós

nos enfartamos tanto a ponto de deixá-los enfastiados e aborrecidos: a nossa pretensão de saber tudo, a nossa onisciência, a nossa constante preocupação de querer mostrar a essas pobres criaturinhas indefesas que se encontram sob o nosso poder absoluto, que só nós sabemos o que mais lhes convém.

— Você está dizendo isso como se eles fossem escravos e não nossos filhos.

— E por acaso eles não são escravos? Os coitadinhos comem a espécie de comida que lhes damos, vestem as roupas que queremos e dizem sempre mais ou menos o que mandamos que eles digam. Este é o elevado preço que eles pagam pela proteção que recebem. Mas cada dia que passa, mais eles se aproximam da sua liberdade.

— Liberdade! — exclamou Joan com escarninho. — Mas existe mesmo essa coisa?

Rodney respondeu devagarinho, como que pesando as próprias palavras:

— Não, não creio que ela exista. Você tem razão, Joan... Então a passos lentos ele saiu da sala, com os ombros um pouco vergados.

Subitamente ela passou a sentir uma espécie de angústia a atormentar-lhe o espírito: — Eu sei como será o aspecto de Rodney quando ele ficar velho...

Rodney na plataforma da estação Vitória... mostrando, sob a intensa claridade da luz do sol as rugas na face cansada... dizendo a ela que se cuidasse na viagem.

E ele, um minuto depois...

Mas, Santo Deus, por que teria ela que repisar eternamente esse mesmo assunto? Esta sua idéia não tinha nenhum fundamento.

Rodney, no momento, devia estar sentindo uma grande falta dela. Como ele se afligia sozinho em casa com os criados!

“E, sem dúvida, não se aventuraria a convidar alguém para jantar lá em casa, nem mesmo Hargrave Taylor, aquele indivíduo estúpido.” Ela nunca pôde atinar por que motivo Rodney gostava de um sujeito tão bobo assim. Também não convidaria um tipo tão cansativo como o major Mills, que não sabe outra coisa senão falar sobre pastagens e criação de gado.

Rodney, não havia dúvida, estava sentindo falta dela!

Seis

Ela entrou na casa de pernoite. O hindu, aparecendo na sala, perguntou-lhe:

— Memsahib fez bonito passeio?

Joan respondeu-lhe que o passeio fora maravilhoso.

— Jantar fica pronto cedo. Jantar muito bom, Memsahib.

Joan respondeu-lhe que ficava muito satisfeita com isso. Mas bem que ela sabia que tais palavras já constituíam uma verdadeira fórmula de ritual, pois as refeições constavam sempre exatamente das mesmas coisas. A única variação era que às vezes serviam pêssegos em lugar de damascos. Podia ser um ótimo jantar, só que a espécie de comida nunca variava.

Era ainda muito cedo para ir para a cama quando Joan acabou de jantar. Ah, que bom seria se ela tivesse trazido junto alguns livros para ler ou alguma costura para fazer! Até mesmo tentou reler os trechos mais interessantes de Lady Catherine Dysart’s Memoirs, mas esta tentativa falhou.

Se pelo menos ela tivesse algo com que pudesse se ocupar definitivamente... Até mesmo um baralho de cartas serviria. Ou qualquer outro tipo de jogo — gamão, xadrez, damas... Ela poderia jogar contra si mesma. Não importaria que espécie de jogo fosse.

Realmente, durante essa caminhada sua imaginação criou tantas fantasias... Verdadeiros lagartos saindo das tocas... Pensamentos esquisitos saindo da sua mente... Idéias importunas e assustadoras que ela procurava afugentar.

Mas se tais idéias são assim por que será que elas surgiram na sua mente? Qualquer pessoa pode perfeitamente controlar os seus pensamentos. Ou será que não? É bem possível que em determinadas circunstâncias são os pensamentos que dominam as pessoas, saindo da mente como os lagartos saem das suas tocas ou passando através dela com o movimento serpenteante das cobras e com a rapidez de um fugaz lampejo. Pensamentos que nem sempre surgem sem alguma razão plausível...

Ora, mas que esquisita e boba sensação de pânico ela teve! Ela deve ter sentido agorafobia (esta é que é a palavra exata — agorafobia).

Uma criatura que fica pensando em tantas coisas forçosamente, às vezes, tem que se esquecer de alguma palavra. Mas era esta mesmo a palavra procurada. O horror de ficar nos espaços abertos. O engraçado era que antes ela nunca havia pensado que pudesse sofrer de agorafobia. Mas deve-se dizer também que até então ela nunca fizera nenhuma experiência neste particular, procurando permanecer em espaços abertos para verificar a sua reação. Ela sempre vivera

entre casas e jardins, no meio de muita gente, sempre tendo muito trabalho para entreter-se... No meio de muita gente... isto é que era importante!

Se pelo menos ela tivesse aqui alguma pessoa com a qual pudesse conversar...

Podia ser até mesmo Blanche...

Foi até bem ridículo o temor que ela sentiu ao supor que Blanche pudesse viajar em sua companhia.

O fato é que se Blanche, agora, estivesse ali com ela, tudo seria diferente. Elas poderiam rememorar, juntas, os velhos tempos quando frequentavam o Colégio St. Anne. Como lhe parecia tão distante essa época! Que foi mesmo que Blanche lhe disse? — "Você progrediu na vida e eu decaí." Não. Não foi bem isso. Joan procurou depois retificar essa frase. Blanche parece ter-se expressado assim: — "Você continua sendo sempre o que era: uma aluna do St. Anne. Uma aluna que constituía um padrão de glória para aquele colégio".

Mas será mesmo que ela mudara tão pouco desde aquela longínqua época? Seria até bem agradável supor que assim fosse... isto é, agradável em certo sentido porque, encarada sob um outro ângulo, esta frase lhe sugeria a idéia de inércia, de estagnação...

Que foi que disse a Srta. Gilbey no momento da despedida? As palavras de despedida da Srta. Gilbey às suas alunas sempre tiveram grande fama no Colégio St. Anne.

Nesse instante a mente de Joan abalançou-se à contemplação retrospectiva daqueles longínquos dias... e, de repente, ela vê surgir, como que enfocado no seu campo visual com surpreendente nitidez, o vulto da antiga diretora do colégio, com seu nariz de bom tamanho sobre o qual se acavalava o seu indefectível pince-nez. Ela teve a impressão de estar observando a velha mestra, com seus olhos sempre arregalados e inexoráveis, a percorrer todas as salas do colégio, conservando invariavelmente a saliência do busto — um busto que se notava logo ter sido sempre bem exercitado e corrigido e que nada deixava transparecer de flacidez.

Era de fato uma figura assustadora a Srta. Gilbey. Com razão, todos a temiam e admiravam. Só uma mulher com o aspecto dela seria capaz de provocar, tanto nos pais como nos alunos, tão notória manifestação de respeito. Não se podia negar: a Srta. Gilbey era o St. Anne.

Joan parecia estar se contemplando a si própria no momento de penetrar naquele ambiente sagrado, a sala da diretora, toda engalanada de flores, com quadros de Medici pendentes da parede... Um ambiente onde tudo transpirava cultura, erudição e decoro social.

Eis que a Srta. Gilbey se vira na cadeira, conservando o porte majestático, e diz-lhe:

— Entre, Joan. Sente-se, minha cara menina.

Joan sentou-se numa cadeira de braços revestida de cretone. A Srta. Gilbey tirou o pince-nez... e distendeu subitamente os lábios num sorriso que parecia misterioso e até mesmo assustador.

— Você vai deixar-nos, Joan. Você terá que sair deste restrito mundo do ambiente escolar para entrar num outro mundo mais amplo que é a própria vida. Gostaria imensamente de ter uma conversa com você antes da sua partida, na suposição de que minhas palavras lhe possam servir de guia para o futuro.

— Sim, Srta. Gilbey.

— Aqui, neste feliz convívio, em companhia de jovens da sua idade, você esteve sempre protegida contra os embaraços e dificuldades que inevitavelmente surgirão na vida.

— Sim, Srta. Gilbey.

— Eu sei que você foi feliz aqui.

— Sim, Srta. Gilbey.

— E você sempre se comportou bem. Estou muito satisfeita com o progresso que você fez. Você tem sido uma das nossas melhores alunas.

Joan ficou um pouco embaraçada mas conseguiu dizer:

— Oh... fico muito satisfeita e alegre, Srta. Gilbey.

— Mas a vida lhe trará inevitavelmente novos problemas, novas responsabilidades...

E a conversa foi prosseguindo. De intervalos a intervalos, quando lhe parecia oportuno, Joan respondia: “Sim, Srta. Gilbey”.

Ela parecia estar um pouco hipnotizada.

Constituía uma das particularidades da Srta. Gilbey, conforme sempre afirmava Blanche Haggard, possuir uma voz que, pelas suas características tonais, se poderia chamar de orquestral. Começa com a suavidade melódica de um violoncelo, eleva-se para elogiar até o agudo de uma flauta e desce, quando ela faz advertências, ao tom de um contrabaixo.

Assim, as meninas que evidenciassem propensão para algum cometimento intelectual recebiam as suas exortações num tom de voz com timbre de instrumentos metálicos. Para as que mostravam tendência para a vida doméstica, ela discorria sobre as obrigações das esposas e mães com uma voz que fazia lembrar os sons do violino em surdina.

Mas a voz da Srta. Gilbey não fez somente pizicato até o fim da sua conversa.

— E, agora, umas palavrinhas especiais: nunca seja preguiçosa para pensar e para refletir, Joan, minha cara menina. Nunca aceite as coisas pelas suas aparentes conveniências do momento — só porque desse modo é mais fácil e você fica livre de incômodos. Reflita que a vida deve ser vivida e não

interpretada falsamente por meio de sofismas. E nunca se julgue muito satisfeita consigo mesma.

— Entendido, Srta. Gilbey.

— Digo isto porque (cá entre nós) constitui uma das suas pequenas falhas esta sua íntima satisfação consigo mesma, não é verdade, Joan? Leve em consideração também as outras meninas e não continue a pensar somente em você como sendo a única capaz neste mundo. E esteja sempre preparada para cumprir as suas obrigações e aceitar os encargos que lhe couberem.

E eis que, então, a sua voz atinge o clímax desta solene orquestração:

— A vida deve ser, Joan, um avanço contínuo e ininterrupto. É uma espécie de ascensão para as alturas, através de uma trilha pedregosa que nossos ancestrais já palmilharam. Dissabores e sofrimentos surgirão sem dúvida. Ninguém se livra disso. Nem mesmo Nosso Senhor se subtraiu aos sofrimentos da nossa vida mortal. Assim como ele teve a sua agonia no Horto de Getsemane, também você terá a sua agonia, Joan. E se você a não tiver é porque não enveredou pelo caminho certo, a trilha verdadeira. Lembre-se destas palavras quando chegar a sua hora de dúvidas e de sofrimentos. E não se esqueça de que sempre terei imenso prazer em receber notícias das minhas antigas alunas. Aqui estarei sempre pronta para auxiliá-las com minhas admoestações, se elas o pedirem. Que Deus abençoe você, minha cara menina!

Logo após a bênção da Srta. Gilbey veio o beijo de despedida. Um beijo que, mais do que um simples contato humano, tinha a significação de um verdadeiro prêmio.

Joan ficara um pouco aturdida e se retirou logo.

Voltou ao seu dormitório e lá encontrou Blanche Haggard usando o pince-nez de Mary Grant e com um travesseiro enfiado debaixo da sua blusa de colégio para ficar com o busto estufado. Ela estava fazendo aquela espécie de preleção orquestral a um auditório que se extasiava e se deliciava com as suas palavras. Blanche dizia:

— Vocês, agora, terão que sair deste mundo feliz do ambiente escolar para um mundo mais amplo e mais cheio de perigos, que é a vida. A vida se apresentará para vocês cheia de problemas e de preocupações...

Joan, também passou a fazer parte do auditório. Os aplausos cresceram quando Blanche atingiu o clímax da sua fala.

— Para você, Blanche Haggard, eu não direi senão uma única palavra: disciplina! Domine as suas emoções. Adquira o hábito de praticar o autocontrole. O excessivo ardor do seu coração poderá ter consequências perigosas. Tão-somente com uma rigorosa disciplina é que você poderá atingir as culminâncias. Você possui grandes aptidões, minha cara menina. Saiba usá-

las. Você já cometeu uma boa porção de faltas, Blanche. Mas foram faltas próprias de uma criatura dotada de natureza nobre e liberal. Tais faltas podem ser reparadas. A vida (neste ponto sua voz se elevou produzindo um estrídulo falsete) deve ser um avanço contínuo e ininterrupto. É uma espécie de ascensão para as alturas através de uma trilha pedregosa que nossos ancestrais já palmilharam. (Veja Wordsworth!). E nunca se esqueça do seu colégio e de que a tia Gilbey está sempre pronta para auxiliar você com as suas admoestações, desde que você se dirija a ela enviando um envelope selado para a resposta.

Blanche fez uma pequena interrupção. Mas, para sua surpresa, ninguém riu nem a aplaudiu durante esta pausa. Todas as meninas, imóveis, como que petrificadas, tinham as cabeças voltadas para a porta aberta, onde surgira a figura majestática da Srta. Gilbey, com o seu pince-nez na mão.

Foi um momento de terrível expectativa. A Srta. Gilbey diz:

— Se você deseja seguir a carreira de teatro, Blanche, acho que deve procurar qualquer uma das excelentes escolas de arte dramática que temos em nosso país, onde poderá adquirir uma boa dicção. Parece que você tem algum talento para essa carreira. Faça o favor de colocar imediatamente esse travesseiro no seu lugar!

E, dito isto, ela se retirou imediatamente.

Blanche exclamou:

— Úúúúff!... Saia logo bruxa selvagem que só se compraz em melindrar e humilhar os outros!

Sem dúvida — pensou Joan consigo mesma — a Srta. Gilbey foi uma grande personalidade. Finalmente, ela deixara o Colégio St. Anne um pouco antes de Averil ter sido enviada para lá. A nova diretora não tinha o mesmo dinamismo nem a mesma personalidade e por isso o colégio começou a decair.

Blanche tinha razão. A Srta. Gilbey era uma selvagem que se comprazia em humilhar os outros. Mas ela sabia como fazer-se obedecer. E tinha-se expressado com grande acerto na sua fala de despedida a Blanche. Disciplina! Era exatamente o que Blanche precisava ter tido durante toda a sua vida. De que ela talvez fosse dotada de uma natureza liberal e generosa, ninguém duvidava. Mas faltou-lhe sempre o necessário autocontrole. Blanche continuou sempre sendo generosa. Por exemplo, aquele dinheiro que Joan lhe enviara, ela não empregou exclusivamente para si. Comprou uma cadeira giratória para o escritório de Tom Holliday. E um traste desse tipo seria a última coisa que Blanche desejaria possuir neste mundo.

Blanche era uma criatura que abrigava em seu coração o calor do afeto. E dizer que apesar de tudo ela teve a coragem de abandonar os seus filhinhos. Só uma mulher monstro, de coração empedernido, seria capaz de fugir das pobres

criaturinhas que ela própria botou neste mundo.

Isto demonstra que há mulheres que são completamente destituídas do instinto materno. Os filhos devem sempre ocupar o primeiro lugar no coração de uma mãe. Ela e Rodney sempre estiveram de acordo neste particular.

Rodney, na verdade, sempre fora um abnegado, concordando em submeter-se a tudo para melhorar as condições de vida dos filhos. Por exemplo, quando ela provou a Rodney que o seu quarto de vestir, que era bem claro, deveria ser cedido à babá e aos pequenos, ele espontaneamente concordou em ocupar o quartinho dos fundos, que dava a vista para o curral com o estábulo. Assim, as crianças passaram a ficar num quarto banhado pelo sol e bem iluminado.

Ela e Rodney sempre foram pais muito conscienciosos. E seus filhos também sempre lhes deram prazer, especialmente quando ainda eram bem pequenos. Como eles eram umas criancinhas tão formosas e atraentes! Foram mais bem educados do que os meninos da Sra. Sherston. Parece que a Sra. Sherston nunca pôde compreender que seus filhos eram uns verdadeiros diabinhos. E deve-se dizer que ela própria muitas vezes se juntava com eles nos seus brinquedos, arrastando-se pelo chão como um índio pele-vermelha e soltando urros e brados selvagens. Certa vez em que eles brincavam fazendo de conta que eram animais de um circo, a mãe fez uma impressionante imitação de um leão-marinho.

Joan chegara à conclusão de que Leslie Sherston era uma mulher que, falando a pura verdade, nunca saiu da infância... Nunca chegou a atingir a idade madura...

E como ela teve uma vida triste a pobre mulher!

Joan se lembrou daquele dia em que, de maneira inesperada, cruzou com Sherston em Somerset.

Ela havia estado naquele lugar em companhia de amigas e jamais poderia imaginar que Sherston estivesse vivendo lá. Topou com ele precisamente quando ele saía (fato bem significativo) de uma casa pública. Ela não o via desde a época em que ele saíra da cadeia. Ficou bastante chocada ao notar a mudança sofrida pelo homem que fora um elegante gerente de banco no qual todo mundo confiava.

A vazia expressão do semblante de um homem decaído, que antes fora dinâmico e empreendedor, é bem curiosa. Além do mais ele ficara com os ombros curvados e descuidara da sua aparência pessoal. Sherston andava sempre com o colete desabotoado. Seu rosto se tornara flácido e seu olhar denotava a astúcia de um velhaco que não inspira confiança.

E dizer que outrora esse homem era alvo da confiança de todo mundo.

Ele ficou deveras desapontado por ter se encontrado com ela assim inesperadamente mas a sua reação para refazer-se do choque foi imediata.

Cumprimentou-a numa atitude que não passava de uma dolorosa e grotesca caricatura do estilo das suas antigas maneiras sociais.

— Bem, bem. Sra. Scudamore! Este mundo é realmente bem pequeno. Mas que é que a traz a Skipton Haynes?

Ele permanecia na frente de Joan, procurando endireitar os ombros e esforçando-se para dar ao tom de voz aquele antigo entusiasmo capaz de traduzir a sua autoconfiança, mas tudo o que ele fazia não passava de uma deplorável representação que absolutamente não servia para dissimular o seu verdadeiro estado. Ela, mesmo contra a sua vontade, teve pena dele.

Como é horrível decair na vida dessa maneira! Como é doloroso para um indivíduo que perdeu a sua posição social imaginar que a qualquer momento poderá se encontrar com algum amigo dos velhos tempos o qual é capaz até mesmo de simular que não o conhecei Não que ela tivesse a intenção de proceder assim. Naturalmente, outra não podia ser a sua disposição de espírito senão mostrar-se amável e delicada.

Sherston disse-lhe:

— A senhora deve voltar para fazer uma visita à minha esposa. Terá que tomar um chá conosco. Sim, sim, minha distinta senhora, eu insisto!

Esta grotesca e simulada imitação de suas antigas maneiras de portar-se socialmente compeliu Joan, condoída, a deixar-se conduzir pelo homem, embora muito contra a sua vontade.

Ele queria ter o prazer de mostrar-lhe o seu sitiozinho — um pedaço de terra que em todo caso não era lá muito pequeno. Tratava-se de uma área relativamente extensa de terra cultivada. Trabalho árduo evidentemente, mas rendoso, com a produção de hortaliças e verduras para o mercado. Seus principais produtos, todavia, eram anêmonas e maçãs.

Sem interromper a conversa, ele levantou a aldrava de um portão já completamente estragado e corroído pelas intempéries, que bem necessitava de uma pintura. Subiram, então, por um caminho que se estendia por uma parte do terreno cheia de ervas daninhas e inços. Não demorou muito e ela viu Leslie encurvada sobre os canteiros de anêmonas.

— Olhe quem está aqui! — bradou Sherston.

Leslie, atirando para trás o cabelo que lhe caía pela fronte, foi se aproximando dizendo que era uma grande surpresa para ela, naquela hora, receber a visita de Joan.

Joan notou logo como Leslie havia envelhecido. Parecia estar doente.

As rugas produzidas pelo trabalho e pelos sofrimentos vincavam-lhe o rosto. Afora isso, ela se apresentava exatamente como sempre fora: alegre, desleixada e cheia de disposição para o trabalho.

Enquanto estavam ali conversando, seus meninos chegaram da escola. Eles se aproximaram, enchendo o ar de rugidos, e investiram logo contra Leslie, dando-lhe marradas com a cabeça ao mesmo tempo que imitavam o berro dos touros fazendo:

— múúú... múúú... múúú.

Leslie suportou pacientemente durante alguns segundos esta furiosa arremetida dos bichinhos e depois disse-lhes num tom de voz autoritário:

— Quietos! Temos visita.

De um momento para outro os meninos se transformaram em anjinhos delicados e amáveis. Apertaram a mão da Sra. Scudamore e passaram a falar com ela com uma voz calma e branda.

Joan lembrou-se nesse instante de um seu primo que treinava cães para a prática de esporte. À sua voz de comando, o cachorro sentava-se ou agachava-se. Dava-lhe outra ordem com uma voz enérgica e o animal saía correndo, como que impelido por uma fúria incontida. Os filhinhos de Leslie pareciam ter sido treinados da mesma forma.

Em seguida todos entraram na sala de visita. Leslie saiu logo para preparar o chá.

Passados alguns minutos, surge ela, ajudada pelos pimpolhos, todos sorridentes, com uma bandeja na qual haviam colocado o bule de chá, as xícaras, o pão, a manteiga, o doce de frutas feito em casa.

Entretanto, o que ela achou de mais curioso nesta visita foi a brusca mudança de Sherston. De um momento para outro dissipou-se aquela sua aparência de um deplorável trapaceiro, irrequieto e apreensivo, tornando-se um anfitrião cortês e compenetrado do seu papel — na verdade um ótimo anfitrião. Até mesmo aquele seu antigo traquejo social, como se estivesse sumido nos profundos recessos da sua personalidade, veio à tona bruscamente. Passou a dar a impressão de encontrar-se muito feliz, de estar satisfeito consigo mesmo e com a família. Era como se o seu mundo só existisse dentro daquelas quatro paredes, pouco lhe importando o mundo exterior bem como o juízo que faziam dele.

Os garotos insistiam com ele para que os ajudasse a concluir um serviço de carpintaria que eles haviam iniciado. Leslie, por seu turno, também recomendou-lhe que não se esquecesse de providenciar uma nova enxada para ela conforme ele havia prometido e perguntou-lhe se eles teriam que preparar os feixinhos de anêmonas para o dia seguinte ou se poderiam deixar esse serviço para a quinta-feira.

Joan mesma teve a impressão de nunca tê-lo admirado tanto antes como agora. Foi só então que ela pôde compreender a razão do devotamente de Leslie para com ele. Além disso, ele fora outrora um homem de ótima aparência.

Alguns momentos depois ela teve um novo choque: Pedrinho começou a gritar impaciente:

— Conte-nos aquela história engraçada do guarda lá na cadeia e do pudim de ameixas!

E não parava de insistir com o pai, que bruscamente empalidecera.

— O senhor sabe... aquela história de quando o senhor estava na cadeia. Que foi que um guarda disse? E um outro guarda?

Sherston parecia hesitante e demonstrava estar envergonhado.

Leslie, como que procurando acalmá-lo, diz-lhe com uma voz suave:

— Conte a história, Charles. Até que ela é mesmo engraçada e divertida. A Sra. Scudamore terá prazer em ouvi-la.

Então ele passou a relatar a história que era, de fato, engraçada — embora não tanto quanto parecia aos meninos. Eles se contorceram de tanto rir, chegando quase a ficar sufocados. Joan também riu polidamente, mas não deixou de sentir-se um tanto constrangida e sobressaltada. Um pouco depois Leslie, que a acompanhara escada acima para levá-la ao andar superior, segredou-lhe delicadamente:

— Eu nem me lembrava mais... mas eles sabem de tudo em relação ao pai.

Leslie (e esta circunstância levou Joan a concluir que Leslie Sherston não possuía sentimento) pareceu ter também achado graça na história.

— Bem... afinal, um dia ou outro, eles fatalmente viriam a saber onde o pai esteve. Ou será que nunca? Pois que eles ficassem sabendo logo então. Era melhor e mais simples.

Joan concordou que foi mais simples. Mas teria sido mais prudente? A delicada mente de uma criança, por ser naturalmente sempre impregnada de um idealismo puro, é suscetível de sofrer um abalo quando se lhe destrói a confiança e a fé.

Leslie retrucou-lhe simplesmente não acreditar que seus filhos fossem tão idealistas e sensíveis assim...

Seria muito pior — tal era a suposição de Leslie — se só mais tarde eles ficassem sabendo que com o pai se passara algo que sempre lhes foi ocultado. Enquanto falava ela fazia com as mãos aqueles movimentos desajeitados como era do seu hábito.

— Por que fazer mistério de tudo o que aconteceu? É muito pior! Quando eles me perguntaram por que o Papaizinho tinha ido embora, achei que eu lhes devia falar com toda a naturalidade. Então expliquei-lhes que o pai havia roubado dinheiro do banco e que por isso fora levado para a cadeia. Em todo caso, eles já sabiam o que significava roubar. Pedrinho costumava furtar doce de fruta e escondê-lo no seu quarto. Eu lhe fiz compreender que quando as pessoas já

crescidas praticam coisas erradas são presas. Tudo muito simples.

— Então você acha que é a mesma coisa para uma criança encarar o seu pai com desprezo ao invés de o respeitar?

— Oh, eles absolutamente não o desprezam — Leslie demonstrou ter achado graça novamente no que ia dizer. — Eles continuam tendo bastante pena do pai. E como eles gostam de ouvi-lo relatar os fatos passados na cadeia!

— Contudo, estou absolutamente convencida de que isso não é bom para os pequenos — retrucou-lhe Joan com um tom de voz incisivo.

— Oh!... Quer dizer, então, que você acha que eu não devia ter procedido assim?

Leslie meditou durante um tempinho, depois prosseguiu:

— Bem... talvez... talvez para os meninos não tenha sido boa a minha atitude mas para Charles foi muito boa. Ele voltou para casa todo encolhido e cheio de humildade como um cachorrinho assustado com o rabo no meio das pernas. Eu não podia suportá-lo desse jeito.

Por isso julguei que seria melhor contar aos pequenos a verdade a respeito dele, com toda a naturalidade. Além do mais não se podia fingir continuamente, procurando dar a entender que esses três anos nunca existiram, como se correspondessem a uma fase que pudesse facilmente ser extirpada da nossa vida.

Eis como era Leslie Sherston! — refletiu Joan. — Uma mulher despreocupada, displicente, desprovida do mínimo resquício de sentimentalismo, sempre enveredando para o caminho mais fácil na solução dos seus problemas.

Mesmo assim, Joan tinha que reconhecer uma grande virtude nessa mulher: ela sempre se conservara uma esposa fiel.

Joan lhe falou bondosamente:

— Devo dizer-lhe, Leslie, que eu sempre achei você maravilhosa pela maneira como você se manteve fiel ao seu marido e procurou superar todas as dificuldades enquanto ele esteve... esteve ausente. Eu e Rodney muitas vezes comentamos este fato.

Que engraçado sorriso num lado só do rosto tinha essa mulher!

Só agora é que Joan passou a percebê-lo. Talvez o seu elogio lhe tivesse ocasionado um certo constrangimento. Falando sinceramente, foi com uma voz um tanto fria que Leslie lhe perguntou:

— Como vai... Rodney?

— Sempre muito atarefado o pobre bicho. Sempre lhe digo que ele deve tirar alguns dias para descansar.

Leslie obtemperou:

— Isto não é tão fácil assim. Eu imagino que para o serviço dele — como para o meu — é necessário empregar todo o tempo. Não se pode tirar muitos dias de

descanso.

— Na verdade devo concordar com você. E Rodney, de fato, sempre foi cônscio das suas responsabilidades.

— O trabalho dele requer todo o seu tempo — concluiu Leslie dirigindo-se devagarinho até a janela onde permaneceu como que absorta olhando para fora.

Joan notou, então, que no delineamento do corpo de Leslie havia algo que não podia deixar de chamar-lhe a atenção: a forma do ventre não lhe deixou dúvida... É bem verdade que Leslie sempre usava as suas roupas de maneira muito deselegante e parecia sempre estar desengonçada, mas mesmo assim...

— Oh Leslie! — exclamou Joan impulsivamente. — Não vá me dizer que você está...

Leslie virou-se para a sua interlocutora, meneando a cabeça afirmativamente enquanto lhe declarava com a maior naturalidade deste mundo:

— Estou, sim. Espero para o mês de agosto.

E, de um momento para o outro, surpreendentemente Leslie começou a falar com desenvoltura. Já não era mais aquela mulher tíbia e displicente de poucos momentos antes. Ela parecia um condenado que pretendesse fazer a sua própria defesa.

— Isto constituiu para Charles uma distinção. Uma grande distinção, você compreende? Nem posso explicar como ele se sente. Para ele, este fato foi considerado — como direi mesmo? —, foi considerado uma espécie de símbolo, um sinal evidente de que ele não é nenhum réprobo, nenhum proscrito. Basta dizer que ele até vem tentando deixar de beber desde que ficou sabendo do caso.

Tão entusiásticas foram as palavras de Leslie que Joan só um pouco depois se deu conta do que significava, pela importância da revelação, a última frase que ela pronunciara. Ela simplesmente respondeu à amiga:

— Evidentemente você, melhor do que ninguém, sabe da sua vida. Apenas me parece que é um pouco imprudente... pelo menos por enquanto.

— Você quer dizer do ponto de vista financeiro, não é verdade? — Leslie soltou uma risadinha. — Bem... Todos nós aqui de casa teremos que enfrentar a tempestade. Poderá não ser lá tão fácil a vida, mas de qualquer forma encontraremos o que comer.

— Mas você... Não me parece que você esteja muito forte...

— Forte?! Estou forte demais! Quem pretender matar-me terá que fazer muita força!

Entretanto, mal acabara de proferir estas palavras, sentiu ela uma espécie de arrepio a perpassar-lhe pelo corpo, como se naquele instante mesmo tivesse tido um súbito e estranho pressentimento da doença e dos dilacerantes sofrimentos por que teria que passar.

Elas voltaram para o andar térreo e, depois de feitas as despedidas, Sherston prontificou-se a acompanhar Joan para indicar-lhe um atalho que encurtava caminho na passagem através do sítio.

Joan, tendo virado a cabeça enquanto desciam aquele terreno em declive, viu Leslie e os meninos, um enredado no outro, rolando-se pelo chão e soltando gritos agudos de tão alegres com aquela patuscada.

Ver Leslie rolando pelo chão com os filhos, como verdadeiros animais, causou-lhe um certo desprazer. Depois Leslie, encurvando-se um pouco, abaixou a cabeça, como que procurando espreitar atentamente o que o capitão Sherston estava dizendo.

Ele, com palavras um tanto desconexas, dizia simplesmente que nunca houve, não há e não poderá haver outra mulher igual à sua.

— A senhora nem pode imaginar, Sra. Scudamore, o que ela tem sido para mim; Não, a senhora nem sequer poderá formar uma idéia. E ninguém poderia. Eu não sou digno dela... Eu bem sei disso...

Joan percebeu, comovida, que as lágrimas brotavam dos olhos dele. Era um homem que facilmente se tornava sentimental.

— Ela é sempre a mesma. Sempre alegre. Até parece que acha que todas as coisas que acontecem são interessantes e divertidas. Nunca a ouvi pronunciar uma palavra de reprovação. Nunca. Por isso jurei cortejá-la sempre e nunca deixar de requestá-la.

Ouvindo tais palavras, Joan refletiu consigo mesma que o capitão Sherston poderia muito melhor demonstrar a sua dedicação para com a esposa deixando de visitar um antro de perdição como o Anchor and Bell. Foi por um nada que ela se conteve e não lhe externou este seu pensamento.

Ela, finalmente, se despediu dele dizendo:

— Sem dúvida... Sem dúvida... Naturalmente...

E dizer que Sherston lhe afirmava tudo isso como coisa verdadeira! Era até comovente observar o comportamento do casal. Ela continuou seguindo o seu caminho passando através do campo.

Exatamente quando estava por transpor a porteira, deu uma olhadela para trás e viu o capitão Sherston parado do lado de fora do Anchor and Bell, observando o seu relógio para ver quanto tempo faltava ainda para abrirem a porta.

Tudo o que se passou ela contou a Rodney quando chegou em casa. Disse ela ao marido que tudo lhe parecia ser muito melancólico e doloroso.

Rodney dando-se — aparentemente de propósito — ares de bronco, retrucou-lhe:

— Mas você não disse que eles pareciam estar vivendo felizes juntos?

— Bem... Em certo sentido, sim.

Rodney prosseguiu comentando que, no seu modo de ver, Leslie estava convertendo em verdadeiro triunfo uma situação que, se ela procedesse doutra forma, inevitavelmente seria catastrófica. Joan obtemperou:

— Sem dúvida, ela vem demonstrando muita bravura. Basta dizer que ainda vai ter mais um filho.

Ao ouvir estas palavras, Rodney levantou-se e, bem devagarinho, dirigiu-se à janela, de onde ficou olhando para fora, como que absorto.

Só agora, estando ali sentada em pleno deserto, ocorreu a Joan que ele se postara à janela exatamente como Leslie naquele dia em que a visitara.

Passados alguns segundos, Rodney interroga:

— Para quando?

— Para o mês de agosto. Acho que é uma grande loucura.

— Você acha?

— Meu queridinho, pense bem: a vida deles já é apertada. Um bebê só poderá complicar mais a situação.

Falando bem devagar, Rodney respondeu:

— As costas de Leslie são largas...

— Não duvido... Mas ela poderá se escangalhar toda. Além disso ela tem aparência de mulher doente.

— Bem, ela já parecia andar doente antes mesmo de sair desta localidade.

— Ela parece, também, estar muito mais envelhecida. Todavia é interessante saber que tal fato constitui para Sherston um verdadeiro motivo de distinção e de orgulho íntimo.

— Foi o que ela disse?

— Sim. Ela mesma afirmou que ele se sentia orgulhoso e satisfeito.

Rodney passou a responder como que pesando as suas palavras:

— Pode ser. Sherston é uma dessas extraordinárias pessoas que só pode subsistir em função do apreço dos outros. Quando o juiz proferiu a sentença que o condenou, ele quase sucumbiu, murchando-se que nem um balão furado. Inspirava compaixão e, ao mesmo tempo, mostrava-se repelente. Eu ousaria dizer que o único desejo de Sherston é recuperar, seja lá de que maneira for, o respeito e a estima. Será um trabalho que requer muito tempo.

— Ainda assim, sou de opinião que um outro filho... — Rodney interrompeu-a. Na janela, virou-se para ela. A sua face pálida, denotando uma incontida cólera, chegou a deixá-la em sobressalto:

— Ela é uma esposa, não é? Ela tinha, portanto, só dois caminhos para seguir: separar-se dele passando a tomar conta dos garotinhos ou continuar sendo uma esposa de fato, ora bolas! Ela escolheu a segunda alternativa e está desempenhando perfeitamente o seu papel. E é preciso dizer que Leslie nunca

faz as coisas pela metade.

Joan, então, perguntou-lhe se havia algum motivo para que ele se excitasse daquela maneira. Rodney respondeu:

— Claro que não!

Entretanto ela bem sabia que desde muito tempo ele andava aborrecido e cansado com a sua vida social e funcional que lhe impunha a necessidade de constantemente usar de prudência e cuidado nas suas atitudes. Por isso ele nunca corria o risco de expressar-se sem antes medir as possíveis consequências das suas palavras.

Joan disse-lhe confiar em que ele para os seus clientes nunca viesse a falar irritado assim. Ele respondeu-lhe, grunhindo, que ela absolutamente não tivesse medo de nada, pois ele sempre procurava tratá-los como deviam ser tratados.

Sete

Talvez tenha sido muito natural que Joan nessa noite sonhasse com a Srta. Gilbey.

A Srta. Gilbey, com um chapéu para se proteger contra o sol, caminhando ao lado dela no deserto e dizendo-lhe num tom de voz autoritário:

— Você deve ser mais atenta com relação aos lagartos, Joan. Seus conhecimentos de história natural são muito fracos.

A esta recomendação da diretora, como era natural, ela respondeu:

— Sim, Srta. Gilbey.

E a Srta. Gilbey prosseguiu:

— E não fique aí fingindo que não compreendeu o que eu quis dizer, Joan. Você conhece perfeitamente o sentido destas minhas palavras: disciplina, minha cara menina!

Joan despertou-se e sentiu-se transportada por alguns momentos ao Colégio St. Anne daqueles tempos já passados. Afinal, este quarto da casa de pernoite não se assemelhava em certo sentido com um dormitório de colégio? A pobreza do ambiente, as camas de ferro, as paredes com uma aparência de não terem sido limpas com o devido cuidado higiênico, tudo isso só podia contribuir para que ela evocasse a época em que vivera no internato.

Que foi mesmo que a Srta. Gilbey lhe disse em sonho? — Disciplina!

Pensando bem... devia existir algo de verdadeiro nessa palavra.

Não foi, de fato, uma grande loucura ter Joan entrado no dia anterior em tão esquisitas divagações acerca de nada, absolutamente nada?

Inegavelmente ela teria que disciplinar os seus pensamentos, ordenar a sua mente — e perquirir, de uma vez por todas, a razão de ser dessa sua sensação de agorafobia.

Em seguida, passou a sentir-se melhor. Afinal, talvez fosse mais prudente ficar só dentro da casa de pernoite. Mas ela chegou a ficar deprimida, completamente desalentada ante a idéia de permanecer enclausurada durante todo o dia naquele recinto constantemente envolto em penumbra, sentindo o cheiro da gordura de carneiro, de querosene e de inseticida pulverizado. Ficar ali todo o dia sem ter nada para ler nem para fazer? Era horrível!

Que é que fazem os prisioneiros nas suas celas? Bem, eles certamente fazem exercícios diários ou ficam costurando sacos e maletas de viagem. Do contrário enlouqueceriam. E não há coisa mais apropriada do que uma vida solitária em reclusão para deixar doida uma pessoa. Não é brinquedo passar dia após dia,

semana após semana, em reclusão...

E dizer que ela já tinha a impressão de estar naquele lugar durante semanas! E quanto tempo fazia que ela havia chegado ali? — Dois dias apenas!

Dois dias! Até parece incrível!

Bem que parecia estar acontecendo o que dissera Ornar Khayyam neste verso: “Eu próprio com os dez mil anos do meu ontem...” Foi mais ou menos isso que ele escreveu. Por que não procuraria ela lembrar-se melhor do texto exato?

Não, não! Ela absolutamente não iria começar de novo a recitar poesias... A declamação de versos no dia anterior não deu bom resultado. A verdade é que ela verificou existir algo de muito perturbador nas poesias... algo capaz de atormentar a alma. Mas que bobagem estava ela dizendo! Ora, parece fora de dúvida que tanto melhores serão os pensamentos quanto mais eles tenderem para o plano espiritual... E ela sempre foi um tipo de pessoa de ressaltada propensão para as coisas espirituais...

“Você foi sempre tão fria como um peixe.”

Por que será que a voz de Blanche pareceu ter-se introduzido na sua mente logo agora? Que voz tão vulgar e intrometida! Mas Blanche é exatamente assim mesmo. Vulgar e intrometida... Ela não podia deixar de admitir que Blanche fosse diferente disso. Era uma criatura que se deixava reduzir a frangalhos pela sua própria volúpia. Mas absolutamente não se poderia culpá-la de ser grosseirona e sem refinamento social. Quando ela era menina, nada deixava transparecer do seu temperamento porque ainda estava sob o bafejo da ternura do seu lar. Entretanto, a rudeza de caráter já existia em estado latente no seu próprio ser.

Fria como um peixe, sim! Não é lá uma expressão muito delicada.

Seria muito de desejar que ela própria, Blanche, tivesse uma boa dose da frieza de um peixe para amenizar os ardores do seu temperamento voluptuoso.

Bem que ela demonstrava ter sempre levado uma vida deplorável.

Que mais foi que ela disse quando Joan conversou com ela? — Ah, sim, cada qual poderia, por exemplo, pensar nos seus pecados.

Pobre Blanche! Mas ela afirmou logo em seguida que Joan não seria capaz de perder muito tempo fazendo o seu exame de consciência.

Blanche passou, então, a estabelecer um paralelo entre ela própria e Joan. Ela fingiu acreditar que Joan ficaria cansada enumerando a grande quantidade de bênçãos e de benefícios recebidos da Divina Providência. (Seria até muito justo que cada qual se dispusesse frequentemente a tecer considerações sobre as bênçãos e benefícios recebidos.)

E que foi que ela disse depois? Deve ter sido algo bastante curioso.

Ah, sim, ela declarou que gostaria de saber a que conclusão chegaria Joan se

ficasse dias e mais dias não fazendo outra coisa senão meditar a respeito de si mesma...

De certo modo, esta idéia não deixa de ser interessante.

Uma idéia interessante de fato!

Todavia Blanche asseverou também que ela, por vontade própria, não tentaria fazer esta espécie de meditação a respeito da sua pessoa...

Ela parecia... Bem, ela demonstrava ter medo de proceder a um exame de consciência.

Como seria maravilhoso — pensou Joan — se alguém pudesse descobrir algo relacionado com a sua vida íntima!

Na verdade ela nunca tivera o hábito de fazer reflexões a respeito de si própria...

Ela não era absolutamente o tipo de mulher, capaz de fazer uma análise introspectiva.

— Bem que eu gostaria de saber qual é o juízo que as pessoas fazem de mim — exclamou Joan. — Não me refiro ao juízo ou conceito das outras pessoas em termos gerais, mas sim, especificamente dirigidos a mim.

Então, como que maquinalmente passou a evocar alguns exemplos de frases pronunciadas em diversas ocasiões por outras pessoas.

As frases de Bárbara, sua filha, serviriam para começar.

— Oh, os seus criados, mamã, são sempre perfeitos. A senhora nunca esquece de zelar pela perfeição deles.

Esta frase constituía realmente um elogio à sua pessoa, pois demonstrava que a filha a reconhecia como boa esposa e ótima dona de casa. E não há dúvida mesmo de que Joan dirigia a sua casa muito bem e com grande eficiência.

Os criados também gostavam dela — pelo menos eles faziam tudo o que ela ordenava. Talvez não fossem muito compreensivos quando ela tinha dor de cabeça ou não se sentia bem. Entretanto, deve ser esclarecido que ela nunca os compeliu a se comportarem diferentemente em tais circunstâncias.

E que foi que lhe disse aquele excelente cozinheiro quando ela lhe comunicou ter concordado com o seu pedido de dispensa dos serviços?

Parece que ele disse que não poderia continuar eternamente trabalhando sem que houvesse o reconhecimento da sua aptidão... ou coisa parecida. Sinceramente, a atitude dele foi ridícula.

— É impossível continuar desse jeito, minha senhora, sempre recebendo advertências quando a coisa não sai bem, mas nunca recebendo uma palavra de elogio ou de estímulo quando o serviço é bem feito. Dessa maneira não há quem não perca o ânimo...

Ela simplesmente retrucou-lhe com uma certa frieza:

— Mas você deve compreender, cozinheiro, que quando a patroa não fala nada é porque tudo está correndo satisfatoriamente.

— Não digo o contrário, minha senhora... mas tal atitude é pouco animadora. Afinal, eu também sou um ser humano. Por exemplo, eu tive bastante trabalho em preparar aquele prato de ragu à espanhola que a senhora me pediu... E eu não sou um tipo de cozinheiro que se preocupa muito com o preparo de iguarias inventadas na hora...

— Mas estava excelente aquele ragu.

— Creio, minha senhora. Logo vi que ele tinha ficado muito bom, pois não sobrou nada. Contudo nenhuma referência me foi feita.

Joan, impaciente, retrucou-lhe:

— Será que você não nota que está se tornando um pouco imbecil? Afinal, você foi contratado para cozinhar nesta casa com um bom ordenado.

— Oh, não se discute, minha senhora. O ordenado é bom...

— ...portanto deve-se subentender que seja um bom cozinheiro. Só quando algo não está bem é que devo dirigir-me a você.

— E é o que a senhora faz realmente, minha senhora.

— Mas você, ao que parece, julga-se ofendido com esta minha atitude, não é verdade?

— Não é bem isso, minha senhora, mas acho que é melhor não tocar mais neste assunto e eu sairei depois de completar o mês do meu serviço.

Os criados — refletiu Joan — nunca estão contentes. Andam sempre cheios de ressentimentos. Todos eles gostavam de Rodney, é bem verdade. Gostavam dele simplesmente porque ele era um homem. Nunca havia muita preocupação em fazer serviços para o patrão. E Rodney surpreendentemente revelava-se às vezes dotado de aptidão para lidar com os empregados.

Certa vez ele disse a Joan:

— Não seja muito rígida com a Edna. O jovem marido dela se meteu com outra mulher e ela anda completamente transtornada. É por isso que ela entrega duas vezes a hortaliça ao cozinheiro, deixa cair as coisas no chão e anda continuamente se esquecendo das suas obrigações.

— Como foi que você ficou sabendo disso, Rodney?

— Ela me disse hoje de manhã.

— Coisa bem singular ter ela contado só a você o que se passou com ela!

— Bem, eu a interroguei para saber o que havia com ela, pois os seus olhos estavam vermelhos e demonstravam que ela havia chorado muito.

Rodney era uma criatura excepcionalmente bondosa.

Certa vez Joan lhe disse:

— Acho que você com esta sua vida de advogado já anda farto de tanto ouvir

falar sobre as complicações e intrigas da humanidade.

Com um ar meditativo, ele respondeu-lhe:

— Qualquer um poderia pensar assim, evidentemente. Todavia eu acho que um advogado, exercendo as funções de solicitador regional, vê sempre melhor do que ninguém (exceto os médicos, é claro) os sulcos mais profundos das cicatrizes que afetam a sociedade. Mas esta circunstância só pode contribuir para tornar mais intenso o sentimento de compaixão para com a pobre humanidade — tão vulnerável, tão propensa ao medo, à dúvida e à cobiça, mas também algumas vezes tão altruísta. tão brava. A melhor compensação do meu serviço talvez resida precisamente no fato de propiciar um sentimento de piedade mais amplo para com o gênero humano.

Tinha, ela, pode-se dizer, na ponta da língua esta pergunta:

“Compensação?! Que é que significa, no caso, esta palavra?” — mas por uma razão qualquer deixou de formulá-la. Foi melhor mesmo não ter perguntado nada, refletiu Joan depois.

Entretanto, falando com sinceridade, ela às vezes ficava perturbada com as expressões de Rodney. Ele facilmente se deixava dominar pelo sentimento de compaixão.

Um exemplo frisante da sua bondade foi o caso da hipoteca contra o velho Hoddesdon.

Joan ficara sabendo de tudo não diretamente por Rodney, mas sim pelo relato da esposa de um sobrinho de Hoddesdon. Nesse dia, depois de ter tomado conhecimento do fato, Joan chegou em casa deveras perturbada.

— Foi verdade, então, que você adiantou ao velho o dinheiro, retirando-o da sua própria reserva particular na firma?

Ante tal pergunta Rodney ficou irritado. Com a face enrubescida interrogou logo:

— Quem foi que lhe disse isso?

Ela explicou-lhe pormenorizadamente a conversa que tivera com a sobrinha do velho Hoddesdon.

— Será que ele não poderia ter conseguido o dinheiro mediante um empréstimo, como se procede normalmente, Rodney?

— Uma hipoteca, considerada do ponto de vista estritamente comercial, não é um bom negócio. É sempre difícil levantá-la, especialmente para um agricultor na época atual...

— Então por que você lhe emprestou o dinheiro?

— Oh, eu me sairei bem, não há dúvida. Hoddesdon é realmente um bom fazendeiro. No momento faltam-lhe recursos financeiros e os prejuízos nas últimas safras quase que o prostraram.

— Ora, mas se é assim, a conclusão não pode ser outra senão a de que ele se encontra em situação precária, tanto assim que se viu na contingência de arranjar dinheiro para levantar uma hipoteca. Sinceramente não vejo como este empréstimo possa ser um bom negócio, Rodney.

Bruscamente e de maneira inesperada, Rodney perdeu a calma.

Teria ela compreendido de fato o sentido das palavras iniciais que ele, retrucando-lhe, pronunciou com o fim de salientar a situação de apertura em que se encontravam os agricultores de toda aquela região?

Teria ela podido ter uma noção exata das dificuldades, dos obstáculos e da incúria governamental? Ele permanecia de pé, na frente dela, soltando aos borbotões, uma misturada de termos complicados para explicar as condições da política agrária da Inglaterra predominantes no momento. Depois de ter abordado o assunto no seu aspecto geral, passou a se referir às dificuldades financeiras de Hoddesdon, expressando-se sempre com ardor e entusiasmo.

— Uma situação dessas poderia acontecer a qualquer um. Pouco importa que o indivíduo seja trabalhador e inteligente. Poderia ter acontecido a mim próprio se eu estivesse no lugar dele. Tudo foi ocasionado pela deficiência de recursos financeiros, situação esta agravada pelos insucessos verificados em duas safras consecutivas. E, de qualquer maneira, se você não compreende o que estou falando, não tem importância alguma, Joan. Este assunto não tem nada a ver com você. Eu absolutamente não interfiro no seu serviço de orientação da casa e dos filhos. É o seu setor de atividade. Mas este aqui é o meu.

Com tais palavras ela sentiu-se magoada. Muito magoada mesmo. Não era do hábito de Rodney expressar-se de maneira tão áspera assim. Pouco faltou para que eles tivessem uma rixa. E tudo por causa desse maçante velho Hoddesdon. Rodney andava como que estonteado por causa do estúpido velho.

E no domingo seguinte ele foi passar a tarde lá no sítio de Hoddesdon. Chegou em casa trazendo uma porção de informes relacionados com as plantações e com as doenças que atacam o gado.

Não parava de falar e abordava também outros assuntos de nenhum interesse.

Chegava até a importunar as visitas falando ininterruptamente sobre este mesmo assunto.

Nessa altura, Joan se lembrou de ter observado (certa vez em que todos estavam reunidos no jardim) Rodney e a Sra. Sherston sentados num banco isolado a conversar animadamente. Rodney era quem mais falava. Ele não parava de conversar nem para tomar fôlego. Vendo isso, ela ficou curiosa por saber qual era o assunto da conversa deles.

Levantou-se do seu lugar e dirigiu-se para perto deles. Rodney parecia estar agitado.

Leslie Sherston escutava-o atentamente, dando a impressão de estar sob uma espécie de tensão nervosa.

E — pelo menos foi esta a impressão de Joan — a conversa dele referia-se principalmente à criação de gado leiteiro. Ele salientava a necessidade de manter sempre bons plantéis de raças finas nos rebanhos do país.

Era um assunto que dificilmente poderia interessar à Sra. Sherston a qual não tinha conhecimento algum sobre raças de gado.

Mesmo assim ela parecia escutá-lo com profunda atenção, conservando o olhar fixo sobre a face animada de Rodney.

Joan falou com uma voz suave:

— Sinceramente, Rodney, acho que você não deve ficar aí importunando a pobre Sra. Sherston com esse assunto bobo (isto aconteceu numa época em que eles não conheciam bem os Sherston, chegados pouco antes a Crayminster).

Aquela expressão de vivacidade apagou-se do semblante de Rodney, que se dirigiu a Leslie procurando desculpar-se:

— Sinto muito.

Mas Leslie Sherston, falando com desembaraço como era do seu hábito, exclamou:

— A senhora não tem razão, Sra. Scudamore. Achei muito interessante a explanação feita pelo Sr. Scudamore.

Então surgiu nos olhos dela um brilho tal que fez Joan pensar que ela tivesse ficado zangada com a sua intromissão na conversa.

Em seguida aconteceu outro fato: Myrna Randolph apareceu ali quase sem fôlego, exclamando:

— Rodney, queridinho, você tem que ir comigo para jogar na nossa equipe. Estamos esperando por você.

E, com maneiras arrogantes como só uma moça de aparência sedutora pode ter, estirou ambas as mãos e puxou Rodney pelos pés, sem parar de sorrir debochadamente na cara dele. Foi assim que ela o arrastou para a quadra de tênis.

Ela caminhava ao lado dele com o rosto virado para melhor poder fitá-lo.

Joan, muito agastada, pensou lá com os seus botões: “Os homens não gostam de moças que se atiram assim tão facilmente para o lado deles...”

Mas será mesmo que os homens não gostam de moças oferecidas assim como Myrna Randolph? Era exatamente isso que ela repentinamente teve ânsia de saber... Afinal...

Joan ergueu os olhos e viu Leslie Sherston que a estava observando.

Leslie já não mais parecia estar zangada. Pelo contrário, ela fitava Joan como se estivesse sentindo pena dela. Joan até que achou a atitude compassiva da

amiga muito pouco social e descabida, para não dizer doutra maneira.

Joan remexia-se irrequieta naquela cama estreita. Mas por que, diabo, lhe deu na cabeça de lembrar-se novamente de Myrna Randolph?

Oh, sem dúvida foi por causa da sua incontida ânsia de verificar que espécie de reação seria capaz de provocar no seu íntimo a evocação de uma criatura assim. Myrna lhe havia causado muitos desgostos. Bem... é preciso considerar que Myrna era desse feitio. Ela era o tipo de moça que se comprazeria em destruir a vida conjugal em qualquer lar, se lhe fosse dada a oportunidade.

Bem... bem... mas agora não é o momento para aborrecer-se com tais lembranças...

Já estava na hora de levantar-se e tomar a refeição. Talvez fosse bom que ela mandasse preparar ovos quentes para variar um pouco.

Ela já andava enjoada daquela omelete dura, quase ressequida.

Entretanto o hindu parecia não conseguir compreender bem a significação de ovo quente.

— Cozinhar ovo na água? Memsahib quer dizer ferver água para cozinhar ovos?

— Não. Não quero dizer que os ovos devam ficar endurecidos na água fervente.

Ela bem sabia por experiência própria que ovos quentes fervidos na água significavam, na casa de pernoite, ovos completamente endurecidos. Ela tentou, então, explicar ao homem a maneira de preparar ovos quentes.

O hindu sacudiu a cabeça.

— Botar ovo na água, ovo desmancha... Vou trazer para Memsahib lindos ovos fritos.

Assim, ela teve que se contentar com dois lindos ovos fritos, que vieram com as gemas endurecidas e descoradas. Pensando bem, teria sido mais acertado pedir omelete mesmo.

Esta refeição matinal foi feita rapidamente. Em seguida indagou se havia alguma notícia a respeito do trem. Não havia nada. Isto deixou-a muito aborrecida. Mais um dia que ela teria que passar ali.

Mas hoje, de qualquer maneira, iria estabelecer planos inteligentes para ocupar o tempo. O diabo era que ela não vinha fazendo outra coisa senão tentar passar o tempo.

Também deve-se levar em conta que ela era uma pessoa que estava aguardando ansiosamente a chegada de um trem e isto basta para deixar qualquer pessoa nervosa.

Forçosamente teria que considerar todo esse tempo como um período de repouso — Sim, de repouso! Disciplina, portanto! Ela devia portar-se como se

estivesse num retiro. É assim que dizem os que professam a religião católica romana. Eles frequentemente vão para o retiro e depois voltam espiritualmente revigorados.

Portanto não há razão para que eu também não me revigore espiritualmente — pensou Joan.

O fantasma da Srta. Gilbey parecia estar de pé ao seu lado, recomendando-lhe numa voz com timbre de contrabaixo: Disciplina!

Mas isto foi o que ela recomendara a Blanche Haggard. A Joan ela fizera (aliás de maneira não muito delicada) a seguinte advertência: E nunca se julgue muito satisfeita consigo mesma, Joan!

Ela foi indelicada, pois Joan nunca se julgara satisfeita consigo mesma nem um pouquinho — pelo menos de maneira tola ou sem motivação.

"Pense também nos outros e não somente em você, minha cara menina."

Ora isto foi o que ela sempre fez: só pensar nos outros. Até que ela nunca dava prioridade à sua pessoa nos seus cuidados e preocupações. Ela sempre foi uma abnegada — naturalmente para os filhos e para... Rodney.

Averil!

Por que teria ela de repente começado a pensar em Averil? Por que imaginar logo agora estar contemplando o semblante da sua filha mais velha — com aquele seu sorriso um tanto escarninho, embora sem deixar de revelar-se educada e cortês?

Averil — não há dúvida — nunca soube reconhecer devidamente o valor da sua mãe.

As palavras que ela às vezes dizia — quase sempre num tom sarcástico — realmente chegavam a irritar Joan. Não eram palavras que se pudessem chamar de rudes mas...

Sim, mas o quê?

Aquela sua aparência de uma criatura tranquila e contente com a vida... mas sempre com as sobrancelhas erguidas... Joan não podia deixar de lembrar-se da maneira como Averil delicadamente saía da sala quando ela entrava.

Naturalmente, não podia dizer que Averil não lhe fosse devotada.

Aliás todos os seus filhos lhe eram devotados.

Mas seriam eles de fato devotados a ela?

Poderia ela realmente considerar-se o alvo dos cuidados e desvelos dos filhos?

Joan, como que num sobressalto, ergueu-se um pouco da cadeira e depois sentou-se de novo.

De onde lhe vinham, agora, tais idéias? O que é que a compelia a pensar assim?

E logo numa situação dessas surgirem idéias tão desagradáveis que quase

chegavam a assustá-la! Ela teria que fazer todo o esforço possível para arrancá-las da sua cabeça... Não pensar mais nessas bobagens.

Mas eis que surge a voz da Srta. Gilbey — agora em pizicato:

— Não seja indolente nem vagarosa para pensar, Joan. Nunca aceite as coisas pelas suas aparentes conveniências do momento — só porque desse modo é mais fácil e você fica livre de incômodos.

Não seria por isso que ela agora estava tentando repelir esses pensamentos? Para ficar livre de incômodos?

Não havia dúvida de que eram pensamentos realmente incomodativos...

Averil...

Teria sido Averil realmente devotada a ela? Será que Averil gostava dela de fato?

"Coragem, Joan. Enfrenta este pensamento! É o que tu deves fazer!"

Bem... A verdade é que Averil sempre foi um tipo todo especial de moça — fria, fleumática...

Não, talvez ela não fosse tão fleumática assim. Averil foi a única entre os seus filhos que realmente lhe deu trabalho.

Averil, a menina fria, bem comportada, tranquila...

Mas que abalo Joan sofreu certa vez por causa de Averil!

Joan recebera uma carta. Sem nada suspeitar do conteúdo da missiva, abriu o envelope. Surgiram diante dos seus olhos umas garatujas que só poderiam ter sido escritas por uma pessoa quase analfabeta. Logo no início ela julgou tratar-se de carta de um desses pedintes de auxílio que se valem da caridade pública.

Joan começou a ler aqueles rabiscos cujo sentido ela quase não podia compreender:

— "Esta tem a finalidade de fazer com que a senhora saiba que sua filha mais velha anda de namoro com o Doutor, md, lá no sanatório. Eles vão para o mato e ficam se beijando. É uma pouca-vergonha e isso deve parar".

Joan lançou os olhos sobre aquele pedaço de papel sujo, sentindo náuseas.

Que coisa abominável! Que coisa desagradável!

Ela já tinha ouvido falar de cartas anônimas, mas até então nunca havia recebido nenhuma. Na verdade, uma carta dessas é capaz de deixar qualquer pessoa com mal-estar.

A sua filha mais velha — Averil? Será que neste mundo só existiria Averil para praticar um ato dessa natureza?

Anda de namoro (Que palavras desagradáveis!) com o doutor, lá no sanatório — Dr. Cargill? O eminente e distinto especialista que fez um estrondoso sucesso com a aplicação do seu método para a cura da tuberculose? Será que anda metido numa confusão com Averil esse homem que, no mínimo, é vinte anos

mais velho do que ela e que tem uma encantadora esposa que anda enferma, praticamente inválida?

Que porcaria! Que detestável porcaria!

Por coincidência, nesse momento mesmo Averil entrou na sala e perguntou-lhe, talvez com um pouco de curiosidade, embora habitualmente ela nunca fosse curiosa:

— Algo de importante nessa carta, mamã?

Joan, abaixando a mão que segurava o papel, a caro custo conseguiu responder-lhe.

— Não acho que eu faria bem em mostrar esta carta a você, Averil... É tão chocante, tão desagradável!...

Joan falou-lhe com a voz trêmula. Averil, com o seu olhar frio e erguendo as sobrancelhas numa atitude que expressava surpresa, interrogou simplesmente:

— Existe algo de ruim nessa carta?

— Sim, existe.

— É a meu respeito?

— Até acho melhor que você não a leia, queridinha!

Entretanto, Averil avançou pelo meio da sala e calmamente retirou a carta da mão de Joan. Permaneceu ali, de pé, lendo aquelas garatujas durante cerca de um minuto. Depois disse à mãe, como que demonstrando pouco interesse no assunto:

— É verdade. Não é lá muito boa esta carta.

— Boa?! É horrível! Extremamente desagradável! Terá que ser punida pela lei a pessoa que inventou uma calúnia desse calibre!

Averil retrucou-lhe calmamente:

— A carta contém uma estupidez, mas não uma calúnia.

Joan pareceu sentir, nesse instante, a sala rodar. Com a voz entrecortada e arquejando, interrogou a filha:

— Que foi que você disse? Que foi que você quis insinuar?

— Não é preciso exagerar tanto fazendo espalhafato, mamã. Sinto muito por ter chegado isso ao seu conhecimento dessa maneira, mas eu acho que mais cedo ou mais tarde a senhora teria que saber...

— Então você quer dizer que é verdade? Você e... e o Dr. Cargill...

— Sim, é verdade — respondeu ela dando ênfase à sua afirmação com meneios da cabeça.

— Mas é um ato pecaminoso, imoral! É uma desgraça! Um homem com aquela idade... E além do mais um homem casado... E você uma moça tão jovem...

Averil, já denotando uma certa impaciência que não parecia condizer com o

seu habitual comportamento fleumático, retrucou-lhe:

— A senhora não precisa fazer essa espécie de melodrama de vila, mamã. Até que o caso não é bem assim. Tudo foi acontecendo aos poucos, gradativamente. Todo mundo sabe que a esposa de Rupert é inválida. Já faz anos que ela anda doente. Então nós... Bem, nós simplesmente nos comprometemos a cuidar um do outro. Foi só isso o que aconteceu.

— Ah! Só isso?! E você ainda acha pouco, minha filha?

Joan tinha uma porção de coisas para dizer à filha e disse-lhe sem rebuços. Averil simplesmente encolheu os ombros e permaneceu quieta como quem fica esperando que um borrascoso temporal se amaine.

Finalmente, depois que Joan ficou cansada de tanto falar, ela obtemperou:

— Bem que eu compreendo a sua maneira de encarar um fato dessa natureza, mamã. Ouso até afirmar que eu faria a mesma coisa se estivesse no seu lugar — muito embora, talvez, eu não soltasse algumas dessas frases que a senhora soltou agora. Mas a senhora não pode modificar os acontecimentos: eu e Rupert tomamos a decisão de nos auxiliarmos mutuamente, um cuidando do outro. Sinto muito pelo que aconteceu, mas acho que a senhora nada pode fazer nesse caso.

— Nada posso fazer? Vou contar tudo direitinho ao seu pai.

— Pobre papai! Será que a senhora terá coragem de causar-lhe este tormento?

— Estou certa de que ele saberá como agir.

— Falando a pura verdade, acho que ele também nada poderá fazer. Ele apenas sofrerá muito.

Foi assim que começou para a família uma fase de desagradáveis estardalhaços.

Averil enfrentou esta violenta tempestade conservando a sua frieza habitual e permanecendo aparentemente imperturbável. Contudo, nem mesmo por um momento, deixou de mostrar-se inflexível e obstinada.

Joan dizia a Rodney a cada instante:

— Não posso deixar de imaginar que tudo isto não passa de uma atitude previamente estudada por Averil. Ela não se comporta como se realmente estivesse dominada por um forte sentimento de qualquer espécie.

Rodney, sacudindo a cabeça, sempre respondia:

— Você não compreende Averil. Em Averil o coração prevalece sobre a razão. Quando ela se dispõe a amar, ama tão profundamente que eu duvido ser ela capaz de esquecer o seu amor.

— Oh, Rodney... Sinceramente, acho que você está dizendo absurdos. Afinal eu conheço Averil melhor do que você... Sou a mãe dela.

— Isto não significa que você possa conhecer coisa alguma a respeito dela.

Averil sempre teve o hábito de atenuar os fatos, nunca dizendo a verdade sobre as suas preferências — ou melhor, sobre as suas necessidades. É precisamente quando ela se sente dominada por um sentimento profundo que ela, propositadamente, tenta demonstrar que está ligando pouca importância ao fato.

— Mas a atitude dela me parece muito forçada... como se tivesse sido previamente estudada...

— Bem, se você pensa assim, fique sabendo agora pelas minhas palavras que a atitude dela é sincera e verdadeira.

— Não posso, de forma alguma, deixar de ver em suas palavras um certo exagero. O que houve com ela foi um simples flerte de menina de colégio. Ela sentiu-se lisonjeada e, portanto, tudo que ela faz agora é para dar vazão ao seu prazer de fantasiar...

Rodney interrompeu-a:

— Joan, minha cara, não procure tranquilizar-se dizendo coisas nas quais nem mesmo você acredita. É preciso que nos convençamos de que Averil está seriamente apaixonada por Cargill.

— Mas... esta é uma atitude ignominiosa e indigna da parte dele! É um ato vergonhoso que ele está praticando!

— Sim. É isso mesmo que todo mundo dirá e com razão! Mas coloque-se você mesma no lugar daquele pobre diabo. Um infeliz, casado com uma mulher inválida, que, de um momento para o outro, se vê alvo da paixão ardente de uma linda jovem como Averil a qual lhe oferece, pode-se dizer de bandeja, todo o seu amor ardente.

— E pensar que ele é vinte anos mais velho do que ela!

— Eu sei, eu sei... Se ele tivesse dez anos menos, sua tentação não teria sido tão impulsiva assim...

— Ele deve ser um sujeito horrível...

Rodney deu um profundo suspiro.

— Não. Ele não é um sujeito horrível. É um tipo dotado de refinamento social e de sentimento humano. É um homem que sempre teve entusiasmo pela sua profissão, tanto assim que realizou trabalhos notáveis no campo da sua especialização. E vem a propósito lembrar que ele sempre cercou de gentilezas e de carinho sua esposa, que é doente desde longo tempo.

— Até parece que você agora está tentando converter esse homem numa espécie de santo.

— Longe de mim tal idéia! E deve-se dizer, Joan, que grande número de santos tiveram também suas paixões. Raramente os santos ou santas foram criaturas insensíveis. Eles tinham bastante de humano como Cargill. Foi como humanos que eles amaram e sofreram. E sem dúvida eram também tão humanos

que poderiam ter-se perdido inutilizando todo o esforço das suas vidas. Agora tudo depende...

— Depende do quê?

— Depende da nossa filha. Depende da sua força e da clareza da sua visão para decidir-se a entrar no bom caminho.

Joan retrucou-lhe com veemência:

— Temos que mandá-la embora deste lugar. Que você acha se ela fizesse um cruzeiro? Uma viagem marítima às principais cidades do Norte? Ou então à Grécia? Enfim, qualquer viagem serviria.

Rodney sorriu.

— Você já se esqueceu do que houve com Blanche Haggard, sua colega dos tempos de colégio? Parece-me que esta medida não surtiu muito bom efeito no caso daquela mulher, lembra-se?

— Você acha que Averil poderá fugir nalgum porto qualquer e voltar?

— Eu chego mesmo a duvidar de que ela se decida a embarcar...

— Absurdo. Nós os pais teríamos que insistir.

— Minha cara Joan, procure enfrentar a realidade com espírito de discernimento. Você não deve e não pode usar de força para subjugar uma jovem que já atingiu a idade do uso da razão. Nós não podemos encerrar Averil no seu quarto nem forçá-la a sair de Crayminster. Na realidade eu não pretendo fazer nem uma coisa nem outra. Tudo isso não passaria de simples paliativo. Averil é uma criatura que tão-somente em face de razões que ela acata como fatores ponderáveis poderá consentir em modificar os seus desígnios.

— E quais são essas razões?

— Objetividade. Sinceridade.

— Por que você não procura falar com ele... com esse tal Rupert Cargill? Você deve ameaçá-lo com um escândalo.

Mais uma vez Rodney suspirou profundamente.

— Tenho medo, Joan, tenho muito medo de precipitar o caso...

— Que é que você quer dizer com isso?

— Tenho medo de que Cargill abandone tudo nesta localidade e fuja com Averil.

— Mas isto significaria o fim da sua carreira.

— Sem dúvida. Eu não acho que sua conduta, em tal hipótese, poderia ser classificada diretamente como um ato suscetível de afetar o reconhecimento da sua aptidão profissional, mas é certo que muito contribuiria para indispor a opinião pública contra ele, especialmente levando-se em conta as circunstâncias excepcionais que envolvem o caso.

— Então certamente ele deverá...

Rodney interrompeu-a impaciente:

— No momento ele não está no seu juízo normal. Será que você ainda não aprendeu nada sobre o amor, Joan?

Que pergunta ridícula era esta! Ela respondeu-lhe com um tom de amargura na voz:

— Não, com relação a tal espécie de amor. Sou muito grata em poder afirmar...

Rodney interrompeu-a dando-lhe um beijo de surpresa e dizendo-lhe com um sorriso nos lábios:

— Minha pobre pequena Joan!

Foi uma grande amabilidade da parte dele — pensou Joan — ter percebido como ela se sentia infeliz com esse triste caso.

Sim, foi inegavelmente uma fase de ansiosa expectativa. Averil sempre calada. Não falava com ninguém. Às vezes deixava até de responder às perguntas da sua mãe.

Procurei fazer o melhor possível — pensou Joan — mas que é que se pode fazer com uma menina que nem mesmo se dispõe a ouvir as palavras da mãe?

Pálida, mas sempre com palavras delicadas, Averil lhe respondia:

— Mamã, será que temos de continuar eternamente com este assunto, batendo sempre na mesma tecla? Eu faço as minhas concessões respeitando os seus pontos de vista, mas por que a senhora não quer aceitar esta verdade evidente de que não tem a mínima importância, neste caso, o que a senhora diz ou faz?

E, assim, o tempo foi passando, com a situação inalterada... até que chegou aquela tarde de setembro em que Averil, com a face mais pálida do que de costume, disse a Rodney e a Joan:

— Acho que é melhor contar-lhes o que se passa... Eu e Rupert chegamos à conclusão de que não podemos continuar por mais tempo desse jeito. Estamos resolvidos a ir embora juntos. Eu espero que sua esposa vá se divorciar dele. Todavia, se ela não aceitar o divórcio, pouco importa.

Joan já tinha começado a reagir com veemência, insurgindo-se contra esta decisão da filha, mas Rodney interrompeu-a.

— Deixe este assunto comigo, Joan, se você não se importa. Averil, tenho que falar com você. Vamos até a minha sala de trabalho!

Averil respondeu, esboçando um leve sorriso:

— O senhor procede exatamente como um diretor de colégio, não é verdade, meu pai?

Joan explodiu:

— Eu sou a mãe de Averil, portanto insisto...

— Por favor, Joan, eu preciso ter uma conversa a sós com Averil. Será que

você não nos permitiria?

Ele falou com uma voz tão calma e delicada que Joan se prontificou a sair da sala imediatamente, mas antes mesmo que ela desse dois passos, a voz baixa e clara de Averil fê-la estacar:

— Não saia, mamã! Não quero que a senhora se retire. Prefiro que papai diga na sua presença tudo o que tiver para dizer-me.

— Bem, pelo menos isto demonstra — esta foi a conclusão de Joan — que ser mãe também tem alguma importância...

Averil e o pai se encararam de maneira esquisita. Tornaram-se de repente ambos circunspectos e desconfiados, revelando uma atitude pouco amistosa.

Pareciam dois adversários já prontos para se enfrentarem.

Então Rodney, com um sorriso inexpressivo nos lábios, disse:

— Já sei. Você está com medo, não é?

Averil respondeu-lhe com a sua habitual frieza:

— Não sei o que o senhor está insinuando, meu pai.

Inesperadamente Rodney começou a dizer despropósitos:

— É uma pena você não ser um rapaz, Averil! Há momentos em que você se torna tão perigosa como o seu grande tio Henry. Ele tinha uns olhos maravilhosos que lhe permitiam, de acordo com a sua conveniência, disfarçar a própria fraqueza ou fazer ressaltar a fraqueza do seu contendor.

Averil retrucou prontamente e com vivacidade:

— No meu caso não existe nenhuma fraqueza.

Rodney confirmou as suas palavras dizendo:

— Vou provar-lhe que existe fraqueza em você...

Joan, interrompendo a conversa entre pai e filha, apressou-se logo a dizer:

— Naturalmente você não tem a idéia de praticar algum ato imoral e repulsivo, não é verdade, Averil? Eu e seu pai de forma alguma permitiríamos isso.

Depois de ouvir essas palavras, Averil, com um sorriso contrafeito, fitou o pai e não a mãe, como que dando a entender que a advertência de Joan fora dirigida diretamente a Rodney e não a ela.

Rodney suplicou mais uma vez:

— Por favor, Joan, deixe este assunto comigo.

Averil então advertiu:

— Eu acho que mamã também tem o direito de dizer o que ela pensa.

— Obrigada, Averil — disse Joan. — Não há dúvida de que eu também expressarei a minha opinião. Mas, minha filhinha, o que você pretende fazer está completamente fora de cogitação. Você é muito jovem e romântica. Por isso encara a vida por um falso prisma. Toda atitude que você tomar impulsivamente

nesta fase da sua existência, vai lhe trazer muitos dissabores no futuro, quando talvez seja tarde demais para arrepender-se. E pense nas mágoas e aflições que você causaria a seus pais. Você não havia pensado nisso ainda? Estou certa de que você não quererá causar-nos tormentos, pois sempre temos dedicado a você nosso amor com tanta ternura.

Averil ouviu pacientemente essas palavras, mas não deu nenhuma resposta. Ela não deixava de fitar a face do pai por um instante sequer.

Quando Joan terminou de falar, Averil estava encarando Rodney e conservava nos lábios um leve sorriso escarninho.

— Bem, papai — prosseguiu ela —, o senhor tem algo para acrescentar às palavras de mamã?

— Não para acrescentar, mas sim para dizer-lhe com palavras e conceitos meus, dimanados do meu próprio pensamento.

Averil encarou-o com uma expressão interrogativa no olhar.

— Averil, será que você compreende mesmo o que significa um casamento?

Averil ficou com os olhos um pouco arregalados. Depois de uma pequena pausa interrogou o pai:

— Será que o senhor pretende me explicar que o casamento é um sacramento?

— Não, não é bem isso o que eu quero dizer. Eu posso considerá-lo um sacramento ou deixar de considerá-lo como tal. Pouco importa. O que eu quero explicar-lhe é que o casamento é um contrato.

— Oh! — exclamou Averil.

Ela pareceu ter ficado um pouco (um pouquinho só) desapontada com as palavras de Rodney.

— O casamento é um contrato celebrado entre duas pessoas de sexos diferentes, ambas com a maioridade já atingida, que se encontram em plena posse de suas faculdades mentais e que têm pleno conhecimento do compromisso que vão assumir. Esse contrato, na sua essência, se caracteriza como uma sociedade onde cada um dos participantes — tanto o homem como a mulher — se obriga expressamente a honrar e acatar suas disposições, isto é, se compromete a observar fielmente a promessa de se ampararem mutuamente em toda e qualquer contingência da vida — nas fases de doença ou de saúde, nos períodos de riqueza ou de miséria, nos bons ou nos maus momentos. Não é pelo fato de serem tais palavras também proferidas por um sacerdote ao confirmar com a sua bênção a união dos nubentes que o ato em si deixa de ter o caráter de um contrato, porquanto qualquer acordo celebrado em boa fé entre duas pessoas define-se como sendo um contrato. Também não é pelo fato de não terem alguns dos compromissos plena validade perante o tribunal que eles devem ser relegados a um plano secundário pelas pessoas que livremente os assumiram.

Acho que você terá que concordar comigo neste particular.

Verificou-se, então, uma pequena pausa e depois Averil começou a falar:

— Isto poderia ter sido verdadeiro noutros tempos, mas atualmente a matrimônio é encarado de maneira diferente, pois um considerável número de pessoas não se casa pela igreja, e portanto não toma conhecimento de tais palavras proferidas pelo sacerdote.

— Não digo o contrário. Mas você deve considerar que dezoito anos atrás Rupert Cargill assumiu um compromisso numa igreja onde tais palavras foram empregadas. Portanto, repto você a me provar que ele, naquela época, não celebrou um acordo em boa fé e com o propósito de cumpri-lo.

Averil encolheu os ombros. Rodney prosseguiu:

— Você não admite que Rupert Cargill celebrou um contrato dessa espécie com uma mulher que é a sua esposa, muito embora algumas das obrigações por ele assumidas não sejam passíveis de plena validade em juízo? Evidentemente, naquela época ele levou em conta, também, a possibilidade de verificar-se uma situação de pobreza e de doença no futuro, declarando expressamente que tal circunstância de forma alguma afetaria o vínculo contratual.

Averil ficou bem pálida. Respondeu simplesmente:

— Não sei aonde o senhor quer chegar com toda esta conversa.

— Quero que você admita, deixando de lado todo e qualquer tipo de sentimentalismo, que o matrimônio se caracteriza como um contrato que estabelece vínculo de obrigações recíprocas.

— Eu admito.

— E Rupert Cargill está no firme propósito de, com a sua conivência, romper um contrato por ele celebrado.

— Sim.

— E terá ele a coragem de proceder desse modo sem levar em consideração os direitos e privilégios da outra parte sujeita às disposições contratuais?

— Ela vai ficar muito bem. Ela não gosta tanto assim de Rupert como vocês supõem. Só se preocupa com a sua doença e...

Rodney interrompeu-a com veemência:

— Não quero manifestações sentimentais da sua parte, Averil. Só quero que você admita o fato objetivamente como ele se apresenta na sua caracterização.

— Eu não estou sendo sentimental.

— Afirmo que você está sendo muito sentimental. Não posso absolutamente conceber que você tenha penetrado os pensamentos e os sentimentos da Sra. Cargill. É você mesma que, deixando-se levar pela sua emotividade, está forjando em seu espírito todas essas idéias para justificar sua atitude. Tudo o que eu quero de você é simplesmente que admita que ela tem razão.

Averil atirou a cabeça para trás.

— Está bem. Devo concordar com o senhor. Ela tem razão.

— Então, você está completamente cônscia do que pretende fazer?

— Você já acabou de dizer tudo o que queria, papai?

— Não. Tenho mais uma coisa para dizer-lhe. Você deve compreender que Cargill está fazendo um trabalho muito importante com a aplicação dos seus métodos para o tratamento da tuberculose. Ele já obteve sucessos tão surpreendentes que está sendo considerado um dos vultos preeminentes da classe médica. Mas infelizmente um caso de natureza estritamente privada poderá vir a afetar a sua carreira. E isto significa que o trabalho de Cargill em benefício da humanidade vai ficar seriamente comprometido, senão totalmente destruído. E tudo isso poderá acontecer só por causa do que vocês estão tentando fazer...

Averil retrucou:

— Então o senhor está tentando persuadir-me de que é meu dever abandonar Rupert só para que ele possa continuar a fazer benefícios para a humanidade?

Notava-se um leve acento de escárnio na sua voz.

— Não — respondeu Rodney prontamente. — Estou pensando nele mesmo. No próprio Dr. Cargill, aquele pobre diabo...

Havia na voz de Rodney um inconfundível tom de veemência.

— Se você ainda não sabe, Averil, digo-lhe agora, com base na minha própria experiência, que todo homem que não consegue dedicar-se aos trabalhos que deseja fazer — aos trabalhos para os quais ele nasceu com pendores especiais — nunca será um homem completo. Será sempre um homem pela metade. Garanto-lhe com tanta certeza como estou certo de estar, neste momento, aqui na sua presença que, se você impedir Rupert Cargill de prosseguir no seu trabalho, chegará um dia em que você verá o homem amado por você completamente infeliz, irrealizado, envelhecido antes do tempo, aborrecido e desalentado, vivendo apenas a metade da sua vida. E se você pensa que o seu amor ou o amor de qualquer outra mulher pode compensar as frustrações que ele teria em tal hipótese, então permita que eu lhe diga com toda a sinceridade: você não passa de uma jovem tola, extremamente sentimental.

Ele fez uma pausa, encostou-se na cadeira e começou a alisar os cabelos.

Averil respondeu:

— O senhor me diz tudo isso. Mas como podia eu saber...

Ela interrompeu a frase e depois tentou repeti-la:

— Mas como podia eu saber...

— Então não é a pura verdade o que acabei de lhe explanar? Eu quis apenas dizer-lhe que eu penso assim e falei a você baseando os meus argumentos na minha própria experiência pessoal. Estou conversando com você, Averil, não só

como um homem, mas também como seu pai.

— Sim ... Eu sei...

Rodney, agora, passou a falar com uma voz quase sumida que parecia abafada:

— Cabe a você, Averil, meditar sobre o que lhe falei, a fim de verificar se deve aceitar ou rejeitar os meus conselhos. Acho que você tem coragem e discernimento suficientes para isso.

Averil dirigiu-se devagarinho em direção à porta. Já estando com a mão no trinco, ela olhou para trás. Num tom de voz que exprimia profunda amargura e traduzia um tão forte desejo de vindita a ponto de deixar Joan assustada, disse ao pai:

— Não pense que eu serei grata ao senhor, papai. Eu acho... Eu acho que odeio o senhor.

Então ela saiu rapidamente e fechou a porta. Joan fez menção de correr atrás dela, mas Rodney interrompeu-a com um gesto.

— Deixe-a ficar só — disse ele. — Deixe-a só. Será que você não percebeu? Vencemos a parada!

Oito

E foi desta maneira que este casinho terminou.

Averil ficava caminhando de um lado para outro dentro de casa, sempre calada. Quando interrogada, só respondia por monossílabos.

Tanto quanto possível procurava evitar falar com os outros. Emagreceu sensivelmente e ficou mais pálida.

Um mês mais tarde expressou o seu desejo de ir para Londres a fim de estudar num colégio especial para o curso de secretariado.

Rodney concordou sem titubear.

Averil partiu sem nenhuma demonstração de tristeza.

Quando voltou, três meses depois, para uma visita à família, já se apresentava completamente normal nas suas maneiras e atitudes e parecia ter levado uma vida bem alegre em Londres.

Joan sentiu-se bem aliviada e expressou este seu desafogo a Rodney.

— A tempestade passou completamente. Nunca pensei que o caso fosse tão sério assim. Exatamente uma daquelas tolas fantasias que as mocinhas às vezes criam na sua imaginação.

Rodney fitou-a, sorriu e exclamou:

— Pobre pequena Joan!

Esta frase que ele frequentemente pronunciava irritava Joan.

— Bem... De qualquer forma você tem que admitir que se tratava de um caso aflitivo.

— É verdade. Foi um caso aflitivo. Mas não foi você quem sentiu a aflição, Joan. Ou será que foi?

— Que é que você quer insinuar com essas palavras? É claro que tudo o que causa aflição aos nossos filhos não deixa de me afligir também.

— Será mesmo? Eu me admiro...

É bem verdade — assim supunha Joan — que surgiu uma certa frieza nas relações de Averil com o seu pai. Antes eles haviam sido sempre tão amigos; Entretanto agora ambos mais pareciam retribuir-se gentilezas convencionais do que manifestar efusivamente uma profunda amizade.

Por outro lado, Averil mostrou-se bastante delicada em relação à sua mãe, embora sempre conservando a atitude de frieza e desconfiança que lhe era habitual.

Eu acho — pensou Joan — que agora que Averil vive fora de casa ela sabe dar mais valor ao meu trabalho.

A própria Joan recebeu muito bem a filha. O frio raciocínio de Averil sempre fora equilibrado e muito contribuía para facilitar a solução de problemas que porventura surgissem no seio da família.

Depois chegou a vez de Bárbara. Estando ela já mais amadurecida na idade, passou a dar certas preocupações.

Joan afligia-se constantemente porque Bárbara não sabia escolher as suas amiguinhas. Havia uma porção de moças distintas em Crayminster, mas ela, só por maldade, recusava-as como amigas.

— Elas são terrivelmente bobas e enfadonhas, mamã.

— Não diga asneira, Bárbara. Estou certa de que tanto Alison quanto Mary são alegres e divertidas.

— Estas é que são de fato horrorosas. Sempre usam umas fitas nojentas para prender os cabelos.

Joan fitou-a enfurecida.

— Então, diga-me, Bárbara: que é que você quer? Será que não existe algum tipo de amiguinha que satisfaça você?

— Existe, sim. É um tipo que deve ser uma espécie de símbolo.

— Eu acho que você só diz bobagens, queridinha. Existe a Pamela Grayling. A mãe dela sempre foi uma das minhas grandes amigas. Por que você não procura sair com ela mais amiúde?

— Ora, mamã, ela é tão desanimada e monótona que não me agrada nem um pouquinho.

— Mas eu acho que todas essas moças que eu mencionei são encantadoras e finas.

— Pode ser. Todas elas são encantadoras, finas e fatais. Mas que diferença faz o que a senhora pensa?

— Cuidado, Bárbara! Você está sendo muito ríspida.

— Bem, o que eu acho é que eu não devo me juntar com elas! E para mim só tem importância o que eu penso. Eu gosto da Betty Early e da Primrose Deane, mas a senhora sempre torce o nariz quando eu as convido para tomar chá aqui em casa.

— Bem, queridinha, falando sinceramente, eu acho que ambas são horríveis. O pai de Betty anda sempre fazendo excursões com aquela jardineira, mas até agora não juntou nem um centavo.

— Pelo contrário, mamã, ele já conseguiu juntar muito dinheiro.

— Mas o dinheiro não é tudo, Bárbara.

— Bem... mas o ponto essencial, mamã, é saber se eu mesma posso escolher as minhas amiguinhas ou não.

— Claro que você pode, Bárbara, mas para o seu bem você terá que se deixar

guiar por mim. Você é muito jovem ainda.

— Então isto significa que realmente eu não posso escolhê-las livremente. Chega a ser bem revoltante a maneira como me impedem de fazer uma simples coisinha que eu quero fazer! Esta casa para mim é uma verdadeira prisão.

Foi exatamente neste momento que Rodney entrou e, tendo ouvido a última frase pronunciada por Bárbara, interrogou:

— Qual casa é uma verdadeira prisão?

Bárbara respondeu gritando:

— Esta casa!

Mas Rodney, ao invés de levar o caso a sério, simplesmente sorriu e exclamou com um ar zombeteiro:

— Pobre Bárbara! Tratada como se fosse uma negra escrava.

— Pensando bem, é desse modo mesmo que eu sou tratada.

— Muito bem! Eu aprovo a escravidão para as filhas.

Bárbara imediatamente apertou-o entre os braços, dizendo-lhe com a respiração quase sufocada:

— Querido Papaizinho, o senhor é... é tão ridículo. Entretanto eu jamais conseguirei ficar incomodada com o senhor por muito tempo.

Joan respondeu à filha com certa aspereza:

— É o que eu espero. Que você nunca se incomode...

Rodney continuou rindo e quando Bárbara se retirou da sala, disse a Joan:

— Não leve muito a sério essas coisas, Joan. As meninas dessa idade, como as potranquinhas novas, às vezes pespegam uns coices.

— Mas causam-me verdadeira indignação essas amizades horríveis que ela faz.

— Trata-se de uma fase passageira em que as meninas se sentem irresistivelmente atraídas pelo brilho de tudo o que é exteriormente aparatoso. Contudo essa fase passará. Não se aflija tanto, Joan.

É muito fácil — pensou Joan — dizer: “Não se aflija”. Entretanto, o que seria de todos eles se ela não se afligisse? Rodney achava tudo muito fácil e talvez não compreendesse bem os sentimentos de mãe.

Mesmo assim, tudo o que Joan sofreu, com relação às amiguinhas de Bárbara, foi praticamente nada em comparação com a ansiedade e os cuidados ocasionados pelas suas relações com os rapazes.

Sirvam de exemplo George Harmon e aquele tipo abjeto de jovem chamado Wilmore o qual não somente é sócio de uma organização concorrente de advogados (organização esta que se encarrega de executar os atos mais ilegais e excusos nesta cidade) como também se trata de um indivíduo que anda sempre bêbado, que só fala quase gritando e que gosta imensamente de corridas de

cavalos.

E dizer que foi exatamente com este jovem Wilmore que Bárbara desapareceu do salão do Town Hall naquela noite do baile festiva da época do Natal, promovido com finalidade beneficente. Só depois de haverem sido executadas cinco danças foi que eles reapareceram no salão. Bárbara lançou para a mãe um olhar de culpada, embora arrogante.

Ao que tudo indicava, ela e Wilmore estiveram sentados todo esse tempo lá fora no terraço, uma coisa que só as moças levianas fazem.

Joan não perdeu a oportunidade de dizer isso a Bárbara, que ficou muito aborrecida.

— Não seja tanto eduardiana, mamã. É um absurdo o que a senhora está dizendo.

— Eu não sou tão eduardiana como você pensa. E permita que eu lhe diga, Bárbara; hoje em dia está sendo adotada uma boa porção de critérios antigos no tocante à escolha de rapazes para a companhia das jovens. As moças atualmente já não podem sair por aí a fora à solta como faziam dez anos atrás.

— Francamente, mamã... Todo mundo é capaz de pensar que eu fui fazer um weekend com Tom Wilmore.

— Não me responda assim, Bárbara, que eu não gosto. Além do mais ouvi comentários de que você foi vista no Dog and Duck junto com o George Harmon.

— Oh, nós apenas estivemos num local público de natação de crawl.

— Você é ainda muito jovem para fazer coisas assim. Também não gosto da maneira como as moças hoje em dia andam tomando bebidas alcoólicas.

— Nós bebemos só cerveja. E nosso brinquedo principal foi fazer arremesso de dardos.

— Mas eu não gosto disso, Bárbara... Não quero que você proceda assim. Não gosto de George Harmon nem de Tom Wilmore. Não quero mais que eles venham aqui em casa. Você compreendeu?

— Okai, mamã. A casa é sua, portanto, quem manda é a senhora.

— E, de qualquer forma, sinceramente não vejo razão para que você goste deles.

Bárbara sacudiu os ombros.

— Oh, eu também não sei por que motivo os adoro... Só sei dizer que eles são animados e atraentes.

— Então está entendido. Não quero mais que eles sejam convidados para virem aqui em casa. Você me compreendeu bem?

Depois disso Joan teve também um incômodo com Rodney, que trouxera para jantar em casa, num domingo, o jovem Harmon.

Foi uma fraqueza de Rodney, pensou Joan. Ela tratou o rapaz friamente. Ele chegou até a se encabular. Nem mesmo as palavras amáveis de Rodney conseguiram tranquilizá-lo e pô-lo à vontade.

George Harmon, no decurso da conversa, variava alternadamente o tom de voz: ora falava desmesuradamente alto, ora pronunciava as palavras tão baixo que parecia estar resmungando. Em certos momentos passava a expressar-se cheio de bazófia, com palavras repassadas de gabolice para, em seguida, tomar a atitude humilde de quem procura desculpar-se.

Nessa mesma noite, Joan chamou a atenção de Rodney com rispidez.

— Certamente você já sabia que eu havia dito a Bárbara que não queria receber a visita desse rapaz.

— Eu sabia disso, Joan, mas esta sua atitude está errada. Bárbara ainda não tem grande capacidade de discernimento. Ela avalia as pessoas exclusivamente pelos sentimentos de estima despertados nela. Ela não pode ter ainda uma noção perfeita da realidade do mundo. Se ela tentasse encarar as pessoas como se elas se encontrassem numa posição diversa da que ela imagina, forçosamente ficaria desorientada. É por isso que ela tem necessidade de olhar as pessoas dentro das perspectivas do seu próprio ponto de vista. O conceito que ela faz do jovem Harmon é o de um rapaz perigoso, animado e galhardo. Jamais lhe passou pela idéia que se trata de um tipo ridículo e jactancioso que bebe muito e que — dizendo com franqueza — nunca trabalhou na vida.

— Eu devia ter dito isso a ela.

Rodney sorriu.

— Oh, Joan, nada do que você ou eu próprio dissermos é capaz de impressionar a jovem geração.

A verdade a respeito desta afirmativa de Rodney patenteou-se para Joan numa das rápidas visitas que Averil fez aos pais.

Nesse dia fora recebido em casa como convidado Tom Wilmore. Ao que parece ele não conseguiu fazer dissipar a repugnância que causava a Averil, que o examinou com o seu frio senso crítico.

Algumas horas mais tarde Joan espreitou um pequeno trecho de conversa entre as duas irmãs.

— Você não gosta dele, Averil?

Averil, sacudindo desdenhosamente os ombros, respondeu à irmã com firmeza:

— Eu acho que ele é pavoroso. Francamente, Bárbara, o gosto que você tem na escolha dos rapazes é realmente horrível.

Desde então Wilmore desapareceu da cena e a volúvel Bárbara, ao ser interrogada certo dia sobre esse namoro, simplesmente murmurou:

— Tom Wilmore?! Oh, mas ele é pavoroso!

E o engraçado é que ela disse isso cheia de convicção.

Joan por essa época tratava de participar dos jogos de tênis e por isso convidava muitas pessoas à sua casa. Bárbara, entretanto, recusava terminantemente cooperar com a mãe.

— Não se aborreça com ninharias, mamã. A senhora, sempre quer convidar gente para vir aqui em casa. Eu odeio receber visitas. Além disso a senhora só convida cada droga...

Sentindo-se ofendida, Joan resolveu lavar as mãos, subtraindo-se à responsabilidade de ajudar Bárbara na escolha dos seus divertimentos.

— Estou certa de que você não sabe o que quer.

— O que eu quero é exatamente ficar sozinha.

Joan disse a Rodney que Bárbara era, entre os seus filhos, a mais difícil de contentar e Rodney concordou com ela, franzindo um pouco as sobrancelhas, numa demonstração de desagrado.

— Se ela, pelo menos, soubesse exatamente o que quer — declarou Joan.

— Ela não se conhece completamente a si própria. Ela é muito jovem ainda, Joan.

— Então que ela se decida a escolher as coisas como bem entender. Não há outro remédio.

— Não é bem isso, minha cara. Ela anda precisamente procurando um ponto de apoio onde possa firmar o pé, para adquirir o necessário equilíbrio nas suas ações. Pois então deixe-a ser como é de fato. Permita que ela convide os amiguinhos que ela quiser e nunca tente organizar as coisas para ela. Parece-me que se contrapõe à vontade dela querer orientá-la, indicando-lhe a maneira como deve fazer isso ou aquilo.

Eis como é o raciocínio de um homem! Tudo se resume em deixar as coisas correrem como estão sem nenhuma decisão concreta.

Coitado de Rodney! Aliás ele tem sido quase sempre indeciso durante quase toda a sua vida. Esta circunstância surgiu na mente de Joan. Ela se lembrou de que na sua casa era ela que devia ser prática e objetiva para tomar as decisões concretas. E apesar disso todo mundo dizia que Rodney era um advogado arguto e sagaz.

Joan se lembrou em seguida de uma noite em que Rodney lera num jornal local a comunicação do casamento de George Harmon com Primrose Deane. Disse ele dirigindo-se a Bárbara com um sorriso zombeteiro:

— Ele era o teu antigo namorado, não é, menina?

Bárbara sorriu, tendo achado graça na pergunta do pai.

— Sim, papai. Eu sei. Eu estava loucamente caída de amores por ele. Mas ele

é simplesmente pavoroso, não é verdade? Eu agora acho que ele é horrível.

— Eu, de minha parte, sempre achei que ele era um indivíduo pouco sedutor. Sinceramente nunca pude conceber o que é que você viu de atraente nele.

— Refletindo melhor agora, nem eu mesma sei... Portanto...

Bárbara, com dezoito anos de idade, falava desapaixonadamente das loucuras que cometera quando tinha dezessete.

— Eu julguei que mamã queria nos desunir e por isso me decidi a fugir com ele. Se o senhor e a mamã tentassem impedir a nossa fuga, então eu iria colocar a cabeça no gás para dar cabo da minha existência.

— Que emocionante estilo de Julieta amorosa!

Como que reprovando esta exclamação do pai, feita num tom jocoso, ela prosseguiu:

— Era o que realmente eu tencionava fazer, papai. Afinal, se a gente não pode suportar determinada situação, o melhor mesmo é suicidar-se.

Joan, então, incapaz de ficar calada por mais tempo, interrompeu-a abruptamente:

— Não diga essas coisas desagradáveis, Bárbara! Você não sabe o que está dizendo.

— Oh, eu esqueci que a senhora estava aqui, mamã. Realmente a senhora seria incapaz de cometer um ato desses. Saberia sempre manter a calma.

— Na verdade, é o que eu suponho.

Joan conteve a raiva com certa dificuldade. Depois que Bárbara saiu da sala, disse a Rodney:

— Você de forma alguma deve contribuir para fomentar tais idéias absurdas.

— Oh, ela já deve ter tirado essa idéia da cabeça. É claro que ela jamais cometeria uma terrível loucura como essa de que ela falou há pouco.

Rodney calou-se e Joan fitou-o perplexa.

— Seguramente, Rodney, você não está pensando que...

— Não, não. Claro que não. Ela nada fará quando tiver mais idade e conseguir o seu equilíbrio emocional. Contudo é preciso que se diga que Bárbara emocionalmente é muito instável, Joan. Bem que nós deveríamos encarar a situação dela neste particular.

— Mas é tão esquisita essa idéia!

— Sim, para nós que temos o exato senso da proporção. Ela, entretanto, anda sempre desmesuradamente apaixonada. É incapaz de ter um vislumbre, por mínimo que seja, de algo fora das circunstâncias que envolvem a sua disposição de espírito no momento. Não tem a faculdade de fazer um julgamento imparcial e nem discernimento para conceber a vida doutra forma. Sexualmente ela é precoce...

— Rodney! Francamente... Você está se expressando com palavras que... que lembram aqueles casos escabrosos que são discutidos perante o juiz num tribunal.

— Casos escabrosos discutidos em juízo, mas que dizem respeito a seres humanos que vivem na sociedade, não se esqueça.

— Mas jovens finamente educadas como Bárbara jamais fariam...

— Jamais fariam o quê, Joan?

— Será que temos só este assunto para falar?

Rodney soltou um suspiro.

— Não, não. Realmente este não é o único assunto. Mas eu quero... Sim, desejo ansiosamente que Bárbara encontre um rapaz decente e se enamore dele impetuosamente.

Algum tempo depois, como se tivesse sido enviado para satisfazer este expresso desejo de Rodney, surgiu o jovem William Wray, que viera do Iraque para passar algum tempo com a sua tia, Lady Herriot.

Joan o vira pela primeira vez mais ou menos uma semana após a sua chegada. Ele fora introduzido na sala de visitas numa tarde em que Bárbara havia saído. Joan, da sua escrivaninha, observou-o atentamente, tendo ficado deveras surpreendida com a aparência do jovem: um tipo alto, com um corpo de vigorosa compleição, queixo bem saliente, olhar de pessoa ajuizada.

Com a face corada de vergonha e pronunciando as palavras em murmúrios como se estivesse falando com a gola do casaco, ele se apresentou dizendo que era o sobrinho de Lady Herriot e que viera ali — ele — para devolver a raqueta da Srta. Scudamore, que ela — a Srta. Scudamore — havia deixado na quadra de tênis no dia anterior.

Joan, numa atitude alegre e expansiva, cumprimentou-o cheia de cortesia.

Ela foi logo dizendo ao rapaz que Bárbara não era muito cuidadosa, pois sempre esquecia as suas coisas nalgum lugar.

Explicou-lhe que Bárbara, no momento, não estava em casa mas que provavelmente não tardaria muito para voltar. Convidou-o para esperar e tomar um chá.

Joan, mal tendo pressentido que o Sr. Wray parecia estar disposto a ficar, tocou imediatamente a campainha ordenando que servissem o chá e começou a indagar acerca da saúde da tia dele.

O assunto da saúde de Lady Herriot ocupou seguramente uns cinco minutos e depois a conversa arrefeceu um pouco, pois o Sr. Wray não parecia ter uma palestra muito entusiasmada. Continuava com a face enrubescida e permanecia sentado com o dorso bem teso. Dava a vaga impressão de estar sofrendo com alguma tortura íntima.

Felizmente chegou o momento de servir o chá e a situação modificou-se um pouco.

Joan. não parava de tagarelar, mostrando-se sempre amável, mas tinha que fazer um certo esforço para manter a conversa. Nesse momento, para seu alívio, chega Rodney que havia deixado o escritório mais cedo do que de costume. Rodney conseguiu manter uma palestra mais animada. Começou logo a falar sobre o Iraque e fez ao jovem umas perguntinhas simples acerca das condições daquele país. Só aí foi que aquela espécie de tortura íntima refletida no semblante do rapaz começou a dissipar-se. Não demorou muito e ele já estava falando com desembaraço e quase desinibidamente. Em seguida Rodney o conduziu à sua sala de trabalho. Eram já quase sete horas da noite quando Bill se despediu e mesmo assim parecia querer ficar ainda mais um pouco.

— Lindo garotão! — exclamou Rodney.

— É verdade. Só que parece muito tímido.

— Evidentemente (Rodney parecia estar brincando). — Mas não acho que ele seja sempre tão acanhado assim.

— E como ele ficou aqui tanto tempo!...

— Mais de duas horas.

— Você deve estar cansado, Rodney, por tê-lo suportado durante um tempo tão longo.

— Oh, não. Até que eu gostei de conversar com ele. Trata-se de um indivíduo que tem a cabeça bem assentada e que possui uma excepcional visão das coisas. É um rapaz que denota possuir certa tendência para encarar filosoficamente e com objetividade as contingências humanas. Realmente gostei dele.

— E ele também deve ter gostado muito de você. Do contrário não teria permanecido aqui tanto tempo.

Rodney, já novamente com ares de brincalhão, respondeu:

— Oh, não foi para conversar comigo que ele ficou aqui: ele ficou esperando que Bárbara chegasse. Será mesmo, Joan, que você não percebe o amor quando ele se manifesta? O pobre garotão chegava a ficar rígido de tão embaraçado. Era por esse motivo que ele estava mais vermelho do que uma beterraba. Ele sem dúvida deve ter feito um enorme esforço a fim de dominar o seu nervosismo e decidir-se a vir até aqui. E quando chegou, nem vestígio da sua dama! Sim, não há dúvida, trata-se de um desses casos de amor à primeira vista.

Depois, quando Bárbara chegou apressada para o jantar, Joan lhe disse:

— Bárbara, hoje esteve aqui um dos seus amiguinhos, o sobrinho de Lady Herriot. Ele trouxe a sua raqueta de tênis.

— Ah... Bill Wray?! Então quer dizer que ele encontrou essa raqueta? Eu tinha a impressão, ontem à tarde, de que ela houvesse sumido para sempre.

— Ele ficou aqui um bom pedaço de tempo.

— Que pena! Perdi a oportunidade de conversar com ele. Eu fui ao cinema com os Crables. Um filme extremamente tolo. Bill importunou muito vocês aqui?

— Não — respondeu Rodney. — Gostei dele. Conversamos sobre a política do Oriente Próximo. Eu acho que é você quem tem sido importunada por ele.

— Eu gosto de ouvir falar sobre partes estranhas do mundo. Já estou farta de Crayminster. De qualquer forma, Bill é diferente.

— Em todo caso, você poderia procurar algum trabalho — sugeriu Rodney.

— Ah, um trabalho! — Bárbara torceu o nariz. — Você bem sabe, papai, que eu sou um diabinho preguiçoso. Eu não gosto de trabalhar.

— E eu acho que não é só você... A maior parte das pessoas também não gosta do trabalho — concluiu Rodney.

Bárbara correu para junto dele e abraçou-o fortemente.

— O senhor trabalha demais. Eu sempre achei que o senhor anda trabalhando excessivamente. É uma vergonha para mim!

Depois de ter soltado o pai dos seus braços, disse:

— Vou telefonar a Bill. Ele parece ter-me falado sobre um passeio... uma caminhada no Marsden...

Enquanto ela se dirigia para o telefone, localizado no fundo do saguão, Rodney acompanhou o movimento dela com os olhos. O olhar de Rodney era tão estranho! Um olhar incerto, interrogativo...

De que Rodney havia gostado de Bill Wray absolutamente não pairava dúvida alguma. Gostou dele no primeiro contato.

Por que então ficou ele tão aflito, tão apoquentado quando, alguns dias mais tarde, Bárbara surgiu inopinadamente em casa anunciando que havia noivado com Bill e declarando que ambos queriam casar-se logo a fim de que ela já pudesse acompanhá-lo no seu regresso para Bagdá?

Bill era jovem e bem relacionado. Tinha dinheiro e deixava vislumbrar perspectivas de um futuro promissor. Por que será, então, que Rodney, de um momento para o outro, ficou hesitante e sugeriu que o noivado se prolongasse por mais tempo? Por que será que ele só ficava caminhando dentro de casa de um canto para outro, sempre carrancudo, com uma expressão de incerteza e de perplexidade no semblante?

E qual teria sido a razão daquela sua repentina explosão emocional à véspera do casamento, dizendo com insistência que Bárbara era muito jovem ainda?

Entretanto Bárbara bem cedo acabou com tais objeções e seis meses depois ela se casou com o seu Bill, tendo viajado para Bagdá.

Averil, por seu turno, também anunciou algum tempo depois o seu noivado

com um corretor da bolsa chamado Edward Harrison-Wilmott. Era um homem calmo e agradável. Tinha aproximadamente trinta e quatro anos de idade e estava em boa situação financeira.

Desse modo — refletiu Joan —, tudo transcorreu maravilhosamente bem. Rodney parecia estar bastante despreocupado com relação ao noivado de Averil mas quando ela o pressionou para saber em que pé andava o namoro, ele respondeu:

— Sim, sim... o casamento é a melhor coisa para Averil. Ele é um homem muito fino.

Depois do casamento de Averil, Joan e Rodney ficaram sozinhos em casa. Tony fez estágio na escola superior de agricultura mas não conseguiu passar nos exames. Causou muitas preocupações a Joan.

Finalmente ele resolveu ir para a Rodésia, na África do Sul, onde um cliente de Rodney possuía extensas áreas plantadas com laranjais.

Tony escrevia aos pais cartas entusiásticas embora nunca muito extensas. Numa dessas cartas ele anunciou o seu noivado com uma moça de Durban. Joan ficou bastante abalada pelo fato de seu filho se casar com uma jovem que eles, os pais, nunca tinham visto. Ela não tinha dinheiro e, além disso — conforme Joan fizera sentir a Rodney — que é que eles sabiam a respeito dela? Nada! Absolutamente nada!

Rodney respondeu-lhe que se tratava de um assunto que só tinha a ver com o próprio Tony e que eles, os pais, deviam sempre esperar pelo melhor.

Pelas fotografias enviadas — assim pensava Rodney — ela parecia ser uma jovem muito linda. Ela estava decidida a casar-se com Tony e disposta a submeter-se a uma vida modesta, lá pelas bandas da Rodésia.

— Eu acho que eles vão passar toda a vida deles por lá e dificilmente virão visitar-nos algum dia. Tony devia ter sido forçado a participar da organização que é da família, conforme eu adverti na época oportuna.

Rodney sorriu e respondeu que ele nunca teve ânimo resoluto para forçar as pessoas a fazer algo.

— Mesmo assim, Rodney, você devia ter insistido com ele. Dentro de pouco tempo ele teria tomado interesse pelo serviço e assentaria a cabeça. Com o tempo as pessoas geralmente se adaptam a qualquer serviço.

— Sim — retrucou Rodney —, isso é verdade. Entretanto, esta minha atitude poderia trazer também um grande risco.

— Risco?!

Joan respondeu-lhe dizendo não ter compreendido esta sua afirmativa. Qual era o significado que ele emprestava à palavra risco?

Rodney explicou-lhe que ele se referia ao risco que o rapaz correria de não

alcançar a felicidade.

Joan não pôde deixar de exclamar que, às vezes, ela quase chegava a perder a paciência de tanto ouvir falar em felicidade.

Ninguém parecia ser capaz de falar noutra coisa. E a felicidade não era a única coisa na vida. Havia também muitas outras coisas importantes.

Rodney disse:

— Então cite algumas dessas coisas para exemplificar.

— Bem... — respondeu Joan depois de alguns segundos de hesitação — a obrigação, por exemplo.

Rodney obtemperou que seguramente nunca houve uma obrigação explícita para que ele se tornasse um solicitador judicial.

Um tanto aborrecida, Joan voltou a replicar-lhe que ele compreendia muito bem o que ela queria dizer. Ela estava se referindo à obrigação que Tony tinha de ser agradável ao seu pai e de não decepcioná-lo.

— Tony nunca me decepcionou.

Mas seguramente — exclamou Joan — Rodney não gostava de saber que seu único filho estava longe dele, numa distância equivalente à metade da circunferência do globo terrestre, vivendo onde ele não podia vê-lo.

Rodney deu um suspiro e respondeu:

— Na verdade não é do meu agrado que ele esteja longe de mim. Sou forçado a admitir que perdi Tony do meu convívio. Ele era uma criatura tão amável e tão jovial que seria o meu maior prazer tê-lo em casa. Sim, eu o perdi...

— Era isso mesmo que eu queria dizer, Rodney. Você devia ter tido mais firmeza com ele.

— Afinal, Joan, trata-se da vida de Tony e não da nossa. Nós já estamos marchando para o fim da trajetória da nossa vida. Mal ou bem, temos quase completada a nossa tarefa. Eu penso assim.

— Claro! Eu também acho que, em certo sentido, é assim mesmo.

Ela refletiu um momento e depois passou a dizer:

— Em todo caso não podemos nos queixar. Nossa vida foi muito boa. E continua sendo boa ainda, evidentemente.

— Alegro-me com isso.

Ele sorriu para ela. Rodney tinha um lindo sorriso jovial. Às vezes dava a impressão de estar sorrindo por causa de algo que a gente não podia perceber.

Joan prosseguiu:

— A verdade é que eu e você nos adaptamos perfeitamente um ao outro.

— Realmente. Nunca tivemos muitas rixas nem discussões.

— E também devemos dizer que sempre temos tido sorte com nossos filhos. Teria sido horrível para nós, os pais, se eles se tivessem revelado de má índole

ou fossem infelizes.

— Como você tem umas idéias engraçadas, Joan! — exclamou Rodney.

— Mas se não tivesse sido assim, Rodney, estaríamos agora numa situação muito aflitiva.

— Eu não concebo que algo possa afligir você por muito tempo, Joan.

— Bem — ela passou a refletir sobre esta afirmativa de Rodney —, realmente eu sempre tive um temperamento calmo. Sempre achei que é dever das pessoas nunca entregar-se ao desespero.

— É um sentimento admirável e conveniente.

— É um sentimento muito lindo, não é verdade? — interrogou Joan com um sorriso nos lábios. — Então não é confortador para a gente saber que triunfamos vencendo as circunstâncias adversas?

— Claro que é — respondeu Rodney, dando mais um suspiro. — Não há dúvida de que é realmente confortador.

Joan sorriu e, com a mão, deu uma sacudidela no braço dele.

— Não seja tão modesto assim, Rodney, Nenhum solicitador judicial aqui em nosso meio adquiriu tanta prática e competência nos serviços como você. O negócio agora vai indo muito melhor do que no tempo do tio Henry.

— Realmente, a organização está prosperando.

— E o capital aumentaria com a admissão de um novo sócio. Você não está cogitando de admitir um novo sócio?

Rodney sacudiu a cabeça.

— Oh, não. Precisamos tão-somente de vigor e força para o trabalho. Tanto eu quanto Alderman estamos progredindo.

E ela realmente achava que era verdade. Notava-se que na cabeça de Rodney já despontava uma boa porção de fios brancos.

Joan saiu desse seu estado de torpor e olhou o relógio. A manhã até que estava passando bem ligeiro e não se verificou a repetição daqueles pensamentos aflitivos e caóticos, que pareciam querer introduzir-se à força na sua mente.

Bem... isto demonstrava sobejamente que disciplina devia ser o lema a ser adotado. Cada qual deve dispor os seus pensamentos de maneira ordenada de modo a evocar exclusivamente as lembranças agradáveis. Isto foi o que ela fez nessa manhã. E como o tempo passou ligeiro! Talvez fosse bom que ela fizesse agora uma pequena caminhada, não se distanciando muito da casa de pernoite. Esse giro contribuiria sem dúvida para quebrar um pouco a monotonia até chegar a hora do almoço, quando lhe seria fatalmente servida aquela comida quente e pesada de sempre.

Então ela se dirigiu ao seu quarto, colocou na cabeça o chapéu de feltro e depois saiu.

A essa hora o jovem árabe estava ajoelhado sobre o chão de areia, com a face virada na direção de Meca. Ele fazia repetidos movimentos ritmados inclinando-se para a frente e depois endireitando novamente o torso ao mesmo tempo que exprimia a sua oração numa espécie de melopéia bem alta e anasalada:

O hindu, aproximando-se de Joan pelas costas, prontificou-se a explicar-lhe:

— Ele faz a oração do meio-dia.

Joan, com a cabeça, fez sinal de ter compreendido. Ela podia ver muito bem o que o rapaz estava fazendo e não precisava de explicação alguma.

— Ele diz que Alá é muito compassivo, Alá é muito clemente.

— Eu sei — respondeu Joan e foi logo se distanciando do homem para iniciar o seu passeio caminhando na direção daquele amontoado de arame farpado que assinalava o limite da estação ferroviária.

Naquele instante ela se recordou de ter presenciado seis ou sete árabes tentando remover um carro Ford todo estragado que se achava atolado na areia. Eles faziam uma força enorme dando tirões em sentido contrário uns dos outros. William, seu genro, explicou-lhe que aqueles homens, como complemento aos seus esforços, sempre infrutíferos por melhor que fosse a intenção deles, acrescentavam, esperançosos, continuamente a expressão: “Alá é misericordioso”.

Só mesmo Alá — refletiu Joan — seria capaz de operar o milagre de deslocar aquele carro, estando os árabes ali daquele jeito fazendo força em direções opostas.

O curioso era que todos eles se sentiam bastante felizes e contentes com tal situação, parecendo até que estavam se divertindo a valer.

INSHALLAH! — Se Deus quiser — dizem eles quando sentem necessidade de conseguir algo e logo em seguida, como que entusiasmados por essa exclamação cheia de fé, tentam conseguir o seu desiderato numa investida desordenada e sem nenhum senso de previsão. Este não era, portanto, um sistema de vida que Joan achasse muito recomendável. A gente deve sempre procurar estabelecer previamente os planos adequados e prever as possíveis consequências, pensando no dia de amanhã. Contudo, alguém que vivesse em Tell Abu Hamid, um lugar tão sem expressão que até parece não existir, talvez não teria necessidade de proceder assim.

Uma pessoa que permanecesse aqui durante muito tempo, chegaria até a esquecer os dias da semana... E, assim pensando, ela não pôde conter o impulso de verificar qual era o dia que estava passando. — Deixe-me ver... hoje é quinta-feira... Sim, quinta-feira. Eu cheguei aqui segunda-feira à noite.

Caminhando devagarinho, ela já estava se aproximando daquele emaranhado de arame farpado. Dali ela viu, a uma certa distância lá no outro lado, um

indivíduo trajando uma espécie de uniforme e que segurava na mão um fuzil. Ele arrimava o seu corpo contra um enorme caixão. Joan percebeu logo que ele se encontrava ali para vigiar a estação ou a fronteira.

O homem parecia estar tirando uma cochilada e Joan achou melhor não mais avançar para diante porque se ele despertasse poderia atirar nela. Tudo podia acontecer em Tell Abu Hamid.

Ela então mudou a direção do seu trajeto de modo a só ficar contornando a casa de pernoite. Só assim ela não prolongaria demasiadamente o seu percurso passando da hora da refeição nem correria o risco de ter aquela estranha sensação de agorafobia (na hipótese de ser agorafobia mesmo).

Realmente a manhã passou sem maiores transtornos. Ela conseguiu controlar a sua mente só pensando nas coisas que lhe eram agradáveis. Foi um prazer rememorar o casamento de Averil com o querido Edward, um homem sério e digno de confiança que desfrutava uma boa situação financeira. A casa de Averil em Londres é verdadeiramente encantadora, bem cômoda e jeitosa para Harrod. E o casamento de Bárbara! E o de Tony — bem... este não foi lá muito satisfatório. Na realidade eles nada sabiam sobre este casamento e o próprio Tony nunca deu as satisfações que, como filho, deveria dar.

Tony devia ter permanecido em Crayminster a fim de participar da organização com Alderman, Scudamore e Witney. Assim, ele poderia ter-se casado com alguma linda moça inglesa que gostasse da vida do lar e seguiria a mesma carreira do pai.

Pobre Rodney, com a sua cabeleira preta pontilhada de fios brancos, não tendo nenhum filho para sucedê-lo na firma!

O fato é que Rodney não foi muito enérgico com Tony. Ele devia ter sido mais insistente com o rapaz. Era preciso mais firmeza da parte do pai para dissuadir o filho dos seus propósitos. Se o caso tivesse sido diretamente com Rodney (pensou Joan) teria ela deixado de bater o pé a fim de impedi-lo de tomar resoluções desastrosas? Nesse instante ela sentiu uma espécie de satisfação íntima pela atitude firme que sempre tivera.

Talvez agora Tony estivesse crivado de débitos, tendo que fazer inauditos esforços para levantar alguma hipoteca, como aconteceu a Hoddesdon. Bem que ela gostaria de constatar se Rodney realmente sabia reconhecer tudo o que ela fizera por ele.

Joan levantou os olhos e passou a contemplar a linha do horizonte que parecia flutuar banhada pela luz. Ela divisava uma espécie de imenso solo alagado. Tratava-se, evidentemente, do efeito de uma miragem, pensou ela.

Sim... Não podia ser outra coisa senão miragem... Tinha a nítida impressão de estar contemplando, naquele instante, verdadeiros lagos na areia. Não era

exatamente como supunha serem as miragens, pois a idéia que fazia desse fenômeno era bem diferente: ela julgava que surgissem árvores e cidades — enfim, algo de mais concreto.

Contudo até mesmo este simples efeito do vislumbre de lagos na areia não deixava de ser bem estranho e forçava a gente a inquirir: — o que é mesmo a realidade?

Tudo é miragem, nada mais do que miragem — pensou ela. Esta palavra miragem parecia ser muito importante.

Mas em que mesmo estava ela pensando um pouquinho antes? — Ah, sim, em Tony, evidentemente. Como ele fora tão orgulhoso e imprudente! Ele tinha uma personalidade indefinível. Aparentemente se mostrava submisso. Jamais se poderia imaginar que ele, com as suas maneiras afáveis, com a sua calma, com o seu sorriso amável, pudesse conseguir exatamente o que desejava, contrapondo-se à vontade da mãe.

Na verdade, Tony nunca lhe fora muito devotado ou, pelo menos, seu devotamento não era exatamente como ela julgava que devia ser. Na realidade, parecia ser mais carinhoso para com o pai.

Ela lembrou-se, então, de um fato que se dera com Tony quando ele ainda era um menino de sete anos. Já bem noite a dentro, o garoto entrou no quarto onde Rodney estava dormindo e calmamente, sem fazer nenhuma encenação, disse-lhe:

— Eu acho, papai, que comi daqueles cogumelos com forma de chapéu de cobra ao invés dos cogumelos bons para se comer e agora estou sentindo uma dor horrível. Acho que vou morrer e por isso vim aqui para morrer perto do senhor.

Na verdade esse mal-estar dele nada tinha a ver com a troca da espécie de cogumelos mas tratava-se de um caso de apendicite aguda e o menino teve que ser operado dentro de vinte e quatro horas. Contudo, não deixou de parecer estranho a Joan o fato de ele se ter dirigido ao pai e não a ela. Seria sem dúvida mais natural que Tony em tal circunstância procurasse a sua mãe.

Sim, Tony havia feito muitas tentativas na vida. No colégio fora preguiçoso e nos esportes mostrava-se quase sempre indolente. Apesar de ser um menino de boa aparência — exatamente o tipo de menino que Joan gostava de ter sempre em sua companhia —, nunca parecia gostar de sair com ela. Ele tinha o hábito desagradável de sumir, escondendo-se no campo, justamente no momento em que a mãe o procurava.

Joan se lembra perfeitamente de que Averil classificou este hábito do irmão como uma fuga protetora.

— Tony é muito mais esperto do que nós, valendo-se dessa sua fuga protetora

— dizia ela.

Joan não compreendia bem o significado dessas palavras mas bem que percebeu haver nelas algo de ofensivo...

Joan olhou o mostrador do seu relógio. Não havia necessidade de apanhar tanto calor caminhando demais. Era melhor voltar para a casa de pernoite. Afinal, ela passara uma excelente manhã. Não houve transtorno de espécie alguma: nenhum pensamento desagradável, nenhuma sensação de agorafobia...

Todavia, uma voz íntima parecia advertir-lhe: você está falando tal qual uma enfermeira de hospital. Quem é que você pensa ser, Joan Scudamore? Uma inválida? Um caso de debilidade mental? E por que é que você se acha tão satisfeita consigo própria, mesmo sentindo-se abatida? Será que constitui um fenômeno extraordinário passar normalmente uma agradável manhã?

Voltou imediatamente para a casa de pernoite e ficou muito contente ao verificar que havia ali peras enlatadas para variar um pouco o almoço.

Depois da refeição foi deitar-se um pouco. Se, pelo menos, ela conseguisse dormir até a hora...

Entretanto, ela absolutamente não tinha vontade de pegar no sono. Sua mente estava bem desperta e clara. Ela simplesmente ficou atirada na cama com os olhos fechados.

Nem por um momento sequer o seu espírito deixou de ficar completamente alerta, como se estivesse na expectativa de algo que poderia acontecer inopinadamente... como se estivesse pronto para defender-se a qualquer momento de algum perigo latente... Todos os seus nervos estavam tensos.

Ela devia relaxar o corpo. Mas não havia jeito de conseguir relaxá-lo. Instintivamente esticava os membros. O coração batia um pouco mais acelerado do que o normal. Mas o espírito não deixava de ficar alerta.

Agora, naquele ambiente, tudo parecia forçar a sua mente a evocar algo de que não conseguia lembrar-se. Depois de ter esquadrinhado bastante a memória, surgiu-lhe, por comparação, a idéia exata: uma sala de espera no gabinete do dentista.

A esquisita sensação de algo totalmente desagradável e que se encontrava na sua frente, a necessidade que tinha de restituir a confiança em si própria, procurando afugentar esse algo desagradável, tudo isto contribuía para deixá-la num estado de espírito difícil de descrever. Além disso, atormentava-a, também, a consciência que tinha de que cada minuto que passava mais perto lhe trazia esse esperado momento de provação...

Mas que espécie de provação?... Que é mesmo que ela estava esperando?

Que será que estava por acontecer?

Todos os lagartos — pensou ela — entraram nas tocas... porque pressentiram a

aproximação de uma pavorosa tormenta... Ela estava exatamente vivendo a calma que precede o temporal... esperando... esperando...

Santo Deus do Céu, ela estava começando a ficar incoerente de novo.

A Srta. Gilbey... Disciplina!... Um retiro espiritual...

Um retiro! Ela precisava meditar... Haveria, para este fim, alguma meditação especial preconizada pela teosofia? Pelo budismo?

Não, não! Era melhor não se meter muito com a religião. Bastava somente pensar em Deus... Meditar sobre o amor de Deus... Deus...

"Pai nosso que estais nos céus..."

Eis que então surge na sua memória o seu próprio pai, com a sua barba sempre bem feita e seus olhos azuis, aguçados e perscrutadores.

E como ele gostava de ver dentro de casa tudo bem arrumado, com cada coisa no seu lugar! Ele era a figura típica do almirante reformado, sempre rigoroso e apegado à rígida disciplina. E a sua mãe, coitada!...

Alta. magra, indecisa, sempre tão descuidada... mas tão meiga que a gente a cada momento se via forçada a inventar toda espécie de desculpas para as suas falhas...

Parecia-lhe estar vendo sua mãe saindo para alguma recepção, com um grotesco par de luvas, uma saia amarrotada e um chapéu preso por meio de alfinetes ao seu coque de cabelos grisalhos. E como ela se sentia tão feliz e tranquila desse jeito, inconsciente das falhas na sua aparência pessoal!

E que dizer então da furibunda cólera do rigoroso almirante — sempre dirigida às filhas e nunca diretamente à esposa?

— Por que é que vocês, meninas, não cuidam da sua mãe? Que é que vocês pensam deixando-a sair desse jeito? Não posso admitir essa negligência de vocês!

Então as três moças diziam, submissas, ao pai:

— Sim, papai... Faremos o possível...

E depois que o velho se retirava, uma comentava com a outra:

— Ele tem razão... mamã é realmente impossível...

Evidentemente Joan gostava muito da sua mãe, mas este amor não chegava ao ponto de ofuscar-lhe a visão, impedindo-a de perceber que sua mãe era de fato uma mulher fatigante.

As espontâneas manifestações de generosidade e a constante alegria de forma alguma podiam encobrir o desleixo e falta de método.

Na verdade não foi sem ter sentido uma profunda comoção que Joan, ao pôr em ordem os papéis da mãe depois da sua morte, deparou com uma carta do pai, escrita por ocasião do vigésimo aniversário do casamento deles.

"Lamento profundamente não poder estar aí com você hoje, meu coração. O

meu maior júbilo seria poder expressar-lhe nesta carta o quanto tem significado para mim o seu amor durante todos estes anos e como eu gostaria de dizer-lhe que, no dia de hoje, mais do que nunca em toda a minha vida, você me é tão cara. O seu amor tem sido para mim a verdadeira bênção que coroou toda a minha existência e eu só tenho que agradecer a Deus pelo amor que você sempre devotou a mim...”

Joan jamais poderia ter feito a suposição de que o pai fosse capaz de possuir tais sentimentos de afeto para com a sua mãe...

Logo lhe ocorreu, então, que no próximo dezembro ela e Rodney completariam vinte e cinco anos de casados.

As nossas bodas de prata! — refletiu ela. — Que maravilhoso e comovente seria se Rodney me escrevesse uma carta igual!

Em seguida começou a coordenar mentalmente as palavras da carta que ela gostaria que Rodney lhe escrevesse:

“Minha muito querida Joan! — Sinto a necessidade de expressar-lhe aqui o quanto eu lhe devo, pois para mim você significa tudo. Tenho certeza de que você não poderia imaginar que tão-somente o seu amor tem sido a verdadeira bênção que coroou...”

Uma carta mais ou menos assim — pensou Joan, interrompendo essa espécie de exercício mental de redação — nem pareceria ter um sentido real! Seria até impossível de imaginar... Rodney escrevendo uma carta...

Por mais que ele a amasse... por mais que ele a amasse...

Por que repetiu ela esta frase como se estivesse fazendo um desafio? Por que sentiu ela nesse instante um tão estranho arrepio? Mas, afinal, em que era mesmo que ela estava pensando antes?

Ah, sim, claro — Joan voltou a si recobrando-se desse choque momentâneo —, ela estava imaginando em praticar algum exercício de meditação espiritual. Entretanto, ao invés de se dispor a fazer qualquer exercício espiritual, ela simplesmente começou a pensar em coisas terrenas — em seu pai, em sua mãe, os quais, fazia muitos anos, estavam mortos.

Mortos, deixando-a sozinha.

Sozinha no deserto. Sozinha neste ambiente que muito bem podia ser comparado a uma cela de prisão.

Sozinha não tendo outra coisa para fazer senão pensar em si própria.

Ela levantou-se bruscamente como que em sobressalto. Não adianta nada ficar aqui deitada se não consigo dormir — pensou.

Ela odiava esse tipo de quartos pequenos e altos com as janelas forradas de escumilha. Davam-lhe a impressão de estar enclausurada.

Um quarto tão pequeno assim faz a gente sentir-se como um inseto.

Desejava estar num compartimento bem amplo e bem arejado, todo revestido de cretone bem lindo e vistoso, com um fogo crepitante na lareira; num ambiente em que houvesse uma porção de pessoas às quais ela pudesse se dirigir e vê-las e que elas também a vissem...

Oh, o trem não deverá demorar muito. Disseram que ele viria com brevidade... O trem ou um carro... ou coisa semelhante...

— Eu não quero ficar aqui! — gritou Joan. — Eu não quero ficar aqui! (Falar consigo mesma é um mau prenúncio.) Tomou um pouco de chá e depois saiu. Ela se deu conta de que não podia continuar ali sentada, com a mente invadida por estranhos pensamentos. Tinha que sair e caminhar sem pensar em mais nada.

Eram os pensamentos que a importunavam. Seria até bem melhor que ficasse observando a gente que morava, naquela casa de pernoite — o hindu, o jovem árabe e o cozinheiro. Tinha absoluta certeza de que eles nunca tiveram pensamento algum para importuná-los.

Às vezes eu me sento e logo começo a pensar e às vezes eu me sento...

Quem foi que disse isso? Que estupendo sistema de vida!

Ela resolvera não pensar em mais nada: queria simplesmente caminhar. Portanto, não devia se distanciar muito da casa de pernoite.

Ela devia ficar nas proximidades da porta de entrada... Isso mesmo, só nas proximidades da casa... descrevendo sempre um círculo... Como um animal. Que humilhação! Sim, era humilhante mas era o que ela devia fazer. Estava acostumada a ter sempre muito cuidado consigo mesma. Do contrário...

Do contrário aconteceria o quê? Não fazia a mínima idéia do que poderia acontecer-lhe... Bem, o fato é que não devia pensar em Rodney, não devia pensar em Averil, não devia pensar em Bárbara... E principalmente não devia pensar em Blanche Haggard. Não devia pensar na flor vermelha do rododendro (precisamente nessa flor vermelha do rododendro era que ela de forma alguma devia pensar).

Não devia tentar nem mesmo a recitação de poemas.

Nem em Joan Scudamore ela devia pensar... “Mas Joan Scudamore sou eu mesma. Não, não sou eu. Sim, sou eu em carne e osso...”

Se você não tivesse outra coisa em que pensar a não ser em si mesma, que será que você descobriria com relação à sua própria pessoa?

— Mas eu não quero saber nada! — gritou Joan.

A sua própria voz chegou a assustá-la. Afinal, que é que ela não queria saber?

— Uma batalha! — exclamou ela. — Estou combatendo numa batalha que não há jeito de ganhar.

Mas combatendo contra quem? Contra quê?

Não importa — prosseguiu ela. — Eu não quero saber nada!

Eu não quero saber nada — era uma frase que muito bem poderia servir-lhe de lema e ela devia agarrar-se a ela.

Em seguida teve a estranha impressão de que alguém a vinha seguindo. Alguém que ela conhecia muito bem. Se ela virasse a cabeça... Bem... ela virou a cabeça mas não viu ninguém...

Contudo, essa impressão de que alguém a estava seguindo continuou a persistir, alarmando-a. Nem Rodney, nem Averil, nem Tony, nem Bárbara... nenhum deles estava ali para ajudá-la, nenhum deles queria ajudá-la. E nenhum deles se importava com ela.

Era melhor voltar sem demora para a casa de pernoite e fugir da pessoa que a estava espionando, fosse ela quem fosse.

O hindu estava parado de pé em frente daquela porta feita com rede de arame. Ao aproximar-se dele Joan estava caminhando com passos vacilantes.

Não lhe agradou nem um pouquinho a maneira como ele a fitou.

— Que é que você quer?

— Memsahib não têm bom aspecto. Quem sabe Memsahib tem febre?

Eis uma coisa provável! Realmente, podia muito bem dar-se o caso de ela estar com o corpo febril. Por que não havia pensado nisso antes?

Ela correu para o quarto a fim de tirar a temperatura e verificar se havia trazido consigo um pouco de quinino.

Pegou imediatamente o termômetro e colocou-o debaixo da língua.

Estava decifrada a charada: só a febre é que poderia deixá-la nesse estado, imaginando coisas incoerentes, apreensiva e cheia de medo, com o coração batendo aceleradamente.

Um distúrbio de natureza essencialmente fisiológica, nada mais!

Tirou o termômetro da boca e leu a escala graduada: 36,2 graus.

Trinta e seis graus e duas linhas! Podia dizer, quando muito, que a sua temperatura estava uma coisinha de nada do normal. Só isto.

E assim ela foi passando a tarde como pôde. A partir de então ficara realmente alarmada por causa do seu estado. Absolutamente não podia ser o efeito do sol o que estava sentindo. Febre ela não tinha.

Devia ser os nervos, portanto.

Sim, os nervos. Quantas vezes ela não havia diagnosticado isso a uma infinidade de pessoas, expressando-se exatamente assim: — são nervos? Mas na realidade ela nunca sofrera dos nervos antes. Foi só aí que ficou sabendo o que significava sofrer dos nervos.

Até parece incrível mas estava claro como a luz do sol que ela se atacara dos nervos. O que ela precisava, numa situação dessas, era de um médico compreensivo. Devia internar-se numa casa de saúde a fim de ser atendida por

uma enfermeira bondosa e eficiente que nunca a deixasse sozinha no quarto. — A Sra, Scudamore nunca deve ficar sozinha no quarto!

E, pensando bem, ela, agora, se encontrava numa prisão com as paredes caiadas. Ali, em pleno deserto, as únicas pessoas do seu convívio eram um hindu quase desprovido de inteligência, um jovem árabe completamente imbecil e um cozinheiro que só lhe preparava, para as refeições, arroz, salmões enlatados, feijão cozido no fogão da casa e ovos endurecidos na água fervente...

Está tudo errado — refletiu Joan. — Trata-se de um ambiente inadequado para o tratamento que eu preciso fazer...

Depois da refeição ela foi imediatamente ao seu quarto e procurou o frasco de aspirina que havia trazido consigo. Ainda dispunha de seis comprimidos. Com evidente falta de previsão, ingeriu logo os seis de uma vez. Não sobrara nenhum para o dia seguinte mas o fato é que ela, dum jeito ou doutro, tinha que procurar acalmar-se. Nunca mais — pensou ela — empreenderei viagem alguma sem levar comigo calmantes...

Tirou a roupa e, continuando sempre muito apreensiva, deitou-se.

Por estranho que pareça, pegou no sono imediatamente.

Nessa noite sonhou que se encontrava encerrada num gigantesco edifício que era uma prisão. Havia ali um verdadeiro labirinto de corredores. Tentava pressurosamente encontrar a passagem que a conduziria à porta de saída mas eram inúteis todos os seus esforços, muito embora ela — consoante a impressão que tinha no próprio sonho — soubesse perfeitamente, desde sempre onde se encontrava essa passagem...

— Você não tem outra coisa a fazer senão lembrar onde se encontra o lugar exato da saída — disse ela com toda a seriedade falando consigo mesma. — Você tem que lembrar onde está a saída!

De manhã acordou sentindo-se tranquila embora um tanto abatida.

— Você tem que lembrar onde está a saída — disse ela mais uma vez a si própria.

Levantou-se, vestiu-se e fez a sua refeição matinal.

Até que estava se sentindo com boa disposição. Ela se encontrava apenas um pouco apreensiva. Nada mais.

Acho que mais tarde vai começar tudo de novo — pensou ela. — Mas que é que eu posso fazer? Como posso controlar a minha mente?

Procurou sentar-se calmamente numa cadeira. Só mais tarde um pouquinho é que ela tencionava sair, a fim de espairecer...

Não tentaria pensar em coisa alguma mas também não tentaria deixar de pensar. Ambas as atitudes eram sem dúvida muito cansativas e importunas. Ela só teria que permitir que a sua mente agisse à matroca como que impelida pelas

sugestões do momento, sem forçar nada.

A aparência externa do escritório de Alderman, Scudamore & Witney — com as gavetas dos arquivos de escrituras e documentos importantes classificados e rotulados com etiquetas brancas. Por exemplo: — Bens e propriedades do Sr. Jasper Foulques, falecido. — Coronel Etchingham Williams, e assim por diante. Ali tinha-se a impressão de estar vendo os compartimentos de armários de um teatro com a classificação dos utensílios a serem usados em cena.

A face de Peter Sherston ao levantar os olhos vivos e perscrutadores, lá na sua carteira de trabalho. Ele se parecia com a mãe... Não, não era tanto com a mãe... Mais acertado seria dizer que ele tinha os olhos de Charles Sherston. Sim, exatamente aqueles olhos sagazes e irrequietos. Olhando quase sempre de soslaio.

Se eu fosse Rodney não confiaria muito nele — pensava ela.

Até lhe pareceu bem engraçado o fato de ter evocado tais pensamentos nesse instante.

Depois da morte de Leslie, Charles sofreu um colapso nervoso.

Pode-se dizer que ele se precipitou para a morte num tempo recorde. Os filhos tiveram que ser amparados pelos parentes. A terceira criança, uma menininha, morrera seis meses após o nascimento.

John, o mais velho, fora viver no meio de bosques e florestas. Ele escolhera, ao que parece, Burma. Joan lembrou-se da sala na casa de Leslie com as paredes revestidas de linho em que se viam ramos e folhagens pintados a mão. Se John puxou pela mãe, gostando de ver árvores medrarem ligeiro, ele deve se achar muito feliz lá onde está.

Aliás Joan ouvira comentar que ele estava muito bem.

Certo dia Peter Sherston procurou Rodney manifestando-lhe seu desejo de trabalhar no escritório da organização.

— Minha mãe disse-me que tinha certeza de que o senhor vai me ajudar, meu senhor.

Ele era um rapaz atraente, decidido e esperto. Procurava sempre agradar as pessoas. Era de fato o mais atraente dos dois filhos de Leslie. Joan sempre afirmava isso.

Rodney teve imensa satisfação em admitir o rapaz. Aceitou-o logo, sem hesitar, talvez tendo em mente o fato de que seu próprio filho preferira partir para o além-mar, separando-se completamente da família.

Rodney considerava o rapaz quase como um filho. Peter muitas vezes ficava na casa deles e era muito delicado e solícito para Joan.

Revelava-se acessível e dotado de brandura — embora não possuísse a voz melíflua do pai.

Aconteceu, então, que certo dia Rodney chegou em casa parecendo estar aflito e doente. Em resposta à pergunta de Joan, ele declarou simplesmente que não havia nada, absolutamente nada.

Entretanto, mais ou menos uma semana mais tarde, chegou em casa com a notícia de que Peter havia deixado o escritório. Resolvera ir trabalhar numa fábrica de aviões.

— Oh, Rodney... e dizer que você foi tão bom para ele! E como nós ambos gostávamos dele!

— Sim... Não resta dúvida, ele era um garotão atencioso...

— Houve algum percalço? Ele era preguiçoso?

— Oh, não! Até que tinha boa queda para o cálculo e desincumbia-se bem dos seus serviços.

— Como o pai dele?

— Sim, como o pai dele. Mas a rapaziada de hoje sente-se atraída pelas modernas descobertas. — Aviação! — Isso é o que eles preferem.

Joan nem sequer prestou atenção a esta explicação de Rodney, pois inopinadamente o sentido da sua última pergunta — como o pai dele? — fizera desencadear no seu espírito uma série de pensamentos atordoantes. Quem não percebia que Peter Sherston deixara o serviço de maneira inesperada?

— Rodney, não houve mesmo nada de irregular?

— Irregular?! Que é que você quer dizer?

— Quero dizer... Bem... será que ele não puxou pelo pai? A boca do rapaz é parecida com a de Leslie... mas nota-se logo que ele herdou do pai aquela expressão de astúcia nos olhos. Oh, Rodney, aconteceu algo de anormal, não é verdade? O rapaz praticou algum ato menos recomendável? Diga a verdade.

Rodney começou a falar pausadamente:

— Houve realmente um certo contratempo...

— Com relação às contas? Ele agarrou algum dinheiro?

— Eu prefiro não falar a respeito disso, Joan. Não foi nada de muito importante o que aconteceu.

— Vejam só! Desonesto como o pai dele! Não se tratará de um caso de hereditariedade? Não tem ele um comportamento suspeito?

— Muito suspeito. Ele parece estar propenso a seguir, na vida, o caminho errado.

— Você acha que ele, pelo menos em certos aspectos, também puxou pela mãe? Pois, fosse lá qual fosse o conceito que se fazia dela, nunca foi uma pessoa muito desembaraçada e eficiente, você não acha?

Rodney respondeu com certa secura:

— Eu sempre achei que ela era muito eficiente. Metia as mãos no seu

trabalho, fazendo-o sempre com perfeição.

— Pobre coitada!

Rodney retrucou irritado:

— Não gosto que você se refira a ela com palavras de compaixão. Isso me deixa aborrecido.

— Mas, Rodney, você está sendo muito indelicado. A vida dela realmente foi horrível.

— Eu não penso da mesma forma com relação a ela.

— E a morte dela então...

— Prefiro que você não prossiga falando a respeito desse assunto.

Ele virou-se e saiu.

Todo mundo — refletiu Joan — tinha medo do câncer. As pessoas chegavam até a evitar a pronúncia dessa palavra. Quando tinham necessidade de dizer o nome dessa doença, procuravam sempre expressar-se por meio de um rodeio de palavras, tais como — um tumor maligno — uma operação braba — uma doença incurável — uma coisa interna no corpo. Até o próprio Rodney não gostava de mencioná-la porque — argumentava ele — afinal de contas, conforme afirmam os médicos, uma em cada doze pessoas está destinada a morrer dessa doença. E na maioria das vezes parece atacar precisamente as pessoas mais robustas que não tinham outra coisa no organismo senão a causa latente do mal.

Joan passou, então, a rememorar aquele dia em que, no Marquet Square, a Sra. Lambert lhe dera a notícia.

— Minha cara, você não sabe ainda?... Pobre da Sra. Sherston!

— Que foi que houve com ela?

— Morreu! — respondeu a mulher com um jeito esquisito. Depois, baixando bem a voz, prosseguiu:

— Foi aquela coisa interna, eu acho. Era impossível operá-la... Ouvi dizer que ela sofreu dores horríveis. Mas foi muito corajosa. Continuou trabalhando até algumas poucas semanas antes do fim. Só parou mesmo de trabalhar quando começou a ser mantida a poder de morfina. Não faz nem seis semanas que a mulher do meu sobrinho a viu. Tinha um aspecto horrível e estava magra como um palito, mas continuava sempre do mesmo jeito, rindo e brincando. Chego até a acreditar que há certas pessoas que se julgam refratárias às doenças. Mas, afinal, a coitada tinha uma vida tão triste. Até ouso dizer que a sua morte foi um grande alívio para ela.

Joan apressou-se em voltar para casa a fim de dar a notícia a Rodney. Entretanto ele respondeu-lhe calmamente:

— Sim, já sei.

Rodney era, na qualidade de seu advogado, o executor da sua última vontade

e, por isso, eles tiveram que se comunicar com ele imediatamente.

Leslie Sherston, na verdade, não tinha muita coisa para deixar.

Tudo o que lhe pertencia deveria ser repartido entre os seus dois filhos.

A disposição testamentária que excitou Crayminster foi aquela em que ela exigiu que seu corpo fosse sepultado naquela cidade. O texto, no tópico final, dizia: — "...porque eu sempre fui muito feliz em Crayminster".

E o corpo de Leslie Sherston foi então transportado para repousar no cemitério paroquial de St. Mary, em Crayminster.

Um pedido esquisito — comentavam algumas pessoas — pois foi exatamente em Crayminster que o marido dela se apropriara fraudulentamente de fundos do banco, tendo sido condenado à prisão.

Todavia, outras pessoas afirmavam que o seu desejo era muito natural. Foi ali que ela passara a fase mais feliz da sua vida antes desse infortúnio. Era evidente, portanto, que ela encarava essa cidade como uma espécie de perdido jardim do Éden.

Pobre Leslie! Que família tão trágica! O jovem Peter, ao aterrissar, depois de ter feito um vôo destinado a experimentar um novo dispositivo adaptado ao avião, veio espatifar-se contra o solo. Teve morte instantânea.

Rodney ficou terrivelmente chocado com esse acidente. Ele, de maneira tão estranha, só vivia se culpando pela morte do rapaz.

— Mas francamente, Rodney, não vejo como você possa ter alguma culpa pelo que aconteceu. Você nada tinha a ver com o caso.

— Leslie me havia enviado o rapaz, tendo-lhe dito que eu lhe daria emprego e cuidaria dele.

— E foi isso mesmo o que você fez. Admitiu-o no seu escritório...

— Sim, eu sei...

— E ele não se comportou direitinho. Você não o perseguiu nem tomou nenhuma atitude contra ele. Você cobriu do seu próprio bolso o desfalque que ele deu, não foi verdade?

— Sim, sim, eu sei... mas não é bem isso o que eu quero dizer. É preciso que você compreenda que foi a própria Leslie quem me encaminhou Peter e ela o fez, evidentemente, já sabendo que o filho era um tanto indeciso e que poderia incidir na prática de atos desonestos, como Sherston. John, o outro filho, era de boa índole e não lhe dava preocupações. Conclui-se, portanto, que ela resolveu confiar-me Peter precisamente para que eu tomasse conta dele, orientando continuamente os seus passos a fim de evitar que ele vacilasse e conspurcasse o seu nome. Mas Peter era realmente uma estranha mistura: ele tinha a desonestidade de Sherston e a coragem de Leslie. Armadales escreveu-me dizendo que Peter foi o melhor piloto que eles tiveram até agora. Não tinha

medo e (assim se expressou ele na carta) fazia verdadeira mágica com os aviões. O rapaz se oferecera voluntariamente, como você sabe, para experimentar um novo dispositivo secreto. Tratava-se de uma experiência sabidamente perigosa. E essa experiência foi a causa da sua morte.

— Bem... Eu só tenho a dizer que a atitude dele foi muito honrosa. Realmente muito honrosa.

Rodney esboçou um sorriso esquisito.

— Oh, sim, Joan... Mas você teria coragem de expressar-se com o mesmo espírito de conformismo se fosse o nosso filho que houvesse morrido em idênticas circunstâncias? Você ficaria satisfeita se Tony tivesse uma morte honrosa?

Joan encarou-o com o olhar fixo.

— Mas Peter não era nosso filho. Trata-se de um caso muito diferente.

— Eu fico pensando em Leslie... Como ela não teria sofrido!...

Sentada dentro da casa de pernoite, Joan sentiu um certo tremor.

Por que será que desde que ela chegou nesse lugar, os Sherstons não saíram da cabeça dela? Ora, tinha tantos outros amigos... amigos que realmente significavam muito mais para ela do que qualquer um dos Sherstons...

Joan nunca havia gostado, demasiadamente de Leslie. Falando a pura verdade, o único sentimento que tinha em relação a essa mulher era o de compaixão. Pobre Leslie que está agora sob aquela fria lousa de mármore!

Joan começou a tremer sentindo uns arrepios.

— Estou com frio — exclamou ela. — Estou com frio. Alguém está caminhando sobre a minha sepultura. Ora, mas era com relação à sepultura de Leslie que eu estava pensando... Aqui está frio... está frio e é tão melancólico... Vou sair a fim de inundar-me da radiante luz do sol. Não posso permanecer mais tempo aqui.

O cemitério paroquial — e a sepultura de Leslie Sherston — e aquela flor vermelha de rododendro que caíra do casaco de Rodney...

O vento borrascoso e brutal saco de impetuosamente os tenros raminhos de maio.

Nove

Joan saiu quase correndo a fim de apanhar sol.

Começou a caminhar ligeiro, esforçando-se para não olhar aquele monte de latas vazias nem as galinhas.

Lá fora estava melhor. A radiante luz de um sol quente parecia inebriá-la.

Ela já sentia calor. Desaparecera o frio.

E esta era a única maneira de fugir daqueles pensamentos que lhe invadiam a mente.

Mas que pretenderia ela significar com a expressão: "...fugir daqueles pensamentos que lhe invadiam a mente?" Teve a impressão de que o fantasma do vulto da Srta. Gilbey estava caminhando ao seu lado, dizendo-lhe com um impressionante tom de voz:

— Discipline seus pensamentos, Joan. Seja mais explícita ao fazer uso das palavras. Procure inteirar o seu espírito dizendo-lhe de que é que você está fugindo.

Mas Joan, no momento, não podia fazer a mínima idéia sobre a causa dessa sua fuga. Sentia uma espécie de medo, de uma pavorosa ameaça. Melhor explicando, tinha a impressão de existir algo que permanecia constantemente ali aguardando o momento oportuno para manifestar-se e, em tais circunstâncias, não lhe ocorria fazer outra coisa para evitar esse ameaça senão fugir, girando continuamente em torno da casa de pernoite.

Realmente, Joan Scudamore — disse ela falando consigo mesma — você está se comportando de um modo muito estranho...

Mas nada adiantava dizer isso. Devia haver algo de errado com ela... algum mal... Não podia dizer que se tratava de agorafobia (está certa ou não esta palavra? Ela se afligia por não ter muita certeza sobre a sua exatidão) porque desta vez o que ela sentiu foi precisamente o impulso de fugir daquelas paredes que a confinavam a fim de introduzir-se na amplidão do espaço aberto banhado pela luz do sol. Ela se sentia melhor lá fora do que dentro de casa.

Fuja! Fique apanhando sol! Fuja desses pensamentos!

Ela permanecera muito tempo dentro de casa, sentada naquele quarto que bem podia ser comparado com uma cela de prisão ou um tétrico mausoléu.

A sepultura de Leslie Sherston, Rodney... Leslie... Rodney...

Fuja! Aproveite o sol!

Está frio dentro de casa.

Está frio e você se encontra só.

Começou a caminhar com passos largos.

— Fuja desse pavoroso mausoléu, livre-se dessa casa de pernoite! Ela é medonha... Até parece uma clausura...

Na verdade, a casa de pernoite é um ambiente onde facilmente se é levado a pensar em fantasmas.

Mas que pensamentos tolos! Esta casa de pernoite é de construção recente. Não faz mais de dois anos que foi edificada... E todo mundo sabe que não existem fantasmas nas casas novas.

Se realmente existem fantasmas nessa casa de pernoite, então é porque ela, Joan Scudamore, os trouxe consigo.

E que diabo de pensamentos desagradáveis!

Começou a acelerar os passos.

Seja lá como for — raciocinou ela —, ninguém está me acompanhando agora. Estou completamente só. Por aqui nem mesmo existe uma criatura viva com a qual eu possa me encontrar.

Não parece até aquela estória de... de quem mesmo? — De Speke e Livingstone? Um encontro nas selvas da África.

Dr. Livingstone, eu suponho.

Entretanto o caso com ela, agora, não era bem assim. Havia uma única pessoa que ela poderia encontrar naquele ermo: Joan Scudamore.

Que idéia ridícula!

Encontrar Joan Scudamore! Satisfação imensa em tê-la encontrado, Sra. Scudamore!

E, pensando bem... isso não deixava de ser uma idéia até certo ponto interessante...

Encontrar-se consigo mesma...

Oh, Santo Deus, como ela estava assustada!

Ela se sentia dominada por um pavor horrível.

Passou, então, a acelerar gradativamente os passos. Não demorou muito e ela já estava, pode-se dizer, correndo. Avançava cada vez mais seguindo sempre em frente. Às vezes tropeçava um pouco. Mas a sua idéia tropeçava mais do que os seus pés...

...Estou com medo!...

...Oh, Santo Deus, como estou apavorada!

Se, pelo menos, houvesse alguma pessoa aqui. Alguém para me acompanhar...

Ela pensou logo em Blanche.

“Eu quero Blanche aqui!”

Sim, Blanche era exatamente a pessoa que ela desejava ter em sua companhia. Não escolheria nenhuma outra criatura... nem mesmo qualquer uma das suas

amigas...

Só Blanche...

Blanche, com a sua cordial bondade. Blanche sempre amável.

Ninguém jamais conseguiria pegar Blanche de surpresa para ocasionar-lhe um choque.

E, de qualquer forma, vem a propósito lembrar que Blanche declarou que ela, Joan, estava linda e que fizera progressos na vida.

Blanche gostava dela.

Mas durante toda essa caminhada um pensamento não se desgrudou dela: — a convicção de que a autêntica Joan Scudamore sabia... aliás sempre soube de tudo isso...

Eis os lagartos precipitando-se para fora das suas tocas!

Sinceridade!

Diminutas porções de sinceridade que despontavam do seu espírito tal qual os lagartos despontam das suas tocas... E esses fragmentos de sinceridade pareciam adverti-la:

— Estamos aqui!... Você nos conhece... Você nos conhece muito bem!... Não tente simular que não nos conhece!

Na realidade, bem que ela percebia de que espécie eram tais pensamentos e isto tornava o caso ainda pior... Ela podia muito bem identificar cada uma dessas idéias fragmentadas que surgiam como reflexos da sua íntima convicção e que a forçavam a tornar-se autêntica... Idéias que zombavam dela, rindo com os dentes arreganhados... Pedacinhos de sinceridade que se vinham manifestando desde que ela chegara nesse lugar. E ela tinha que dar um jeito para juntar todos esses fragmentos... Depois de unidas todas as partes, forçosamente ela obteria a estória completa da sua vida... a verdadeira estória de Joan Scudamore.

E essa estória já estava começando a se desentocar do seu espírito e só esperava que ela se decidisse...

Nunca antes ela tivera necessidade de pensar na estória da sua própria vida... Ela tivera sempre todo o seu tempo tomado com trivialidades e coisas de pouca monta, de modo que ela nunca conseguiu dispor de um momento sequer para procurar conhecer-se a si mesma.

Que foi que Blanche lhe disse?

“... Se você ficar dias e mais dias não fazendo outra coisa senão pensando em você mesma, talvez ficaria muito surpreendida com o que viesse a descobrir com relação à sua pessoa.”

E que resposta tola lhe dera Joan, cheia de arrogância e de presunção!

— Pode alguém descobrir, com relação à sua própria pessoa, algo de que nunca teve conhecimento antes?

“Às vezes chego a pensar, mamã, que a senhora não sabe nada a respeito de ninguém.”

Foi Tony quem disse isso.

E como Tony tinha razão!

De fato, de um modo positivo ela nunca chegou a saber nada com relação aos seus filhos e a Rodney. Ela sempre os amou, mas nada ficou sabendo a respeito deles. Esta é que era a verdade nua e crua! Sem dúvida era do seu dever ter procurado saber tudo acerca do seu relacionamento com eles.

Quem ama as pessoas forçosamente terá que conhecê-las sob todos os aspectos.

E se ela assim não procedeu foi simplesmente porque achava mais fácil só dar crédito às palavras elogiosas que gostaria fossem verdadeiras sem se amofinar com os conceitos que eles emitiam traduzindo o verdadeiro juízo que faziam a respeito dela.

Averil, por exemplo. Averil com o seu sofrimento. Joan sempre se esquivou de reconhecer que Averil havia sofrido.

Averil que sempre a menosprezava...

Averil que, desde tenra idade, nunca se deixou enganar pela mãe...

Averil... uma criatura que sofreu tantos desgostos a ponto de se ver quase frustrada na vida e que talvez conserve ainda no seu espírito vincos indeléveis daquelas aflições...

Mas também que criatura cheia de coragem!...

E isso era exatamente o que estava faltando a Joan. Coragem!

Mas coragem não é tudo — dissera ela certa vez ao marido que, desapontado com tal afirmativa, a interrogou: — Você acha que coragem não é tudo?

E Rodney tinha razão...

Tony, Averil, Rodney, todos eles eram seus acusadores.

E Bárbara?

Que será que se passou de anormal com Bárbara? Por que motivo o médico foi tão reticente? Que será que todos eles procuravam esconder dela?

Que teria feito a pobre menina, a mocinha indisciplinada e impulsiva que se casou logo com o primeiro homem que a convidara para sair de casa?

Sim, é verdade. Foi exatamente isso que Bárbara fez. Ela foi muito infeliz em casa. E foi muito infeliz só porque Joan nunca procurou tornar mais feliz o seu lar.

Ela não amava Bárbara nem demonstrava o mínimo resquício de compreensão para com ela. Era sempre Joan que, resoluta e orgulhosa, determinava o que seria bom para Bárbara, sem nunca auscultar os gostos e os desejos da menina.

Nunca recebia bem os amiguinhos de Bárbara. Sempre procurava, com jeito,

afastá-los pouco a pouco da sua casa...

Não é de admirar-se, portanto, que Bárbara encarasse a sua ida para Bagdá como uma verdadeira libertação. E foi só por isso que ela procurou apressar o seu casamento com Bill Wray embora — conforme afirmou Rodney — não o amasse.

E que foi que aconteceu depois? Algum caso de amor clandestino?

Alguma ocorrência infeliz? Provavelmente aquele tal de major Reid...

Sim... isso explica o embaraço ocasionado pela menção desse nome...

Ele era exatamente o tipo de homem — refletiu Joan — capaz de seduzir uma mulher jovem e bobinha que não se encontrava ainda bem amadurecida para a vida conjugal.

E, então, num paroxismo de violento desespero a que ela sempre se mostrara muito propensa desde a infância — um verdadeiro cataclismo a turbilhonar a sua alma, tolhendo-lhe o senso de proporção — ela tentou... — sim, só podia ter sido isso —, ela tentou dar cabo da sua vida. E ela ficou muito mal, num estado que inspirava sérios cuidados.

Teria Rodney sabido do fato? Nesse caso ele teria certamente procurado dissuadi-la de fazer esta viagem tão apressada a Bagdá.

É evidente que Rodney não podia ter tomado conhecimento dessa ocorrência. Se ele houvesse sabido do fato, não deixaria de contar-lhe tudo antes do seu embarque... Não... Talvez até que ele não lhe dissesse nada... Bem... mas em todo caso ele certamente teria feito o possível para impedir a sua viagem.

Entretanto, é preciso notar que ela havia tomado a resolução de ir ver a filha com firmeza, mostrando-se inabalável nesse propósito. De forma alguma ela concordaria em retardar a sua partida porque achava que devia dar a sua assistência à pobre menina dentro do mais breve tempo possível.

Sem dúvida, esta sua atitude devia ser considerada muito louvável.

Mas quem sabe se até mesmo este seu propósito não seria. só parcialmente verdadeiro?

Será que ela, Joan, não teria ficado fascinada pela idéia de empreender uma viagem a fim de conhecer novas partes do mundo?

Não estaria ela se comprazendo em desempenhar simuladamente o papel de uma devotada mãe? Não teria ela, antes de partir, se imaginado como uma fascinante mulher, dotada de espírito resoluto, sendo recebida pela filha doente e pelo genro completamente aturdido com tantas preocupações em casa? Oh, foi muita bondade da sua parte — diriam eles, consoante a sua imaginação — ter vindo tão apressadamente assim!

Entretanto, falando a pura verdade, parece que eles não ficaram muito satisfeitos com a chegada dela. Pelo contrário, demonstraram um certo temor

indisfarçável: E evidentemente de antemão advertiram o médico para que ele não lhe revelasse nada. Eles próprios seguraram as línguas e tomaram todas as precauções necessárias para evitar que Joan ficasse sabendo da verdade. Absolutamente não queriam que ela tomasse conhecimento do caso porque não confiavam nela. Aliás, Bárbara nunca confiou na mãe. “Não contem nada para mamã.”

E como eles pareceram ter sentido um verdadeiro desafogo no momento em que ela lhes anunciou que iria voltar para a Inglaterra! E como conseguiram dissimular muito bem esta sua íntima satisfação!

Polidamente fingiam protestar contra a sua deliberação de regressar tão ligeira assim, sugerindo que ela devia permanecer mais um pouco com eles. Entretanto, quando ela, algum tempinho depois, comunicou-lhes a sua resolução de ficar por mais alguns dias em Bagdá, William não perdeu tempo em desencorajá-la dessa idéia.

Na realidade, o único possível benefício que ela trouxe para eles — um tipo de benefício que não deixava de ser um tanto engraçado — foi o de ter induzido Bárbara e William a, em perfeita harmonia, convergirem seus esforços no sentido de livrar-se dela e de guardar o seu segredo.

Seria até bem estranho se, afora isso, sua visita tivesse produzido algo mais de bom.

Joan se lembrava frequentemente de que certa vez, ao inquirir o genro, Bárbara, muito fraca ainda, fitou o marido com um olhar de súplica. Então ele, respondendo, começou a falar soltando as palavras aos borbotões e esclareceu apenas alguns pontos. Desse modo ele conseguiu esquivar-se de dar uma resposta precisa a uma das perguntas formuladas pela sogra com absoluta falta de tato.

Depois Bárbara fitou-o novamente como que a expressar a sua gratidão pela maneira como ele se desempenhara.

Bárbara e William foram ao embarque de Joan. Ela notou que William segurava a mão de Bárbara que, às vezes, inclinava-se um pouco para se apoiar no marido.

— Coragem, queridinha! (era sem dúvida o que ele estava dizendo à mulher). Esta situação incômoda já terminou... Ela está indo embora...

E, depois que o trem partiu, eles naturalmente voltaram ao seu chalé no Alwyah e ficaram brincando com Mopsy, pois ambos adoravam Mopsy, aquele encantador bebê com um rosto que parecia uma engraçada reprodução da caricatura de William. Então Bárbara de certo exclamou:

— Que sorte que ela foi embora e agora temos a nossa casa livre, só para nós...

Pobre William que amava Bárbara loucamente e que, embora tendo sido muito infeliz, nunca se eximiu de prodigalizar-lhe o seu carinho e a sua ternura.

— Não se aflija por causa de Bárbara — disse-lhe Blanche. — Ela vai ficar boa logo. Além disso existe o bebê...

Como era amável Blanche, procurando tranquilizá-la! Mas a verdade era que Joan não estava absolutamente se preocupando com o caso. Ela não estava sentindo a mínima aflição por causa da filha.

Na mente de Joan, naquele instante, não pairava outra coisa senão a sua arrogante compaixão para com a pobre velha amiga.

“Agradeço-vos, Senhor, por eu não ser como aquela mulher!”

Sim... Joan chegou a ter a ousadia de querer rezar...

E, agora, ali naquele ermo, ela daria tudo para ter Blanche em sua companhia.

Blanche com aquela benevolência que lhe era peculiar, nunca acusando ninguém e sempre complacente para com todas as criaturas.

Naquela noite Joan, completamente encoberta por um manto de simulada superioridade, teve a coragem de rezar.

Mas qual seria o seu modo de rezar, agora, depois de ter constatado que, ao invés de um manto de falsa superioridade, ela só dispunha para cobrir-se do nauseabundo trapo das misérias humanas?

Joan inclinou-se para a frente e caiu de joelhos rezando:

... Senhor Deus, ajudai-me...

... Estou ficando louca, meu Deus...

... Não me deixeis ficar louca...

... Não permitais que eu continue tendo esses pensamentos...

Silêncio!

Silêncio e luz do sol.

E as fortes batidas do seu coração.

Deus me abandonou!

Deus não quer me ajudar...

... Eu estou só... completamente abandonada...

Que pavoroso silêncio!...Que solidão horrível!

Pequena Joan Scudamore... Pequena Joan Scudamore, tola e presunçosa.

Completamente sozinha no deserto.

Durante quarenta dias e quarenta noites...

...Não, não, ninguém poderia ficar assim... ninguém seria capaz de resistir.

O silêncio... O sol... A solidão.

O medo começou a invadi-la de novo. Era o medo causado por aquele imenso espaço vazio, onde a gente não tem outra companhia senão Deus...

Tropeçou...

Teria que voltar imediatamente à casa de pernoite... Sem demora.

O hindu... o jovem árabe... as latas vazias amontoadas...

Humanidade.

Desvairada, lançou seus olhos por todo aquele contorno: não havia nem sinal da casa de pernoite! Até a pequena estação ferroviária, que se assemelhava a um monumento funerário feito de pedras, sumira da sua vista. E aquelas montanhas que antes ela divisava lá no horizonte pareciam não existir mais.

Sem dúvida ela avançara demasiadamente nesta sua caminhada... muito mais do que das outras vezes... E ela, agora, se encontrava tão longe que já não podia mais observar qualquer ponto de referência.

Dominada por um terror que aumentava gradativamente ela já nem sequer sabia em que direção ficava a casa de pernoite...

As montanhas — aquelas montanhas tão distantes — seguramente não podiam ter desaparecido assim de um momento para o outro. Além disso, contornando o horizonte não se via outra coisa senão baixas camadas de nuvens...

Montanhas? Nuvens? Não se podia dizer com toda a certeza o que eram...

Ela estava perdida... completamente extraviada...

Não, perdida não!... Se ela seguisse em direção ao norte...

O sol!

O sol, nesse instante, se encontrava exatamente a pino. Como poderia ela saber qual era o sentido do seu deslocamento na abóbada celeste?

Ela estava extraviada! Nunca mais poderia encontrar o caminho certo para voltar...

Então, como que atacada por um súbito delírio, começou a correr...

Correu primeiro num sentido. Depois, impelida pelo pânico que a dominava, passou a correr em sentido contrário. Por fim, ela já não pôde mais se conter: desvairada, principiou a correr em todas as direções.

Ela gritava, berrava, chamava...

Socorro!

Socorro!

Ninguém poderá me ouvir — pensou ela. — Encontro-me tão longe...

O deserto abafava o seu grito, reduzindo-o a um simples balido...

Exatamente como o balido de uma ovelha... O fraco balido de uma ovelha...

Ele encontrou a sua ovelha.

O Senhor é o meu pastor.

Rodney — As verdes pastagens e o vale na High Street...

— Rodney! — gritou ela. — Socorro!

Mas Rodney... Ela só imaginava Rodney subindo, lépido, os degraus da plataforma da estação Vitória, todo empertigado e com a cabeça atirada para

trás... Certamente antegozando as delícias de ver-se livre dela durante algumas semanas e sentindo-se por isso jovem e forte de novo...

Que adiantava gritar pedindo-lhe socorro? Ele não podia ouvi-la.

Averil! Averiiil!...Será que Averil não a ajudaria?

— Eu sou a sua mãe, Averil. Sempre fiz tudo o que me foi possível procurando o seu bem...

Não... Averil (como já fizera certa vez saindo calmamente da sala onde se encontrava Joan) diria simplesmente:

— Nada há que eu possa fazer...

Tony? Será que Tony não a socorreria?

Não. Tony também não podia auxiliá-la. Ele se encontrava na África do Sul. Um longo caminho a separava dele...

Bárbara... Mas Bárbara estava muito doente... Bárbara havia ingerido alimento envenenado.

Aí, então, ela pensou em Leslie. Leslie não deixaria de ajudá-la se pudesse. Mas Leslie estava morta. Sofreu muito e depois morreu...

Ela não podia contar com o auxílio de ninguém...

Joan começou a correr de novo... desvairadamente... sem rumo certo... sem saber para que lado ia... Ela só sabia que estava correndo...

O suor começou a escorrer na sua face, caindo-lhe pelo pescoço... caindo-lhe por todo o corpo.

“Chegou o meu fim! Cristo!... Cristo!”

Bem que Cristo poderia aparecer-lhe ali no deserto para ampará-la. Cristo mostrar-lhe-ia o caminho para o vale coberto de verdes pastagens.

... Ele a conduziria justamente com as suas ovelhas...

... A ovelha perdida...

... A pecadora arrependida...

... Através do vale das sombras...

(Sombra, não! Somente sol.)

... Cristo iluminá-la-ia com a sua luz benigna (a luz do sol não era lá muito benigna)...

O vale coberto de verdor... O vale coberto de verdor... Ela tinha que encontrar esse vale. É o vale que se estende através da High Street, exatamente lá no coração de Crayminster.

Um vale que se estende através do deserto...

Quarenta dias e quarenta noites!

Não fazia mais de três dias que ela se encontrava no deserto...

Cristo, portanto, ainda deveria estar ali...

— Cristo — suplicou ela —, ajudai-me!

Cristo.

Mas que é aquilo?

Eis que lá bem longe, à sua direita, ela divisa uma pequena mancha que pareceu ter emergido do horizonte.

Era a casa de pernoite. Ela já não se encontrava mais perdida...

Ela estava salva.

Salva...

Suas pernas fraquejaram e ela caiu no chão...

Dez

Joan recobrou a consciência bem ligeiro.

Mas ela sentia-se abatida e doente. Estava tão fraca que parecia uma criancinha.

Mas estava salva! A casa de pernoite estava ali, à vista. Então, logo que ela melhorasse um pouco poderia levantar-se e dirigir-se para lá. Mas por enquanto era melhor que ela permanecesse sentada ali mesmo fazendo calmamente reflexões ponderadas... Só fazendo reflexões e nada mais...

Afinal de contas, Deus não a abandonara. Ela já não estava mais sentindo aquela espécie de terror provocado pela solidão...

Mas eu tenho que meditar! — exclamava ela. — Preciso fazer certas reflexões bem sérias. Tenho necessidade de esclarecer os pontos obscuros da minha consciência. E é por isso mesmo que eu me encontro aqui — para elucidar tudo...

Era exatamente agora que ela começava a perceber que tipo de mulher era Joan Scudamore.

E não foi com outra intenção que ela avançara tanto numa caminhada sem rumo deserto a fora senão a de elucidar o espírito acerca da sua própria pessoa.

A sua consciência, iluminada pela fulgurante luz da meditação profunda, mostrar-lhe-ia a razão de ser dos tormentosos pensamentos que a invadiam e sobre os quais ela obstinadamente se esquivava de refletir, deixando de rememorar fatos e circunstâncias de que ela já tinha pleno conhecimento desde o princípio... Ontem mesmo (e só agora ela estava se dando conta disso) ela encontrara uma boa pista, talvez a chave para a solução do mistério. Seria até muito razoável que ela começasse logo as suas reflexões repassando todos os pensamentos que lhe forneceram esta chave.

O fato se deu exatamente quando ela ficou atacada de pânico pela primeira vez, não é verdade?

Naquele momento ela estava recitando poemas, em pleno deserto.

“Longe de ti, eu estive ausente na primavera. “

Foi exatamente este o verso que lhe forneceu o principal indício, fazendo-a pensar logo em Rodney e exclamar:

— Mas estamos em novembro agora!

E ela pronunciou esta frase exatamente como Rodney, naquela tarde, também exclamara:

— Mas estamos em outubro.

Isto aconteceu precisamente na tarde daquele dia em que ele e Leslie Sherston estiveram sentados em Asheldown — ambos calados, conservando uma distância de quatro pés entre eles. Joan chegou até a dizer que tal atitude não parecia muito apropriada para pessoas que se dizem amigas, não foi verdade?

Mas agora... agora sim ela passou a perceber a razão do comportamento deles, sentando longe um do outro. E ela devia ter percebido isso naquele dia mesmo...

Eles procederam assim porque não se atreveram a ficar mais perto um do outro...

Rodney e Leslie Sherston...

Nada havia com Myrna Randolph.

Com Myrna Randolph nunca houve nada. Joan, numa atitude de quem procura enganar-se a si mesma, deu guarida em sua mente ao mito de Myrna Randolph, precisamente porque ela bem sabia que com aquela moça nada havia. Seu subconsciente empregara Myrna Randolph como uma cortina de fumaça para ocultar a si mesma os fatos que estavam acontecendo realmente.

E em grande parte tudo isso se deu (tenha a honestidade de confessar a verdade agora, Joan!) só porque ela achava mais fácil admitir Myrna Randolph do que Leslie Sherston.

Não havia dúvida de que ela se sentia muito menos ferida no seu orgulho íntimo admitindo que, ao invés de Leslie, quem seduzia Rodney era Myrna Randolph, a linda moça considerada uma sereia tão sedutora que só os homens dotados de uma força sobre-humana seriam capazes de resistir aos seus atrativos.

Sinceramente... Como poderia ela desconfiar de Leslie Sherston?

— Leslie que não era bonita, que não era jovem e que nem sequer tinha um bom grau de aprimoramento intelectual.

Leslie, com aquela sua face cansada que sorria sempre só por um lado do rosto... O que realmente causava a Joan uma grande repugnância era ter que admitir que Rodney amasse Leslie e que a sua paixão fosse tão grande a ponto de, por falta de confiança em si próprio, não se atrever a aproximar-se dela a uma distância menor do que quatro pés...

Que irrefreável desejo! Que amor tão impulsivo! Uma coisa assim ela, Joan, nunca sentira na sua vida!...

É verdade! Naquele dia lá estavam eles em Asheldown num verdadeiro arrebatamento de paixão... E bem que Joan percebera isso...

Melhor dizendo, foi precisamente pelo fato de ter percebido tal enlevo amoroso que ela se apressou em ir embora, envergonhada, pois de forma alguma queria admitir a realidade daquilo que seus próprios olhos estavam vendo.

Rodney e Leslie, sentados no alto da colina, calados e evitando se fitarem porque não tinham confiança em si mesmos.

Leslie amava Rodney tão desesperadamente que desejou ser enterrada, depois da morte, na cidade onde ele vivia...

E que não dizer da exclamação de Rodney, proferida com os olhos baixos, numa atitude de meditação, ao contemplar a lousa de mármore da sepultura de Leslie:

— Até parece uma estupidez desconcertante imaginar que Leslie Sherston se encontra debaixo dessa lousa fria.

E a florzinha de rododendro caindo sobre a sepultura...

Momentos depois dizia Rodney:

— Estou cansado, Joan. Estou completamente exausto.

Em seguida, de maneira tão estranha, ele exclamou:

— Nem todos nós podemos ser valentes...

Evidentemente, ao pronunciar tais palavras ele estava pensando em Leslie.

— Mas coragem não é tudo.

— Você acha que não é?

E o colapso nervoso de Rodney? — A causa da sua prostração só podia ter sido a morte de Leslie.

Ele só pôde recuperar-se depois que começou a repousar tranquilamente em Cornwall onde, sempre sorridente e sem nenhuma preocupação com a vida, ficava ouvindo as gaivotas.

Não foi por nada que Tony, com um timbre de falsete na sua voz de menino, perguntara desdenhosamente à mãe:

— Será que a senhora nada sabe com relação ao papai?

E realmente ela nada sabia. Nada sabia por que deliberadamente se esquivava de procurar saber.

E não era, então, bem expressiva a atitude de Leslie, postada à janela, explicando por que iria dar mais um filho a Sherston?

E Rodney, depois, lá em casa, postado da mesma forma à janela olhando para fora, lhe disse:

— Leslie nunca faz as coisas pela metade...

Que será que eles contemplavam quando, em atitudes idênticas, olhavam para fora da janela? Estaria Leslie simplesmente olhando as macieiras e as anêmonas da sua chácara? E Rodney? Estaria ele observando a quadra de tênis e o aquário de peixes dourados? E naquele dia, de lá das elevações de Asheldown, estariam ambos mirando os contornos daquela encantadora região Campestre só para observarem, inebriados, os capões cheios de árvores frondosas espalhados lá pelas encostas da longínqua montanha?

Pobre Rodney!... Pobre Rodney, tão cansado, tão abatido...

Rodney, sempre com aquele seu sorriso apoquentador, exclamando: — Pobre

pequena Joan! O sempre carinhoso Rodney que nunca tentou abandoná-la...

Bem... Mas é preciso dizer que ela sempre foi uma boa esposa para ele, não é verdade? Ela sempre colocava o interesse dele em primeiro lugar...

Espere! Era isso mesmo o que ela fazia?!

É preciso não esquecer aquela vez em que Rodney dirigiu a ela uma ardente súplica com os seus olhos tristes... A expressão de melancolia nunca se afastava dos seus olhos. E com que ênfase Rodney exclamara:

— Como poderia eu saber então que mais tarde viria a odiar esse serviço?

Depois, dirigindo-se a ela com uma expressão de seriedade no olhar, perguntou-lhe:

— Como sabe você que eu serei feliz aqui?

Já agora não podia desvanecer-se da lembrança de Joan o vulto de Rodney, instando com ela para que o deixasse seguir a vida de sua predileção — a vida de agricultor e criador de gado...

O vulto de Rodney postado à janela do seu escritório observando o gado num dia de feira... E Rodney falando com Leslie sobre raças de gado leiteiro...

E como eram bem significativas estas palavras que ele disse a Averil:

— Se um homem na sua vida não consegue fazer o trabalho que gosta, ele jamais será um homem completo. Só poderá ser um homem pela metade.

Apreensiva e inquieta, Joan tentou defender-se das acusações proferidas pela sua própria consciência.

Sempre supôs que o que fazia era para o bem dele. Forçosamente tinha que ser prática e objetiva. Não podia deixar de pensar também nas crianças. Nunca agiu movida por interesses egoísticos.

Todavia, este seu ímpeto de querer justificar-se arrefeceu logo.

Será mesmo que ela nunca foi egoísta?

Será que ela não agiu desse modo só porque não queria viver num sítio? Ela sempre desejou que seus filhos tivessem as melhores coisas — mas, afinal, que significam as melhores coisas?

Não tinha Rodney mais direito do que ela para escolher o que deveria ser dado aos filhos? Não cabia realmente a ele, como pai, a prioridade desse direito? Pois não são os pais que escolhem o sistema de vida que os filhos em casa devem levar? À mãe cabe a tarefa de cuidar do bem-estar deles, propugnando com lealdade para que as determinações do pai no tocante ao sistema de vida escolhido sejam seguidas à risca.

— A vida num sítio — disse Rodney — é muito boa para as crianças...

Tony sem dúvida teria ficado muito contente depois de crescido.

Rodney compreendeu logo que Tony não devia ser impedido de escolher o trabalho que desejava.

Rodney confessara a ela com toda a franqueza:

— Nunca tive muita propensão para forçar as pessoas a fazerem seja lá o que for...

Entretanto ela, Joan, não teve escrúpulos em obrigar Rodney...

Então, atacada por uma súbita angústia sufocante, ela refletiu:

— Mas eu amo Rodney. Eu o amo sinceramente. Não foi porque eu não o amasse...

Nesse instante, como que iluminada por um repentino lampejo da sua mente ela compreendeu que o fato de amar Rodney era exatamente o que tornava imperdoável a sua atitude.

Se ela o odiasse, bem que poderia encontrar alguma desculpa.

E se ela tivesse sempre se mantido numa posição de indiferentismo com relação a Rodney, também pouco interessaria agora o julgamento da sua atitude.

Mas ela o amava e mesmo amando-o tolheu-lhe um direito inato: o direito de escolher o seu próprio modo de vida.

Por causa disso — por ter ela se valido inescrupulosamente das armas peculiares à sua condição de mulher alegando tomar em consideração antes de mais nada o futuro dos filhos — o primogênito, uma criancinha de berço, e o outro que ela ainda transportava no ventre — tirou do pobre homem algo que ele nunca mais conseguiu recuperar: uma boa porção do ânimo que constituía um atributo especial da sua personalidade.

Ele, manifestando-lhe continuamente o seu carinho, se esquivou sempre de lutar contra ela para subjugá-la e por isso se tornou inferiorizado para o resto da vida...

Rodney... Rodney...

Joan refletiu:

— Já não posso mais devolver-lhe... Quero dizer, já não há mais possibilidade de reparar os danos que lhe causei... Mas deve haver algo que eu possa fazer... Seja lá como for, eu o amo. Eu o amo sinceramente. E amo também Averil, Tony e Bárbara. Sempre os amei a todos. (Mas não tanto quanto devia tê-los amado — pareceu redarguir-lhe uma voz íntima.)

“Rodney!... Rodney, será que não há nada que eu possa fazer para o seu bem? Que eu possa dizer-lhe para o seu conforto? Longe de você, eu estive ausente na primavera.”

Sim — pensou ela — estive ausente de você durante um tempo muito longo... Nunca estive perto de você desde aquela primavera... aquela primavera em que começamos a nos amar... em que pela primeira vez trocamos palavras de afeto...

Eu sempre permaneci o que era. Blanche tinha razão. Nunca deixei de ser aquela menina do Colégio St. Anne. Sempre com uma vida fácil, sempre

vagarosa para pensar, sempre satisfeita comigo mesma, sempre temendo tudo o que pudesse me causar aflições. Nunca tive coragem...

Que posso fazer agora?

Depois de alguns segundos de reflexão, ela decidiu:

— Eu posso dirigir-me a Rodney dizendo-lhe que estou muito sentida pelos males que lhe causei e pedindo-lhe perdão. Falarei com ele, expressando-me assim: Perdoe-me. Eu não sabia... Eu simplesmente não podia imaginar que estava causando a você tantos danos e aflições...

Joan levantou-se. Ela sentiu fraqueza nas pernas e teve a impressão de ter-se tornado uma pessoa tola e ridícula.

Começou a caminhar devagarinho, com dificuldade, como se fosse uma velha.

Foi andando... foi andando... Atirava um pé pela frente... depois o outro... cautelosamente.

Rodney... Rodney!

Como ela se sentia doente!... Doente e enfraquecida.

Já se tornara longo demais para ela o percurso desta sua caminhada.

Depois de ter andado um bocado, notou que o hindu saía da casa de pernoite e corria ao seu encontro, com os lábios distendidos num sorriso. Ele não parava de gesticular e de abanar-lhe a mão.

— Boa notícia, Memsahib, boa notícia!

Ela fitou-o ansiosa.

— A senhora viu? Trem chegou. Trem está na estação. A senhora hoje à noite viaja no trem.

O trem?! O trem que a levaria de volta para Rodney! (Perdoe-me, Rodney!... Perdoe-me!)

Ela começou a rir freneticamente — de maneira fora do comum.

O hindu fitou-a com o semblante sério e ela, depois de contida esta sua brusca expansão de euforia, exclamou:

— O trem já chegou! O trem chegou no momento oportuno!

Onze

Até parecia um sonho... Sim, tudo como num sonho.

Passando através daquele emaranhado de fios de arame farpado, o jovem árabe levava a mala de viagem de Joan. Ao chegar ali ele falou em turco com o agente da estação, pronunciando as palavras com a língua engrolada e fazendo estrídulos.

E eis que agora ela via ali o carro-dormitório com aquele aspecto que lhe era tão familiar. O condutor, enfiado no seu uniforme cor de chocolate, estava debruçado sobre a janela do carro. A tabuleta colocada na parede lateral da vagão, pelo lado de fora, indicava: Alep-Estambul.

Finalmente havia chegado o trem, o único traço de união que ligava aquele ambiente de quietude em pleno deserto à civilização.

E então, como que por encanto, a vida se manifestou sob um aspecto novo naquele local: os cumprimentos em francês, cheios de cortesia, os leitos arrumados com lençóis e travesseiros de aparência mais agradável.

Finalmente, a civilização de novo...

Joan, pelo menos exteriormente, voltou a ser a viajante calma e desembaraçada de sempre. De um momento para outro ela se tornou a mesma Sra. Scudamore que havia saído de Bagdá menos de uma semana antes. Entretanto ninguém mais, a não ser a própria Joan, conhecia a surpreendente e quase assustadora mudança que se havia operado no seu íntimo.

O trem chegou no momento bem oportuno — precisamente no momento em que ela, depois de ter sofrido o impacto de uma terrível angústia ocasionada pela solidão, já havia acabado de derrubar a barreira que ela própria havia erigido em seu espírito e que a impedia de tomar consciência da realidade dos fatos que aconteciam na sua vida.

Podia-se dizer que ela teve — como aliás em todas as épocas acontece com tantas outras pessoas — uma visão! Uma visão introspectiva. Ela conseguiu observar-se a si mesma.

E muito embora a partir desse instante ela pudesse parecer uma viajante inglesa comum, preocupando-se como qualquer outra mulher até com mínimos detalhes da viagem, a verdade era que o seu coração e a sua mente divagavam num outro plano muito diferente. Persistiam nela os reflexos da humilhação pela autocensura que se vira compelida a fazer após as meditações feitas na solidão do deserto, sob a radiante luz do sol.

Ela respondia maquinalmente às perguntas do hindu.

— Por que Memsahib não volta para almoçar? Almoço está pronto. Almoço muito bom. Já são quase cinco horas. Muito tarde para almoço. A senhora quer chá?

— Sim, prefiro chá.

— Mas onde Memsahib foi? Eu olhei para fora e não vi Memsahib em lugar nenhum. Eu não sabia onde está Memsahib.

Ela explicou-lhe ter espichado a sua caminhada um pouco mais do que costumava fazer.

— Não pode ser. Não pode estar certo. Memsahib fica perdida. Não sabe caminho certo para voltar. Talvez segue caminho errado.

Ela, então, confirmou-lhe que, de fato ficara desorientada durante algum tempo, mas que felizmente sempre caminhara na direção certa.

Explicou-lhe que desejava apenas tomar o seu chá e descansar um pouco. Perguntou-lhe:

— A que horas o trem vai partir?

— Trem parte às oito e meia. Às vezes espera ônibus que deve chegar. Mas nenhum ônibus vem hoje. Rios estão muito cheios de água. Não formam vau. Carro se atira na água, faz: Uóóxx!

Joan, com um movimento da cabeça, concordou com o hindu.

— Memsahib parece muito cansada. Memsahib talvez tem febre.

— Não, não tenho febre alguma no momento.

— Memsahib tem aspecto diferente.

Bem — refletiu ela — Memsahib era uma mulher diferente. E, quem sabe se ela já não estaria mostrando no seu semblante a transformação que sofrera? Ela dirigiu-se apressadamente ao seu quarto e foi olhar-se naquele espelho todo salpicado de sujeira pelas moscas.

Havia alguma diferença sensível? Com segurança ela só podia afirmar que parecia mais velha. Notavam-se sulcos de rugas que vincavam seus olhos. O seu rosto estava riscado de poeira amarela e suor.

Lavou o rosto e passou um pente nos cabelos. Em seguida passou pó-de-arroz na face e batom nos lábios. Então mais uma vez foi contemplar a face no espelho.

Sim... indubitavelmente havia alguma diferença. Algo havia desaparecido do semblante que, refletindo-se no espelho, parecia fitá-la com uma expressão de profunda seriedade. Algo... Seria a sua presunção?

Que criatura horrivelmente presunçosa ela fora durante toda a vida! Agora ela só sentia, com relação à sua própria pessoa, aquele terrível asco — uma espécie de auto-aversão — que lá fora, em pleno deserto, invadira o seu espírito, tornando-a humilde.

Rodney... Rodney...

Era somente este nome que ela, em pensamento, repetia cheia de ternura... Apegou-se a esse nome como se ele fosse um símbolo motivador da resolução que tomara.

De fato ela agora estava resolvida a contar-lhe tudo o que sentira no seu íntimo sem tentar de forma alguma ser complacente consigo mesma.

Manifestaria a Rodney ter compreendido perfeitamente que se impunha, da parte dela, modificar o seu comportamento. Dali por diante, tanto quanto lhes fosse possível nessa fase do descambar da existência, juntos, eles passariam a viver uma nova vida. Confessar-lhe-ia sem rebuços:

— Tenho sido sempre uma tola e minha vida foi um fracasso. Ensine-me, com base na sua sabedoria e na sua bondade, a verdadeira maneira para vivermos felizes.

Falaria assim a Rodney e suplicaria o seu perdão. E na verdade ele teria que perdoá-la por um montão de faltas.

E o que havia de mais sublime em Rodney (só agora ela se dava conta disso) era o fato de nunca a ter odiado. Não era de admirar-se, portanto, que Rodney fosse tão querido assim por todos. Os filhos o adoravam (até mesmo Averil, apesar dos desentendimentos que tivera com o pai, nunca deixou de amá-lo). Os criados faziam todo o possível para agradar a Rodney. Por toda parte ele tinha amigos. Rodney durante toda a sua vida nunca fora descortês para ninguém.

Joan suspirou. Estava muito cansada e sentia dores por todo o corpo.

Tomou o chá e depois atirou-se sobre a cama para descansar até chegar a hora do jantar e de se dirigir à estação para embarcar.

Ela já não mais sentia intranquilidade nem medo nem a necessidade de procurar algo para distrair-se.

Já não havia mais lagartos precipitando-se para fora das suas tocas a fim de assustá-la.

Ela se encontrara consigo mesma e se reconhecera...

Agora só queria descansar, estendendo-se na cama com o espírito aliviado, mas sempre tendo na mente, como que ressaltada pelo contraste com um fundo escuro, a imagem da face amável de Rodney...

E ei-la, agora, já embarcada no trem, ouvindo do condutor loquaz o minucioso relato dos acidentes verificados na ferrovia, enquanto ela lhe exibia o seu passaporte e o seu bilhete para ser picotado.

Atendendo sua solicitação, o condutor prometeu-lhe telegrafar imediatamente a Estambul a fim de reservar-lhe passagem no Simplon Orient Express. E ela não se esqueceu de incumbir-lhe, também, de passar um telegrama a Rodney, a ser transmitido de Alep.

Viagem retardada. Tudo bem. Beijos. Joan.

Rodney receberia este telegrama antes de expirar-se o prazo previsto para o término da viagem que ela havia encetado em Bagdá.

Desse modo, tudo ficou arranjado e ela nada mais tinha com que se preocupar. Já podia relaxar-se tal qual uma criancinha que está cansada.

Mais cinco dias de paz e de sossego, enquanto o Taurus e o Orient Express avançariam em direção ao ocidente levando-a cada dia para mais perto de Rodney e do almejado perdão.

O trem chegou a Alep no dia seguinte, de manhã cedo. Joan foi a única passageira que viajou até aquela estação, pois encontravam-se interrompidas as comunicações com o Iraque. Em Alep o trem ficou transbordando de tanta gente que embarcou. Houve demora com cancelamentos de passagens e com enganos verificados no registro de leitos reservados. Surgiram muitas discussões, protestos, alegações e disputas. Ouvia-se falar ali em diversos idiomas.

Joan viajava de primeira classe e no Taurus Express os carros-dormitório de primeira classe eram do tipo antigo, com leitos duplos.

Em dado momento, a porta foi empurrada para trás e uma mulher alta, vestida de preto, entrou na cabine.

Atrás dela, o camareiro, com os braços estendidos, agarrava as valises e malas de viagem que os carregadores lhe entregavam através da janela.

O compartimento do vagão parecia estar cheio de malas — todas elas vistosas e caras, contendo coroas estampadas nos seus contornos.

A mulher alta falava em francês com o camareiro, indicando-lhe o lugar onde ele devia colocar as suas coisas.

Finalmente o camareiro retirou-se e ela, virando-se para Joan, esboçou um sorriso de pessoa dotada de longa vivência nos ambientes cosmopolitas.

— A senhora é inglesa? — perguntou ela a Joan.

Ela deixava perceber apenas um leve sotaque na pronúncia.

Tinha o rosto alongado e pálido, com uma estranha expressão. Nos seus olhos notava-se uma curiosa tonalidade claro-cinzenta. Devia ter aproximadamente quarenta e cinco anos.

— Peço-lhe desculpas por esta minha intrusão a esta hora da manhã. É um horário extremamente ruim para a partida de trens e eu não pude evitar de importuná-la. Também deve-se dizer que estes carros-dormitório são do tipo antigo. Os carros modernos dispõem de compartimentos individuais. Contudo, mesmo viajando num vagão como este, não teremos muito tempo para nos irritarmos: daqui até Estambul não levaremos mais do que dois dias e a senhora verá que eu não sou uma pessoa de difícil convivência.

Ela falou conservando nos lábios um sorriso afável e cativante, quase como

um sorriso de criança.

— E se a senhora achar que eu a importuno fumando demais, pode me chamar a atenção com toda a franqueza. Agora vou deixar que a senhora durma sossegada. Irei até o carro-restaurante que está para ser engatado ao comboio (neste exato momento ela oscilou um pouco por causa do choque produzido com o engate dos carros, fato este que comprovava as suas palavras). Irei tomar o meu café. Digo-lhe mais uma vez que sinto muito por tê-la importunado a esta hora...

— Oh, não se aflija... Está tudo bem... Quem viaja deve saber que ocorrências dessa espécie são inevitáveis.

— Já percebi que a senhora é compreensiva e bondosa. Estou certa de que nos entenderemos bem.

Ela saiu e logo que a porta se fechou atrás dela, Joan começou a ouvir vozes de pessoas da amizade dela que, da plataforma da estação, a saudavam gritando: Sasha! Sasha! Sasha! Depois de ter havido uma verdadeira explosão de cumprimentos efusivos, um grupo de pessoas gárrulas começou a conversar num idioma que os ouvidos de Joan não conseguiram identificar.

Depois da entrada dessas pessoas no carro-dormitório, Joan ficou completamente desperta.

Mas ela tivera um sono repousante e sentia-se com boa disposição. Normalmente num comboio Joan conseguia dormir muito bem. Portanto, ela levantou-se e tratou de se vestir. Quando acabou de fazer a toalete, o trem já ia se aproximando de Alep. Então ela resolveu também ir até o carro-restaurante. Antes de sair para o corredor que servia de passagem no meio do vagão, deu uma rápida olhadela na etiqueta afixada na valise da sua companheira de viagem: Princesa Hohenbach Salm.

No carro-restaurante Joan encontrou-a já fazendo a sua refeição matinal, enquanto palestrava animadamente com um francês baixote e gordo.

A princesa acenou-lhe com a mão e apontou-lhe uma cadeira ao seu lado.

— A senhora é vigorosa e desembaraçada — exclamou ela. — Eu, se dependesse de mim, estaria ainda deitada ressonando... Agora prossiga, Monsieur Baudier, com o que o senhor estava me contando. É muito interessante.

A princesa conversava em francês com Monsieur Baudier, em inglês com Joan e expressava-se fluentemente em turco quando se dirigia ao garçom. Eventualmente, falando através da passagem entre as filas de mesas, ela também se comunicava num italiano bem fluente como um oficial daquela nacionalidade, de aspecto bastante melancólico.

A essa altura, tendo terminado a sua refeição, o gorducho francês se retira,

inclinando-se polidamente.

— Que extraordinária poliglota é a senhora! — exclamou Joan, dirigindo-se a ela.

Um sorriso iluminou a sua face alongada e pálida — só que desta vez foi um sorriso que parecia denotar profunda melancolia.

— Bem... E por que não devia ser assim? Sou russa, como a senhora bem pode perceber. Já estive casada com um alemão e vivi durante muitos anos na Itália. Falo oito ou nove línguas. Umas bem, outras não tão bem. A senhora não acha que é um prazer poder conversar com as outras pessoas? Todas as criaturas humanas são interessantes e a vida da gente é tão curta!... As pessoas devem sempre trocar idéias e experiências. Infelizmente só posso dizer que no mundo não existe amor. Às vezes minhas amigas dizem-me: — Sasha, há povos que a gente absolutamente não pode amar — por exemplo, turcos, armênios, levantinos. Mas eu lhes replico logo afirmando: — Não é verdade! Eu os amo! Garçon, l'addition.

Joan não compreendeu muito bem a parte final desta conversa, pois ela proferira a última frase praticamente ligada à anterior.

O garçom do restaurante veio atendê-la bem ligeiro, curvando-se para ela respeitosamente e todo cheio de mesuras. Joan logo se deu conta de que a sua companheira de viagem era uma pessoa de considerável importância.

Durante toda a manhã e parte da tarde o trem correu serpeando através de um terreno plano. Mas depois, já quase penetrando em Taurus, o comboio principiou a subir vagarosamente através de uma região um tanto escarpada.

Sasha permanecia sentada no seu cantinho lendo e fumando. Lá uma vez ou outra ela fazia certos comentários, alguns dos quais eram até bem surpreendentes. Joan sentia-se fascinada por essa estranha mulher que viera dum país diferente, cuja mentalidade e comportamento eram bem diversos dos que ela até então tivera a oportunidade de conhecer.

A conversa dessa mulher, misturando confidências de natureza íntima com assuntos impessoais, exercia em Joan um estranho fascínio.

Inesperadamente Sasha lhe pergunta:

— A senhora não lê? Noto que a senhora não faz nada com as mãos. Não faz tricô? A senhora até parece não ter os hábitos das mulheres inglesas. E no entanto nota-se à primeira vista que a senhora é mais inglesa do que... Sim, a senhora parece exatamente uma inglesa.

Joan, sorrindo, respondeu-lhe:

— De momento não tenho nada para ler. Fui forçada a ficar em Tell Abu Hamid por causa de desarranjos e estragos na ferrovia. Lá, não tendo outra coisa para entreter-me, li todos os livros que trazia comigo.

— Mas a senhora não se importou com isso? Pelo que vejo não julgou necessário adquirir alguns livros em Alep. Não... A senhora já se julga satisfeita só em ficar sentada aí no seu cantinho olhando para fora da janela a fim de contemplar as montanhas... E, contudo, tenho a impressão de que a senhora não as está observando... Parece estar contemplando algo que só a senhora vê, não é verdade? Nota-se que está vivendo momentos de grande emoção... ou que já sentiu uma forte emoção cujos reflexos ainda perduram. Teve a senhora alguma aflição? Alguma alegria bem grande?

Joan, franzindo as sobrancelhas e mostrando um certo desagrado, hesitou em responder-lhe.

Sasha quase se rebentou de tanto rir.

— Ah... mas esta sua atitude é bem inglesa. À senhora considera um despropósito e um atrevimento quando lhe faço perguntas que nós, os russos, achamos muito naturais. É bem curioso. Se eu lhe perguntasse onde a senhora esteve — em que hotéis se hospedou — quais as paisagens que viu — se tem filhos e o que fazem eles — se tem viajado muito — ou se a senhora conhece algum bom cabeleireiro em Londres, a todas estas perguntas a senhora me responderia com prazer. Mas se lhe pergunto algo que me ocorre no momento como, por exemplo — se a senhora teve alguma aflição — se o seu marido é fiel — se a senhora dorme frequentemente com homens — qual foi a sua mais bela sensação na vida — se percebe o amor de Deus, a senhora, ofendida se retiraria imediatamente. E no entanto estas perguntas são mais interessantes do que as outras, não é verdade?

Calmamente, como que pesando as suas palavras, Joan respondeu:

— Eu acho que nós, os ingleses, somos muito reservados.

— Sim, sim. A uma inglesa casada há pouco tempo não se pode nem sequer perguntar se o bebê já está a caminho. Não se pode, por exemplo, fazer tal pergunta à mesa, na hora da refeição. Ela só pode ser feita confidencialmente ou cochichando no ouvido. Todavia, se o bebê estiver ali presente, no seu bercinho, não causa nenhum assombro perguntar: — Como está passando o bebê?

— Bem... convenhamos... trata-se de uma pergunta de natureza íntima, não é verdade?

— Não. Sinceramente não penso assim. Outro dia encontrei uma amiga, uma húngara, que fazia um bocado de anos que não via. Mitzi — perguntei —, eu sei que faz muitos anos que você está casada e nunca teve filhos. Por quê? Ela respondeu-me que não podia atinar com a causa. Disse-me que durante cinco anos ela e o marido experimentaram tudo o que foi possível para terem filhos mas nada conseguiram. E como eles se esforçaram! Então perguntou-me ela: — Que será que eu devo fazer? E como estávamos almoçando numa reunião de

senhoras, cada uma delas dava a sua sugestão. Sim, e algumas dessas sugestões até que eram bem razoáveis. Quem sabe se ela não obteria bom resultado se as praticasse?

Joan, denotando no semblante uma expressão fleumática, de forma alguma considerava persuasivos os argumentos da princesa.

E, apesar disso... inopinadamente ela passou a sentir um desejo irreprimível de abrir o seu coração para essa mulher estrangeira, que lhe parecia uma criatura amável, com um comportamento todo especial.

Joan, como que dominada por uma ânsia incontida, não mais podia frear o seu desejo de comunicar a alguém as sensações vividas com as suas aventuras. Parecia-lhe que só assim poderia certificar-se da realidade dos fatos. Então começou a falar lentamente:

— É verdade... A senhora fez uma suposição acertada com relação à minha pessoa: nestes últimos dias passei por uma situação bastante aflitiva e perturbadora.

— Ah, sim?! Que é que foi? Algum homem?

— Não, não! Nada disso!

— Alegro-me em saber. As perturbações que surgem e que têm um epílogo doloroso envolvem quase sempre algum homem.

— Eu me encontrava sozinha na casa de pernoite de Tell Abu Hamid... um lugar terrível onde só se viam latas vazias amontoadas, enxames de moscas e um emaranhado de fios de arame farpado. Dentro de casa a gente sentia-se invadida pela melancolia, pois era um ambiente conservado sempre na penumbra...

— Isto é necessário, por causa do calor no verão... Mas prossiga. Compreendi perfeitamente o que a senhora quis dizer.

— Não havia pessoa alguma com a qual eu pudesse conversar. Bem ligeiro li os poucos livros que eu havia trazido comigo. Então adquiri... adquiri uma estranha disposição de espírito...

— Sim, sim. Não há dúvida. É um caso que bem pode acontecer. E é bem interessante o que a senhora está me contando. Prossiga, por favor.

— Então comecei a descobrir coisas... a respeito de mim própria. Coisas que eu não sabia antes. Ou, melhor dizendo, que eu sabia, mas que nunca desejei reconhecer como fatos verdadeiros... Sinto dificuldade em explicar-lhe de um modo mais positivo...

— Oh, não diga isso. A senhora pode explicá-las, sim. Eu as compreenderei.

O interesse manifestado por Sasha era tão espontâneo e tão despretensioso que Joan, dali por diante, passou a conversar com ela desinibidamente. Já que para Sasha era a coisa mais natural deste mundo falar sobre os sentimentos íntimos, mesmo envolvendo aspectos confidenciais, Joan pareceu ter-se deixado

influenciar por tal idéia e começou a descrever abertamente os temores e apreensões que tivera bem como o pânico que finalmente a invadira.

— Poderá parecer-lhe um grande absurdo o que estou lhe contando, mas o fato é que eu me senti completamente perdida, sozinha, tendo a impressão de que Deus me havia abandonado.

— Sim. Às vezes a gente tem essa impressão. Eu mesma já a tive. Tudo em torno da gente se torna terrível e sombrio.

— Mas não era sombrio. Havia luz. Brilhava um sol ofuscante. Não havia nenhum abrigo, nenhuma cobertura, nenhuma sombra.

— Seja lá como for. Ambos queremos significar a mesma coisa. Para a senhora a luz se tornara horrível, quase insuportável, porque a senhora havia permanecido durante muito tempo num lugar de obscuridade. Mas no meu caso houve escuridão. Não pelo fato de não poder enxergar o meu caminho ou por ter ficado perdida numa noite trevosa. A sufocante angústia que às vezes invade a alma da gente faz o mesmo efeito. A angústia que a gente sente quando se torna cônscia de que não é nada neste mundo e de que está excluída do amor de Deus.

Joan prosseguiu, falando devagarinho:

— E, então, aconteceu algo de assombroso... exatamente como quando se dá um milagre: eu passei a ver tudo claramente. Vi a mim própria e tive consciência do que fui antes. As minhas estúpidas presunções e a minha falsa aparência dissiparam-se do meu espírito. Foi como... foi como se eu tivesse nascido de novo.

Joan fitou a sua interlocutora que com um meneio de cabeça, lhe confirmou estar compreendendo tudo perfeitamente.

— Então fiquei sabendo o que teria que fazer: eu deveria voltar para casa e começar tudo de novo. Teria que iniciar uma nova vida... construir tudo desde o princípio.

Houve então uma pequena pausa. Sasha, pensativa, fitava Joan.

Algo indefinível na expressão do semblante da princesa intrigava Joan que, por isso, reencetou a conversa com menor entusiasmo, freando a sua emoção.

— Bem sei que este meu relato pode até parecer melodramático e muito forçado...

Sasha interrompeu-a:

— Absolutamente não! A senhora não deve subestimar a minha capacidade de compreensão. Bem sei que as emoções vividas pela senhora eram reais. Fatos idênticos aconteceram a muitas pessoas — a São Paulo e a outros santos de Deus bem como a um grande número de mortais comuns e de pecadores. Chama-se isso conversão. É o que se pode definir, também, como sendo uma visão. Visão introspectiva que faz com que a alma conheça as suas próprias amarguras. Sim,

foi bem real o que a senhora sentiu... Tão real como dizer-se que a senhora há pouco esteve fazendo a sua refeição ou escovando os dentes. Contudo eu me admiro.

— Eu percebi ter sido muito cruel causando danos a uma pessoa que eu amo...

— Compreendo, compreendo. Remorsos foi o que a senhora sentiu.

— Estou num estado tal que, de tão ansiosa, nem vejo a hora de me dirigir a essa pessoa... a hora de chegar em casa, quero dizer. Há muitas, muitas coisas que eu terei que dizer-lhe.

— Dizer a quem? Ao seu marido?

— Sim. Ele sempre foi tão amável, tão paciente. Mas não foi feliz. Eu nunca lhe proporcionei felicidade.

—A senhora acha que agora está em melhores condições de fazê-lo feliz?

— Pelo menos poderemos ter um entendimento. Explicar-lhe-ei tudo. Ele então ficará sabendo quanto eu estou sentida por ter procedido assim. Poderá ajudar-me a... ajudar-me a... Como direi? (As palavras do ofício litúrgico da Santa Comunhão passaram pela sua mente como um relâmpago.)... Poderá ajudar-me a mudar de vida.

Sasha com uma voz ponderada obtemperou-lhe:

— Exatamente isso foi o que fizeram os santos de Deus.

Joan encarou-a.

— Mas eu... eu não sou uma santa.

— Eu bem sei que a senhora não é nenhuma santa. Percebi logo isso.

Sasha fez uma diminuta pausa e depois prosseguiu com uma ligeira mudança no seu tom de voz.

— Perdoe-me por lhe ter eu falado assim. Talvez nem seja verdadeira a minha suposição.

Joan fitou-a um tanto embaraçada. Sasha acendeu outro cigarro e começou a fumar enquanto olhava para fora da janela.

— Nem sei por que foi que lhe contei todas essas coisas...

— É evidente que foi porque a senhora teve necessidade de relatá-las a alguém. A senhora sente o irreprimível desejo de falar acerca desse assunto a fim de dizer tudo o que se passa no seu íntimo. A sua atitude é muito natural.

— Mas habitualmente eu sou muito reservada no falar.

Sasha encarou a sua interlocutora parecendo ter achado graça nas suas palavras e disse-lhe:

— E naturalmente a senhora se orgulha por ser assim reservada no falar como todos os ingleses. Oh, o seu povo é bem interessante. É um povo tão suscetível de envergonhar-se e de atrapalhar-se por causa das suas concepções de virtude. Um povo que está sempre pronto a admitir as suas imperfeições, até mesmo

vangloriando-se delas.

— Acho que a senhora está exagerando um pouco — disse Joan, constrangida.

De repente Joan começou a sentir-se bem inglesa e muito diferente daquela exótica mulher de face pálida que estava sentada ali no lado oposto do carro. Pareceu-lhe até que um verdadeiro abismo a separava daquela mulher a quem ela, Joan, uns dois minutos antes fizera confidências acerca de fatos íntimos, de caráter estritamente pessoal.

Joan, então, perguntou-lhe num tom de voz convencional:

— A senhora pretende continuar a sua viagem pelo Simplon Orient?

— Não. Eu tenho que ficar uma noite em Estambul. Depois, então, seguirei para Viena.

Após uma diminuta pausa acrescentou despreocupadamente e com ares de indiferença:

— É bem provável que lá em Viena eu vá morrer logo... Mas também pode ser que não...

— Quer dizer então... — Joan constrangida hesitava em concluir a frase — quer dizer que a senhora teve alguma premunição?

— Oh, não! — Sasha deu uma risada. — Não se trata propriamente de uma premunição. É que lá eu terei que me submeter a uma intervenção cirúrgica. Uma operação muito séria. Não são lá muitos os casos de sucesso com operações dessa espécie. Mas em Viena há bons cirurgiões. O cirurgião que vai me operar — um judeu — é muito hábil e inteligente. Eu sempre afirmei que é uma grande estupidez pretender aniquilar os judeus na Europa. Os médicos e cirurgiões judeus são muito hábeis e talentosos. E o talento dos judeus se revela também no plano artístico.

— Oh, minha cara, sinto muito.

— A senhora sente porque eu vou morrer? Mas que importa isso? Todos têm que morrer. Cada qual tem o seu dia. Mas talvez eu não morra. Já tomei a resolução de, se não morrer, entrar para um convento que eu conheço. Trata-se do convento de uma ordem que adota regras muito severas. Lá, depois de proferido o voto perpétuo, não se pode mais falar e vive-se continuamente fazendo orações e meditando.

Joan, de forma alguma, podia conceber uma Sasha perpetuamente calada e meditativa...

— Em breve, quando rebentar a guerra, as orações se farão extremamente necessárias.

— A guerra?! — interrogou Joan surpresa.

— A guerra, sim. Já não há mais dúvida de que vamos ter guerra. No ano que vem ou, o mais tardar, dentro de dois anos.

— Sinceramente... Acho que a senhora está errada.

— Não estou errada, não. Tenho amigos que andam sempre bem informados e eles me garantiram que estamos às portas da guerra. Já está tudo preparado para começá-la.

— Mas guerra onde? Contra quem?

— Guerra em toda parte. Todas as nações ficarão envolvidas. Meus amigos acham que a Alemanha vencerá rapidamente, mas eu... eu não concordo com eles. A não ser que os alemães vençam logo, com uma rapidez incrível, eles não mais terão possibilidades de vitória. Que pensa a senhora? Conheço muitos ingleses e americanos e sei perfeitamente como eles são.

— Mas certamente ninguém deseja a guerra — argumentou Joan, mostrando-se incrédula.

— Então com que outro objetivo existe o movimento da juventude hitlerista?

Joan ponderou-lhe:

— Eu também tenho amigos que estiveram na Alemanha durante um bocado de tempo e eles acham que há muitas coisas boas que podem ser alegadas a favor do movimento nazista.

— O-lá-lá! — fez Sasha. — Procure observar se eles dirão a mesma coisa depois de decorridos três anos.

Enquanto o trem diminuía gradualmente a marcha para parar, ela pendia um pouco o seu torso para a frente.

— Veja, já estamos chegando em Cilicia Gates. É um lugar lindo, a senhora não acha? Vamos descer um pouco?

Elas saíram do trem e ficaram na plataforma da estação contemplando, através da enorme brecha no desfiladeiro de uma cadeia de montanhas, a planície enevoada que ficava lá embaixo, do outro lado...

Era quase a hora do ocaso e o ar estava calmo e frio.

Joan pensou: Que lindo! Como ela gostaria se Rodney estivesse ali com ela, para admirar também aquela paisagem.

Doze

Vitória...

O coração de Joan começou a bater com mais força.

Que bom estar de volta!

Durante alguns segundos, Joan teve a impressão de nunca ter estado tão distante da pátria. Inglaterra! Carregadores ingleses tão gentis. Um dia nevoento não muito agradável, mas tipicamente inglês. A antiga estação Vitória não muito romântica nem bela, mas sempre tão querida, continuava a mesma, com o mesmo aspecto, com o mesmo cheiro.

"Oh, sinto-me tão feliz por estar de volta!"

Como havia sido fatigante e longa a sua viagem, passando através da Turquia, da Bulgária, da Iugoslávia, da Itália e da França. Guardas aduaneiros e exames do passaporte. Os mais diversos tipos de uniformes usados pelo pessoal da alfândega. Idiomas diferentes.

Ela estava farta (sim, este é o termo mais apropriado) de estrangeiros. Até mesmo aquela extraordinária mulher russa que viajara com ela de Alep a Estambul, no fim se tornou maçante e enfadonha. Ela fora interessante — até mesmo emocionante — no começo, simplesmente pelo fato de ser ela muito diferente. Entretanto, mais ou menos na altura em que o trem começou a diminuir a sua marcha ao longo do mar de Mármora para chegar a Haidar Pascha, Joan não esperava outra coisa senão o momento da despedida para ver-se livre daquela sua companheira de viagem. Por um lado não deixava de ser embaraçoso lembrar a facilidade com que ela, Joan, se dispusera a falar sobre assuntos de natureza íntima com uma mulher que lhe era completamente estranha. Por outro lado — e esta circunstância torna-se bastante difícil de ser explicada por meio de palavras — algo intraduzível existente naquela mulher fez com que Joan se sentisse tipicamente provinciana. E esta sensação não foi lá muito boa. Não lhe agradou nem um pouquinho o fato de ter aquela exótica mulher declarado abertamente que ela bem sabia que Joan não era melhor do que ninguém. Na verdade, Joan não se julgava melhor do que os outros.

Ela percebeu, contrafeita, que Sasha, apesar de toda a sua manifestação de cordialidade, não deixava de ser uma aristocrática, ao passo que ela, Joan, era simplesmente a esposa do solicitador judicial de uma zona interiorana. Uma impressão tola, sem dúvida...

Mas tudo já se passou. Ei-la de novo na sua terra natal. Não havia ninguém aguardando o seu desembarque, pois ela não havia passado a Rodney nenhum

outro telegrama posterior comunicando o dia da sua chegada. Além disso, dominava-a o desejo de encontrar-se com Rodney somente em casa. No seio do seu próprio lar ela poderia fazer a sua confissão sem interromper-se. Ser-lhe-ia muito fácil expor todas as sensações vividas.

E, na verdade, seria até bem ridículo se ela se dirigisse a seu marido na plataforma da estação pegando-o de surpresa com uma súplica de perdão!

É claro que ela não deveria fazer isso num lugar onde um tropel de gente, num verdadeiro açodamento, corre de um lado para o outro.

E, afora isso, ela teria que se preocupar também com a passagem pelo controle alfandegário.

O melhor que poderia fazer seria pernoitar calmamente em Grosvenor e seguir no dia seguinte para Crayminster.

Deveria ela tentar comunicar-se com Averil? Do hotel ela poderia telefonar para a filha.

Sim... estava resolvido: ela procuraria pôr-se em contato com Averil. Joan trazia consigo somente bagagem simples de viajante, a qual já havia sido examinada pelo posto aduaneiro em Dover. Ela poderia, portanto, da estação seguir diretamente com o carregador para o hotel.

No hotel, tomou um banho, fez a toalete e telefonou para Averil.

— Mamã... Eu nunca poderia imaginar que a senhora já estivesse de volta.

— Cheguei esta tarde.

— Papai veio a Londres para esperar a senhora?

— Não. Eu não lhe havia comunicado a data da minha chegada. Julguei que talvez ele pudesse estar muito atarefado e, nesse caso, a sua vinda a Londres ser-lhe-ia muito cansativa e importuna.

Pareceu-lhe ter percebido um vago acento de surpresa na voz de Averil quando ela lhe respondeu:

— É verdade. Acho que a senhora tem razão. Ele esteve muito atarefado ultimamente.

— Você o tem visto com muita frequência?

— Não. Já faz umas três semanas que ele esteve aqui em Londres. Almoçamos juntos. Qual é o seu programa para esta noite, mamã? A senhora não gostaria de sair comigo para jantarmos em algum lugar?

— Eu preferiria permanecer aqui no hotel, queridinha, se você não se importa. Estou um pouco cansada da viagem.

— Sem dúvida a senhora deve estar muito cansada... Bem... então vou aparecer aí para uma pequena visita.

— Edward virá com você?

— Não. Ele terá que comparecer hoje à noite a um jantar com pessoas com as

quais vai tratar de negócios.

Joan colocou o fone no gancho. Seu coração começou a bater um pouco mais ligeiro do que de costume.

“Averil... Minha Averil!”

Como era frio e claro o tom de voz de Averil! Uma voz desapaixonada, indefinida...

Não levou mais de meia hora e da portaria telefonaram a Joan comunicando-lhe que a Sra. Harrison-Wilmott se achava na sala de recepção à sua espera. Joan desceu imediatamente.

Mãe e filha cumprimentaram-se com aquela circunspecção peculiar aos britânicos. Averil tinha bom aspecto. Não estava muito magra. Joan chegou até a sentir um pouco de orgulho quando, com sua filha, se dirigiu à sala de jantar. Averil realmente era muito amável, delicada e distinta.

Sentaram-se à mesa e Joan sentiu uma súbita comoção ao fitar os olhos da filha: eles eram tão frios, tão indiferentes, tão desatentos...

Averil, tal qual a estação Vitória, não mudara nada.

Joan foi a única que mudou, mas Averil não sabia disso.

Averil fez perguntas acerca de Bárbara e de Bagdá. Joan, então, passou a relatar-lhes os vários incidentes ocorridos durante a sua viagem de volta.

Às vezes a conversa entre ambas tornava-se difícil, parecendo não fluir com naturalidade. As perguntas de Averil com relação a Bárbara eram apenas superficiais e feitas como que maquinalmente. Melhor dizendo, Averil formulava as suas perguntas como se de antemão já suspeitasse de que uma indagação mais profunda poderia atingir as raias da indiscrição. Entretanto Averil não podia ter sabido o que houve com a irmã. Ela se comportava assim só porque era próprio do seu temperamento nunca revelar curiosidade numa conversa.

A verdade — refletiu Joan — como posso eu própria ter certeza de que conheço a verdade sobre este caso? Não teria sido pura imaginação dela? Afinal, ela não tinha nenhuma prova concreta e repeliu imediatamente tais pensamentos. Entretanto, só pelo fato de terem eles surgido na sua mente ela sentiu um pequeno susto: será que ela não era uma dessas pessoas que andam sempre imaginando coisas?

Averil prosseguiu falando com sua voz fria:

— Edward agora meteu na cabeça a idéia de que vamos ter guerra com a Alemanha a qualquer momento...

— Foi exatamente isso que me disse uma certa mulher que viajou comigo no trem. Ela parecia ter certeza de que a guerra está na iminência de rebentar. E demonstrava ser uma pessoa muito importante que sabia o que estava dizendo. Mas eu não acredito que possa haver guerra. Hitler jamais ousaria declará-la.

Averil, pensativa, respondeu-lhe:

— Não sei... não sei...

— Mas ninguém quer a guerra, queridinha.

— Pode ser que ninguém queira a guerra... Mas às vezes as calamidades surgem mesmo contra a vontade de todo mundo.

Joan retrucou com um tom mais incisivo na voz:

— Eu acho que as conversas sobre este assunto são muito perigosas: servem só para incutir tais idéias na cabeça do povo.

Averil sorriu.

Ela prosseguiu falando de maneira desconexa, com frequentes digressões.

Depois do jantar Joan bocejou e Averil disse-lhe que não queria obrigá-la a ficar de pé, pois devia estar muito cansada.

Joan confirmou que de fato se encontrava um tanto exausta.

No dia seguinte, de manhã, Joan fez uma pequena visita às lojas e depois tomou o trem das duas e meia para Crayminster. Ela chegaria na sua cidade exatamente às quatro horas. Ficaria aguardando a chegada de Rodney, pois ele habitualmente saía do escritório para tomar o seu chá em casa a essa hora...

Joan, ao aproximar-se da sua cidadezinha, não parava de olhar para fora da janela do trem, admirando as vistas que ia descortinando.

Não havia lá muita coisa de atraente para embelezar a paisagem nesta época do ano: — as árvores estavam quase que completamente desfolhadas e o nevoeiro espesso empanava o ar. Mas, apesar disso, como lhe era tão agradável e familiar essa paisagem!

Bagdá com os seus bazares aglomerados, com as suas mesquitas pintadas de um azul vivo, encimadas por arqueamentos em forma de cúpulas douradas, estavam muito longe — parecia até uma cidade irreal. Era, para ela, como se nunca tivesse existido.

Quantas coisas tinha ela agora para rememorar: a sua longa viagem fantástica — as planuras da Anatólia — os cenários das montanhas do Taurus cobertas de neve — as colinas desprovidas de vegetação — a descida através do desfiladeiro das montanhas, quando o comboio avançava em direção ao Bósforo — Estambul com os sobranceiros minaretes das suas mesquitas — aquelas engraçadas carretas puxadas a bois nos Balcãs — a Itália com as águas azuladas do Adriático que pareciam luzir e que surgiram logo depois da saída de Trieste — a Suíça e os Alpes, inundados por uma luz ofuscante — as encantadoras vistas panorâmicas renovando-se a cada momento para, afinal, terminar tudo na sua calma cidade em plena estação hibernal.

Seria preferível que eu nunca tivesse saído deste meu chão — pensou Joan.

Tinha a mente confusa e sentia-se incapaz de coordenar os pensamentos. A

visita de Averil na noite anterior a deixara um tanto perturbada.

Averil que a fitava com olhos tranquilos, impassíveis. Será que Averil não notou nenhuma mudança nela? Bem, como poderia Averil perceber qualquer mudança na mãe? Não foi no aspecto físico que ela mudara...

Joan exclamou com uma voz terna — Rodney!...

Voltou-lhe de novo aquele sentimento de pesar pelo que ela havia feito e recrudesceu-lhe a ânsia de obter o perdão. Desejava ardentemente o amor de Rodney.

É verdade — refletiu ela —, estou começando uma nova vida...

Na estação tomou um táxi.

Ao chegar em casa Agnes abriu-lhe a porta, demonstrando uma grande surpresa e satisfação com a sua chegada.

— O patrão vai ficar muito contente — disse Agnes.

Joan subiu imediatamente ao quarto, tirou o chapéu e desceu de novo. A sala pareceu-lhe um tanto vazia, mas de certo era porque não haviam colocado vasos de flores ali.

Amanhã terei que cortar alguns ramos de loureiro — pensou Joan — e comprar cravos ali na esquina.

Ela começou a caminhar pela sala, sentindo-se nervosa.

Deveria ela revelar a Rodney o que presumia ter acontecido com Bárbara? Afinal, admitindo-se...

Naturalmente não houve nada!

Foi ela própria que imaginara isso. E ela imaginou isso só por causa da sua conversa com aquela estúpida mulher, Blanche Haggard — não, Blanche Donovan.

Blanche que envelhecera bastante e tinha um aspecto horrível, parecendo uma grosseirona qualquer.

Joan colocou a sua mão na testa. Tinha a impressão de que dentro do seu cérebro havia um caleidoscópio. Quando criança, ela possuíra um caleidoscópio de que ela gostava imensamente. Chegava às vezes até a prender a respiração de tão excitada que ficava a observar todas aquelas peças coloridas revolvendo-se e revoluteando para, depois de se acomodarem, produzirem as mais diversas configurações de desenhos e formas.

Mas que será que houve com ela?

Aquela pavorosa casa de pernoite e a triste situação em que ela se encontrava no deserto... sem dúvida contribuíram para que ela imaginasse toda sorte de coisas desagradáveis. Daí o ter surgido na sua mente a suposição de que os filhos não gostavam dela, de que Rodney havia amado Leslie Sherston. (É claro que ele nunca a amou! Que idéia absurda! Pobre Leslie!)

Ela, Joan — vejam só — chegou até a ficar sentida por ter dissuadido Rodney daquela sua idéia fantástica e sem cabimento de querer tornar-se agricultor e criador de gado.

Realmente ela, na situação em que se encontrava, se tornara muito sensível, ficando com o estado emocional abalado.

Oh, por que teria ela ficado com a mente tão confusa assim? E o engraçado é que imaginou tantas coisas e depois ficou acreditando nelas. Esses pensamentos tão desagradáveis não...

Será mesmo que não eram verdadeiros? Ela absolutamente não queria que eles fossem verdadeiros.

Agora ela tinha que tomar uma decisão...

Mas decidir o quê?

O sol... o sol lá no deserto estava muito quente... E o sol quente ocasiona alucinações com muita facilidade.

Correndo no deserto... Caiu de joelhos para rezar...

Havia senso de realidade naquela sua atitude?

Ou o verdadeiro senso de realidade estava se manifestando agora com esta sua nova atitude?

Loucura! Não passavam do efeito de um desvario as coisas nas quais acreditara. Como ela se achava reconfortada e alegre por se encontrar de volta à Inglaterra! Teve a impressão de que nunca estivera ausente e sentiu uma indizível satisfação por verificar que tudo permanecia o mesmo, isto é, tudo permanecia tal qual ela sempre achou que devia ser...

Evidentemente tudo continuava da mesma maneira de sempre.

As peças do caleidoscópio revoluteavam... revoluteavam... ora se acomodando para configurarem uma determinada forma geométrica, ora outra.

Rodney, perdoe-me! Eu não sabia...

Rodney, aqui estou eu novamente. Voltei!

Por qual dessas duas formas ela deveria optar? Por qual delas?

Chegou o momento em que deveria tomar uma decisão, escolhendo uma ou outra.

Nisto ouve o ruído da porta da frente que se abria — um ruído que ela conhecia muito bem...

Rodney estava chegando.

Qual das duas formas? Qual? Ligeiro!

Rodney entrou. Ao vê-la, estacou surpreso.

Joan avançou apressadamente na direção dele... Não o encarou imediatamente. Era preciso dar-lhe um momento de espera — pensou ela.

Depois então, fitando-o com o semblante alegre, exclamou:

— Rodney, aqui estou eu novamente. Voltei!...

Epílogo

Rodney Scudamore permanecia sentado na sua velha cadeira de espaldar enquanto sua esposa preparava o chá e, sem parar de fazer tinido com as colherinhas e as xícaras, conversava animadamente como uma pessoa gárrula, manifestando a sua alegria por se encontrar novamente no seio do lar e por ter verificado que tudo permanecia o mesmo. Afirmava ela que Rodney não podia absolutamente imaginar a sua enorme satisfação por estar de volta à Inglaterra, revendo Crayminster e a sua própria casa, para ela o ambiente mais sagrado.

Na vidraça, uma grande mosca varejeira, surpreendida pelo inesperado calor que já se manifestava nos primeiros dias de novembro, zumbia com força enquanto se deslocava para cima e para baixo sobre o vidro.

Zizzz — zizzz — zizzz — fazia a mosca.

Tilim — tilim — tilim — era como se poderia dizer — embora com desvirtuamento onomatopaico — que Joan fazia na sua animada conversa.

Rodney, sorrindo continuamente, só meneava a cabeça, como que para demonstrar que estava compreendendo perfeitamente tudo o que a mulher lhe contava.

Ela só quer fazer sensacionalismo — pensou ele. — Sensacionalismo e mais nada.

Sensacionalismo e barulho que para alguns poderia significar algo, ao passo que para outros não tem absolutamente significação alguma.

Só então ele chegou à conclusão de que se enganara redondamente ao supor, logo após o seu primeiro contato com Joan, que algo nela não estivesse regulando bem. Nada havia de irregular nela. Ela continuava sendo a mesma de sempre. Tudo nela permanecia imutável.

Terminado o chá, Joan se dirigiu ao andar superior a fim de desfazer a mala e Rodney, passando pelo saguão, foi até a sua sala de trabalho a fim de adiantar serviços que ele havia trazido do escritório.

A primeira coisa que ele fez foi abrir a gaveta do lado direito da escrivaninha e pegar uma carta de Bárbara, chegada por via aérea, que lhe fora endereçada de Bagdá, uns poucos dias antes da partida de Joan.

Tratava-se de uma carta bem extensa, com letra miudinha. Ele já a sabia quase toda de cor. Contudo leu-a mais uma vez de fio a pavio, detendo-se um pouco no seguinte tópico que figurava na última página:

“...E com esta minha explanação o senhor já fica sabendo de tudo, papaizinho

querido. Ouso dizer até que o senhor já havia adivinhado grande parte do que lhe estou relatando. Só agora é que me dou conta de ter praticado um ato criminoso, como uma verdadeira louquinha. E não se esqueça de que mamã não ficou sabendo de nada. Não foi muito fácil ocultar-lhe o que aconteceu mas o Dr. McQueen conseguiu dissimular tudo com muita habilidade, sempre caçoando e brincando. William também foi maravilhoso.

Sinceramente, não sei o que faria sem ele. Permanecia continuamente ao meu lado, sempre pronto para afastar mamã quando a minha reação se tornava difícil contra as suas investidas. Cheguei quase a ficar desesperada quando ela telegrafou que estava de saída para cá. Eu acho que o senhor deve ter feito o possível para impedir a viagem dela, queridinho, mas ela certamente não quis concordar de forma alguma em desistir da idéia. Devo admitir que em certo sentido foi uma bondade da parte dela; só que, como se pode imaginar, ela atrapalhou um pouco a nossa vida, deixando-nos numa situação exasperadora, e eu me sentia muito fraca para reagir. Só agora, querido papaizinho, estou começando a sentir que Mopsy se tornou minha novamente. Ela é um encanto, uma doçura. Como eu gostaria que o senhor a visse!

O senhor gostava de nós quando éramos bebês ou só começou a gostar mais tarde?

Querido papaizinho, sinto-me imensamente feliz por tê-lo como meu pai. Não se aflija por minha causa. Agora já estou bem.

A sua Babs, que tanto o ama”.

Segurando a carta, Rodney ainda hesitou em destruí-la durante alguns segundos. Esta carta para ele tinha uma grande significação: era uma prova escrita da confiança que sua filha depositava nele.

Entretanto, a longa experiência no exercício da profissão lhe demonstrara por diversas vezes o risco que se pode correr guardando certas cartas. Se ele viesse a morrer dentro de pouco tempo, Joan, ao fazer a arrumação dos seus papéis, forçosamente a encontraria e sofreria um grande tormento sem necessidade.

Que vantagem havia em ocasionar-lhe tormentos? Que ela continuasse se julgando bafejada pelo sopro de felicidade no mundo imaginário que criara para si própria, respirando sempre aquela atmosfera de confiança sem nunca suspeitar de nada...

Então ele atravessou a sala e foi atirar a carta de Bárbara na lareira.

Sim — refletiu —, Bárbara está bem agora. Ela e Bill se acertarão de novo e tudo correrá às mil maravilhas.

Era precisamente Bárbara a criatura que lhe dava as maiores preocupações por causa do seu temperamento continuamente propenso a sofrer profundos

desequilíbrios emocionais. Bem... a crise veio e ela escapou, senão totalmente ilesa pelo menos salva e com toda a possibilidade de recuperação. Bom sintoma era a sua expressa declaração de estar começando a compreender que só Mopsy e Bill constituem o seu mundo verdadeiro. E Bill Wray era realmente um ótimo marido. Rodney esperava que ele não houvesse sentido muito com o caso.

Sim, não restava mais dúvida alguma, Bárbara já devia estar passando bem. E Tony vivia bem satisfeito com as suas plantações de laranja na Rodésia. Ele se encontrava bem longe, mas a sua situação era boa. E a sua jovem esposa parecia ser o tipo de mulher perfeitamente talhada para ele.

Era de supor que Tony nunca tivera grandes aflições... pois ele era dotado de boa disposição de espírito, conservando sempre a alegria e jovialidade.

Averil igualmente estava muito bem. Ao pensar em Averil apossava-se dele um sentimento de orgulho e não de comiseração.

Averil, que se poderia dizer dotada da rígida mentalidade de um juiz, sempre amoldada a encarar com frieza as situações e avessa a admitir a atenuação da verdade dos fatos. Averil, com aquela sua voz calma e sarcástica. Averil, sempre inabalável como uma rocha, sempre tão impenetrável... e tão estranhamente diferente do nome que lhe foi posto.

E dizer que ele já brigou com Averil! Brigou e venceu-a empregando exclusivamente as armas que a sua mente soberba e altiva reconhecia como fortes e ponderáveis... Armas que ele próprio, Rodney, achava muito desagradável empunhar: argumentos frios, argumentos lógicos, argumentos que excluíam todo e qualquer sentimento de compaixão.

Será que ela já esqueceu essa briga?

Ele achava que não. Se ele destruiu o profundo amor que ela lhe devotava, em compensação conseguiu conservar o respeito dela em grau muito mais elevado.

Afinal, de contas — refletiu ele —, para uma mentalidade como a de Averil, imbuída do senso de retidão, a única coisa que vale mesmo é o respeito.

Ele se lembrava muito bem de que, na véspera do casamento dela, ele tentou transpor o abismo que já o separava da sua filha tão amada e disse-lhe:

— Desejo ardentemente que você seja feliz.

Ela respondeu-lhe com toda calma, sem fazer a mínima encenação:

— Tentarei ser feliz.

Assim era Averil: nada de manifestações de heroísmo, nada de apego ao passado, nada de sentimento de autocompaixão. Manifestava-se nela a bem orientada disposição de espírito para aceitar a vida tal qual ela é e para viver sem a ajuda de ninguém.

Rodney pensou: agora os filhos já não mais estão sob os meus cuidados... nenhum deles...

Então, apanhou os papéis que estavam sobre a escrivaninha e foi sentar-se numa cadeira ao lado da lareira. Pegou, em primeiro lugar, o contrato de arrendamento de Massingham e, dando um suspiro, começou a lê-lo:

— "...o proprietário locador entrega e o arrendatário se apossa das construções e edificações, bem como das herdades existentes nas terras localizadas em..."

Ele virou a página do processo e prosseguiu:

— "...não efetuar mais de duas colheitas sucessivas de cereais, em qualquer parte do terreno arável sem efetuar o pousio do verão, para efeito de recuperação do solo (admitindo-se que uma plantação de nabos e colzas em terra bem limpa e adubada, com ovelhas na pastagem, se equipara a um pousio) e..."

Apoiou a mão com os documentos sobre as pernas e lançou o olhar para a cadeira que estava vazia no outro lado. Era exatamente a cadeira em que Leslie se sentara quando discutiram a inconveniência de seus filhos permanecerem no convívio de Sherston. Ela devia — ponderou ele — considerar os males que poderiam resultar em detrimento dos meninos...

Ela respondeu que já havia considerado muito bem a situação dos seus filhinhos... Afinal de contas, Sherston era o pai deles.

Rodney, então, passou a fazer ponderações encarando diversos outros aspectos: — Um pai que esteve na cadeia — um ex-sentenciado — a opinião pública — ostracismo — exclusão do meio social — embaraços e dificuldades de toda espécie.

Ela deveria pensar em tudo isso. As crianças nunca devem perceber que possa haver algum negrume toldando a sua radiante juventude. Elas devem começar a vida cheias de alegria.

Ela retrucou-lhe:

— É exatamente isso o que eu quero. Ele é o pai deles. Tanto pertence ele aos meninos como os meninos pertencem a ele. Bem que eu gostaria, é claro, de que meus filhos tivessem um outro tipo de pai... Mas a realidade é outra. Eu lhe pergunto: Que espécie de começo de vida poderiam ter eles se, desde o início, se veem compelidos a fugir da própria realidade?

Bem... é claro que ele tinha que respeitar as suas idéias, o seu modo de encarar a situação. Entretanto ele, pessoalmente, não pensava da mesma forma. Na verdade, como pai, sempre desejou para seus filhos o que havia de melhor. Ele e Joan sempre estiveram de acordo neste particular. Seus filhos sempre tiveram os melhores colégios, os quartos mais arejados e mais claros dentro de casa — e ambos sempre procuraram fazer alguma economia a fim de poderem propiciar aos filhos um relativo conforto. Mas deve-se dizer também que Rodney nunca teve qualquer problema de ordem moral em família. Felizmente nunca surgiram desentendimentos profundos capazes de obumbrar-lhes as mentes, nem grandes

desgraças, nem falhas de grande monta. Nunca a sua família viveu uma terrível situação de angústia e de desespero em que fosse preciso optar por uma das seguintes alternativas: — Devemos proteger nossos filhos, afastando-os desses males? Ou devemos permitir que eles compartilhem da situação?

Ele compreendeu que outra coisa não podia ser feita em benefício dos meninos senão que eles se submetessem às determinações de Leslie, já que era impossível convencê-la para que modificasse a sua idéia. Ela embora amasse profundamente os filhos, achava que não podia absolutamente evitar de fazer com que aqueles pequeninos seres também carregassem nas costas uma parte das responsabilidades. E procedia assim não por egoísmo nem com a finalidade de aliviar a sua própria carga, mas sim porque tinha em mira não querer ocultar-lhes nem sequer a mínima parte da realidade da vida, por mais dolorosa que fosse.

Rodney, pessoalmente, achou que Leslie adotara um critério errado. Entretanto, nunca deixou de admitir que ela era uma mulher corajosa, sempre pronta a sacrificar-se pelas pessoas que amava.

Ele se lembrou, então, de que Joan lhe dissera numa certa tarde de outono, exatamente no momento em que ele saía para o escritório:

— Coragem? Mas coragem não é tudo na vida. — E ele perguntou-lhe:

— Você acha que coragem não é tudo?

Parecia-lhe, agora, estar contemplando Leslie sentada naquela cadeira... a sua sobrancelha esquerda levantando-se um pouco enquanto a direita descia... aquela torção no cantinho direito da boca... a sua cabeça apoiada na já desbotada almofada azul que, por efeito de contraste, fazia os seus cabelos adquirirem uma tonalidade mais ou menos esverdeada...

Ele se lembrava perfeitamente de, um tanto surpreso, ter-lhe dito:

— Seus cabelos não são castanhos: são verdes.

Foi a única frase alusiva a qualidades físicas que ele proferiu durante todo o tempo em que lidou com Leslie desde que a conhecera.

Na realidade, nunca ficara sabendo exatamente com que se pareciam os cabelos dela.

Ele bem sabia que ela andava muito abatida e doente — e, mesmo assim, continuava sendo forte — sim, fisicamente forte. O próprio Rodney tinha até a absurda impressão de que Leslie poderia levantar um saco cheio de batatas e colocá-lo nos ombros como qualquer homem robusto.

Por índole, ela não era romântica. Falando a pura verdade, ele não se lembrava de nada de romântico na figura de Leslie. O ombro direito mais alto do que o esquerdo, a sobrancelha esquerda levantada enquanto a direita permanecia abaixada, aquele pequeno traço oblíquo que se formava no canto da boca quando ela sorria, aqueles seus cabelos castanhos que se tornavam verdes quando postos

em contraste com uma desbotada almofada azul...

Não havia nela muita coisa capaz de incitar o amor.

Mas, afinal, o que é o amor? Em nome do céu, digam-me, o que é o amor?

A paz íntima e a satisfação que ele sentia ao contemplá-la sentada naquela cadeira, com seus cabelos adquirindo a tonalidade esverdeada por efeito do contraste com a cor azul da almofada desbotada...

Não seria esta atitude de Rodney o indício de um amor incipiente?

E com que prazer ele lembrava a confidência que ela inopinadamente — assim sem mais nem menos — lhe fizera:

— O senhor sabe... eu estive pensando muito em Copérnico.

Em Copérnico? Mas por que, céus, em Copérnico? Um frade com uma idéia — uma visão do Universo configurada num modelo diferente — que foi bastante ladino e hábil para transigir com os poderosos da época que mandavam no mundo, escrevendo as suas concepções de maneira tal que elas pudessem ser aprovadas e aceitas.

Por que será que Leslie, que tinha o marido na cadeia, que precisava trabalhar para manter a família, que andava assoberbada de preocupações com os filhos, lhe dissera isso, expressando-se com a maior naturalidade deste mundo enquanto alisava os cabelos?

...Eu estive pensando muito em Copérnico...

Desde então, cada vez que Rodney ouvia a menção do nome de Copérnico seu coração chegava a parar de comoção. Chegou até a pendurar na parede da sua sala de trabalho uma gravura antiga com a efígie de Copérnico, só para poder exclamar, dirigindo-se à figura do frade: Leslie!

E quantas vezes, como que recriminando-se, ele não pensava consigo mesmo:

— Eu devia, pelo menos, ter-lhe dito que a amava... Bem que eu poderia ter-lhe declarado isso... naquela vez...

Mas havia mesmo necessidade de fazer essa declaração? Naquela vez... naquele dia, lá em Asheldown, ambos sentados apanhando o sol de outubro... Ele e ela juntos e ao mesmo tempo separados... com quatro pés de distância entre ambos... Quatro pés porque, para uma perfeita segurança, esta distância não podia ser menor... Ela compreendeu muito bem isso... Ou, pelo menos, devia ter compreendido.

Com a sua mente um tanto atrapalhada, Rodney ficou matutando naquele instante: — Eis aqui um espaço entre nós... um espaço que muito bem pode ser comparado a um potente campo elétrico, com uma tremenda carga de desejos...

Eles não se olhavam. Ele observava lá embaixo a terra arroxeada das lavouras, revolvida pelos tratores cujos ruídos chegavam aos seus ouvidos quase imperceptíveis. E Leslie, como que absorta, contemplava as árvores que se

achavam na região Campestre lá do outro lado.

Eles permaneciam ali tal qual duas criaturas inebriadas com a visão da terra prometida onde jamais poderiam penetrar.

“Eu devia ter-lhe dito que a amava!”

Mas durante todo o tempo em que estiveram ali sentados nenhum deles proferiu uma palavra sequer — exceto num único momento em que Leslie murmurou:

— E teu eterno verão jamais terminará.

Só isso. Um verso banal de alguma estrofe qualquer. Talvez ele nem tivesse compreendido o que ela quis exprimir recitando esse verso.

Não! É mais provável que ele tenha compreendido perfeitamente a sua significação.

A almofada da cadeira havia-se desbotado completamente... E a face de Leslie? Ele já não mais conseguia lembrar com clareza a face dela... Apenas permanecia na sua mente a recordação daquele traço esquisito que se formava no cantinho da sua boca.

E, apesar do vulto de Leslie ter como que se desvanecido da sua lembrança, ela, no decurso destas últimas seis semanas, vinha diariamente sentar-se ali naquela cadeira e conversava com ele. Só na sua fantasiosa imaginação, evidentemente. Ele criara uma pseudo Leslie para sentar-se naquela cadeira e colocava palavras na sua boca.

Ele a fazia dizer exclusivamente aquilo que queria que ela dissesse. E ela era muito obediente... Só que os sorrisos que afloravam na sua boca torcida para cima demonstravam que ela estava sempre escarnecendo pelo que ele fazia com ela.

Foram seis semanas repletas de felicidade — pensou ele.

Tivera a oportunidade de visitar Wartkins e Mills além de ter passado uma tarde maravilhosa com Hargrave Taylor — exatamente os poucos amigos que tinha. Como foi linda naquela tarde de domingo a caminhada passando pelas encostas das colinas! Os criados lhe serviam boas refeições e ele comia sempre vagarosamente, como era do seu gosto, sentado à mesa com um livro na frente, apoiado na garrafa de água mineral. Depois do almoço geralmente concluía algum serviço trazido para casa, dava umas tragadas no cachimbo e, finalmente, se se sentisse solitário, colocava a imaginária Leslie sentada naquela cadeira para fazer-lhe companhia.

Tratava-se, agora, de uma Leslie imaginária, sim... Não se podia dizer o contrário... Entretanto, será que já não houve uma Leslie real nalgum lugar não muito distante daqui?

“E teu eterno verão nunca terminará.”

Depois de todos esses devaneios, ele prossegue a leitura do contrato de arrendamento:

"...e se compromete a cultivar as ditas terras com a estrita observância dos métodos e processos agrícolas considerados mais eficientes, fazendo boa administração..."

Cheio de admiração ele refletiu: — Realmente sou um bom advogado.

E, depois, sem muita admiração (e até mesmo sem nenhum interesse), acrescentou: — Progredi bastante.

A agricultura — pensou ele — é um negócio difícil...

"Meu Deus! Como estou cansado! Fazia já um bom tempinho que eu não sentia um cansaço desses."

A porta se abriu e Joan entrou.

— Oh, Rodney, você não pode ler bem sem acender a luz.

E, sempre desembaraçada e ativa, foi ela mesma ligar o interruptor que se encontrava atrás dele.

Depois, com uma voz repassada de afeto, disse-lhe ela:

— Não sei o que você faria sem mim.

— Eu adquiriria toda espécie de maus hábitos.

O sorriso dele, como sempre, era apoquentador, mas amável.

— Você ainda se lembra, Rodney, daquela vez em que você, inopinadamente, tomou a decisão de rejeitar a proposta do seu tio Henry só porque queria dedicar-se à agricultura e à criação de gado?

— Sim, lembro-me.

— Você não ficaria contente se eu permitisse isso agora?

Ele fitou-a admirando sua vivacidade, a postura elegante do seu pescoço e a face, jovial e lisa, quase que completamente sem rugas.

Ele respondeu-lhe calmamente:

— Sim, eu gostaria.

— Nós, às vezes, temos certas idéias que não são nada práticas.

— Até mesmo você tem idéias desse tipo?

Ele fez esta pergunta num tom de voz apoquentador e observava admirado a carranca que ela fez. Uma certa expressão indefinível deslizou pelo semblante de Joan tal qual uma leve ondulação sobre a superfície calma da água.

— Às vezes a gente fica atacada dos nervos... A gente fica num estado mórbido — prosseguiu ela.

Com esta frase que ela proferiu ele ficou mais admirado ainda.

Jamais poderia imaginar Joan nervosa ou mórbida. Mudando de assunto ele disse:

— Você não imagina como eu a invejo por ter feito essa viagem ao Oriente

Próximo.

— Sim, foi uma viagem muito interessante. Mas eu não gostaria de morar numa cidade como Bagdá.

Rodney, pensativo, obtemperou:

— Eu gostaria de ver como o deserto é. Deve ser maravilhoso: solidão e luz intensa. É a idéia da luz que me fascina... Ver tudo com clareza...

Joan interrompeu-o retrucando-lhe com veemência:

— É horrível... É abominável... Não se percebe outra coisa senão a enfadonha aridez do nada...

Revelando um certo nervosismo, ela lançou seus olhos pela sala.

Tal qual um animal que quer fugir — pensou Rodney.

De um momento para o outro o semblante dela pareceu ter-se iluminado.

— Essa pavorosa almofada está muito velha e desbotada. Tenho que comprar outra nova para aquela cadeira.

Instintivamente, com um gesto impulsivo ele iniciou um movimento, mas se conteve logo.

Afinal de contas por que não? A almofada estava desbotada mesmo. A verdadeira Leslie Adeline Sherston encontrava-se debaixo de uma lousa de mármore, no cemitério paroquial. A firma Alderman, Scudamore e Witney estava pretendendo dissolver-se, Hoddesdon tentava levantar uma outra hipoteca.

Joan não parava de se movimentar na sala: experimentou um limpador de pó, colocou um livro na estante, ajeitou os enfeites sobre a cornija da lareira. Na verdade, nessas seis semanas em que ela esteve ausente, a sala ficou desalinhada, num completo desleixo.

Rodney, como que maquinalmente, exclamou:

— As férias terminaram!

— O quê? — ela virou-se bruscamente para ele. — O que foi que você disse?

Com a maior candura deste mundo ele pergunta:

— Mas eu falei alguma coisa?

— Pareceu-me ter ouvido você dizer: As férias terminaram! Eu acho que você cochilou e sonhou que era época das crianças voltarem para a escola...

— Sim, eu devo ter cochilado um pouco.

Ela levantou-se e encarou-o com um ar de dúvida. Depois passou a arrumar o retrato pendurado na parede.

— Que é isso? Esse quadro foi colocado há pouco aqui, não é verdade?

— Sim, eu o adquiri no leilão do Hartley.

Joan, contemplando o quadro com certa dúvida, exclamou:

— Oh, Copérnico?! É de valor?

— Não faço a mínima idéia — respondeu Rodney. Depois de alguns segundos, pensativo, repetiu a mesma frase: — Não faço a mínima idéia.

O que é que tem valor e o que é que não tem? Terá algum valor algo que se guarda como lembrança?

“Você sabe... eu estive pensando muito em Copérnico.”

Leslie com um marido que havia sido condenado como trapaceiro... Embriaguez, pobreza, doença, morte...

Pobre Sra. Sherston! Que vida triste ela teve!

Entretanto, Rodney não achava que Leslie fosse triste. Ela avançava num caminho cheio de desilusões, de pobreza e de doenças tal qual um viandante atravessa um pantanoso brejo caminhando sobre o barro e ladeando rios, sempre animado e ansioso por atingir a sua meta final.

Pensativo, ele fitou a sua mulher com seus olhos cansados, mas sempre ternos. Como tinha ela um aspecto imponente! Continuava, sempre operosa e dinâmica. Sempre satisfeita com os seus progressos. Não aparentava ter mais de vinte e oito anos.

E subitamente quase o arrebatou uma impetuosa onda de compaixão para com a sua mulher...

— Pobre pequena Joan! — exclamou ele sob o impacto desse forte sentimento que o invadiu.

Ela encarou-o fixamente dizendo:

— Por que pobre? E eu não sou pequena.

Ele, então, com o seu habitual tom de voz apoquentador, respondeu-lhe:

— Aqui estou eu, minha pequena boneca. Se ninguém permaneceu comigo eu ficarei só.

Ela então aproximou-se dele rapidamente, dizendo-lhe quase ofegante:

— Eu não estou sozinha... Não estou sozinha... Eu tenho você.

— Sim. Você me tem...

Mas bem que ele sabia que não estava falando a verdade. Lá com os seus botões pensava: — Você está sozinha... e sozinha permanecerá sempre... Mas praza a Deus que nunca fique sabendo disso.

Table of Contents

A Ausência
- Um
- Dois
- Três
- Quatro
- Cinco
- Seis
- Sete
- Oito
- Nove
- Dez
- Onze
- Doze
- Epílogo